

Manual do Viajante no Distrito de Aveiro

ALMANAQUE
DA LIBERDADE

1913

AVEIRO

biblioteca

Romão 1912

17872

Reg. Nº 2830

A Biblioteca Municipal de
Almanaque Ilustrado

De *Aveiro*

A Liberdade

para **1913**

Guia do Turista

com uma

Carta itineraria para uso dos
viajantes e automobilistas

no

DISTRITO DE AVEIRO

1.º ano de publicação



1912
Edição da Empresa
a **A Liberdade**
Praça Luiz Cipriano
e
Rua dos Tavares
AVEIRO



BIBLIOTECA
municipal de aveiro

**FUNDO
LOCAL**



A Liberdade

Jornal Republicano Democratico

AVEIRO

Director—ALBERTO SOUTO

Nada se publica referente á vida particular do cidadão.

Não se devolvem autografos.

Não se aceita colaboração que não seja pedida.

Não se publicam informações anonimas.

ASSINATURAS

PORTUGAL, ESPANHA E COLÓNIAS PORTUGUEZAS

Ano 1\$400 réis

Semestre 700 »

Trimestre 350 »

Brazil (moeda forte) outros paizes

la União-Postal 2\$500 »

Avulso, 30 réis; ou 140, 70, 35, 250 e 3 centavos.

(Cobrança adeantada)

ANUNCIOS

Linha 40 réis

Anuais, contracto com a administração.

Redacção e Administração

Praça Luiz Cipriano e Rua dos Tavares - 1.º andar

(Abertas todos os dias das 10 ás 24 horas)

Officinas tipograficas

Praça Luiz Cipriano e Rua dos Tavares—rez do chão

(Abertas todos os dias uteis das 8 ás 15 horas)

Impressão a vapor

Administrador e secretario,

Rui da Cunha e Costa

MEZ DE JANEIRO

31 dias

Durante este mez crescem os dias 63 minutos.

Em 1, nasce o sol ás 7 e 56 m. e põe-se ás 16 e 11 m.

Em 31, nasce o sol ás 7 e 35 m. e põe-se ás 16 e 52m.

(A hora portugueza é a da Europa Ocidental e conta-se desde 1 até 24 ou 0, que corresponde á meia noute).

FAZES DA LUA

Lua Nova em 7 ás 10 h.
e 28 m.

Quarto Crescente, em
15, ás 16 h. e 2 m.

Lua cheia, em 22, ás 15
h. e 40 m.

Quarto Minguante, em
29, ás 7 e 43 m.

1 — Quarta (1)	16 — Quinta
2 — Quinta	17 — Sexta
3 — Sexta	18 — Sabado
4 — Sabado	19 — Domingo
5 — Domingo	20 — Segunda
6 — Segunda (2)	21 — Terça
7 — Terça	22 — Quarta
8 — Quarta	23 — Quinta
9 — Quinta	24 — Sexta
10 — Sexta	25 — Sabado
11 — Sabado	26 — Domingo
12 — Domingo	27 — Segunda
13 — Segunda	28 — Terça
14 — Terça	29 — Quarta
15 — Quarta	30 — Quinta
	31 — Sexta (3)

(1) Feriado dedicado á Fraternidade Universal. Ano Novo. (2) Dia de Reis. (3) Feriado dedicado aos Precursores e Martires da Republica.

Neste mez

Contribuições

Devem ser pagas as primeiras prestações das contribuições suntuaria, predial, industrial e de juros.

Até ao dia 15, devem ser entregues aos escrivães de fazenda as listas dos esclarecimentos referentes á matriz da contribuição de renda de casas, suntuaria, predial e industrial.

* * *

No dia 1, sorteio de jurados nos Paços do Concelho. 2, instalam-se as comissões de recenseamento militar.—Entrega de documentos referentes ao recenseamento eleitoral.—Até ao fim do mez varias declarações dos directores de fabricas, minas, etc.

Nos campos

Caça—A caça que mais se encontra neste mez, além da caça indigena, é a seguinte: perdizes, coelhos e lebres, variada caça de arribação, galinholas, narcejas, alcoravões, tarambolas, becuinhas, todas as variedades de patos, tordos, estorninhos, gaios e aos bandos as callandras. Ha muita caça na ria de Aveiro.

Vinhas—Poda e mergulhia. Surribas para as ultimas plantações. Aduba-se com estrume de curral ou adubo quimico, o que dá excellentes resultados. A vinha precisa de *potassa, acido fosforico e azote*.

Vinhos—Trasfegam-se com o tempo seco e frio.

Jardins—Plantam-se e podam-se roseiras. Plantam-se ou semeiam-se quasi todas as plantas de ar livre, como goivos, amores perfeitos, cravos, cravinas, pelargonias, pulesias, anemonas do Japão, angelicas, balsaminas, camélias, cinerarias, secias, zinias, papoulas, goivos, girasões, miosotis, assembleias, estrelas do Egipto etc. Fazem-se estacarias de enforbiaceas e outras, transplantam-se arvores exóticas, cedros, abetos, ciprestes e pinheiros de estimação. Adubos de curral e adubos quimicos. E' recomendada a seguinte formula: —

100 gramas, por metro quadrado:

1,5	kilog. de cal azotada
2	de guano do Perú
1,5	de nitrato de sodio
2	de fosfato Thomaz
1	de cloreto de potassio

Hortas. — Semeiam-se rabanetes, cenouras, alfaces, salsa, espinafres, couves e repolhos, favas, grão de bico e ervilhas. Prepara-se a terra para os espargos, alcachofras, batatas e beterrabas.

As sementeiras devem ser abrigadas da geada.

Plantam-se arvores de fruto, pereiras, macieiras, pecegueiros, enxertam-se as de espinho, plantam-se estacas de oliveira, semeiam-se cereais e legumes nas terras apropriadas. Podam-se e limpam-se as arvores de fruto.

Apicultura. — Examinar as colmeias exteriormente e vêr se ha abelhas mortas á entrada ou bolores amontoados.

Fornecer alimentos se estes faltarem, favos com mel ou assucar cristalizado ou pastas grossas.

Não dar nunca xaropes líquidos. Não mexêr nas colmeias que se apresentarem fortes. Neste mez as abelhas saem pouco e dão poucos cuidados se estiverem sãs e vigorosas.

Feiras

Durante este mez ha feiras nas seguintes terras e dias—1. Alvaizere, Caminha e Crato; 3. Aviz (porcos); 5. Mondim de Basto; 6. Aviz (fazendas) e Castelo Branco; 10. Coruche (gado bovino e suino) Amarante e Niza (3 dias); 15. Almodovar, Castelo de Vide, Certã e Leiria (gados); Mascoteiros (Guimarães), (gado bovino); Ponte de Sôr (porcos) e Souto de Capalhosa; 16. Monte Redondo (Leiria), (2 dias); 17. Chamusca (gado suino), (2 dias); 19. Barquinha (gado suino), (2 dias); 20. Castro Verde, Aguiar da Beira e Vidigueira (4 dias); 22. Torres Vedras; 23. Esmolfe (Penalva do Castelo); 24. Ancião; 29. Vila-Viçosa (3 dias).

Luiz da Cruz Moreira
AVEIRO

Pescado à consignação e sua conta. Exporta sal para qualquer ponto do paiz.

Aguas da Curia

Diuretica, alterante e reguladora. Soberana nas doenças dos rins e bexiga (nephrites, albuminuria, catarros vesicaes, calculos e areias) gôta, arterios-clerose e prisão do ventre. Emfim, em todas as manifestações do arthritismo.

Uteis na acidez do estomago. Aplicada em diferentes dermatozes.

A Agua da Curia é a vassoura dos rins e da bexiga.

Doses : de $\frac{1}{2}$ litro a 1 litro e meio por dia.

Pede-se aos ex.^{mos} srs. medicos que a experimentem nos seus clientes.

Pedidos e informações, dirigir á Sociedade das Aguas da Curia.

A' venda em toda a parte

MOGOFORES—Curia

MEZ DE FEVEREIRO

28 dias

Durante este mez os dias crescem 1 h. e 33 m.

Nasce o sol em 1 ás 7 h. e 34 m.. e põe-se ás 16 h. e 54 m. Em 28, nasce o sol ás 6 horas e 49 m., e põe-se ás 17 h. e 38 m.

FAZES DA LUA

Lua Nova, em 6 ás 5 h. e 22 m.

Quarto Crescente em 14, ás 8 h. e 34 m.

Lua Cheia, em 21, ás 2 h. e 3 m.

Quarto Minguante, em 27, ás 21 h. e 15 m.

1 — Sabado
2 — Domingo (1)
3 — Segunda
4 — Terça (2)
5 — Quarta (3)
6 — Quinta
7 — Sexta
8 — Sabado
9 — Domingo (4)
10 — Segunda
11 — Terça
12 — Quarta
13 — Quinta
14 — Sexta

15 — Sabado
16 — Domingo
17 — Segunda
18 — Terça
19 — Quarta
20 — Quinta
21 — Sexta
22 — Sabado
23 — Domingo
24 — Segunda
25 — Terça
26 — Quarta
27 — Quinta
28 — Sexta

(1) Domingo Gordo.

(2) Terça-feira d'Entrudo.

(3) Quarta-feira de Cinza.

(4) Domingo (1.º da Quaresma).

Neste mez

As comissões de recenseamento militar terminam os seus trabalhos, concluindo o livro respectivo.

Contribuições

Os secretarios de finanças remetem aos Inspectores os requerimentos para anulação de contribuições por semestre, etc.

As contribuições que não forem pagas em janeiro, podem ainda se-lo este mez com o aumento dos juros de mora.

A contribuição de renda de casas entra em relaxe no principio de março; a industrial e predial relaxa em principio de abril.

Neste mez, até ao dia 16, entregam-se nas repartições as listas das contribuições industriais e de renda de casas.

Nos Campos

Vinhas—Fazem-se as ultimas podas, plantações de barbados e viveiros de enxertos e estacas. Fazem-se mergulhias e algumas surribas.

Reparam-se e restauram-se as parreiras, corrimões, latadas etc.

Hortas—Semeiam-se aipos, acelgas, agriões, salsa, coentro, herva doce, ervilhas, favas, firmentos, rabanetes, tomates, alfaces etc.

Cuida-se dos alfobres, plantam-se alcachofras e betarrabas, espargos e batatas. Semeiam-se quasi todas as hortaliças.

Mondam-se aservas, aduba-se com cinzas, terriço, fosfato etc.

Arvoredo—Não ha tempo a perder para as ultimas plantações de fruteiras e arvores de folha. Transplantam-se laranjeiras e limoeiros, limpam-se, podam-se e enxertam-se de garfo quasi todas as arvores.

Jardins—Nas estufas semeiam-se coleos, geraneos, amarantos.—Plantam-se de estaca ao ar livre as rozeiras, puezias, cedros, abetos, papagaios, gigantes, veludos, esporas, verbenas, ervilhacas, cravos etc. Espalham-se os ultimos adubos, bem liquefeitos.

Apicultura—Prezervam-se as colmeias do frio. As colmeias fracas apresentam-se hesitantes, trabalhando pouco e arrastando para fóra abelhas mortas. Vêr se ha falta de sustento e fornecer-lho, se for preciso. Nas colmeias moveis examinar-se a postura. No caso de não haver ou de se apresentar irregularmente disposta ou de predominarem as celulas dos machos, é porque não ha mestra ou é

fraca e velha. A colmeia corre perigo, pois que logo que as abelhas comecem a trabalhar com os dias lindos e com a floração da primavera, começarão a cair mortas de cansadas e velhas e a colmeia ficará deserta dentro em pouco. Chama-se a isto a *doença da primavera*. Convem tirar um quadro com criação de uma colmeia forte e dá-lo á que se apresentar orfã ou fraca. Da criação de poucos dias, que se conhece por se vêr distintamente o ovo no fundo do alveolo, o enxame escolherá uma mestra.

Convem pôr junto das colmeias farinha de leguminosas, ervilha e feijão cosidos e ralados, pratos com agua salgada tendo ou um pano por cima ou flutuadores para as abelhas se não afogarem. A farinha substitue o polen para o sustento da criação. A agua salgada é precisa para a primeira fabricação de mel.

Caça—Começa o defezo em muitos concelhos. E' contudo permitida em algumas partes a caça ás aves de arribação, galinhola, narceja, pato, maçarico etc.

Feiras

Durante este mez ha feiras nas seguintes terras e dias—1, S. Braz de Alportel (Faro) (12 dias); 2, Caria (Belmonte), Castro Daire, Ester (Castro Daire), Evora, Gavião, Lamlar, gados, Odeleite (Castro Marim), Olival (Vila Nova de Ourem); 3, Albufeira (3 dias) Bombarral (Obidos), Coveira e Noveda (Vale de Passos) (carne de porco), Ega (Condeixa-a-Nova), Ferreira do Zezere, Juncais (Fornos de Algodres), S. Braz (Oliveira do Hospital); 24, Abrantes; 29, Certã; 1, Olival (Vila Nova de Ourem) (2 dias).

Francisco Ventura & Irmão

Negociantes de sal

Comissões e consignações de peixe fresco e salgado

PRAÇA DO PEIXE N.º 1
AVEIRO

Endereço telegrafico
Venturas

ESTABELEGIMENTO

DE

Domingos José dos Santos Leite

AVEIRO

Grande sortimento de ferra-

gens: tintas, vidraça, cimento, ara-
me, zinco, chapa zincada, carbo-

neto, adubos quimicos simples e
compostos, artigos de mercearia e
muitos outros.



Preços fixos



MEZ DE MARÇO

31 dias

Durante este mez os dias crescem 1 h. e 52 m.

Nasce o sol em 1 ás 6 h. e 45 m. e põe-se ás 17 h. e 41 m.

Em 31, nasce o sol ás 5 h. e 42 m. e põe-se ás 18 h. e 27 m.

FAZES DA LUA

Lua Nova, em 8, ás 0 h. e 22 m.

Quarto Crescente, em 15, ás 20 h. e 58 m.

Lua Cheia, em 22, ás 11 h. e 56 m.

Quarto Minguante, em 29, ás 12 h. e 58 m.

1 — Sabado

2 — Domingo

3 — Segunda

4 — Terça

5 — Quarta

6 — Quinta

7 — Sexta

8 — Sabado

9 — Domingo

10 — Segunda

11 — Terça

12 — Quarta

13 — Quinta

14 — Sexta

15 — Sabado

16 — Domingo (1)

17 — Segunda

18 — Terça

19 — Quarta (2)

20 — Quinta (3)

21 — Sexta (4)

22 — Sabado (5)

23 — Domingo (6)

24 — Segunda

25 — Terça (7)

26 — Quarta

27 — Quinta

28 — Sexta

29 — Sabado

30 — Domingo (8)

31 — Segunda

(1) Domingo de Ramos. (2) Quarta-feira de Trevas. (3) Quinta-feira de Endoenças. (4) Sexta-feira Santa. (5) Sabado de Aleluia. (6) Domingo de Ramos. (7) Terça-feira de Anunciação. (8) Domingo de Pascoela.

Neste mez

Contribuições

Até ao dia 15, os secretarios de finanças apresentarão ás juntas fiscaes uma proposta das alterações de que tiverem conhecimento sobre matrizes prediais, para se proceder á sua revisão anual.

Finda a revisão as juntas acusarão, por editais, o praso em que os contribuintes podem apresentar as suas reclamações.

Convem, pois, que os contribuintes verifiquem esses editais.

Recenseamento militar.—São afixadas as copias do recenseamento militar e intima-se a inscrição daqueles cujos nomes não apparecerem e estiverem na idade legal.

Os regedores entregam ao secretario de finanças uma relação de todas as pessoas que na sua freguezia tiverem qualquer industria ou estabelecimento.

bibRIA

Nos campos

Caça.—Começa o defezo em todo o paiz.

Vinhas.—Plantam-se os ultimos bacelos, barbados e enxertos.

Preparam-se estacas para servir de tutores.

Acabam-se as surribas para as plantações definitivas e activa-se a póda para que esteja concluida antes da rebentação da vinha. Plantam-se os enxertos feitos na mão sobre estaca convido deixar este serviço para o fim do mez e principios do seguinte, nos terrenos humidos. Quando o terreno a que se destina o viveiro é compacto, convém mistural-o, na occasião dos trabalhos preparatorios, com palhico ou uma porção d'areia.

Querendo isolar o enxerto por meio d'uma leve camada de areia no acto da plantação, deve fazer-se esta operação de fórma que a camada de areia tenha a altura que vai desde alguns centimetros abaixo da ligadura até alguns centimetros acima da ponta do garfo.

Vinhos.—E' conveniente trasfegar todo o vinho armazenado, para evitar que a borra se embrulhe com o vinho em consequencia da elevação de temperatura do proximo mez.

Hortas.—Semeam-se hortaliças diversas, melões, pepinos e aboboras, para temporão. Enterram-se batatas, plantam-se e semeam-se cebolas, espargos, alcachofras, morangos, cenouras, couve-flor, feijões e pastos.

Pomares.—Transplantam-se laranjeiras, limoeiros, macieiras, plantam-se estacas de murta, amoreiras e romeiras. Apanham-se canas, vimes, e pôda-se buxo.

Nas terras altas fazem-se as sementeiras das culturas da estação.

Jardins.—Cavam-se e adubam-se os taboleiros, guarnecem-se de plantas vivazes que floresçam nos mezes seguintes, desdobram-se os pés velhos dos aconitos, amores eternos, artemisas, hiliantos, cravetas e campanulas; distribuem-se plantas de flôr precoce, como são os amores perfeitos, alleluias, etc. Semeam-se em cercaduras o *topsylium* e a *mimophila*. Semeam-se também plantas de flôr tardia como são a cruz de malta, doiradinha, cravos e cravinas, etc. Plantam-se dalias, begonias, tuberosas e gloxinias nas estufas.

Deve tratar-se durante a sua floração dos hepaticos, tonsilagens, narcisos, tulipas, etc., descobrir inteiramente as plantas de jacintos, colocar no seu logar as raizes dos rainunculos e de anemonas em chão profundamente cavado, continuar as sementeiras, no seu logar onde devem ficar, das plantas anuais de ornamentação, semear em alfobre, para transplantar as rainhas margaridas, balsaminas, etc.

Apicultura.—Abundam já as flores. O mez, contudo, é frio ou de temperatura muito irregular e não se devem por isso tirar os agasalhos ás colmeias. Um resfriamento no interior da colmeia pode ser fatal para o enxame por haver muita creação nos favos. Examina-se a postura, num dia quente. Se se verificar que a mestra é fraca ou não existe, nem um momento se deve exitar na reunião do enxame a outra forte. Para isso convem, um dia antes, meter em ambas as colmeias uma bola de naftalina ou um xarope aromatico para dar ás abelhas o mesmo cheiro e permitir a sua reunião. Pode-se também dar um favo com creação, como dissémos para o mez de fevereiro. Se houver falta de mel, deve dar-se alimento. Um kilo de mel e quatro kilos de assucar dão uma boa pasta para estender sobre um pano por sobre os quadros.

É este o melhor mez para a mudança dos enxames.

Feiras

Durante este mez ha feiras nas seguintes terras e dias—12, (Torres Novas) (8 dias); 19, Aveiro, Constantino (Ancião), Manteigas, Povia de Lanhoso; 21. Arcos de Val de Vez, S. Bento da Varzea (Bucellas); 25, Arcos de Val de Vez, Aveiro, (mais de 8 dias), Belmonte, Leiria, Malveira (Mafra), Marvão, Midões (Taboa), Oleiros, Quintella (Povia de Lanhoso), Sabugal, Aldeia Galega da Marceana (Alemquer); 1.^a sexta-feira, Crato; ultima sexta-feira, Alvor (Portimão); 2.^o domingo de quaresma, Loulé (2 dias); 4.^o domingo da quaresma, Almodovar.

Deposito de moveis

bibRIA

Carlos Miguel Picado

Rua Direita—AVEIRO

NESTE ESTABELECIMENTO ENCONTRAM-SE
EM DEPOSITO GRANDE NUMERO DE CAMAS E RESPECTIVOS COLCHÕES, LAVATORIOS, COFRES, BOMBAS PARA POÇOS, FOGÕES DE COZINHA, LOUÇAS DE BARRO E FERRO ESMALTADO, FERROS DE ENGOMAR E MUITOS OUTROS UTENSILIOS DE UTILIDADE.

MEZ DE ABRIL

30 dias

Durante este mez crescem os dias 1 h. e 43 m.

Nasce o sol em 1 ás 5 h. e 40 m. e põe-se ás 18 h. e 29 m.

Em 30 nasce o sol ás 4 h. e 44 m. e põe-se ás 19 h. e 12 h.

FAZES DA LUA

Lua Nova, em 6, ás 12 h. e 48 m.

Quarto Crescente, em 14, ás 5 h. e 39 m.

Lua Cheia, em 20, ás 21 h. e 33 m.

Quarto Minguante, em 28, ás 6 horas e 9 m.

- 1 — Terça
- 2 — Quarta
- 3 — Quinta
- 4 — Sexta
- 5 — Sabado
- 6 — Domingo (1)
- 7 — Segunda
- 8 — Terça
- 9 — Quarta
- 10 — Quinta
- 11 — Sexta
- 12 — Sabado
- 13 — Domingo
- 14 — Segunda
- 15 — Terça

- 16 — Quarta
- 17 — Quinta
- 18 — Sexta
- 19 — Sabado
- 20 — Domingo
- 21 — Segunda
- 22 — Terça
- 23 — Quarta
- 24 — Quinta
- 25 — Sexta
- 26 — Sabado
- 27 — Domingo
- 28 — Segunda
- 29 — Terça
- 30 — Quarta

(1) Domingo do Bom Pastor.

Neste mez

Contribuições

Os concessionarios de minas podem requerer abatimento da sua contribuição por prejuizos accidentais.

Pagamento da 2.^a prestação trimestral das contribuições predial e industrial, até ao dia 15.

Nos campos

Hortas—Entra-se num periodo de grande trabalho. Semeia-se em alfobres ao ar livre toda a sorte de hortalica; cenouras, alfaces, nabos, rabanos e rabanetes, betarrabas para o gado, coentros, salsa, pimpinella, azedas, cebolas, espargos, etc. Plantam-se alcachofras que se conservaram em alfobre desde o outono, havendo o cuidado de as molhar todos os dias. Começam as grandes plantações de couve e alface. Transplantam-se espargos de viveiro. Planta-se cebola, toda a casta de bordaduras, azedas e diversos cheiros. Nas camas ou alfobres quentes continua-se com as sementeiras de melão, tomates, pimentões, melancias, biringellas, etc. A' medida que os pés de melão se desenvolvem, vão-se capando depois de terem a quarta folha. Havendo tomateiros já nascidos e querendo obter fruto temporão, dispõe-se sobre as camas quentes. Semeiam-se também feijão, grão, linho, aboboras, etc.

Aplica-se calda bordaleza às batatas.

Vinhas—Fazem-se os ultimos enxertos e plantações de bacelos e barbados. Começa-se com a enxofragem e sulfatagem.

Jardins—Durante este mez enterram-se os tuberculos, renovam-se as sementeiras de cravos e de flores anuais como o resedá, as perpetuas, caracoleiros, bons-dias, boas-noites etc., sacham-se e regam-se as plantas já dispostas.

Do meado do mez em deante mudam-se para terra as plantas e estacas conservadas durante o inverno, como verbenas, cupheas, lantanas, heliotropios, begonias, caladios e angelicas.

Neste mez florescem azaleas, medromedas, dioneos, guidios, rhodondos, camélias, amores perfeitos, margaridas, malmequeres, bellas-rosas, rainunculos, borboletas, dionysias, tulipas, violetas, etc.

E' preciso cuidar das roseiras precoces tirando-lhes o piohlo por meio de fumigações de tabaco e seringagens de sabão amarello.

Devem proteger-se as tulipas com toldo de cana contra o sol e a chuva e os jacintos devem consérvar-se expostos ao sol mas ao abrigo do muro.

Começam as regas e aplicam-se adubos líquidos.

Adubam-se os jardins, cavando depois todas as placas ou caneteiros. Nas camelias, azaleas, rodhodendros, dioneas e aneromedras, é conveniente deitar uma camada de terra nova misturada com o adubo em volta da planta.

Apicultura—E' esta a epoca da maior abundancia de flores, mas ao mesmo tempo uma das mais melindrosas para as abelhas. Se o tempo fôr quente podem tirar-se os agasalhos ás colmeias e abrir um pouco os ventiladores. Convém, contudo, não arrefecer a colmeia porque as noites ainda são frias. Caçam-se as borboletas da tinha, pondo á noite uma luz viva no meio de uma taça com agua e azeite perto do colmeal ou untando os vidros de uma lanterna. Nas colmeias com tinha matam-se todas as larvas. A tinha é um dos peores inimigos das abelhas. Se houver mais de trez células de rainhas devem destruir-se. Neste mez transvazam-se dos cortiços enxames para as colmeias moveis ou de colmeia para colmeia.

Feiras

Durante este mez ha feiras nas seguintes terras e dias : 10, Penafiel (3 dias, gado bovino e cavalar); 12, Arcos de Val de Vez; 23, Almoester (Alvaiazere) e Varzea (Felgueiras); 25, Alter do Chão, Fundão, Pereiro (Alcontim), S. Marcos (Braga) até ao fim de junho; S. Marcos (Meda), S. Marcos de Campos (Reguengos de Monsaraz), Santo Antonio das Areias (Marvão) (3 dias); Senhora da Luz (Miranda do Douro) Olhão; e ultimo domingo, Grandola; todo o mez, S. Lazaro (Porto),

Amandio Cabral

Albergaria-a-Velha

Compra autografos de homens celebres.

Auto-sport

(GARAGE)

Joaquim Guerra

AGUEDA

Agencia exclusiva da moto
PIERCE, de 4 cilindros, mudan-
ça de velocidade, debrayage,
transmissão á cardan, valvulas
comandadas e lubrificação automa-
tica. A melhor marca conhecida.

Agencia de automoveis e motocicle-
tas de varias marcas e bicicletas MEAD
CICLES.

Gazolinas, oleos e massas lubrifican-
tes. Vulcanisação de camaras-d'ar e pro-
tectores. Grande sortido de accessorios
e officina para todas as reparações sob a
direcção do proprietario.



MEZ DE MAIO

30 dias

Durante este mez crescem os dias 1 h. e 21 m.

Nasce o sol em 1 ás 4 h. e 42 m. e põe-se ás 19 h. e 13 m. Em 31, nasce o sol ás 4 h. e 4 m. e põe-se ás 19 h. e 51 m.

FAZES DA LUA

Lua Nova, em 6, ás 8 h. e 24 m.

Quarto Crescente, em 13, ás 11 h. e 45 m.

Lua Cheia, em 20, ás 7 h. e 18 m.

Quarto Minguante, em 28, ás 0 h. e 4 m.



1 — Quinta (1)	16 — Sexta
2 — Sexta	17 — Sabado
3 — Sabado	18 — DOMINGO
4 — DOMINGO	19 — Segunda
5 — Segunda	20 — Terça
6 — Terça	21 — Quarta (3)
7 — Quarta	22 — Quinta
8 — Quinta	23 — Sexta
9 — Sexta	24 — Sabado
10 — Sabado	25 — DOMINGO
11 — DOMINGO	26 — Segunda
12 — Segunda (2)	27 — Terça
13 — Terça	28 — Quarta
14 — Quarta	29 — Quinta
15 — Quinta	30 — Sexta
	31 — Sabado



(1) Quinta-feira de Ascensão. (2) Segunda-feira, Santa Joana Princesa. (3) Quarta-feira, Corpus Christi.



Neste mez

Contribuições

As matrizes da contribuição de renda de casas e sumptuaria, relativas ao 1.º semestre do ano corrente, hão de estar patentes nas repartições de fazenda por espaço de dez dias sucessivos, que começam no dia 1 e acabam no dia 10 do corrente. Dentro deste prazo poderá qualquer pessoa, que se julgar lezada nas mesmas matrizes, apresentar a sua reclamação por escripto em papel do selo de 100 réis, mencionando o fundamento das mesmas reclamações, as quaes não podem ser instruidas com documentos devidamente selados, e segundo é expresso no artigo 39.º do dito regulamento, podem ter por objecto:

Erro na designação das pessoas e moradas; erro na designação da ordem da terra; injusta designação do valor locativo das casas de habitação; injusta designação do objecto ou objectos sobre que recae a contribuição sumptuaria; cessação do arrendamento das casas de habitação, sujeitas á contribuição sumptuaria, no todo ou em parte, com relação ao primeiro ou segundo trimestre do anno.

Erro no calculo das collectas da contribuição de renda de casas ou da contribuição sumptuaria e nos respectivos adicionais.

Indevida inclusão ou exclusão de pessoa.

No dia 25 reune no governo civil a junta de avaliação provisoria do imposto de minas.

Nos campos

Vinhas—Costumam apparecer neste mez as grandes e mais serias molestias da vinha, como o *oidium*, o *mildiu*, a *anthracnose*, a *chlorose*, o *pulgão* etc.

Contra o *oidium* applica-se o enxofre simples ou a mistura de 5 partes de enxofre de 1 de cal. Contra o *mildiu* existem diversos preparados, tais como: a *calda bordaleza*, a *agua celeste* e o *enxofre cuprico*. E' de vantagem applicarmos as pulverisações no primeiro tratamento, e os pós para quando a vinha tenha maior desenvolvimento vegetativo e principalmente quando já esteja formado o cacho; ou ainda nas varzeas ou vales humidos em que os efeitos de um bom enxofre cuprico são de resultados plenamente satisfatorios, e representam uma grande economia e facilidade nos tratamentos. Aconselha-se para a primeira applicação a *calda bordaleza* com 2 % de sulfato de cobre. Se os *rots* apparecem com intensidade devemos

borrifar com a *caldá bordaleza* com 16 a 18 % de sulfato de cobre, e 10 a 12 % de cal. Contra a chlorose emprega-se com vantagem o sulfato de ferro.

Vinhos—Se o gosto do vinho se altera é preciso usar de remedios apropriados e especiaes. A mecha, a aguardentação e o aquecimento são meios que, em regra, dão excelente resultado. A melhor maneira de aplicar a mecha é com o sulfurador; a aguardentação não deve ser forçada, especialmente nos vinhos ligeiros, fracos, em que a adição de tanino é boa operação complementar. O aquecimento é util, e emprega-se por meio de aparelhos especiaes.

Hortas—E' preciso não descuidar as mondas das hervas ruins, as regas e sachas.

Semeia-se toda a especie de hortaliças entrando n'esta conta beldroegas, acelgas, couve-flôr, couve-rabano, rutabagas, couve de Bruxelas, etc. Em alfobres quentes, melões, pepinos, aboboras, tomates e beringelas. Sacham-se as sementeiras dos mezes anteceden-tes e regam-se as culturas.

Arvores—Cortar todos os rebentos que apparecerem no tronco das fruteiras. Pode-se enxertar de escudo laranjeiras, pereiras, pecegueiros, damasqueiros etc.

Jardins—Continuam a dispôr-se tuberculos, renovam-se sementeiras de cravos e de flores annuaes que devem succeder umas ás outras nos canteiros, não esquecendo a resedá, perpetuas, boas noites e bons dias. Mudam-se para a terra as plantas e estacas conservadas no inverno, tais como: lantanias, fuchsias, begonias, verbenas, caladios, geraneos, angelicas dos jardins, etc. Regam-se as plantas, e, se algumas apparecem com piolho deve-se desembaraçal-as dela, por meio de fumigação com agua de tabaco.

Cortam-se os pedunculos das roseiras depois de cairem as flores.

Apicultura

Sendo este o mez da maior floração é o mez da maior colheita de mel e polen. Nos fins de maio começam a enxamear as colmeias. Os enxames fortes devem apanhar-se em cortiços novos, previamente iscados com um pouco de mel ou xarope de assucar e alecrim ou hervas aromaticas. Os pequenos enxames ou garfos devem fazer-se voltar para as colmeias primitivas, pois morrerão e enfraquecem a colonia mãe.

Nas colmeias moveis evita-se o enxamear pondo quadros novos. Os enxames saem ordinariamente das 10 ás 14 horas. Os garfos saem quasi sempre ao meio dia. Se, depois de se apanhar para um cortiço novo um enxame, vier mau tempo, deve fornecer-se-lhe alimento. Se o tempo corre bom, a colheita fôr abundante e o enxame estiver forte, podem colocar-se as alças para a fabricação de mel nas colmeias verticais.

Neste mez quando as mestras são velhas e infecundas e os enxames não conseguem substitui-la, a morte da colonia é quasi fatal. As abelhas velhas e desanimadas caem mortas dentro e perto da colmeia, como se as fulminasse uma epidemia e os quadros ou os cortiços em brêve ficam desertos. Convem, pois, ter sempre mestras em disponibilidade ou dar aos enxames quadros ou favos com criação nova, para evitar as desastrosas consequencias do *mal de maio*.

Feiras

Feiras—1, Abrantes, Agualva (Cintra) (3 dias), Cartaxo, Cuba, (3 dias), gado cavalari e muar, Ericeira (Mafra), Fornos de Algodres (Juncals), Montemor-o-Novo (3 dias), Nogueira de Chaves (Oliveira do Hospital), Pinhel; 2, Baltar (Paredes), gado cavalari, Barcelos (4 dias), Proença-a-Nova (2 dias); 3, Fundão (Alpedrinha), Obidos, S. Bartolomeu de Messines (Silves); 8, Vila Nova de Famalicão, (2 dias); Vila Nova de Foscão; 10, Garvão (Ourique) 2 dias, Ourique (14 dias), Torre de Moncorvo; 14, Salvaterra de Magos, de gado e diversos artigos (5 dias); 15, Alcacer do Sal, (2 dias); 16, Fafe (2 dias); 19, Guimarães (feira de S. Torquato); 24 Arronches, (2 dias); 26, Redondo (3 dias), Vila Viçosa, (3 dias); 31, S. Bartolomeu (Castro Marim); 1.º DOMINGO, Castro Verde, (2 dias), Guimarães, Vila Franca de Xira, gado; 1.º e 2.º DOMINGOS, Lamego; 3.º DOMINGO, Azambuja, gado (remonta) (3 dias), Elvas, 3 dias; 4.º DOMINGO, Oliveira de Frades, (3 dias), feira franca.

Mercados Anuais—13, Salvaterra de Magos, gado cavalari; 15, Azambuja, gado cavalari; 29, Vila Viçosa, (3 dias), gado cavalari.

HOTEL CISNE

RUA 5 DE OUTUBRO—AVEIRO

Magnifica instalação. Casa apropriada, junto á ria, em caminho para as praias da Barra e Costa Nova. Quartos com acoio e magnificas vistas.



MEZ DE JUNHO

Durante este mez crescem os dias 18 m. Em 1 nasce o sol ás 4 h. e 3 m. e põe-se ás 19 h. e 52 m. Em 30 nasce o sol ás 4 horas e 2 m. e põe-se ás 20 h. e 35 m.

30 dias

FAZES DA LUA

Lua Nova, em 4, ás 19 h. e 57 m.	Lua Cheia, em 18, ás 17 h. e 34 m.
Quarto Crescente, em 11, ás 16 h. e 37 m.	Quarto Minguante, em 26, ás 17 h. e 41 m.

- 
- | | |
|----------------|------------------|
| 1 — Domingo | 16 — Segunda |
| 2 — Segunda | 17 — Terça |
| 3 — Terça | 18 — Quarta |
| 4 — Quarta | 19 — Quinta |
| 5 — Quinta | 20 — Sexta |
| 6 — Sexta | 21 — Sabado |
| 7 — Sabado | 22 — Domingo |
| 8 — Domingo | 23 — Segunda |
| 9 — Segunda | 24 — Terça (2) |
| 10 — Terça | 25 — Quarta |
| 11 — Quarta | 26 — Quinta |
| 12 — Quinta | 27 — Sexta |
| 13 — Sexta (1) | 28 — Sabado |
| 14 — Sabado | 29 — Domingo (3) |
| 15 — Domingo | 30 — Segunda |
- 

- (1) Santo Antonio.
(2) S. João
(3) S. Pedro.

Neste mez

Contribuições

De 1, a 30 de junho, são recebidos nas repartições de fazenda os requerimentos para anulação por sinistros ocorridos no corrente ano, nos predios, ou culturas, por efeito de qualquer acidente fortuito dos que desobrigavam o rendeiro do pagamento da renda, o requerendo a anulação da correspondente colecta da contribuição predial na parte respectiva ao rendimento colectavel que tiver sido destruido.

Os requerimentos devem conter: nome e morada do contribuinte; os predios em que ocorreram as perdas, com designação dos seus nomes proprios, e das qualidades e dos artigos das matrizes em que se acham inscriptos; a quantidade e qualidade de rendimento perdido e o motivo da perda; a natureza e qualidade do tratamento para se combaterem os estragos.

Tambem durante o mez de junho, quanto ao serviço das contribuições de renda de casas e sumptuaria, e desde 1 a 17 de julho seguinte, quanto ao da contribuição industrial, serão recebidas nas repartições de fazenda as declarações e mais esclarecimentos que, com relação ao 2.º semestre do corrente ano, são obrigados a apresentar os proprietarios, ou usufrutuarios ou possuidores por qualquer titulo de predios urbanos, os donos dos estabelecimentos, as corporações e todos os mais contribuintes em geral que tem de servir de base para a inscripção e lançamento e respectivas alterações nas matrizes das contribuições referidas.

Nos campos

Vinhas—Proseguem os cuidados e trabalhos do mez anterior.

Hortas—Todos os trabalhos do mez de maio, sachas, regas, mondas, sementeiras etc. Apanham-se as batatas já criadas e guardam-se em logares arejados, onde não haja humidade. Cuida-se das fruteiras, escolhendo os frutos que devem ficar e tirando os outros para se conseguirem bons exemplares. Fazem-se ainda enxertos como maio.

Jardins—Alporcam-se os cravos, rega-se e fazem-se repro-

duções. Florescem quasi todas as plantas. Dalias, begonias tuberosas, gladiolas etc.

Apicultura

Observar as colmeias sem as perturbar. As abelhas nestes mezes requerem muitos cuidados, exigem tambem muito socorro. Vêr se os enxames novos trabalham bem, se não investigar as causas. Se os quadros estiverem completos e as secções da alça cheias de mel e operouladas, retiram-se e substituem-se por novas. Se houver calor abrir todas os ventiladores e abrigar as colmeias do sol.

Feiras

6, Portalegre. (3 dias); 9, Vila Nova da Barquinha (5 dias); 10, Lapa (Sernancelhe) (2 dias); Aljustrel (8 dias); 13, Arrayolos, gado bovino, Assumar, (Monforte) Belmonte, qucijos, Freamunde (Paços de Ferreira), Granja Nova (Tarouca), Porto de Ave (Povoa de Lanhoso), Venda de Pinheiro (Mafra), Vila Franca de Xira. gado, Villa Real (9 dias); 17, Santo Aleixo, Becco (Ferreira do Zezere); 17, Cabeço de Vide (Alter do Chão); 24, Cadaval, Evora (17 dias), Guarda (3 dias), Lagos (Algarve), Louzã, gados, generos e artefactos, Rezende, Torres Novas (16 dias); 25, Paderne (Albufeira), gado; 28, Cercal (S. Thiago de Cacem) (2 dias), S. Pedro Selir (Mertola) (2 dias), Tendaes (Sinfães) (2 dias); 29, Caldas das Taipas, Certã, Cintra, Fronteira (2 dias), Idanha-a-Nova, Odeleite (Castro Marim), Orada (Albufeira), Penedono, Sabugal, Torres Vedras, Vaqueiros (Alcoutim); 1.º DOMINGO, Alvôrge (Ancião); 2.º DOMINGO, Niza; 3.º DOMINGO, Almargem, (Sobral de Mont'Agração).

Mercados-8, Penafiel, gado cavalari; 12 Vila Real, gado cavalari (4 dias); 22, Evora, gado cavalari (4 dias); Alcanena (Torres) (6 dias).

MENDES DA COSTA

ENGENHEIRO INDUSTRIAL

AVEIRO

A Democrata

Fabrica de bolachas e biscoitos

== ARMAZEM DE MERCEARIA POR JUNTO ==
== IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO ==

M. FERREIRA FELIX

AVENIDA BENTO DE MOURA, 10—AVEIRO

FILIAL NO PORTO - RUA DO BELLOMONTE, 13, 15

Toda a correspondencia deve ser dirigida para Aveiro

Artigos de mercearia, massas, bacalhau, assucares, cafés, chá, petroleo, gasolina, sabão, carboneto, cimento, cloreto, etc.

MEZ DE JULHO

31 dias

Durante este mez diminuem os dias 56 minutos.

Em 1 nasce o sol ás 4 h. e 2 m. e põe-se ás 20 h. e 4 m.

Em 31 nasce o sol ás 4 h. e 33 minutos e põe-se ás 19 h. e 39 m.

FAZES DA LUA

Lua Nova, em 4, ás 5 h. e 6 m.

Lua Cheia, em 18, ás 6 h. e 6 m.

Quarto Crescente em 10, ás 21 h. e 37 m.

Quarto Minguante, em 26, ás 9 h. e 59 m.

- 1 — Terça
- 2 — Quarta
- 3 — Quinta
- 4 — Sexta
- 5 — Sabado
- 6 — Domingo
- 7 — Segunda
- 8 — Terça
- 9 — Quarta
- 10 — Quinta
- 11 — Sexta
- 12 — Sabado
- 13 — Domingo
- 14 — Segunda
- 15 — Terça

- 16 — Quarta
- 17 — Quinta
- 18 — Sexta
- 19 — Sabado
- 20 — Domingo
- 21 — Segunda
- 22 — Terça
- 23 — Quarta
- 24 — Quinta
- 25 — Sexta
- 26 — Sabado
- 27 — Domingo
- 28 — Segunda
- 29 — Terça
- 30 — Quarta
- 31 — Quinta

Neste mez

Nos campos

Vinhas—Continuam-se os tratamentos contra o *mildiu* e o *oidium* pois que neste mez o calor e alguma humidade muito favorecem o seu desenvolvimento. Para os cachos preferem-se sobretudo os pós cupricos, garantidos e reduzidos ao maximo de tenuidade. Em geral, e principalmente nas regiões ventosas, é indispensavel atar os lançamentos dos garfos ao tutor que devia ter sido posto junto de cada enxerto, tendo o cuidado de proceder ao ligamento sem esforçar, para evitar possiveis descavalgamentos. Em terras menos limpas começa já, com vantagem, o alqueive para futuras plantas.

Hortas—Tratar de revigorar, pelo corte de rebentos superfluos, os tomates que vão a amadurecer. Deitar agua duas vezes por dia nas aboboras para engrossar o fruto.

Apanhar os pepinos para conserva.

Semear as ultimas ervilhas tardias.

Transplantar o plantio da couve que se tem de dispôr no mez seguinte.

Renovar os velhos morangueiros com o plantio das guias novas, mudando-os de logar.

Torcer as ramas das cebolas que se querem conservar durante o inverno.

Arrancar os alhos e as exalotas.

Colhem-se neste tempo abundancia de legumes, melões, espargos, alcachofras, morangos, batata, feijão, alho, cebola, etc.

Jardins.—Regar abundantemente as petunias e *pelargonium*, renovar a plantação das plantas anuais creadas em alfofre, regar muitas vezes as lantánias, fuchsias, calceolarias.

Plantar de distancia em distancia, baunilha para aromatizar o jardim.

Plantar em redor dos macissos de azaleas e rhododendros, bordaduras de labelia da cofeia, de hortencia do Japão, etc., em terra de urze; enxertar os chrisantemos da India.

Podar aos velhos tufos os pimpolhos superfluos e utiliza-los como alporques.

E' indispensavel enterrar, a datar da segunda quinzena, as ce-

bolas dos jacintos e tulipas apenas enxutas e libertadas dos bolbilhos.

Atar, em leque, os cravos de jardim. Regal-os muitas vezes. Alporcar os que já deram flôr.

Apicultura—Deve fazer-se neste mez a colheita de mel se não houver inconveniente na temperatura ou no tempo que fizer. Deve deixar-se sempre algum para sustento da colonia.

Evitar os estragos dos animais dainhos, muzaranhos, borboletas etc. E' tambem em julho que se deve fabricar o vinagre de mel.

Caça—Começa a ser permitida a caça ás codornizes em alguns concelhos.

Feiras

2, Ancião; 10, Vidigueira (3 dias); 11, Barcellos (Varzea); 16, Faro (2 dias); 20, Almodovar (3 dias), Vila de Rei (lã em rama e panos); 22, Dos Negros (Obidos), Covilhã (4 dias); 23, Arruda dos Vinhos (3 dias); 24, Paderne (2 dias) gado; 25, Leomil (Moi-menta da Beira) gado lanigero, Marialva (Meda), Mirandela, Rezende, S. Tiago da Guarda (Ancião), Setúbal (15 dias), Louzada; 26, Figueiró dos Vinhos (3 dias); 27, Certã, gado; 29, Alcaçovas (Viana do Alentejo) (3 dias, gado e diversos); 2.º DOMINGO, Arraiolos; 3.º DOMINGO, Mafra, Vila Verde dos Francos, Alemquer; 4.º DOMINGO, Lourès, gado, Montemor-o-Novo, Sant'Ana de Cambos, Mertola; ULTIMO DOMINGO, Mealhada.

Mercados—24 e 25 em Sobrado, grande mercado de abelhas; ULTIMO DOMINGO, Minde (Torres Novas).

José Gonçalves Gamellas

PRAÇA DO PEIXE

Aveiro

Encarrega-se de tomar encomendas de mexilhões, peixe de escabeche e enguias assadas.



MAIA, MARTINS & C.^{ta}

AVEIRO

Commissões, consignações e conta propria

**Representantes de varias casas
nacionais e estrangeiras**

Deposito de sabão, petroleo, carboneto, cimento, gasolina, agua-raz, bacalhau, arroz, massas alimenticias, vinhos finos, etc.

Vendas só por junto

Seguros terrestres, maritimos e de vida



MEZ DE AGOSTO

31 dias

Durante este mez diminuem os dias 1 h. e 38 m.
Em 1, nasce o sol ás 4 h. e 34 m. e põe-se ás 19 e 37 m.

Em 31, nasce o sol ás 5 h. e 16 m. e põe-se ás 18 e 44 m.

FAZES DA LUA

Lua Nova em 2 ás 12 h. e 58 m.

Quarto Crescente, em 9, ás 4 h. e 3 m.

Lua cheia, em 16, ás 20 h. e 27 m. Q. M. em 25, ás 0. e 18 m. L. N. em 31, ás 20 e 38 m.

- 1 — Sexta
- 2 — Sabado
- 3 — Domingo
- 4 — Segunda
- 5 — Terça
- 6 — Quarta
- 7 — Quinta
- 8 — Sexta
- 9 — Sabado
- 10 — Domingo
- 11 — Segunda
- 12 — Terça
- 13 — Quarta
- 14 — Quinta
- 15 — Sexta

- 16 — Sabado
- 17 — Domingo
- 18 — Segunda
- 19 — Terça
- 20 — Quarta
- 21 — Quinta
- 22 — Sexta
- 23 — Sabado
- 24 — Domingo
- 25 — Segunda
- 26 — Terça
- 27 — Quarta
- 28 — Quinta
- 29 — Sexta
- 30 — Sabado
- 31 — Domingo

Neste mez

Contribuições

De 1 até 10, será patenteado aos contribuintes o lançamento das contribuições gerais, e poderão estes reclamar, quanto á contribuição predial, sobre os seguintes factos:

1.º Erro na designação das pessoas ou dos predios; 2.º Erro na medição dos predios; 3.º Erro na designação do quantitativo de sementeira que os predios comportam; 4.º Injusta fixação do rendimento bruto medio dos predios rusticos; 5.º Injusta designação da renda dos predios urbanos; 6.º Injusta fixação do rendimento colectavel; 7.º Indevida exclusão de quaisquer pessoas ou predios; 8.º Erro ou omissão na inscrição dos predios; 9.º Erro de calculo na fixação da colecta da contribuição predial; 10.º Erro na transferencia da inscrição das pessoas, dos predios ou do seu rendimento colectavel, das matrizes para o mapa de repartição ou lançamento. — Dec. de 31-dez. — 97, art.

Os presidentes das irmandades e confrarias, corporações de beneficencia etc., apresentarão ás suas mezas as contas da gerencia do ano findo.

Nos campos

Começam-se as colheitas.

Vinhas — Evite-se que o sol quente incida demais sobre as uvas para as não queimar.

Os cachos que estiverem muito rente do chão devem levantar-se, espeçando a parreira.

Hortas — Semeiam-se alfaces, cebolo, espinafre, brocolos, feijão verde, salsa, luzerna, trevo, dispõem-se couves, chicorea etc.

Enxerta-se de borbullia quasi todas as fruteiras e colhem-se as frutas. E' um erro varejar as arvores ou lançar as frutas ao chão pois que se pisam tornando-se impossivel guarda-las.

Jardins — Semeiam-se á sombra violetas, goivos, cravos, verbenas, etc. Transplantam-se os amores perfeitos e cinerarias. Plantam-se crisantemos, secias, balsaminas, petunias, pelargonios etc.

Feiras

1. Bombarral (Obidos), Guimarães, Tavira (2 dias). Vimieiro (Arraiolos); 2. Morrão (Alcacer do Sal) (3 dias); 3. Constança (3 dias.) Ouvida (Castro Daíre) gado vacuum e suino, Proença-a-Nova (2 dias); 4. Giões (Alcoutim); 5. Freamunde (Paços de Ferreira), Freixo de Espada á Cinta (2 dias), Freixeda (Almeida); 6. Nespeira (Sinfães); 7. Sandel (Sabrosa) (3 dias); 9. Bairos (Castelo de Paiva), Beja (7 dias); 10. Ancião (2 dias). Castelo de Vide, Celorico da Beira, Vimioso (franca e de gado); 13. Lapa, Sernancelhe (3 dias), Orada (Albufeira) (3 dias), Relíquias (Odemira) (2 dias), Torre de Moncorvo; 14. Castro Marim (2 dias), Peso da Regoa (3 dias) franca; 15. Batalha (2 dias), Caldas da Rainha (3 dias), Campo Maior (3 dias), Crato, gado e cereais, Junça (Almeida), Mantelgas (2 dias) gado cavalari. Reguengos de Monsaraz (3 dias) gado lanigero e caprino, Salto (Montalegre), Sobral de Mont'Agráo; 16. Lagos (2 dias), Mido (Almeida); 18. Figueira de Castelo Rodrigo (2 dias), Trouxemil Coimbra), instrumentos agricolas. Viana do Castelo (3 dias), Franca, Nossa Senhora da Agonia; 19. Portel (2 dias); 20. Alcobaca, Alvito (2 dias), Azinhal (Castro Marim) (3 dias), Coimbra (12 dias), Monforte, Sernache do Bomjardim, Trancoso (9 dias); 23. Vila Velha de Rodam (2 dias) franca, Arouca (2 dias), Mexilhoeira (Portimão), Penafiel (2 dias) gado bovino e cereais, Bilhó (Mondim de Basto), Ponte da Barca (3 dias), Proença-a-Nova (2 dias), S. Bartolomeu (Lourinhã), Serpa (3 dias) gado; 24. Charneca (Lisboa); 25. Sabugal; 28. Penamacôr; 29. Barrancos (3 dias), Loulé (3 dias), Vila Viçosa (3 dias); 30. Castelo Branco, franca; 1.º DOMINGO, Guimarães, Leiria, Torres Novas (3 dias), Vimieiro (Arraiolos); 2.º DOMINGO, Gouveia (gado); 3.º DOMINGO, Almeirim, Torres Vedras; PENULTIMO DOMINGO, S. Domingos (S. Tiago de Cacem); ULTIMO DOMINGO, Grandola; 1.º DOMINGO, Vila Velha de Rodam, gado, fazenda e quinquilherias; 2.º SABADO, Santa Marta (Viana do Castelo); 3.º SABADO, Atalaia (Aldegalega do Ribatejo) (3 dias).

Mercados anuais: — 24. Valada (Cartaxo) (gado); 1.º DOMINGOS, Torres Novas (3 dias), Vieira (Santo André); NO DOMINGO POSTERIOR A 24 DE AGOSTO, Caparica.

Apicultura

Se o tempo correr humido, ha esperanças de as flores se conservarem e as abelhas podem fazer ainda uma boa colheita. Se o

tempo correr muito quente e seco, deve-se fazer neste mez toda a colheita de mel, examinar se a mestra é forte em dar um favo com creação, suprimindo a rainha velha. A mestra conhece-se bem pelo seu formato; é mais conprida e volumosa que as obreiras. O corpo não é cylindrico como o dos zangãos. O abdomen é fino e avermelhado. A mestra encontra-se quasi sempre nos quadros do meio fugindo ás nossas vistas, escondidas com as obreiras. Apanha-se e inutilisa-se substituindo-a por uma nova, o que requer um cuidado especial, ou dando um favo com creação recente.

Quando se dá uma mestra nova a um exame orfão, deve-se metê-la numa gaiola de rede de arame, fechada e com alimento solidido. As obreiras nos primeiros momentos enfurecem-se contra a nova rainha e matam-na se a alcançam. A gaiola abre-se só quando se tiver a certeza de que o enxame recebe bem a nova mãe o que é facil verificar pela forma porque as obreiras a cercam. Quando se fizer a colheita, evitar todo o derramamento de mel que embriaga e desmoralisa as abelhas e as lança na pilhagem. Um enxame desmoralisado é o terror de um colmeal, pois se lança sobre as colmeias visinhas, invade-lhes a habitação, devora-lhes as suas reservas e lança a desordem na população obreira que entra a brigar desesperadamente. Se houver pilhagem, estreita-se a entrada das colmeias e distribue-se fumo em quantidade com o formigador mettendo na ordem o bando indisciplinado.

REIS & FILHOS

ROCIO—AVEIRO

Deposito de vinho e aguas minerais de Vidago e Pedras Salgadas das fontes de Vidago, Campilho, Sabroso, Penedo e D. Fernando.

Vendas por junto e a retalho

TAMBEM SE ENCARREGA DA EXPORTAÇÃO DE
SAL EM VAGONS

MEZ DE SETEMBRO

30 dias

Durante este mez diminuem os dias 1 h. e 40 m.
Nasce o sol em 1 ás 5 h. e 17 m. e põe-se ás 18 h. e 41 m. Em 30, nasce o sol ás 5 horas e 59 m. e põe-se ás 17 h. e 40 m.

FAZES DA LUA

Quarto Crescente em 7,	Quarto Minguante, em
ás 13 h. e 6 m.	23, ás 12 h. e 30 m.
Lua Cheia, em 15, ás 12	Lua Nova, em 30 ás 4 h.
h. e 46 m.	e 57 m.

1 — Segunda
2 — Terça
3 — Quarta
4 — Quinta
5 — Sexta
6 — Sabado
7 — DOMINGO
8 — Segunda
9 — Terça
10 — Quarta
11 — Quinta
12 — Sexta
13 — Sabado
14 — DOMINGO
15 — Segunda

16 — Terça
17 — Quarta
18 — Quinta
19 — Sexta
20 — Sabado
21 — DOMINGO
22 — Segunda
23 — Terça
24 — Quarta
25 — Quinta
26 — Sexta
27 — Sabado
28 — DOMINGO
29 — Segunda
30 — Terça

Neste mez

Contribuições

Até ao dia 15 os proprietários que tenham sofrido nos seus predios ou culturas perdas devidas á filoxera, nos concelhos onde ainda não vigoram as matrizes prediais organisadas nos termos do regulamento de 25 de agosto de 1881, podem requerer uma anulação das suas verbas da contribuição predial, na parte relativa ao rendimento colectavel que tiver sido destruido.

Durante o mez, os proprietarios e industriaes que pretendem pagar no proximo ano as suas contribuições, em quatro prestações trimestrais, cobraveis nos mezes de janeiro, abril, julho e outubro, assim o declararão ao escrivão de fazenda.—Regul. 16—jul.—93, art. 193.^o

Recensiamto militar—Começará desde o dia 10 a inspecção dos mancebos recenseados para o serviço militar.

Finda o praso de julgamento pela comissão recenseadora dos jurados das reclamações que lhe tiverem sido apresentadas contra a inclusão ou exclusão de individuos no recenseamento.

Nos campos

E' esta a epoca das mais importantes colheitas nas terras altas que se devem preparar para a sementeira dos nabos e hervas com as primeiras chuvas.

Vinhos—Não se devem empregar, no fabrico dos vinhos, vasilhas mal lavadas e impregnadas de bolores diversos, que transmittem aos vinhos o conhecido gosto a *môfo*. A lavagem das vasilhas deve fazer-se com agua a ferver, refrescando-as depois com agua fria; e, em seguida, podendo ser, chapinha-las com agua ardente. Quando as vasilhas teem o gosto a *môfo* ou o *pique a vinagre* devemos trata-las rigorosamente, pois qualquer destes dois males são muito piores que os do saibo a madeira. Devemos lançar mão dos meios mais energicos, desde a sulfuração ou méchagem, a queima de aguardente dentro da vasilha e á acção do vapor de agua, até ás lavagens com lexivias de cal ou de soda ou com agua acidulada pelo acido sulfurico na dóse de 12 a 15 partes de acido por 100 de agua.

E' bom, depois de lavar a vasilha com agua acidulada, empregar-se uma solução de potassa ou de cinsas (500 gramas da primeira e um kilograma das segundas, por casco) para neutralisar o acido e em seguida se repitam tres lavagens com agua limpa.

Hortas—Lançam-se já á terra favas e ervilhas para colher em março e abril. Plantam-se os morangueiros, bem como aipo, chicoria, alface e semeiam-se couves, repolhos etc. E' preciso regar se o tempo correr seco.

Jardins—Semeiam-se todas as plantas anuais que devem florir nos mezes de abril, maio e junho do ano seguinte: coreopsis elegante, collinsia, gilia tricolor, perpetuas, goivos rajados, linho de flor branca e rôsea, lobelias erinus, spicosus, papoulas dobrados, alegrias ou malmequeres dobrados, veronica da Siria, nemofilos, etc.

Regam-se e sacham-se todas as estacas plantadas no mez anterior. Todas aquelas que já forem deitando raizes, tais como as verbenas, antemis e gerancos, passam-se para vasos, em cada um dos quais se podem acomodar tres a quatro pés.

No fim deste mez podem começar a ser enterrados os bolbos. As dalias precisam que as suas hastes sejam atadas a esqueques ou tutores bem firmes.

Caça—Acaba o defezo em muitos concelhos.

Apicultura

Poucos cuidados exige o colmeal nesta quadra do ano. Extrai-se o ultimo mel e limpam-se as colmeias, preparando-as para a hibernação. Convem fechar já os ventiladores, porque as noites são frias.

Feiras

1, Almeida (3 dias), Rio Maior (3 dias), S. João da Pesqueira (3 dias) Santa Clara a Velha (2 dias); 2, Belmonte; 4, Extremoz (3 dias gado); 5, Arganil (4 dias, gado em 7), Lamego (4 dias), Mondim de Basto; 7, Sobreira Formosa (Proença-a-Nova) (2 dias), Verride (Montemór Velho); 8, Alfafar (Penela), Lourinhã, Mangualde (13 dias), Moura (3 dias), Orea (Fundão), Rio de Couros (Vila Nova de Ourem), S. Thiago de Cacem (2 dias, diversos e gado) Sabugal; 9, Penela; 11, Santa Cita (Tomar) (3 dias gado); 13 Peireiro (Alcoutim) (3 dias), Odemira (gado, sal e generos) (3 dias),

Portalegre (3 dias); 14, Mourão (2 dias), Paraíso (Castelo de Paiva) (3 dias); 15 Belver, Freixeda (Almeida) (2 dias), Magadouro, Penedono (2 dias), Vizeu (15 dias, franca); 16, Celorico da Beira, S. Bartolomeu (Castro Marim) (2 dias) 17, Arronches (2 dias); 19, Ponte do Lima (3 dias), Soure, (5 dias); 20, Bussaco (Mealhada) entre 20 a 27, Mertola, (3 dias); 21, Benavente, Cabeceiras de Basto (10 dias), Elvas (3 dias), Fratel (Vila Velha de Rodam) (2 dias, gado), Lourinhã (gado), Penamacor; 22, Viana do Alemtejo (4 dias, sendo o 1.º dia de porcos e os outros de gado); 27, Borba da Montanha; 27, Aljezur; 28, Escamarão de Sorelo (Sinfães) (2 dias); Fornos (Castelo de Paiva), Ourique (2 dias) Sousela (2 dias), Tarouca (3 dias), 29, Alemquer (3 dias), Coruche (3 dias), Ferreira do Zezere, Idanha-a-Nova, Olhão, Penela, Rezende, S. Theotonio (Odemira) (gado e generos), Vila Nova de Famalicão (2 dias, gado cavalari e bovino), Vila Nova de Foscoa; 1.º DOMINGO, Comenda (Gavião), Tojo (Castro Daire), Rozende (Castro Daire), Monte-Mór-o-Novo (3 dias); 2.º DOMINGO, Beringel (Beja), Estoi (Faro), Moita (8 dias); 3.º DOMINGO, Faro (sabado e segunda-feira, respectivamente anterior e posterior); Ferreira (3 dias); 1.ª SEGUNDA-FEIRA, Vila Cova (Felgueiras); TERÇA e QUARTA-FEIRA SEGUINTEs ao 2.º DOMINGO, Beringel (Faro); 1.ª QUINTA-FEIRA Sabugal; 3.º SABADO e os DOIS DIAS SEGUINTEs, S Braz de Alportel (Faro); 4.ª SEXTA-FEIRA, (4 dias), Viana do Alemtejo, Povoia de Lanhoso (gado cavalari).

Mercados:—8, Rio de Bouros (Vila Nova de Ourem).

Chapelaria Anadiense

—DE—

Acacio de Vasconcellos

ANADIA

Tem sempre á venda um bom sortido de chapéus pretos e de côr para homem e criança. Tem também um grande sortido de bonets e chapéus de palha. Executa com a maxima perfeição e rapidez qualquer encomenda ou concerto que lhe confiem. Também concorre ás feiras da Mealhada, Cantanhede, Moita e Pampilhosa, aonde pode ser procurado.

MEZ DE OUTUBRO

31 dias

Durante este mez diminuem os dias 1 h. e 47 m.

Nasce o sol em 1 ás 6 h. e põe-se ás 17 h. e 38 m.

Em 31, nasce o sol ás 6 h. e 46 m. e põe-se ás 16 h. e 40 m.

FAZES DA LUA

Quarto Crescente, em 7, ás 13 h. e 6 m.	Quarto Minguante, em 22, ás 22 h. e 53 m.
Lua Cheia, em 15, ás 12 h. e 7 m.	Lua Nova, em 29, ás 12 h. e 49 m.

1 — Quarta	16 — Quinta
2 — Quinta	17 — Sexta
3 — Sexta	18 — Sabado
4 — Sabado	19 — Domingo
5 — Domingo(1)	20 — Segunda
6 — Segunda (2)	21 — Terça
7 — Terça	22 — Quarta
8 — Quarta	23 — Quinta
9 — Quinta	24 — Sexta
10 — Sexta	25 — Sabado
11 — Sabado	26 — Domingo
12 — Domingo	27 — Segunda
13 — Segunda	28 — Terça
14 — Terça	29 — Quarta
15 — Quarta	30 — Quinta
	31 — Sexta

(1) Proclamação da Republica Portuguesa.

(2) Feriado.

Neste mez

Contribuições

Até ao dia 10 será patenteado aos contribuintes o lançamento das contribuições gerais e poderão estes reclamar, quanto á contribuição predial, sobre :

1.º Erro na designação das pessoas ou dos predios; 2.º Erro na medição dos predios; 3.º Erro na designação do quantitativo de sementeira que os predios comportam; 4.º Injusta fixação do rendimento bruto medio dos predios rusticos; 5.º Injusta designação da renda dos predios urbanos; 6.º Injusta fixação do rendimento colectavel; 7.º Indevida exclusão de quaisquer pessoas ou predios; 8.º Erro ou omissão na inscrição e descrição dos predios; 9.º Erro de calculo na fixação da colecta da contribuição predial; 10.º Erro na transferencia da inscrição das pessoas, dos predios ou do seu rendimento colectavel, das matrizes para o mapa da repartição ou lançamento.

—Será patenteado aos contribuintes o lançamento das contribuições gerais, e poderão estes reclamar quanto á contribuição industrial, sobre os seguintes factos :

1.º Erro na passagem de colecta; 2.º Erro de calculo de quaisquer impostos adicionais; 3.º Por terem cessado de exercer a sua industria em um, dois ou tres trimestres do ano.

—Será patenteado aos contribuintes o lançamento das contribuições gerais e poderão estes reclamar, quanto á contribuição de renda de casa e sumptuaria sobre :

1.º Erro na designação das pessoas e moradas; 2.º Erro na designação da ordem da terra; 3.º Injusta designação da renda ou valor locativo da casa de habitação; 4.º Injusta designação do objecto ou objectos sobre que recai a contribuição sumptuaria; 5.º Cessação das rendas ou valores locativos das casas de habitação sujeitas á contribuição de renda de casas ou dos objectos sujeitos á contribuição sumptuaria por terem os contribuintes deixado de ter as casas ou esses objectos, no todo ou em parte, em um, ou dois trimestres do ano; 6.º Erro de calculo no lançamento das colectas de contribuição de renda de casas ou sumptuaria; 7.º Indevida inclusão ou exclusão de pessoas.

Durante o mez:—Abrir-se-ha o cofre para pagamento da quarta prestação trimestral das contribuições predial e industrial, relativas ao anno anterior.

Nos campos

Vinhas. — Concluem-se as vindimas e em algumas partes costuma fazer-se a poda. Os bacelos novos devem ser cavados neste mez.

Hortas. — Fazem-se as sementeiras e plantações do mez anterior.

Olivais. — Principia-se com a apanha da azeitona. E' um erro muito prejudicial varejar as oliveiras. Estragam-se as arvores e perdem-se os frutos.

A colheita perfeita deve fazer-se com escadas e á mão. A azeitona para conserva, se não fôr assim apanhada, apodrece, toma mau gosto e apresenta um aspecto desagradavel.

Jardins. — Plantam-se rainunculos, açafraão, anemonas, iris, junquillos, jacintos, lrios, narcisos, peonias, tulipas, dieltras e orelhas de urso. O bolho desta ultima deve ser enterrado superficialmente, porque a agua, sendo demais, apodrece-o. Alporcam-se e dispõem-se craveiros; plantam-se roseiras; apara-se a murta.

E' neste mez que abrem os crisantemos ou despedidas de verão. Cavam-se e adubam-se os jardins.

Caça—Alem da caça indigena (perdiz, lebre e coelho), a caça de arribação (conforme as diferenças do habitat) abaixamento de temperatura e rigor da estação no local de onde emigra) começa a apparecer no nosso paiz, não sendo raro encontrar nos fins deste mez a narceja, tarambola, alcaravão, becuinha, tordo e ás vezes a galinhola.

Começa tambem a caçar-se neste mez ao pombo torear, á neça etc.

Apicultura—Com outubro começa o periodo de hibernação no colmeal. As abelhas trabalham sempre que ha sol, mas a epoca de actividade passou já.

Deve cuidar-se neste mez e durante os mezes de novembro e dezembro, de evitar que o frio, a humidade e a falta de alimento dizimem as colonias. Assegura-se a ventilação nas colmeias moveis e enchem-se com palha, feno, serradura etc., os espaços vazios, tendo previamente tirado as alças que devem sair logo que se faz a colheita.

Os cortiços devem levantar-se sobre umas reguas de madeira para os não deixar invadir pela agua e pelo bolor. Agasalham-se com coberturas de palha e abrigam-se da chuva. Não recebem nunca a ventilação das colmeias e dos cortiços durante o inverno.

Uma ventilação, não exagerada, dá saude ao enxame, eliminando o gaz carbonico da respiração das abelhas e evitando os maus cheiros provenientes dos detritos que apodrecem com a humidade. Deve-se chidar, contudo, de dar o maior calor possível á colmeia.

Feiras

1. S. Bartolomeu de Messines (3 dias); 4. A Bela (S. Tiago de Cacem) Castelo Branco, Guarda (8 dias), Moimenta da Beira, gado cavalar. Ponte de Sôr (3 dias) Redondo (3 dias), Tavira (2 dias); 5. Grandola; 7. Guia (Albufeira) (3 dias); 10. Alcacer do Sal (3 dias); Niza (2 dias); 11. Vila Real de Santo Antonio (3 dias); 12. Lagos (3 dias), S. Cipriano (Evora) (2 dias); 15. Certã, Mogadouro; 20. Faro (2 dias), Fundão, Obidos, Santa Iria (Tomar) (3 dias); 25. Melides (Grandola); 26. Monchique (3 dias); 28. Alcobaca, S. Simão da Aguada (Figueiro dos Vinhos), S. Simão (Taboa), Sardoal (2 dias); 30. Chaves, (3 dias); 31. S. Bartolomeu de Messines (Silves) (4 dias). 1.º DOMINGO, Vila Franca de Xira (4 dias); 2.º DOMINGO, Santarem; 3.º DOMINGO, Calvos (Mortagua), Castro Verde (3 dias); Gavião, Mercês (Cintra); 4.º DOMINGO, Azambuja (3 dias); SABADO, DOMINGO e PRIMEIRA SEGUNDA-FEIRA do MEZ, Vieira.

Mercados anuais: 25, Vila Nova de Ourem.

JOÃO BOLAES MONICA

Travassô—Agueda

CONSTRUTOR de navios de vela; embarcações de todos os sistemas; segurança e perfeição. Encarrega-se da construção de engenhos de todos os modelos para vento, de moinhos e tirar agua, assim como para regas.



MEZ DE NOVEMBRO

30 dias

Durante este mez diminuem os dias 1 h. e 23 m.

Nasce o sol em 1 ás 6 h. e 48 m. e põe-se ás 16 h. e 39 m. Em 30, nasce o sol ás 7 horas e 33 m. e põe-se ás 16 h. e 5 m.



FAZES DA LUA

Quarto Crescente em 5,
ás 18 h. e 34 m.

Lua Cheia, em 13, ás 23
h. e 11 m.

Quarto Minguante, em
21, ás 7 h. e 56 m.

Lua Nova, em 28 á 1 h.
e 41 m.

- 
- 
- 
- | | |
|-----------------|--------------|
| 1 — Sabado (1) | 16 — Domingo |
| 2 — Domingo (2) | 17 — Segunda |
| 3 — Segunda | 18 — Terça |
| 4 — Terça | 19 — Quarta |
| 5 — Quarta | 20 — Quinta |
| 6 — Quinta | 21 — Sexta |
| 7 — Sexta | 22 — Sabado |
| 8 — Sabado | 23 — Domingo |
| 9 — Domingo | 24 — Segunda |
| 10 — Segunda | 25 — Terça |
| 11 — Terça | 26 — Quarta |
| 12 — Quarta | 27 — Quinta |
| 13 — Quinta | 28 — Sexta |
| 14 — Sexta | 29 — Sabado |
| 15 — Sabado | 30 — Domingo |

(1) Todos os Santos.

(2) Com. dos Fiéis Defuntos.



Neste mez

Contribuições

Durante este mez estarão abertos os cofres, por 30 dias a contar do dia 2, para pagamento da contribuição de renda de casas e sumptuaria.

Hortas e Jardins—Continuam os trabalhos do mez de outubro.

Neste mez plantam-se roseiras, entravam-se as plantas bolbosas e trata-se de serpentaria, jaraos, açafroes, gladiolos, corôa imperial, retoques etc.

Podam-se roseiras enxertadas e desenterram-se os ultimos tuberculos das dalias.

Continuam em plena floração os crisantemos.

Neste mez semeiam-se herva, couves, alface, acelgas, repolho, brocolos, fivas, ervilha anã, espinafres etc.

Plantam-se castanheiros, oliveiras, alface, chicoria, hortelã, repolho, segurelha etc.

Podam-se e caiam-se as fruteiras.

Caça—Alem da caça indigena, (perdiz, lebre e coelho), generalisa-se a caça á galinhola e narceja. Caça-se mais ás outras especies de arribação, tais como tarambolas, alcarovões, becuinhas, tordos, pombos turcaz, patos bravos, estorninhos, etc.

Aparecem com o tempo frio e inverno as garças na ria e pinheirais.

Feiras

1 Alvito (3 dias), Azueira (Mafra), Borba (3 dias) Caminha, Cartaxo (4 dias), Cerdal (Valença) (3 dias), Mação (2 dias) Oleiros, Pinhel, Santo Varão (Monte-Mór-o-Velho), gado Sobral do Monte Agraço; 6 Atouguia da Baleia (Peniche), Lagôa (Algarve); 10 Golegã (10 dias, gado cavalari e muar até ao dia 12), Penafiel (11 dias, bovino e cavalari); 11, Ega (Condeixa-a-Nova), S. Martinho da Sapataria (Sobral de Mont'Agraço), Vila Nova de Portimão, (3 dias). 25, Vila Franca (Pedrogam grande.)



MEZ DE DEZEMBRO

31 dias

Durante este mez diminuem os dias 30 m.

Nasce o sol em 1 ás 7 h. e 34 m. e põe-se ás 16 h. e 4 m.

Em 31, nasce o sol ás 7 h. e 56 m. e põe-se ás 16 h. e 11 m.

FAZES DA LUA

Quarto Crescente, em 5, ás 14 h. e 19 m.

Lua Cheia, em 13, ás 15 h. e 0 m.

Quarto Minguante, em 20, ás 16 h. e 6 m.

Lua Nova, em 27, ás 14 h. e 59 m.

1 — Segunda (1)

2 — Terça

3 — Quarta

4 — Quinta

5 — Sexta

6 — Sabado

7 — Domingo

8 — Segunda (2)

9 — Terça

10 — Quarta

11 — Quinta

12 — Sexta

13 — Sabado

14 — Domingo

15 — Segunda

16 — Terça

17 — Quarta

18 — Quinta

19 — Sexta

20 — Sabado

21 — Domingo

22 — Segunda

23 — Terça

24 — Quarta

25 — Quinta (3)

26 — Sexta

27 — Sabado

28 — Domingo

29 — Segunda

30 — Terça

31 — Quarta

(1) Feriado. Festa da Independencia Nacional. (2) N. Senhora da Conceição. (3) Feriado. Dia de Natal. Festa da Familia.



Neste mez

Contribuições

De 1 a 10 de Dezembro. — Estarão patentes nos bairros de Lisboa e Porto, as matrizes da contribuição de renda de casas e sumptuaria a fim de que os contribuintes possam examinal-as e apresentar contra ellas as suas reclamações.

De 11 a 25 de Dezembro. — As juntas fiscaes das matrizes em Lisboa e Porto, decidirão as reclamações que, contra a matriz da contribuição de renda de casas e sumptuaria, lhes tiverem sido apresentadas desde 1 a 10 deste mez.

De 21 a 25 de Dezembro. — Estarão patentes, em Lisboa e Porto, as decisões das juntas fiscaes sobre reclamações que ácerca da contribuição de renda de casas e sumptuaria, lhes tiverem sido apresentadas, e poderão os contribuintes recorrer para o juiz de direito, das mesmas decisões.

De 5 a 10 de Dezembro. — Estarão patentes as matrizes da contribuição industrial, a fim de que os contribuintes possam examina-las e apresentar contra ellas as suas reclamações.

Desde 15 a 31 de dezembro receberão os escrivães de fazenda, de Lisboa e Porto, esclarecimentos dos interessados para a formação da matriz industrial, de renda de casas e sumptuaria.

Nos campos

Vinhas. — Arrancam-se os barbados e enxertos dos viveiros e estratificam-se em areia humida, em armazens onde haja pouca luz e pouco ar. Nos dias chuvosos enxertam-se á mão estacas de barbados para viveiro, que depois de enxertados se estratificam em areia, ou em musgo humedecido. Deve meter-se agua nos taboleiros dos vinhos inundados.

Hortas e Jardins. — Neste mez começam a florir o jasmineiro amarelo, a rosa de Bengala, as magnolias, as delicias do olfacto, as camelias, as violetas, a tucilagem odorifera, os malmequeres dobrados, etc.

As plantações exigem boa terra e uma boa camada de estrume.

Devem ser podadas com cuidado as arvores e os arbustos, poda que deve efectuar-se quando as geadas não forem intensas.

É o tempo de se cuidar dos canteiros, dos jacintos e das tulipas, preservando-os das lesmas. Cortam-se as hastes velhas dos rosedos e os pés dos crisântemos que acabaram de florir.

Devem plantar-se com profusão as campainhas brancas, os hepáticos e o açafraão.

Neste mez preparam-se os estrumes e procede-se ás plantações onde não houver geadas.

—Semeia-se trigo e ravas, cortam-se os juncos e plantam-se estacas e enxertos de oliveira. Semeiam-se pinheiros e plantam-se arvôres de folha caduca, como choupos, castanheiros, azinheiros e carvalhos. Cortam-se madeiras.

Transplantam-se as arvôres e os enxertos que devem mudar de sitio.

Continua-se com os trabalhos do mez anterior, e mudam-se as hortaliças e sacham-se em tempo sêco. Semeiam-se cenouras e rabanetes.

Caça.—Caça indigena e toda a de arribação, torcos, estorninhos, narcejas, galinhola, patos etc.

biblioteca
Feiras

3, Mesão Frio; 8, Cadaval, Loulé (2 dias); 13, Cabeceiras de Basto (3 dias), Chança (Alter de Chão), Freamunde (Paços de Ferreira), Pinhanças (Ceia), Porto de Moz (2 dias) Trancoso, Castelo Branco (porcos); 18, Grandola (até ao entrudo), Barreira (Silves,) Idanha-a-Nova; 21, Colemeia (gado suino), (2 dias); 30, Colemeias (Leiria) (2 dias); 31, Alvaiazere, Gradil (Mafra), Santa Comba (Ceia); 1.^a e 2.^a SEGUNDA-FEIRA, Lamego.

Mercados:—15, Alcacer do Sal (porcos); 20, Castro Verde.

A Quinarrhenina, á venda em todas as boas farmacias, aumenta a nutrição, excita fortemente o apetite, facilita a digestão e é muito agradável ao paladar.



Ricardo da Cruz Bento

Com estabelecimento de mercearia,
azeite, vinhos finos e de mesa

Praça do Peixe

AVEIRO

Unico depositario dos cotões americanos marca «Mills» e «Ex-
tra», proprios para velas de barcos

✱ **Licores, xaropes e aguardente** ✱ ✱

Papelaria, objectos de escritorio e di-

versas miudezas ✱ ✱ ✱ ✱ **Breu preto,**

louro e cru ✱ ✱ ✱ ✱ **Utensilios para**

amanho de barcos ✱ ✱ ✱ ✱ **Cordeame**

e poleame ✱ ✱ ✱ ✱ ✱ ✱ ✱ ✱ ✱ ✱



Cronologia

1913

—Ano do periodico Juliano	6.626
—Das Olimpíadas (o 1.º do ano da 673 Olimpíada começa em julho de 1913)	2.689
—Da fundação de Roma segundo Varrão.	2.666
—Do calendario gregorio 10	1.913
—Do calendario republicano francês	121
—Do calendario judaico	5.673
—Do calendario turco	1.331
—Da Republica Portuguesa.	3.º

Feriados nacionais

1.º de janeiro.	Fraternidade Universal
31 de janeiro.	Precusores e Martires da Republica
3 de maio.	Descoberta do Brazil
5 de outubro.	Proclamação da Republica
1.º de dezembro.	Independencia da Patria. Festa da Bandeira
25 de dezembro.	Festa da Familia

Feriados municipais

Aveiro.	16 de maio
Albergaria-a-Velha.	24 de junho
Arouca	4 de junho
Feira	20 de janeiro
Ilhavo.	1.º de maio
Oliveira de Azemeis	24 de junho
Vagos.	10 de outubro

Estações do ano

Primavera começa em 20 de março ás 17 h. e 27 m.

Verão começa em 21 de junho ás 13 h. e 19 m.

Outono começa em 23 de setembro ás 4 h. e 2 m.

Inverno começa a 21 de dezembro ás 22 h. e 44 m.

Eclipses

Em 22 de março, eclipse total da Lua, invizível em Portugal, começa ás 9,16 m. vizível na America, Azia e Pacifico.

Em 6 de abril, eclipse parcial do sol, invizível em Portugal, começa ás 15,55, vizível no Territorio de Alaska.

Em 31 de agosto, eclipse parcial do sol, invizível em Portugal, vizível na Groenlandia, começa ás 20,2.

Em 15 de setembro, eclipse total da lua, invizível em Portugal, vizível na America, Azia e Australia, começa ás 9,40.

Em 29 de setembro, eclipse parcial do sol, invizível em Portugal, vizível no sul da Africa, começa ás 2,56.

Festas moveis do Calendario Catolico

Entrudo	4 de fevereiro
Cinza.	5 de fevereiro
Pascoa	23 de março
Espirito Santo	11 de maio
S. ^a Trindade.	18 de maio
Advento	30 de novembro

*** A Liberdade** É UM JORNAL QUE TEM ASSINAN-

TES E QUE TEM LEITORES. NÃO É UM SEMANARIO SÓ DA

TERRA EM QUE SE PUBLICA; É UM JORNAL DE TODO O

PAEZ, TRATANDO ASSUNTOS DE INTERESSE GERAL. * *



Epigrama comico do Amor

(De Juliano do Egypto)

«No outro dia, entrancando uma corôa, achei
entre as rosas um Amor.

Tomand-o pelas azas, mergulhei-o em vinho;
feito isto enguli-o e ele agora no meu seio faz-
me sofrer, batendo as azas.»

VERSOS DE AUGUSTO GIL

*(um dos maiores poetas da nossa geração de liris-
mo inconfundivel, autor de livros deliciosos como o
Luar de Janeiro, de quadras magistrais e de inu-
meras poesias que em toda a parte seriam honra
de uma literatura.)*

Um dia
Em que tecia
Com olhos contentes
E mãos diligentes
Capelas de rosas,
Entre uma das rosas, achei um Amor.
Peguei-lhe nas azas com todo o geitinho!

Tirei-o da flôr,
Deitei-o depois numa taça de vinho,
E ao beber sequioso,
O vinho capitoso
— Engoli também o pequenino Amor.

Quiz que fosse a minha taça o seu esquite
E o meu peito a sua negra sepultura . . .
Porém o maroto, porém o patife,
Ainda vive! ainda meche! ainda dura!

Furou-me o estomago, mudou de prisão
E faz-me cuidado,
Dá-me aflição,
Senti-o cá dentro, raivoso e irado,
— A bater as azas no meu coração! . . .

Tipografia Comercial

—DE—

Antonio Alves

AGUEDA—**Barrô**

Casa montada na devi-
da altura para de pronto
satisfazer todas as enco-
mendas, por preços bara-
tissimos.

Estabelecimento de
mercearia, vinhos finos e
comuns, adubos quimicos
e organicos. Compra vi-
nhos á comissão.

CALENDARIO

DO

Pescador, moliceiro e caçador na ria de Aveiro

~~bib~~RIA

Regimen da pesca, apanha de molicho e caça nas aguas interiores sujeitas á jurisdição da Capitania do porto, segundo todos os regulamentos em vigor

bibRIA

Calendario do pescador, moliceiro e caçador na Ria de Aveiro



Regimen da pesca, apanha de molicho e caça
nas aguas interiores sujeitas á juris-
dição da Capitania do porto, segundo
todos os regulamentos em vigor

Janeiro—Desde o dia 1 até ao dia 15 tiram-se licenças para apanha do molicho. O preço da licença anual é de 3:648 reis e o preço da licença parcial (4 mezes) é de 1:996 reis.

Empregam-se todas as rêdes cuja malhagem depois de molhadas não seja inferior a 12 milímetros.

Efectuam-se as matriculas dos barcos de pesca e transporte.

Fevereiro—Empregam-se rêdes nas mesmas condições do mez anterior.

Continuam as matriculas dos barcos de pesca e transporte.

Março—No dia 1 principia o defezo para a apanha do mexilhão e termina a 30 de junho.

Continua o emprego das rêdes nas condições indicadas para os mezes anteriores.

Continuam as matriculas dos barcos de pesca e transporte até ao fim do mez.

Abril—No dia 1 principia o defezo para a apanha do molicho e termina a 24 de julho.

Continua o defezo do mexilhão.

Começam as matriculas dos barcos moliceiros.

Maió—No dia 1 principia o defezo para as rêdes de arrastar chinchas e similares para a rede «atenção para a fiska e candeio (termina a 30 de junho) e para o botirão (termina a 1 de outubro).

Continuam os defezos do molicho e do mexilhão.

Continuam as matriculas dos moliceiros.

Junho—Continuam os defezos do molicho, das rêdes de ar^a

rastar «atenção», botirões, fiska, candeio e mexilhão, terminando no dia 30 todos excepto o do moliço e botirões.

Continuam as matriculas dos barcos moliceiros.

Julho—Termina no dia 24 o defezo do moliço.

Empregam-se todas as rêdes, excepto botirões, com malhagem não inferior a 12 milímetros.

Tiram-so licenças parciais de moliço.

Agosto—Tiram-se licenças parciais de moliço.

Empregam-se todas as rêdes excepto os botirões.

No dia 1 principia o praso para a entrega dos requerimentos para o emprego dos botirões.

Setembro—Empregam-se todas as rêdes excepto os botirões.

No dia 10 termina o praso para a entrega dos requerimentos para uso dos botirões.

Outubro—Termina no dia 1 o defezo para os botirões.

Empregam-se todas as rêdes com a malhagem regulamentar.

Novembro—Empregam-se todas as rêdes com a malhagem regulamentar.

Dezembro—Empregam-se todas as rêdes com a malhagem regulamentar.

Indicações importantes

Em qualquer epoca do ano é proibida a apanha, venda e transporte de moluscos com dimensões inferiores ás seguintes :

Berbigão—0,^m025

Mexilhão—0,^m035

Ameijoa—0,^m030

E' egualmente proibida a pesca, venda e transporte das seguintes especies com dimensões inferiores ás indicadas :

Tainha, robalo dourado, ruivo, choupa, agulha,—0,^m15

Solha, linguado, rodovalho—0,^m14

Enguias—0,^m25

Lampreia—0,^m35

Savel—0,^m30.

O repovoamento dos viveiros só pode fazer-se mediante licença da Capitania, depois de inspecionados pelo capitão do porto, de-

vendo a apanha da criação fazer-se apenas da capela da Senhora da Encarnação para o sul (ria da Costa Nova). As rêdes empregadas nesta pesca não podem ter mais de 10^m de comprimento.

O moliço produzido nos terrenos alagados sob o dominio particular pertence aos seus proprietarios uma vez que tenham os terrenos registados na Capitania do porto.

Penalidades a aplicar aos contraventores

Apanha de moliço no tempo defezo--multa 2:000 reis, e apreensão do moliço apanhado.

Cravar estacas, fazer balizagens--multa de 2:500 a 10:000 reis, e desfazer o trabalho executado.

Transgressão do defezo das rêdes de arrastar, «atenção» fisga e candeio—multa de 3:000 a 12:000 reis.

Emprego de rêde com malhagem inferior a 12 mil.—multa de 1:000 a 4:000 reis e apreensão das rêdes.

Apanha de criação para viveiro sem licença ou fora do local, para o pescador—multa de 5:000 a 20:000 reis, para o proprietario a mesma multa.

Pescar, vender ou transportar peixe de dimensões inferiores ás estabelecidas—multa de 2:500 a 10:000 reis e apreensão do peixe.

Apanhar, transportar ou vender berbigão, mexilhão com dimensões inferior ás estabelecidas—multa de 1:000 a 5:000 reis e apreensão do molusco.

Emprego de botirões sem licença ou fora dos locais, ou não obedecendo ás demais condições da licença—multa de 500 a 5:000 reis, apreensão e destruição das rêdes.

A desobediencia simples aos agentes da fiscalização é punida com prisão até 8 dias.

Caça

A caça na ria é livre todo o ano mediante o pagamento de uma licença trimestral de 465 reis ou annual de 1:415 reis.

Os individuos encontrados sem a respectiva *licença de porte de arma* serão entregues ao poder judicial e por falta de licença de caça passada pela Capitania pagarão nesta, uma multa de 1:000 a 5:000 reis.

Todas as importancias cobradas por licenças, multas, impressos e de uma maneira geral todos os emolumentos cobrados pela Capitania do porto reverterem a favor do **Fundo de Defesa Naval**.

O capitão do porto não tem emolumentos alguns.

O pessoal menor empregado no serviço de fiscalização tem 300 reis por cada intimação e 100 reis por cada auto levantado.

População do distrito segundo o censo de 1911

A data do ultimo censo, 1911, a população do distrito de Aveiro era de 336:519 pessoas ou sejam 120:759 varões e 195:750 femeas. Segundo o censo de 1900 a população de facto era, no mesmo distrito, de 303:169 pessoas, havendo, por consequencia, um aumento de 33:350 pessoas.

População segundo censos anteriores.

A população anterior ao censo de 1900 era a seguinte: 1890, 287:437; 1878, 257:049; 1864, 238:700; 1861, 244:446; 1858, 242:576; 1854, 237:462, 1841, 233:945; 1838, 225:475; 1835, 214:619.

A emigração no distrito em 1911

A emigração no distrito de Aveiro, que em 1901 foi de 2:163; subiu em 1911 a 5:560 pessoas.

Os cartões de visita feitos na LIBERDADE são os mais perfeitos e os mais baratos.

Oaristys

Idílio de Teocrito

Os Idílios de Teocrito não tem rivais na literatura antiga. A sua graça natural e campestre, a franqueza da sua expressão, a sua adorável singeleza, são superiores, talvez, às *Bucolicas* de Virgílio.

Teocrito esqueceu os encantos das cortezãs e os artificios das elegantes cidadinas.

O amor dos pastores do seu tempo é o entrecho dos seus adoráveis Idílios.

Ela—Foi um moço como tu, foi Páris, quem perdeu a prudente Helena! . . .

Dafnis—Dize antes que foi Helena quem seduziu o jovem Páris com suas caricias.

Ela—Não sejas tolo, meu sатиrosinho! um beijo, tu bem o sabes, não tem mal nenhum!

Dafnis—(abraçando-a).E portanto a um simples beijo pode seguir-se, sem mal nenhum, uma doce volúpia!

Ela—Ah! isso não, pastor! Então cerro-te os meus lábios. Não quero os teus beijos!

Dafnis—Cerras os lábios?

não faças isso. Vá, da-me um beijo que depois . . . eu saberei beijar de novo a tua boca . . .

Ela—Se assim é, malicioso, vai dar beijos ás tuas vitelas! será bom. Mas nunca o faças a uma rapariga ainda inocente e virgem como eu.

Dafnis—Deixa-te disso, filha da Deusa do Amor. A tua juventude vai passar tão depressa como um sonho.

Ela—Tambem as hervas secam e as rosas rescendentes de frescura se desfolham e murcham.

Dafnis—Olha a minha razão! tambem eu já estou a envelhecer e nem por isso deixo de beber só leite e mel!

Ela—Pois bebe á vontade o leite das tuas cabras e o mel das tuas abelhas, mas não chegues a mão; afasta os teus lábios.

Dafnis— . . . Queres pas-

sear comigo por debaixo destas oliveiras? se soubesses o que te diria!...

Ela—Não; não quero. Já muito me deixei eu levar pelas tuas palavras enganadoras!

Dafnis—Vem comigo por debaixo dos ulmeiros: vais ouvir a fruta com que encanto os meus rebanhos e namoro as Deuzas das torrentes.

Ela—Guarda para ti essa muzica. Agradam-me pouco os teus convites!

Dafnis—Pois então treme pela colera de Páfia!

Ela—Que me importa Páfia, contanto que Artemisia me favoreça!

Dafnis—Não digas assim. Acautela-te, não venhas a cair-lhe na rede!

Ela—Que ela me castigue quando quizer. Repito-te, Artemisia me protegerá!

Dafnis—Ah! jovem! tu não poderás escapar a Eros. Nenhuma rapariga linda lhe escapou jámais!

Ela—Mas hei-de eu escapar-lhe, por Pan! Quantos me tem requestado sem nenhum me tocar o coração!

Dafnis—Tens razão; sou eu um desses. Também eu queria conquistar o teu amor...

Ela—Mas para quê, amiguinho? O casamento só traz cuidados e desgostos.

Dafnis—Mas o que se procura com o casamento não é a dor, nem o aborrecimento; são venturas e alegrias!

Ela—O quê? pois não se diz que a mulher teme o seu marido?

Dafnis—Bem pelo contrario. Quem governa o marido, é a mulher. E que tem ela a temer, creança?

Ela—Ora o que eu temo... As flechas de Ilithye são crueis. Vejo tantas...

Dafnis—Mas a tua Deuza, Artemisia, sabe aliviar as dores do parto...

Ela—Deixa-lo! tenho horror aos filhos. O meu corpo, que hoje é belo e jovem, fannar-se-ia depressa.

Dafnis—Se tu deres vida a creanças belas, viverás uma vida cheia de encantos com os teus proprios filhos.

Ela—E se eu deixar?...

que dote me darás que com-
pense o matrimonio?

Dafnis—Todo este reba-
nho, todos estes bosques, es-
te campo inteiro!

Ela—Mas jura-me que de
pois de me teres possuido,
não me abandonarás nas mi-
nhas aflições.

Dafnis—Juro-te pelo deus
Pan!

Ela—E arranjas-me uma
casa? estabulos para o meu
gado, um leito e um lar para
mim?

Dafnis—Esta pronta já a
tua casa. e ando a engordar
para ti estes rebanhos.

Ela—Mas que hei-de eu di-
zer a meu pai?

Dafnis—Ele aprovará a
nossa união desde que saiba
o meu nome.

Ela—Dize-me então o teu
nome. Muitas vezes é o no-
me que nos encanta.

Dafnis—Chamo-me Da-
fnis; meu pai é Lycidas, mi-
nha mãe Nemoea.

Ela—Sim, os teus pais
são de gente honesta e nesse
ponto eu sou igual a ti.

Dafnis—Bem o sei. Tua
mãe chama-se Menalcas.

Ela—Mostra-me os teus
bosques. Onde estão os teus
estabulos?

Dafnis—Aqui. Olha como
verdejam os ciprestes!

Ela—Pois seja! vinde, mi-
nhas cabras! Vou vizitar os
domínios do vosso pastor!

Dafnis—Continuai pas-
cendo em paz, oh meus toiros!
Eu vou mostrar os vossos bos-
ques á minha amante!

Ela—Oh! mas... que fa-
zes tu, satirosinho! para que
acaricias assim o meu seio,
por baixo do vestido?

Dafnis—Para t'ó iniciar
no amor...

Ela—Ai! mas eu perco-
me, por Pan! tira a tua mão,
Dafnis!

Dafnis—Não tenhas mê-
do, minha virgem. Porque tre-
mes? de que te arreceias?

Ela—Mas que fazes tu,
Dafnis! A deitares-me no
chão, tu amarrotas-me toda!

Dafnis—Não te lamentes.
E' o primeiro sacrificio e a
primeira oferenda a Pafia.

Ela—Mas eu sinto passos.

Olha que vem alguém, está quieto desgraçado, tu perdes-me !

Dafnis—São os ciprestes que contam uns aos outros, docemente, o teu himineu.

Ela—Olha a minha tunica ! . . .

Dafnis—Eu dar-te-ei outra maior que a tua !

Ela—Hoje prometes tudo, amanhã talvez que até o sal me negues.

Dafnis—Até a minha alma te dou !

Ela—Artemisia, perdoa-me !

Dafnis—Eu imolarei por ti uma vitela a Eros e uma vaca a Afrodite.

Ela—Vim para aqui vir-

gem, volto mulher para minha casa ! . . .

Dafnis—Sim, tu serás mulher, tu serás mãe; mãe que aleitará os seus filhos . . .

Depois adormeceram. Ao acordar, foi ela, silenciosamente, guiar ao pasto o rebanho, docil e manso. Eram lentos os seus passos e levava os olhos baixos, envergonhados e tímidos. Mas ia em festa o coração e ninguém o suspeitava. Só o sabiam as hervas e os ciprestes . . .

Dafnis, esse, sentado a olhar os novilhos cabriolarem no campo, viu-a partir, disse-lhe adeus e ficou sonhando com o triunfo do seu amor !

Oficina de ourivesaria

—DE—

ANTÓNIO VILLAR

RUA DOS MERCADORES—Aveiro

Manufactura de todos os objectos concernentes á arte.
Concertos nos mesmos. Doura-se e prateia-se

Feiras e mercados do distrito

Aveiro — (cidade). Anuais : Feira de março a 19, madeiras; a 25, todos os generos, em março. Mensais: Eirol e Eixo, a 3. Oliveirinha, a 21. Ilhote do Côjo (Aveiro cidade) a 28. Mercados diários na cidade: peixe, hortaliças, carne, cereais, criação etc. etc, nos mercados Manoel Firmino e José Estevão.

Aguedã.— Mensais: Béco, a 1. Fontinha, a 10. Piedade a 18. Mercado semanal na Borralha aos domingos.

Albergaria-a-Velha.— Mensais : Paus, a 5. Espinheiro, a 22. Angeja a 26. Mercado semanal em Angeja aos domingos.

Anadia.— Mensais : Vilarinho, no 3.º domingo do mez. Moita, a 25.

Arouca.— Mensais: No 1.º e no 3.º domingos na vila. Cabeções, a 13.

Espinho.— Mensais: 1 e 16 de cada mez na vila. Mercado no Cruzeiro.

Estarreja.— Mensais: Santo Amaro, a 15 e 30. Mercado semanal na Praça. Pardelhas (Murtosa) praça de peixe todos os dias.

Feira.— Annual : 1.º domingo de agosto na Feira. Mensais: na vila, a 20. Arrifana, a 4. Lourosa, a 10 e 28. Souto Redondo, a 17. Mozelos, a 25. Canedo, 2.º domingo. Mercados semanais: aos domingos em Feira, Paços de Brandão e Canedo.

Ilhavo.— Mensal: a 13 na Vista-Alegre. Mercado diario de manhã e de tarde na vila. Praça diaria de Peixe.

Macieira de Cambra.— Mensais : Coelhosa, a 2. Arestal, a 25. Cruz de S. Domingos a 21. Gandra de Vila Chã, a 9 e 23. Mercados aos domingos.

Mealhada.— Annual, no Bussaco, de 20 a 27 de setembro. Mensais: na vila, no 2.º e 3.º domingos. Luzo no 3.º domingo.

Oliveira do Bairro.— Mensal: na vila, no 2.º domingo do mez. Mercado na vila aos domingos.

Sever do Vouga.— Mensais: S. Tiago do Arestal, a 25. Pcegueiro, no 4.º domingo do mez. Mercado semanal aos domingos na vila.

Castelo de Paiva.— Anuais: Feira de S. Lourenço em Bairros. S.ª Eufemia, de 14 a 16 de setembro, em Paraizo. S. Miguel, em 28 de setembro, em Fornos. Mensais: Nojões, a 11 e 26. Mercado aos domingos, na vila.

Ha outras feiras e mercados de menor importancia que não merecem menção especial.



Grandes Armazens do Chiado

EM AVEIRO

● estabelecimento mais bem sortido da terra, e que mais barato vende, segundo a própria opinião dos ex.^{mos} frequentes que nele fazem as suas compras.

E', pois, a casa que todos devem preferir, a fim de que disto tenham a verdadeira certeza e assim terão tudo a lucrar, já pelos seus preços, já pelos brindes que oferecem semestralmente.

As mulheres de Salerno

(Do Visconde de Benalcanfor)

O Visconde de Benalcanfor, foi um dos mais brilhantes escritores da ilustre pleiade do seu tempo.

Nas suas obras, hoje injustamente esquecidas como tantas outras que honram a nossa literatura, ha descrições magistrais feitas com um pincel de artista, elegante e animado, que sabe fazer-nos apaixonar pelos seus quadros cheios de poesia e de luz.

Recortamos o trecho que se segue do seu primoroso livro *Na Italia*, em que o distinto escritor compara as mulheres de Salerno ás mulheres da nossa beira-mar, que como aquellas devem ter os mesmos vestígios da beleza e do sangue das fenicias, das gregas e das musulmanas.

«Salerno, cujas colinas formosamente contornadas em curvas caprichosas se miram nas ondas azues que veem morrer á praia, umas após outras soltando gemidos cadenciados e abalando-a com vibrações sonoras...

A' medida que vamos entrando pela cidade, cresce o movimento da povoação.

Dar-se-ha o caso de que tão grande atividade seja o estado normal dos habitantes? Estaremos por acaso entre os inglezes ou os belgas da Italia do Sul? Os raios intensos do sol de Naples, as auras do golfo, que amoleceram em ocios elegantes

os antigos romanos, já não exercerão seus naturais influxos de indolencia? Ao passo que revolviam no animo estas perguntas, os typos, que perpassavam, as cores garridas que me feriam a vista, as frutas dentro dos cabazes que as belas camponezas levavam á cabeça, os cestinhos de flôres pendentes dos braços roliços das ramilleteiras do campo, cujos olhos scintilavam debaixo da mantilha encarnada em que envolviam o rosto, semelhantes ás de algumas pinturas de Pompeia, mostraram-me a causa de tão desusada animação.

Era o dia da maior feira mensal de Salerno. As aldeias e a cidade confluíam, pois, para ella numa corrente comum.

As mulheres de Salerno teem não sei que afinidades com os belos e puros typos das mulheres dos nossos ilhaves.

São esbeltas de corpo, o perfil irrepreensivel de correccção.

Atravez da cutis dourada pelo sol e da opulencia de contornos, transparecem-lhes a riqueza e a seiva da vida.

Como ellas se parecem com as nossas formosas varinas nos requiebroz airosos da cintura, na ondulação dos quadris, principalmente se, andando depressa, susteem na cabeça um cabasinho, uma bilha de agua!

Do mesmo modo que na An-

daluzia, o calido sangue arabe, misturou-se com o sangue helenico que girava nas veias dos colossos da Grande-Grecia. A beleza das formas, o ritmo, o cadenciado dos movimentos denuncia-lhes a procedencia grega. A côr da tez, o corte particular dos olhos, o brilho ás vezes selvagem das pupilas accusam o cruzamento com outra raça bem diferente da atica.

Contemplando-as, acode-nos logo á memoria que os mouros fixaram por largo tempo o seu predomínio nesta região. Não ha que duvidar: aqueles tipos são formosos.»

Rubor de Levante

RETRATO

Bluse rubra de papoilas
Girasoos de fulvo oiro.

Um colar de contas moiro
Sobre o rubro das papoilas.

—Uma aurora japoneza
Com raiados arabescos
De morangos os labios frescos
Como aurora japoneza.

Veio o sol do *Sol Nascente*
Ao deserto chamejante
Dar-lhe beijos de bacante
—Luz d'amor do sol nascente.

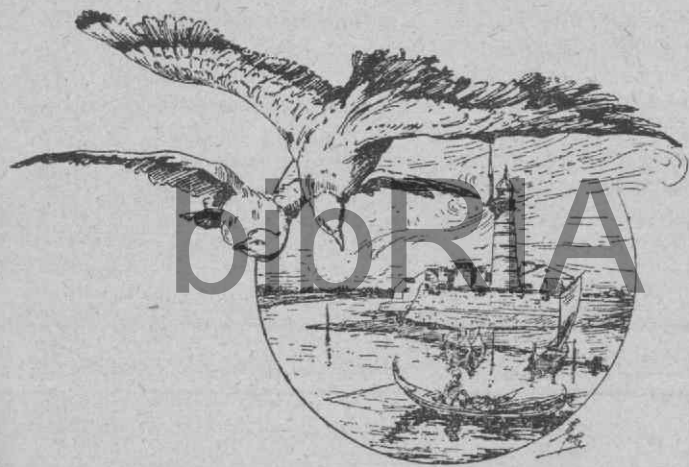
E noivando assim o sol
Lá nasceram de escarlate
bluse... labios—olhos mate—
—De noivar assim o sol:

—Uma aurora japoneza
Com raiados arabescos.
De morango os labios frescos
Como aurora japoneza!

Jorge Severo.

COMERCIANTES, mandem fazer os vossos réclames, prospectos, facturas e postais na **Liberdade** que executa todos os trabalhos tipograficos, com a maior perfeição e rapidez, por preços sem competencia.

AVEIRO



(**ALEGORIA DE SILVA ROCHA,**
Director da Escola Industrial Fernando Caldeira).

bibRIA

AVEIRO ! . . .

(De Domingos Guimarães)

Domingos Guimarães é um publicista distinto e um elegante burilador da frase, bem conhecido nas nossas letras para que aqui lhe viessemos traçar mais largo perfil.

Vive em Vale-Maior, entre montanhas, entre ramagens verdejantes, entre livros queridos, entre as aguas que romořejam, trabalhando, pensando, escrevendo.

Dai tem ele dirigido e produzido algumas das melhores publicações do nosso paiz. No artigo que vai lêr-se, o brilhante espirito de Domingos Guimarães surpreende admiravelmente com mão de mestre e impressão de artista, a beleza da terra marinha que nos foi berço.

Aveiro é uma cidadesinha linda, cantante, arejada, que desabrocha como 'uma fresca flor aquatica, como um enorme nenufar branco, de entre as aguas, que por todos os lados a cingem, a atravessam em canais, a banham, a refletem, a espelham, lhe erguem um hino claro, fremente, entusiastico, apaixonado. E' a Flor das Aguas, a Flor do Mar—e a agua é a alma suprema, activa, da paisagem. Cercam-nã vastas campinas verdes, cortadas de canais minusculos, por onde deslisam esbeltos saveiros; salinas que relampejam ao sol como cristais rutilos; moinhos que gesticulam e batem azas sobre o vasto polder, todo ensopado de agua; rebanhos de vacas que pastam nos frescos lameiros; aguas onde palpita, em maravilhosos jorros de luz, todos os reflexos, todas as imagens, ora ondeantes como sombras, ora flamejantes como brazas, e, segundo a hora e a altura do sol, umas vezes côr de turqueza, outras côr de safira, outras côr de nacar, outras côr de coral—e tudo is-

to dando-lhe um aspêto de levêsa, de frescura, de graça, de intimidade repousante e doce.

Douro, pelo aberrativo artifício de uma estúpida divisão administrativa, á francesa, não tem Aveiro nada dessa provincia ardente, nervosa, seca; antes, pela suavidade do seu clima humido vaporoso, macio, é o atrio luminoso e largo dessa escadaria, sumptuosa de montanhas gigantes que se chama a Beira-Alta, e que vai das colinas roseas de Angeja e Agueda, que servem de plinto aos montes das Talhadas, Montemuro e Sub Ripas, até ás cristas do Caramulo, ultimo esforço da terra para chegar ao ceu.

Terra de encanto! Paisagem de maravilha! Nunca os nossos olhos extasiados se fartam de contemplar o formoso paiz que cinge a cidadezinha clara. Para qualquer lado que a vista se alongue, sempre o panorama é largo e lindo, sempre embriagador e estranho o scenario! Os charcos das marinhas que rodeam Aveiro oferecem o mais complicado mapa que o delirio dos geógrafos poderia conceber. Todas as combinações imaginaveis de meandros de agua, correndo sem tino e sem ordem por entre tamargueiras e juncaes, ali se patenteiam; todas as formas geometricas de ilhas e peninsulas, que seriam possiveis se estivesse em projéto uma nova creação do mundo, ali se veem, e não ha quem possa eximir-se a observar com pueril attenção tão graciosa cosmogonia.

Entre estes caprichosos jogos de agua, a luz brinca, e luz e agua, são os dois motivos principais desta paisagem, que tem em si um poder capaz de transformar os homens mais positivos e sêcos em poetas—poetas volutuozos e ardentes se a luz chama e fulgura osculando em beijos freneticos o corpo moreno da Terra; ou poetas de melancolia, de saudade e de sonho quando, sob aqueles ceus velados, as arvores e as cousas se envolvem numa bruma de prata, leve e fluida—como que numa espiritualisação!

Aveiro e a pesca longinqua

Dados mais recentes dos que os da estatística da 1910, os referidos a 1911, accusam uma tendencia para o desenvolvimento do porto de Aveiro como porto de pesca longinqua.

As condições interiores do porto facilitam o desenvolvimento da industria; as vias de comunicação para os principais centros distribuidores favorecem o commercio dos seus produtos. As más condições da barra dificultam, porém, o movimento marítimo e a falta de recursos para a contrabalançar é bem conhecida, sendo da maior oportunidade dar remedio a este estado de coisas.

Em 1911 entraram o porto 4 navios do registo desta praça e 1 da praça do Porto, com a tonelagem bruta 785,77 t., 133 homens de tripulação, 120 canoas, valor dos navios 44.500:000 réis, dos aparelhos 500:000 réis. A epoca de pesca foi considerada mediocre havendo a seguinte produção: 140.161 kilogramas de bacalhau no valor de 28:332:280 réis, 1:532 litros de oleo no valor de 123:200 réis. A permanencia nos Bancos foi em média de 120 dias.

Esta industria apresenta em Aveiro uma anomalia digna de atenção e que indica um amortecimento de energias da população marítima da cidade, demonstrando-se que a crise economica, em que esta se debate, não é inteiramente devida á falta de campo para onde possam derivar as actividades desocupadas, ou mal remuneradas. Dos 133 homens que constituíam a tripulação dos navios apenas 3 pertenciam á cidade de Aveiro; a distribuição de cerca de 18:500:000 réis de soldadas foi a seguinte: 9:000:000 réis para a Fuzeta, réis 4.000:000, não incluindo os vencimentos dos capitães, para

Ilhavo, 5.000:000 réis para diversas localidades da costa, 470.000 réis, ou sejam 2,6% por cento, para Aveiro. E' de notar que convém aos armadores recrutar tanto quanto possível as suas tripulações no porto de armamento, o que lhes evitaria as despesas de transportes, dificuldades com engajamentos que se fazem por intermedio de agentes, e uma selecção difficil,

Silverio da Rocha e Cunha,

1.º tenente da arma de capitão do porto de Aveiro.



Distrito de Aveiro

Viagens pelo caminho de ferro

Linhas em exploração

O Distrito de Aveiro é atravessado, no sentido norte-sul, pela mais importante linha de Portugal—**Porto-Lisboa**—pertencente á antiga *Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes* e que hoje se denomina *Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes*. A primeira estação, ao sul, dentro do distrito, é Pampilhosa, onde entroncam as linhas da *Beira-Alta*, partindo para poente até Figueira da Foz e para nascente até Vilar Formoso, na fronteira espanhola.

A linha Porto-Lisboa está assim ligada na Pampilhosa com a Figueira, com Vizeu (ramal partindo de S.^a Comba Dão) com Guarda, Salamanca, Bordeus, Pariz.

A ultima estação ao norte, dentro do distrito de Aveiro, é Espinho, donde parte a

Linha do Vale do Vouga, que passando pelas vilas da Feira, Oliveira de Azemeis e Albergaria-a-Velha, se deverá prolongar, seguindo o curso do Vouga, até Vizeu, passando perto de Sever do Vouga e Oliveira de Frades, Vouzela e S. Pedro do Sul. O

Ramal do Vale do Vouga que se liga no entroncamento da Sarnada, perto de Albergaria-a-Velha com a linha principal do Vale do Vouga, parte de Aveiro e passa na vila de Agueda. A

Linha da Beira-Alta, partindo, como dissemos, da Pampilhosa, atravessa o distrito até á estação do Luzo.

Blasfemia inútil

(A' MARGEM DO «GENESIS»)

DE MANUEL LARANJEIRA

Manoel Laranjeira nasceu e viveu em Espinho. Foi um dos melhores cerebros da sua geração, distintissimo aluno da Escola Medica do Porto, escritor veemente, critico teatral dos mais profundos, e um poeta da morte annunciando nos seus versos, repassados de amargura e de desilusões, o fim tragico da sua vida.

Pouco antes do seu suicidio Manoel Laranjeira, já minado pela tuberculose, publicou o ultimo livro de poesias donde extrainos a que aqui, a seguir, publicamos.

*Diz esta lenda vã
que tu, minha alma, és barro convertido
em espirito, ao sopro do Senhor ...*

*Mas revoltou-se o pó: veio Satan
tentar-te com o fruto proibido
e ensinar-te o caminho do amor
—é da culpa saborosa ...*

*E tu, alma rebelde, ambiciosa,
querendo egualar Deus, foste punida ...
Mas Deus sabe punir e perdoar,
alma caída :*

*Deus ama ainda a vida, e deu-te a Dôr
em redenção, pr'a voltar
até Elle, de novo arrependida ...*

*Alma rebelde, suicida,
seja a Obra maior que o Creador:
se tu maior que Deus—despreza a vida!...*

Marcenaria 12 de agosto

Armazens e oficinas de colchoaria e moveis

— DE —

FRANCISCO CASIMIRO DA SILVA

Avenida Bento de Moura

(EM FRENTE AO MERCADO DO COJO)

Aveiro

MOBILIAS completas em todos os estilos, para quarto, salas de visita e jantar, etc. Grande sortido de moveis avulsos. Mesas elasticas para jantar, ovais, retangulares e de todos os feitios, guarda-loucas e aparadores. Sofas, cadeiras, lavatorios, mesas de cabeceira, toilets-comodas e guarda-vestidos. Etagères, espelhos e molduras.

Colchoaria

Moveis de ferro e fogões. Louças de diversas qualidades e para todos os gostos, de faiança, de ferro e esmaltadas. Vidro, cristal e bijouterias. Louças de zinco. Oleados, malas, candieiros, talheres de varias qualidades e preços.

Tapeçaria

Papeis pintados. Capachos de pila, côco e arame. Vasouras e espanadores.

Officinas

com pessoal habilitado a executar todos os trabalhos por mais difficeis que sejam e sempre sob rigorosa inspecção.

Mobílias escolares e materiais de ensino primario.

Guia do Viajante

NO

DISTRITO DE AVEIRO

bibRIA

O que ha a vêr

Localidades mais importantes

Paisagens, produções, monumentos

bibRIA

Guia do viajante

NO

Distrito de Aveiro



Vindo do sul, pela linha dos Caminhos de Ferro Portuguezes—Lisboa, Santarem, Entroncamento, Alfarelos, Coimbra ou—Lisboa, Caldas da Rainha, Leiria, Alfarelos, Coimbra, (linha de Oeste) Figueira—Pampilhosa, pela linha da Beira Alta, ou, ainda, Louzã-Coimbra-Pampilhosa, pode começar-se por fazer uma visita ao Bussaco, um dos mais belos pontos de Portugal, muito curioso e historico.

A serra avista-se a partir da estação de Souzelas, até á da Mealhada, elevando-se a nascente, coberta de vegetação na parte norte, a mais elevada. No sopé da serra fica o *Luzo*, chamado pelas suas aguas e por ser um ponto obrigatorio de passagem para o Bussaco. Deixar-se-ha pois, o comboio, na estação do *Luzo*, linha da Beira-Alta, a primeira que se encontra depois da

Pampilhosa

Os comboios da Beira-Alta saem da estação da Pampilhosa, lado oriental. Ha bufete e hotel. Telegrafo e carros. Importantes fabricas de ceramica e serração de madeiras. Páram todos os comboios. Nesta estação convém haver muito cuidado, pois ha sempre grande movimento e com o cruzamento de linhas são perigosas as travessias.

O preço do bilhete de ida e volta da **Pampilhosa** ao **Luzo**, para quem não tiver tirado bilhete directo para esta estação, é de 290 reis em 1.^a classe, 230 em 2.^a e 150 em 3.^a tendo 3 dias de validade.

No

Luzo

e no Bussaco ha bons hoteis, carros e automoveis, telegrafo e telefone para a Pampilhosa etc. Da estação do Luzo toma-se carro que custa 100 reis cada pessoa sendo diligencia ou 500 reis até á povoação. A visita ao Bussaco pode

fazer-se de carro ou automovel, que percorre a mata e chega mesmo á Cruz Alta, o ponto mais elevado do monte, ou a cavallo em gericos ou mesmo a pé.

O Bussaco é muito visitado na quinta-feira da Ascensão, dia em que se realisa uma importante romaria na mata e a 27 de setembro dia da festa do Encarnadouro, aniversario da batalha. Reunem-se, então, na soberba montanha, milhares e milhares de forasteiros, sobretudo dos distritos de Aveiro e Coimbra que ali se conduzem em carros, bicicletas, comboio etc.

As aguas da serra são deliciosas, bem como as do Luzo, que se vendem em todo o Portugal e são muito apreciadas. A fonte que alimenta o estabelecimento termal é uma das melhores do paiz, parecendo-se muito a sua agua com a de Evian.

O Luzo tem hoje todas as comodidades, sobretudo na epoca das termas. Reune-se ali uma sociedade elegante que se espalha pelos hoteis e pelas graciosas vivendas da localidade e arredores. Algumas destas, como o palacete pertencente á familia do falecido estadista Enidio Navarro, no caminho da mata, são verdadeiramente encantadoras.

O Luzo tem passeios muito pitorescos e uma vegetação luxuriante, sempre fresca, mercê da abundancia de agua que jorra de todos os cantos. A diaria nos hoteis regula por 1:000 a 2:000 réis. Ha club e casino e muitas festas atrativas na epoca das termas.

O Bussaco

Quem quizer conhecer alguma coisa de Portugal, tem de conhecer o Bussaco. Passar no centro do paiz, atravessar o distrito de Aveiro sem visitar essa deliciosa montanha, cheia de encantos da natureza, de monumentos e recordações historicas, seria uma prova do pessimo gosto do turiste ou da sua falta de interesse pela terra portugueza.

A mata do Bussaco é propriedade do estado. Esse monte privilegiado foi, desde remotos tempos, um refugio dos doentes e dos desiludidos do mundo. Os romanos tiveram nele um *Castrum* e no seculo VII foi edificado um convento no seu ponto mais alto. Parece que destruido pelos mouros, foi mais tarde reedificado pelos bispos de Coimbra que o tornaram sua residencia e depois concedido por um prelado aos monges carmelitas que aí se estabeleceram e residiram até que Antonio Joaquim de Aguiar, ministro de D. Pedro IV, acabou com as ordens religiosas, por decreto de 28 de maio de 1834.

Sobre o convento e mata do Bussaco contam-se varias lendas romanticas. O convento pone visitar-se, sendo muito curiosas as celas que se teem conservado intactas e a igreja que contem algumas obras de valor artistico. Numa dessas celas dormiu Wellington na vespera da batalha com Massena.

Junto do antigo convento eleva-se o Bussaco-Hotel, de construção recente, em estilo manuelino e que é propriedade do Estado. É um edificio magestoso e rico, com ornatos, azulejos e pinturas dos nossos melhores artistas. O local em que está situado, é dos mais lindos da mata. As vistas são magnificas, a vegetação riquissima e cerrada. Junto ficam alguns jardins, a estação dos correios e telegraphos e outros edificios.

Os reis vinham aqui passar algumas temporadas. D. Manuel esteve no Bussaco durante perto de um mez, poucos dias antes da revolução que o depoz.

São dignos de admiração muitos exemplares de arvores da floresta, principalmente os cedros, alguns gigantes, os fetos e algumas especies exóticas trazidas das expedições portuguezas.

Saindo-se do Hotel e subindo pela rua á direita encontra-se o sitio da *Batalha* onde se vê o monumento erguido ao exercito anglo-luzo que ali se baten contra os soldados francezes do general Massena, a quem Napoleão Bonaparte chamava o *Filho querido da Vitoria* e que comandou a 3.^a invazão de Portugal, em 1810.

O exercito anglo-português, comandado superiormente por Wellington, que havia de ser o vencedor de Napoleão em Waterloo, infligiu a Massena uma grande derrota na encosta desta serra. O monumento erguido em 1873, consta de um obelisco de pedra coroado por uma estrela em cristal. A' volta veem-se alguns canhões que entraram em combate. Perto fica a capela das *Almas do Encarnadouro* que serviu de hospital de sangue durante a batalha e que foi muito danificada pela artilharia. Podem-se vêr aí varios quadros, cartas, espingardas, balas e outras recordações do memoravel combate de 27 de setembro de 1810, que foi o primeiro dos desastres de Napoleão e o primeiro assinalado triumpho do grande rival que mais tarde o devia esmagar na planicie de Waterloo.

Quando do centenario da guerra Peninsular realisaram-se ali grandes festas.

Deixando a esplanada do monumento, que é toda cercada por um longuissimo muro, entra-se novamente, pela porta chamada de Sula. Sobee-se á Cruz Alta donde se admira um dos mais grandiosos panoramas de Portugal. A nascente fica a serra de Estrela que se vê coberta de neve durante grande parte do anno, a sudoeste a serra da Louzã, a poente o Cabo Mondego e a costa da Figueira a Aveiro, com as suas areias brancas e o farol da barra desta cidade. Um pouco a nordeste, a serra do Caramulo.

Descendo, abandonando o caminho de carro, encontra-se a *Via-Sacra* ou *Caminho da Paixão*, com as suas capelas isoladas onde viviam e faziam as suas penitencias os frades ermitães. É muito curiosa a vista da *Varanda de Pilatos* sobre o arvoredor da floresta.

Para o sul dá a porta de Coimbra, onde estão gravadas as bulas pontificias que excomungavam quem cortasse arvores da mata. Ha na serra algumas cascatas e muitas fontes, sendo a mais notavel a *Fonte Fria*, com as suas escadas pela encosta, rodeada de fetos e heras e celebre pelas poesias e trechos literarios que tem inspirado.

* * *

Quem do Luzo quizer seguir para Vizen, Guarda, Serra de Estrela, Beira Baixa, Espanha ou França, segue a linha da Beira Alta.

Do Luzo pode tomar-se um carro para Anadia, ou para a Mealhada, pois nem um nem outro trajeto é fatigante e qualquer dos passeios é lindo, sobretudo no verão e na epoca das vindimas.

Voltando á Pampilhosa

tomar-se-ha, de novo, para seguir para o norte, a linha Lisboa-Porto. A primeira estação á direita é

Mealhada

vila, sede de concelho, pertencente á comarca de Anadia. Passa-lhe junto o pequeno rio Certumia. Centro vinhateiro muito importante, teatro, praça de touros, hotel, fabrica de tecidos de malha, etc.

Como dissemos, o passeio de carro, até ao Bussaco, é agradável, atravessando grandes extensões de vinha pertencentes ainda á região dos afamados vinhos da Bairrada.

As festas de Sant'Ana, com touradas e outros atractivos, no mez de agosto, chamam á Mealhada grande numero de forasteiros. Desta vila tem saído alguns homens muito habéis. O dr. Costa Simões, natural da vila, foi um dos mais illustres professores de medecina da Universidade de Coimbra.

CURIA.—Apeadeiro á esquerda, servindo as conhecidas e florescentes termas que ficam a dois quilometros da linha ferrea, a poente e que descrevemos noutra parte. Pertence ao concelho de Anadia e está ligada á vila por boa estrada.

Ha carros e bons hoteis.

A Curia cujas aguas tem alcançado rapidamente um enorme successo na cura do artritismo e de muitas outras molestias, reumatismo, gota etc., deve ser dentro em breve uma estancia de luxo e de grande comodidade. As suas aguas são unicas em Portugal e muito semelhantes, mas ainda muito superiores ás de Contrexville.

Da Curia ha boa estrada para

Mogofores. Estação importante do lado de Oeste. Pequena povoação mas que muito se tem desenvolvido ultimamente e que possui bons edificios particulares, magnificas quintas e vivendas pertencentes a algumas das mais distintas familias do paiz.

Quasi junto á estação fica o palacete do velho republicano sr. Albano Coutinho, que foi o primeiro governador civil do distrito depois da proclamação da Republica.

Em Mogofores pode tomar-se um carro a 150 reis cada pessoa, para

Anadia

que fica a 3 kilometros de distancia). Atravessa-se a estrada Porto-Lisboa (Mala-Posta) passa-se ao monte de Crasto, donde se disfruta um bom panorama, passa-se a Arcos e entra-se na vila que é toda cercada de vinhas e que tem arredores encantadores, com pequenos açudes nos ribeiros e muita vegetação.

Varias fabricas de licores, vinhos finos e tipos champagne muito apreciados. Centro da região vinhateira da Bairrada. Produção vinicola muito importante. Cerração de madeiras etc.

Quintas de familias illustres e vivendas de muitos titulares. E' a terra do antigo chefe do partido progressista, o sr. José L. de Castro, que ali reside.

Uma das quintas mais importantes é a do sr. Marquês da Graciosa, cujo palácio se vê à esquerda com ornatos manuelinos. Os seus jardins estão decorados com verdadeiro gosto.

Da Anadia pode, como dissémos, fazer-se o trajeto até ao Bussaco em carro. Deixando a estrada do Bussaco, pode chegar-se ao

Vale da Mó

pequena povoação encravada nos montes, mas cujas aguas ferreas são das melhores do paiz. Tem hoteis, mas modestos, pois que as aguas não estão exploradas. O sr. D. Pedro Dupain, contudo, fez uma proposta à Camara da Anadia, para a exploração desta nascente que é de um futuro garantido, muito aconselhada pelos medicos, desde longa data, e muito frequentada apesar da falta de comodidades.

Oliveira do Bairro

Estação ao nascente. A vila fica no alto, um pouco distante do caminho de ferro. Carros para Agueda. Séde de concelho. Pertence à comarca de Agueda.

Importante fabrica de ceramica. Grande industria de vinhos finos, espumosos, licores, aguardentes etc. Centro vinhateiro de uma grande produção. O tipo dos vinhos é o da Bairrada.

Caminho para a *Pateira de Fermentelos* que fica a 7 kilometros de distancia. A vila tem lindas vistas principalmente sobre a depressão do nascente e a região é riquissima. Tem mercado aos domingos muito concorrido.

O preço dos carros até à *Pateira de Fermentelos* que é um dos mais surpreendentes pontos de vista de Portugal e uma das suas mais pitorescas lagoas, regula por 600 a 13000 reis com 4 logares, carros de duas rodas, alguma coisa incomodos. Ha contudo outros veiculos melhores para alugar. Não ha hoteis.

OLIA apeadeiro a nascente. Serve tambem para Fermentelos.

QUINTÃS. Estação. Estrada para Eixo, Ilhavo e Aveiro. Desenrola-se a partir desta estação um panorama todo novo e um dos mais atraentes do paiz, verdadeiramente original. Desaparece a vinha que passa a ser cultivada em pequena escala e estendem-se as riquissimas terras de milho, trigo e horta. A propriedade está muito dividida e a população muitissimo densa.

AVEIRO

A estação fica um pouco afastada da cidade que se vê logo depois das Quintãs cercada por uma linda paisagem: campos cheios de verdura, todos cultivados, planos, floridos e alegres, com povoações muito airozas de casas brancas, a ria com os seus inumeros canais, as salinas e os barcos, até a Gafanha e ao mar, que se avista por traz da cinta de areia.

O carro da estação à cidade, custa 100 reis cada pessoa. Para Ilhavo ha sempre carros a 100 reis cada passageiro, tambem. Fretado, 500 a 700 reis para a cidade, 800 a 1:500 reis para Ilhavo. O mesmo para Eixo. O mesmo para Angeja, ou Cacia. Esgueira fica ao nascente da linha, depois de Aveiro, antiga vila, de agradável aspecto. Antes de chegar á cidade a linha passa por Arada a poente e S. Bernardo a nascente, logares populosos, agricolas, de terrenos férteis.

Ao fim da rua da Estação (Avenida Ahmirante Reis) vê-se o quartel de cavalaria 8 e infantaria 24. O edificio é um dos melhores do paiz.

Entra-se depois na rua do Gravito, passa-se ao Mercado Manuel Firmino, junto do qual fica o Hotel Central. Duas pontes sobre um braço da ria, estabelecem a ligação com a outra parte da cidade. A direita, quem sobe as pontes, fica, em frente do cais, o Hotel Cisne (Boa Vista) sobre a estrada da Barra. Em frente das pontes, o Largo Luiz Cipriano e do lado direito a redacção e officinas d'A *Liberdade*; subindo a rua da Costeira e Praça da Republica ou Largo Municipal, com a estatua do grande tribuno José Estevam, a estação dos correios e telegrafos, o Liceu, o Teatro e os Paços do Concelho, com tribunal e cadeia.

Junto do edificio do Correio as Conservatorias do Registo Civil e Predial.

Ao cimo da Costeira, a egreja da *Misericórdia*, templo de construção solida e elegante, onde ha algumas esculturas como a do *Senhor Ecce-Homo* de grandissimo valor. A fachada do templo tem merecimento. Junto fica o Hospital num mau edificio sem nenhunas condições de hygiene, sustentado pela *Misericórdia*, mas muito pobre. Espera-se a conclusão do novo edificio, num ponto retirado da cidade, feito com sacrificios e cuja construção tem sido muito demorada por falta de meios.

Segue a rua Direita, e no mesmo sentido, entre o Teatro e Paços do concelho, uma rua nova que conduz á Praça Marquez de Pombal hoje o melhor local da cidade, ajardinado, em frente ao edificio do Governo Civil e repartições publicas. O edificio do Liceu, que se vê no Largo Municipal, é bom, e deve-se a José Estevam. A estatua do grande orador e liberal é um trabalho muito perfeito. No pedestal enumeram-se os seus feitos militares nas campanhas da *Liberdade*, combatendo contra o absolutismo miguelista na defeza da Porto, os seus discursos mais notaveis, que são verdadeiros monumentos da oratoria parlamentar, os serviços prestados a Aveiro e as datas do seu nascimento e da sua morte.

José Estevam era filho de Luiz Cipriano Coelho de Magalhães que foi um homem dos mais considerados do seu tempo e um grande liberal.

A casa onde nasceu o grande tribuno pode ver-se ainda na rua José Estevam, ao lado direito de quem chega ás pontes, subindo.

Os restos de José Estevam, bem como de seu pae Luiz Cipriano Coelho de Magalhães, estão depositados num simples jazigo de familia, no *Cemiterio Publico*, onde se podem ver tambem as campas de outros soldados das campanhas constitucionais e um pequeno monumento encerrando as cabeças dos Martires enforcados nas calçadas do Porto pelas suas ideias liberais e que foram espetados em postes deante da casa das familias nesta cidade.

No mesmo cemiterio foi sepultado o corpo do desditoso administrador de Cabeceiras de Basto, João Augusto de Mendonça Barreto, natural de Aveiro e que ali foi morto pelos revoltosos monarchicos em julho de 1912.

Na Praça Marquez de Pombal ha a igreja das Carmelitas que tem magnificas talhas e o palacete dos antigos viscondes de Almeida e onde hoje está instalado um collegio para meninas.

O edificio das repartições publicas nada tem que o recomende. Uma grande casa posta em branco. E', contudo, um edificio amplo e limpo.

O governo civil fica no primeiro andar á direita de quem sobe a escadaria. No 2.º andar, a repartição das Obras Publicas. No rez do chão, a Fazenda Distrital (Inspeção de finanças).

Na rua, á esquerda do edificio, fica a igreja da antiga Sé, e ao cabo da mesma rua, á direita, o *Jardim Publico* onde ha uma alameda aprazivel e que tem bonitas vistas sobre Verdemilho e sobre a Gafanha e ria.

Em frente do jardim, a ponte, o edificio em construção para o hospital e parque do srs. Barões de Cadore. (Carlos Faria).

No jardim ha *Water closet* municipal. Podem-se as chaves ao jardineiro.

Perto, fica o antigo convento de Santo Antonio, donde ainda hoje sai a procissão da Cinza. Dentro da quinta de Santo Antonio ha uma pequena praça de touros para corridas por amadores que comporta apenas 800 pessoas.

No jardim toca musica aos domingos e quintas-feiras, a banda do 24 de infantaria. Nos meses de maio, junho e julho, principalmente, o jardim é concorridissimo, juntando-se neletudo quanto ha de elegante em Aveiro. Dão-se festivais noturnos, iluminações com balões venezianos, dansas e cansões pelos ranchos de trincas etc.

Saindo do jardim, pelo largo de Santo Antonio, encontra-se o edificio dos Asilos, vasto e higienico, que, embora modesto, é digno de ser visitado pelo asseio que nele existe e pela boa educação que ali é ministrada aos internados. O Azilo-Escola de Aveiro, *Secção Barbosa de Magalhães*, para que concorrem todas as camaras do distrito e onde são admitidas creanças de todos os concelhos, pode considerar-se modelar na sua educação, orientada num sentido moral e inteiramente pratico. Do Azilo tem saído muitos rapazes que hoje são bons comerciantes e industriais, honestos e trabalhadores.

Todos de lá saem sabendo um officio e o proprio director do Azilo, sr. padre Lourenço da Silva Salgueiro, é o primeiro a cuidar de arranjar colocações aos seus discipulos. A educação neste Azilo foi sempre rasgadamente liberal. Ha tambem o Azilo para raparigas, *Secção José Estevam*, que está instalado noutro local e que presta tambem muitos serviços.

Em parte do edificio está aquartelado um batalhão do 24 e instalada a sede do regimento.

Encontra-se depois o Largo de Camões (antigo largo do Espirito Santo), onde ha um chafariz antigo. Para o sul segue a estrada de Ilhavo e Vagos e a de Oliveira do Bairro. Anadia. Neste largo fica a sede do vice-consulado de Espanha.

Voltando novamente para a cidade toma-se á direita, pela rua Miguel Bombarda e encontra-se a *egreja de S. Domingos*, com um magnifico cruzeiro e portico artistico. Ha um tumulo nessa igreja que se diz ser de D. Catarina de Athaide, a *Natercia* de Camões. Tem havido grandes controversias sobre esse assumto. A' esquerda fica o antigo convento de **Santa Joana e igreja de Jesus**. No edificio do convento estão hoje instaladas as escolas centrais do sexo masculino e a *Escota Distrital para o Magisterio Primario* (ensino normal). A igreja de Jesus é uma preciosidade do mais subido merecimento. Todo o templo é revestido de talha dourada, com esplendidos azulejos. A capela-mor, então, é unica no paiz, sendo a sua talha riquissima. Ha paramentos e alfaias do culto de muito valor e que podem admirar-se no

MUZEU de arqueologia, que fica junto, instalado nas salas que pertenceram ao collegio do convento e que foi fechado com a proclamação da Republica e consequente extinção das ordens religiosas.

No côro do rez do chão da igreja fica o tumulo da princeza Santa Joana, filha de D. Afonso V e que viveu neste convento. E' tambem uma obra esplendida, em marmore inbutido.

O muzeu, que encerra muitas preciosidades dignas de demorada atenção, foi organizado pelo distinto archeologo e critico de arte sr. Marques Gomes, tendo merecido esse trabalho os mais rasgados elogios de quantos intendidos o tem apreciado. Ha ainda digno de ver-se o precioso portico da *Capela do Senhor das Barrôcas*, perto do quartel de cavalaria 8, na estrada de Aveiro a Esgueira.

A cidade, a não ser o trafego da praça do Peixe, o movimento dos canais da ria e as **tricanas** lindissimas, cuja graça e cujo donaire só se apreciam bem, nos dias de festa e nos domingos, pouco mais tem que ver.

Ha alguns estabelecimentos bons, cujos annuncios publicamos. No Largo do Comercio, junto aos Arcos, ergue-se um obelisco construido pelo *Club dos Galitos* quando do centenario de José Estevam. A *Escola Industrial Fernando Caldeira* fica perto, tambem, vendo-se das pontes, á beira da ria e junto ao *Club Mario Duarte*.

Neste braço da ria que atravessa a cidade, tem-se dado festas grandiosas. As illuminações e serenatas que aí se fazem são sempre encantadoras.

Passeios nos arredores

Para se fazer uma ideia do que é a ria de Aveiro e a vida desta região, sem igual no paiz, da sua paisagem, da sua atividade e da sua riqueza, convem dar, ou um passeio de barco, ou pelo menos um passeio de carro ou automovel até

á Barra

que fica a 7 kilometros de distancia da cidade. A estrada acompanha o canal das Piramides e segue pela beira de um dos principais braços da ria até a ponte da Gafanha.

A paisagem tem um aspecto originalíssimo e belo. Veem-se as salinas ou marinhas de sal, cheias de água no inverno, brilhantes como o sal branco, fino e puríssimo se é no verão; ao longe as serras entre neblinas arroxeadas, cobertas de neve do inverno, e um grande numero de povoações todas muito densas e pitorescas de Aveiro até Ilhavo e Vista-Alegre.

Na ria andam a toda a hora inumeros barcos, quasi sempre á vela. Dos barcos da ria de Aveiro, os principais são os *moliceiros* muito curiosos pelo seu feitio, parecendo andarem sempre com a borda debaixo de água e destinados á apanha e transporte das algas; os *mercanteis* ou *saleiros*, barcos de bordo alto, espaçosos, para transporte de sal e grandes cargas e um sem numero de tipos de *bateiras* para pesca, pescado, conduções etc.

Ha tambem algumas lanchas a gazolina e a vapor e muitos barcos particulares, alguns elegantes e muito velozes.

Passando a ponte em frente á qual fica a *calé da Vila*, a Ilha de Sama e a praia e mata de S. Jacinto, entra-se na

Gafanha

A Gafanha é uma povoação recente, hoje muito rica e populosa, construida sobre as areias que o braço tenaz e resistente do homem transformou em terras produtivas.

A Gafanha é um exemplo admiravel de actividade e economia e demonstra bem como toda a duna, desde que haja adubos que a fertilisem e braços que a trabalhem, é capaz de produzir. Os terrenos na Gafanha estão muito divididos e atingem já um preço elevadissimo. As casas são pequenas. Os caminhos são na propria areia, havendo apenas as estradas macadamizadas de Aveiro á Barra, da Gafanha a Ilhavo e de Ilhavo á Costa Nova. A Gafanha é, contudo, uma terra feliz, de tipos loiros fortes, queimados do sol, onde não ha miseria.

Constitue hoje uma freguezia autonoma, produz admiravelmente feijão, ervilha, batata, milho, couve, hervas, pastos, horta etc. Os principais e melhores adubos para estas terras arenosas e soltas são os molicos, pela quantidade de lama que trazem e que melhora os terrenos dando-lhes a coesão que falta á areia fina abandonada pelo mar.

Ao lado direito sobre a ria ficam alguns estabelecimentos de séca do bacalhau. Em Aveiro e Ilhavo ha hoje umas 5 parcerias ou sociedades de pesca de bacalhau no Banco da Terra Nova. Em frente á *calé da vila* houve estaleiro para construcção e reparação de navios de vela.

Na Barra, as duas praias do Farol e do

Forte

esta com poucas casas, onde se vê ainda a antiga fortaleza e a torre de sinais. Realisa-se aqui uma festa muitissimo concorrida na ultima segunda-feira de setembro. E' o local onde deve vir a ser construida a Estação de Piscicultura de que a ria tanto necessita para o seu repovoamento. Na ponte das

portas de agua ha uma corrente fortissima. E' por aí que passam todas as aguas da ria da Costa Nova e Mira.

Da torre do Forte descortina-se um panorama surpreendente. Ao norte fica a praia de S. Jacinto, importante pelas suas pescas maritimas. Nos terrenos alagadiços em volta do forte, de S. Jacinto e da Costa Nova ha grandes bancos de *birbigão*, *lingueirão de canudo*, alguma ameijoa e outros mariscos. A ostra que houve já em quantidade, desapareceu. A pesca do birbigão faz-se com rede e encincho, nas aguas profundas, ou á mão, nos bancos de areia, que a maré deixa a descoberto na vasante. A apanha do lingueirão de canudo é muito divertida. O molusco está numa toca na areia e faz-se vir á superficie lançando-lhe sal no orificio. E' preciso uma grande agilidade para o apanhar quando ele chega ao de cima pois, senão, escapa-se immediatamente, enterrando-se novamente no solo a grande profundidade. O *meixilhão* cria-se nas pedras do paredão, perto da ponte das portas de agua.

O Farol

A praia chamada do Farol é muito frequentada na época balnear e uma das melhores de Portugal em condições higienicas. E' um verdadeiro sanatório, principalmente para as crianças que lá colhem optimos resultados.

As casas são muito limpas e quasi todas completamente mobiladas. As rendas variam entre 7 a 30:000 reis por mez. Não ha população piscatoria. E' uma praia onde todas as familias se conhecem e que se encontra em excellentes condições para ser explorada como estancia de luxo. Pensa-se em a dotar com alguns melhoramentos. Hoje tem apenas uma casa de assembleia e tenis. O Farol, que se pode visitar todos os dias, com licença do faroleiro chefe, com excepção dos dias de festa local, é um dos melhores da nossa costa, iluminado a petroleo com lanterna de grande alcance composta de lentes com rotação por aparelho de relojoaria. O seu movimento produz uma série de clares e eclipses de luz branca, sendo um eclipse maior que os outros. A torre tem 60 metros de altura e uma escadaria em caracol de perto de 300 degraus. Está solidamente construida.

Nos dias de tempestade, a parte superior da torre afasta-se da vertical perto de 50 centímetros segundo dizem os intendidos. Junto do Farol fica o sinal sonoro ou sirene, vulgarmente conhecido pela *Ronca da Barra*, para os dias de nevoeiro. O som, que se houve a mais de 15 kilometros, em terra, é produzido pela acção do ar, comprimido fortemente pelo vapor, numa enorme palheta de aço. A vista da varanda superior é uma maravilha, estendendo-se até ao Bus-saco, Cabo Mondego e Leixões. O mar, a ria, a Gafanha, Aveiro e arredores e toda a planície, até á serra do cabo Mondego, tem um aspecto extraordinariamente belo e imponente.

Veem-se as praias da Costa Nova, Vagueira e Mira, ao sul; S. Jacinto, Torreira, Furadouro, Esmeriz etc., ao norte. Avista-se Ilhavo, Estarreja, Feira e Oliveira de Azemeis.

Do Farol á Costa Nova está-se construindo uma estrada pelo meio do areal que deve trazer á esta praia um grande movimento. Na praia do Farol tem lugar o famoso *banho santo* na noite de S. João a que concorre muita

gente das aldeias afastadas de Aveiro. Na época balnear há diligencia. Cada pessoa 100 reis, de Aveiro.

A Costa Nova do Prado

é a praia popular de Aveiro e Ilhavo. A sua disposição sobre uma lomba de areia, à beira da ria, é única em Portugal. A ria, em frente à praia, é baixa e não tem perigos nem mesmo com ventos fortes. Isso faz com que seja o divertimento predilecto de quantos procuram a Costa Nova nos mezes de agosto, setembro e outubro. Há inumeros barcos de todos os tamanhos e feitos em que toda a gente barqueia. A' noute, em dias calmos, fazem-se serenatas e iluminações.

O reflexo da lua na agua, em noites serenas, é delicioso. As casas são quasi todas de madeira, havendo algumas construções novas. A população piscatoria é grande. Na praia ha quatro companhias de pesca. As rendas das casas regulam entre 5 a 20:000 reis mensais. Todos os anos, em setembro, se realisam na Costa Nova festas desportivas, regatas, iluminações etc.

No ultimo domingo de setembro ha uma festa muito concorrida por gente de Aveiro, Ilhavo, Vagos e arredores. No mez de outubro a Costa enche-se com o povo da Barrada que para ali vem a banhos.

Entre a Costa Nova e a Gafanha (da Encarnação) ha os barcos da carreira, até às 9 horas da noute, a 10 reis cada pessoa. Da Gafanha a

Ilhavo

boa estrada passando pela mata do Estale, Carreira de Tiro militar e areais, onde pastam manadas de gado bravo. Com essa estrada entronca uma outra que atravessa a Gafanha e se liga á de Aveiro á Barra. Essa estrada tem excellentes vistas sobre Ilhavo, Aveiro e salinas da ria.

Passando por Ilhavo, pode visitar-se a Fabrica de Porcelana da Vista Alegre que fica perto, junto da qual ha uma capela com esculturas preciosissimas, o largo da feira dos 13, teatro etc., e a *Ponte da Agua Fria* (ponte de Vagos) sitios muito apraziveis. (Ilhavo, Vista Alegre e Vagos, ver descrições).

De Ilhavo a Aveiro ha estrada boa, com algumas pequenas ladeiras, mas com lindas vistas. Passa-se a *Verdemilho*, localidade onde viveu Joaquim José de Queiroz, de Eça de Queiroz, ministro do reino com Saldanha, e onde se effectuaram importantes reuniões dos liberais de Aveiro quando das lutas contra o absolutismo miguelista. Romaria importante da Senhora das Dóres no 2.º domingo de setembro e Quinta da Boa-Vista.

Toda a região é muito fertil, rica e populosa.

A Elegante

O maior e mais completo estabelecimento deste genero, nesta cidade, recentemente ampliado de forma a satisfazer as exigencias do progresso e da sua numerosa clientela.

Instalações modernas e sortimentos sensacionais que rivalisam com as melhores casas de Lisboa e Porto.

Modas * Confeções * Perfumarias
Fazendas brancas * Lanifícios
Camisaria * Artigos de bordar * Gravataria
RETROZARIA * OBJETOS PARA BRINDES

SEMPRE O MAIS FINO GOSTO

O MAIS LIMITADO PREÇO

Pompeu da Costa Pereira

Rua José Estevam e Rua Mendes Leite

* AVEIRO *

Passeio pelo Vale do Vouga a Agueda, Albergaria-a-Velha e Oliveira de Azemeis

Aconselhamos o seguinte passeio: tomar na estação de Aveiro o comboio do Vale do Vouga (estação junto da dos Caminhos de Ferro Portugueses) e visitar a vila de

AGUEDA

O caminho de Aveiro a Agueda é cheio de surpresas e verdadeiramente encantador, sobretudo, nos meses floridos. A linha segue o curso do Vouga desde **Eixo**, antiga vila, freguezia muito importante, terra de Sebastião de Carvalho e Lima, pae de Jaime e Sebastião de Magalhães Lima. Eixo é hoje um centro de cultura e preparação da chicória para café, tendo umas poucas de estufas. Passa-se à *ponte de S. João de Loure*, sítio muito aprazível onde o Vouga é atravessado por uma grande ponte metálica que tem o nome de Francisco Matoso. Daí, até à *Ponte da Rata*, a linha acompanha a estrada, ao lado do rio, cujas margens são cercadas de Salgueirais. Na *Ponte da Rata*, o Vouga desvia-se para nascente, pelo Vale de Alquerubim e a linha passa a seguir ao vale do *Agueda*.

A paisagem da *Ponte da Rata*, onde ha a estação de Eirol, é uma das mais afamadas do distrito. Quem sair em Eirol, passar a ponte e subir a ladeira de *Travassô*, chega a uma altura chamada a *Varanda de Pilatos* donde se disfruta um panorama soberbo. Vê-se o Vouga, a *Pateira de Fermentelos* e a foz do Agueda; a agua em dias de sol resplandece como prata, cercada de verdura, de casas, de colinas encantadoras.

Ha uma enorme profusão de nenúfares, de flores, de salgueiros, o que torna esta vista uma das mais belas do nosso paiz.

Todo o vale do Agueda é lindo. A entrada da linha em Agueda, é mages-

tosa. A vista da vila e do vale, que se estende em sua fiente, imponente e encantadora.

Na vila de Agueda passa-se bem uma tarde, em visita á vila e ás quintas particulares da *Alta-Vila*, vivenda muito artistica, e ás dos srs. Condes da Borralha e Suecna e a outras em que se obtem gentilmente permissão de entrada.

On de Eirol ou de Agueda pode-se ir ver a

Pateira de Fermentelos

Daquelle logar a Requeixo, uma das povoações ribeirinhas da formosissima lagoa, distam tres kilometros. De Agueda a distancia é maior, mas é mais facil arranjar transporte. Pode-se andar de barco na pateira. E' um dos passeios que mais recomendamos. De Agueda pode seguir-se para

Albergaria-a-Velha

pelo caminho de ferro. Apenas uma hora de viagem. A região que a linha atravessa é sempre muito pitoresca, principalmente quando chega a alturas do *Vouga* e do *Macinhato*. Fica em frente, na outra margem do rio, a mata do antigo convento de Serem. Em baixo, a historica *Ponte do Vouga* e o *Marnel* onde se deu um combate com os francezes quando das invasões e uma ação importante entre miguelistas e constitucionais.

A linha passa o rio perto da *Sarnada* onde fica o entroncamento com a linha de Espinho a Vizen. Depois da Sarnada a linha tornêa uma montanha de grande altitude, subindo para Albergaria-a-Velha. E' um aspecto singular o que nos oferece a linha trepando pelas encostas íngremes e escarpadas e que só encontra igual nas passagens mais dificeis dos caminhos de ferro transmontanos. Esperimenta-se uma emoção forte pelo grande declive que se atinge e pela altura a que se sobe. O golpe de vista, nos sitios donde se vê a linha cortar a montanha, tres vezes, é soberbo.

Albergaria-a-Velha é uma vila importante. E' digna de ser visitada a fabrica de papel de Vale-Maior a pouco mais de 1 kilometro a nascente da vila, ao lado da estrada de Vizeu e situada sobre a margem do Caima, num sitio lindissimo. Daqui pode seguir-se a

Sever do Vouga

um admiravel sanatorio natural a grande altitude, vila capital de concelho, região mineira importante, vistas esplendidas. (Ver descrições).

Perto de Albergaria fica a serra da *Senhora do Socorro* donde se admira um grandioso panorama que se estende até ao mar. O *Pico do Monte* onde se

faz uma grande romaria é magestoso. Antonio Correia de Oliveira dedicou-lhe uma das suas mais lindas poesias.

De Albergaria pode voltar-se a Aveiro em carro por

ANGEJA

cujo *Tunel* formado pelo arvoredor sobre a estrada que acompanha o Vouga é muito apazível. Angeja é uma das melhores povoações do distrito e tem lindas vistas de monte, de campo e de rio. É iluminada a acetilene. Está em construção um magestoso edificio escolar.

A viagem de Aveiro a Angeja em carro, que é um bom passeio, demora 1 hora, passando-se a Esgueira, Cacia, ponte sobre o Vouga, onde se paga portagem, Tunel, Varzea etc.

De Albergaria pode seguir-se pelo caminho de ferro do Vale do Vouga até

Oliveira de Azemeis

Lindas vistas do comboio sobre a planura dos campos de Aveiro e Estarreja, ria, Murtoza etc. O sitio da Branca á direita, com uma povoação em anfiteatro na encosta de um monte é muito interessante.

De Oliveira de Azemeis (cuja descripção se faz noutra parte), vila requissima, muito prospera e linda, pode fazer-se um centro de excursões. De carro ou automovel: á *Fabrica do papel do Caima*; á quinta da *Carregosa*, pertencente ao sr. D. Manuel de Bastos Pina, bispo de Coimbra; a *Macieira de Cambra*, a *Arouca* e *Castelo de Paiva*. Terra de grande futuro e onde existe uma grande vontade de progredir. Azemeis tem muito que ver nos arredores, fabricas, quintas, o parque em construção da *La-Salette* com soberbas vistas sobre o vale e as serras e a planicie de Aveiro etc.

Mas um dos passeios que mais recomendamos é a

MACIEIRA DE CAMBRA

em carro ou automovel. A estrada muito sinuosa passa por entre montes cheios de variedade e pitoresco. Na altura da Coelhosa descobre-se o mais belo trecho de paisagem do distrito. Em Portugal não ha nada que se lhe possa comparar. O grandioso e riquissimo *Vale do Caima*, afirmam-nos pessoas que o tem em comparado com a paisagem suissa, não é inferior ás mais admiraveis vistas dos vales helveticos.

O *Vale do Caima* é todo coberto de vegetação, aos socalecos que parecem abertos em montanhas de esmeralda. As casas brancas são inúmeras, contrastando no fundo dessa taça gigantesca com a cor queimada das serras que se elevam quasi a prumo sobre a terra fértil e habitada, parecendo quererem debruçar-se para se verem nas águas do rio que em baixo serpeia. Os *Vales do Caima* e de *Cambra* são muito férteis. A industria de laticínios é importantíssima, tendo fama e grande procura a manteiga das suas numerosas fabricas.

Macieira de Cambra, vêr noticia discriptiva. De Macieira a Roge é um bom passeio. De Roge é soberba a vista sobre as serras. De Macieira de Cambra pode-se ir vêr a grande *Cascata da Mijarela*, na nascente do Caima, perto de Albergaria das Cabras. A viagem faz-se só a cavallo pelo caminho da serra. Essa queda de agua tem nada menos de 60 metros de altura e está completamente ignorada pelos turistas que visitam o paiz. Aqui a recomendamos, pois, aos nossos vizitantes.

De Oliveira a

AROUCA

é uma viagem longa, mas digna de se fazer também pois é deveras interessante. Ha carreiras de automoveis. Passa-se á Carregosa, atravessa-se o alto da serra da Farrapa, transpõe-se alguns vales muito férteis e entra-se na antiquíssima vila, no fundo das serras.

Ha passeios lindos nos arredores. O convento é rico, tem obras de arte de valor e merece ser vizitado. Tem fama as *murcetas* e outros doces de Arouca. De Arouca pode seguir-se até

Sobrado de Paiva

de automovel ou carro. Viagem demorada. A estrada que é já transitavel e está quasi toda concluida, tendo algumas obras de arte de valor, é em grande parte aberta na encosta de serranias escarpadas. A viagem em automovel exige muitos cuidados e muita firmeza no volante de direcção e nos freios.

O menor descuido pode fazer despenhar o veiculo nos habismos que se cortam a prumo. Experimentam-se sensações variadissimas nesse trajecto.

Umaz vezes desenrola-se a vista soberba sobre a vila e sobre os povoados cercados de vegetação, as montanhas de picos afrotando o ceu, erguendo-se sobre nós, ameaçadoras. Outras vezes é um planalto com o ar amplo e purissimo, cheirando a urze e a serra; o rebanho que trepa por um alcantil, a casa coberta de lages ou colmo que se avista no poiso de uma garganta, os montes desertos onde não cresce uma arvore.

Em alguns pontos a estrada é estreita e muito perigosa. Debruçando-se a gente do carro, vê-se quasi por baixo de nós o fundo do vale, causando vertigens.

A estrada tem poucos resguardos e muitas curvas e contra-curvas. As pessoas nervosas não passam semelhante caminho sem emoção. Recomendamos a maior prudência aos *chauffeurs* e automobilistas.

Convém antes de subir a serra, á partida de Arouca, verificar bem todos os comandos do automóvel.

O passeio, contudo, é esplendido. Sobrado de Paiva é uma vila pequena, mas o seu concelho é rico e populoso. Tem bons edificios e lindissimos passeios nas vizinhanças. A ponte sobre o Paiva é uma das mais arrojadas de Portugal, boa obra de engenharia, toda em pedra, de uma grande altura.

Perto de Sobrado, em Castelo de Paiva passa, o Douro. De Sobrado passa-se a Entre-os-Rios, podendo-se embarcar na estação de Cette (Caminhos de Ferro do Douro) para o Porto ou seguir de automóvel, passando-se perto de Penafiel.

Está projectada uma linha de ferro, cuja concessão já foi pedida, partindo de Sobrado para Vila Nova de Gaia pela margem do Douro com um ramal de Crestuma á linha do Vale do Vouga entroncando nas alturas de S. João de Ver ou Vila da Feira. Este caminho de ferro será de um grande alcance para Sobrado de Paiva e para toda a extensa e difficil região entre Sobrado, Feira e Gaia.

Do Porto a Aveiro (Linha do Norte)

Espinho

Partindo-se do Porto pela linha Porto-Lisboa, entra-se no distrito de Aveiro em alturas de Espinho, uma das mais afamadas e concorridas praias de Portugal. Espinho tem sido, nos ultimos anos, quasi completamente destruido pelo mar na sua parte baixa. Quasi toda a parte da vila, a poente da linha, desapareceu devorada pelas ondas. Ruas inteiras, centenas de predios, habitações de pescadores e casas de luxo, capelas, praças etc., tudo o mar tem derruido apenas em tres ou quatro anos. Tentou-se uma obra de defeza com um paredão. A obra foi ligeira e o mar levou-a. Hoje está-se procedendo a obras seguindo orientação diversa e as novas contruções estão-se fazendo na parte alta, a distancia do mar. Espinho é um concelho novo, tendo-se separado ha poucos anos do concelho da Feira. Praia de primeira ordem, hoje contudo muito prejudicada pela erosão do oceano. Possui bons casinos, cafés, teatros, praça de touros e tem bastantes divertimentos na epoca balnear em que ali se junta muita gente do norte, sociedade elegante e uma grande colonia espanhola. Espinho tem magnificos hoteis e muitas comodidades. As ruas e avenidas são amplas e alegres e é numerica a sua designação. Está ligado á

rêde telefonica do Porto e iluminado a luz electrica. Os arredores são muito activos.

A pesca, sistema de arrasto (chavegas) é importante. A fabrica de conservas de Brandão Gomes & C.^ª é a maior do paiz e tem varias fabricas sucursais em Matosinhos, S. Jacinto (Aveiro) e Setubal.

Os seus productos são conhecidos e procurados em todo o mundo, rivalizando com o que ha de melhor no genero, no estrangeiro. A sardinha de conserva, de Espinho é muito apreciada. Perto de Espinho, ao sul, fica a carreira de tiro de Esmoriz e um vasto campo onde se pode jogar o *Golf*.

De Espinho parte a linha do Vale do Vouga para Vizeu, pela Feira, Azemeis e Albergaria, como já vimos.

Ao norte de Espinho fica a *lagoa de Esmoriz*, e a sua *barrinha* em comunicação com o mar. Nesta lagoa ha nos mezes proprios muita caça marinha de arribação. Os comboios rapidos páram todos em Espinho e a viagem a Aveiro ou ao Porto, demora apenas 1½ hora nesses comboios.

Linha do Vale do Vouga

De Espinho á Feira

Descendo de Albergaria, deixámos o itinerario que seguimos, em Oliveira de Azemeis para tratarmos de Cambra, Arouca e Sobrado de Paiva.

Subamos agora de Espinho até Oliveira de Azemeis pelo caminho de ferro. Toma-se o comboio na estação de Espinho-Praia, passam-se algumas povoações importantes e muito industriais e chega-se á estação da

Vila da Feira

que fica a pequena distancia da linha, num estenso campo, cheio de verdura, e todo agricultado.

A Feira é uma vila antiquissima e muita historica. O seu castelo, donde se avista uma grandiosa paisagem sobre Espinho, ria e costa de Aveiro, é uma obra de valor que deve ser religiosamente conservada. Foi tomado aos Mouros pelo conde D. Henrique, pae de D. Afonso Henriques, 1.^o rei de Portugal. A Feira parece ter sido fundada pelos Celtas no sitio da antiga *Iacombrica* e reconstituída pelos Guterres no seculo X. Teve forais. Varias tradições e lendas curiosas se contam ainda acerca do seu castelo, do seu convento etc.

O concelho da Feira tem 34 freguezias e é muito industrial e activo. Tem

a industria de rolhas de cortiça, serralheria, laticínios, chapéus, tanoaria, cordoame, conservas, papel etc.

Em *S. Jorge*, a 7 kilometros da Vila, ha as aguas minerais conhecidas pelas *Caldas de S. Jorge*.

O concelho tem em laboração minas de pirites arsenicais nos logares de Engenho de S. Jorge, Giestal e Lobão. Outras minas estão registadas. Pertencem ao concelho da Feira, as estações de Silvalde, Paramos, Oleiros, Paços de Brandão, Rio Meão, S. João de Ver, Cavaco, Santins, Feira e Arrifana. Na linha do Norte (Lisboa-Porto) os apeadeiros de Paramos, Sixto e Pedreira.

Na **Arrifana** houve um grande morticínio praticado pelos francezes quando da guerra peninsular. Tendo sido ali atacado e morto o official de uma patrulha perdida, o exercito na sua passagem fozilou grande numero de habitantes da localidade, inclusivamente velhos e creanças que se tinham refugiado na egreja.

Pensa-se em erguer ali um obelisco comemorativo.

* * *

Depois da estação de Arrifana, entra-se no concelho de Oliveira de Azeimeis. A primeira estação é a de **S. João da Madeira**, uma das mais importantes freguezias do distrito. Grande centro industrial, nas suas fabricas de chapéus empregam-se mais de 1.000 operarios. Tem ricos edificios, boas ruas, magnificas escolas.

A 2 kilometros ficam as **minas do Pintor**, uma das mais importantes de Portugal onde são exploradas as pirites arsenicais. O arsenico é preparado ali e exportado para Inglaterra em barricas. Tem um bom mercado todos os domingos. Fabricas de laticínios. De S. João da Madeira as minas do Pintor pode fazer-se o trajecto a pé ou de carro. Aconselhamos esse passeio aos vizitantes pois as minas são muito importantes e a fabrica junta, de preparação do arsenico, tem muito que vêr.

(Segue o caminho de ferro até Oliveira de Azeimeis).

OVAR

Retomando a linha do Norte em Espinho, encontra-se, seguindo para Aveiro, a vila de Ovar.

Ovar é uma das mais ricas e populósas vilas do distrito e um dos concelhos que mais tem progredido. Os seus habitantes são muito habéis e de uma rara tendencia para o commercio. A **praia do Furadouro**, onde ha hotéis e predios muito bons e empresas de pesca, as suas fabricas e o seu commercio, dão-lhe um lugar distinto entre todas as vilas de Portugal. (ver discrição especial).

Depois de Ovar, vem a estação e vila de

ESTARREJA

admiravelmente disposta numa colina, cheia de luz, cercada de campos muito produtivos. A vila de Estarreja possui um grandioso edificio dos Paços do Concelho e repartições publicas. Tem bons estabelecimentos e é muito comercial. A sua estação é de grande movimento. Por ali se faz todo o tráfego das minas e fabricas dos concelhos de Albergaria-a-Velha e Sever do Vouga. Grande exportação de galinhas, madeira, gados, cereais, movimento de passageiros etc. Ha carros a todos os comboios para a Murtoza, a 100 reis cada pessoa.

Perto de Estarreja fica um local muito pitoresco, donde se admira uma riquissima paisagem: é a Senhora do Monte, onde se realisa uma festa importante em Agosto. Ao concelho de Estarreja pertence a freguezia da Murtoza cujos habitantes são de rara actividade, encontrando-se colonias suas em Lisboa, a população varina, em Setubal, Brazil, America etc. A Murtoza, bem como quasi todo o concelho de Estarreja é banhada pela ria que penetra nos campos por uma infinidade de canais. No inverno esses campos que se estendem até ás margens do Vouga ao sul e da ria a poente, alagam-se com as grandes cheias, semelhando um mar.

Na primavera, formam um quadro encantador com os salgueirais cobertos de folhas novas, as terras recamadas de tapetes de flores roixas, azuis e douradas, a agua com milhares de flores brancas e nenufares, as colinas de Salreu, Fernelã, Camelas e Angeja, com as suas povoações em anfiteatro, gados pastando, barcos á vela etc., etc.

A 8 kilometros da vila na Bestida, fica a ria da **Torreira**, que é um vasto estuario de perto de 3 kilometros de largo, com um aspecto muito singular, parecendo um grande lago sempre singrado de barcos. Ha entre Bestida e a **praia da Torreira** que fica em frente, um serviço muito bom e seguro, de lanchas a vapor onde se podem transportar carros e automoveis. O preço da passagem de cada pessoa é apenas de 5 reis! Os carros e automoveis pagam 100 reis pouco mais ou menos por cada travessia que demora 15 a 20 minutos. Na Torreira ha importantes empresas de pesca de sardinha. A Murtoza é um grande centro piscatorio. Em Pardelhas, o lugar mais importante da freguezia, realisa-se todos os dias um concorridissimo mercado de peixe, onde se vão abastecer todas as vendedeiras que percorrem os logares das freguezias e concelhos vizinhos.

Perto de Estarreja, em caminho para Aveiro, fica Salreu, freguezia rica, com grande industria pecuaria. As escolas, obra do benemerito sr. visconde de Salreu, verdadeiramente modelares.

Os campos de Estarreja, toda a viagem até Aveiro, a paisagem do Vouga, Cacia etc., tudo isso constitue um dos trechos mais impressionantes e caracteristicos da paisagem portuguesa.

Rui da Cunha e Costa

SOLICITADOR ENCARTADO

(Representante do dr. Cunha e Costa)

ESCRITORIO—R. MANUEL FIRMINO, N.º 5—Aveiro

A BENÇÃO DA NOVA LARGADA

(DE AUGUSTO CASIMIRO)

Augusto Casimiro é um dos poetas da nova geração.

Os versos que abaixo se leem são o canto de um luziada que arranca acordes na lira das Ondas...

No poemeto *A Primeira Nau*, publicado pela *Renascença Portuguesa*, Augusto Casimiro, como um marinheiro da nova era, evoca a largada para as descobertas e aponta-nos para o Futuro, cheio de Fé!

Velhas quilhas recordando

Os verdes campos do Mar,

—Sereis charruas lavrando...

Velas de Cristo, de linho,

Azas mortas por voar,

—Sereis azas de moinho...

Netos de navegadores

Almas profundas, inquietas...

—Sois marujos, sois Poetas:—

—Sêde também lavradores...

Alma da Raça, ó afeita

Ao Sonho, ao Mar, aos Tufões,

Sai dessa prisão estreita!...

Aguia, incendio, alta montanha,

Torrente espumando, estranha

Voz a ecoar nas solidões...

Pomba mansa, gesto brando

Gesto de Amor semeando,

Labios florindo perdões...

—Alma Lusa, ó esquecida,

—Minha princesa encantada,

—Quebra os ultimos grilhões!...

E atira-te ao Mar da Vida,

Que vai alta a Madrugada

E vai contigo Camões!...

Estabelecimento

— DE —

JOAQUIM F. FELIX

Rua Direita — AVEIRO

Comercio de ferragens, oleos, tintas, gessos, cimentos, madeiras e expeditor de sal por terra e mar.

A. da Cruz Bento & Filhos

Negociantes de pescado e sal



Satisfazem prontamente todas as encomendas dos generos do seu commercio.



COMISSÕES

CONSIGNAÇÕES

Praça do Peixe

AVEIRO

Distancias nas principais estradas do distrito

Coimbra-Porto

(Estrada Nacional n.º 10)

De Coimbra á Mealhada

	Metros
De Coimbra ao fim do lugar de Sargento-Mór	10.000
ao passo de nível do caminho de ferro da Beira Alta.	16.220
á estrada para a Pampilhosa	16.895
ao principio da Mealhada	18.820
á Mealhada	19:000

Mealhada-Anadia (Mala-Posta)

ao Barreiro	24.000
á estrada entre Mogofores e Anadia	26.850
á Mala-Posta	27.817
(estradas para Anadia, Agueda e Oliveira do Bairro).	
á igreja de Avelãs de Caminha	30.739
ao lugar de Avelãs de Caminha	31.000
á estrada para Aguada de Cima	33.608
às estradas para Aguada de Baixo e Oliveira do Bairro	35.620
á estrada para Barrô	35.850
á estrada para Aguada de Cima	37.440
ao Vale do Grou	38.930
á estrada para as Bregadas	39.980
ao chafariz da Borralha	40.852
á estrada para a Borralha	41.114
á estrada para Recardães e Sardão	41.869
á estrada de Perrães	42.184

á Praça de Agueda	42.739
Agueda , k. 43	43.000

Agueda—Albergaria-a-Velha

De Coimbra a Agueda k. 43	43.000
á capela da Mourisca	47.496
á estrada para a Aguieira	47.496
á ponte do Marnel	50.698
á estrada para Arrancada	51.608
á Ponte do Vouga	51.673
ao lugar de Serem	54.000
á estrada para Alquerubim	54.787
á Gandara de Albergaria	56.000
a Albergaria-a-Velha k. 58	58.000
ao chafariz de Albergaria	58.382
á estrada para Aveiro	58.497

Albergaria-a-Velha a Oliveira de Azemeis

De Coimbra a Albergaria, estrada para Aveiro.	58.497
á estrada para a Senhora do Socorro . . .	59.100
a Albergaria-a-Nova, k. 64	64.000
á estrada para Salreu	64.209
á escola da Branca.	65.500
ao lugar de Prados, Pinheiro da Bemposta	68.000
á Bemposta	70.457
a Travanca	72.634
a Oliveira de Azemeis , principio da vila.	76.360
ao Largo Municipal	76.676

Oliveira de Azemeis a S. João da Madeira

De Coimbra a Oliveira de Azemeis, fim,	77.191
--	--------

á estrada para S. Tiago	80.860
a S. João da Madeira , escola.	85.720
a S. João da Madeira , praça e chafariz	85.340

S. João da Madeira, ao limite do distrito

á Arrifana, cemiterio, estrada para a Vila da Feira	86.030
ao pontão da Corga de S. João de Ver	95.000
á Lourosa, chafariz	96.620
ao Picoto, limite.	100.769

Aveiro, Ilhavo, Vagos e Mira

Aveiro—Ilhavo

De Aveiro, ponte da praça, á estrada de Arada	1.703
a Verdemilho	2.884
ao Corgo Comum, Lagoa e Coitada	4.381
a Ilhavo , Praça do Pão	5.491

Ilhavo—Vagos

De Aveiro a Ilhavo, fim	5.851
á estrada para a Vista-Alegre	7.085
á ponte da Agua Fria	8.668
a Vagos , Praça Municipal	10.902
ao limite do distrito	21.969

Anadia—Bussaco

De Anadia a Vila Nova de Monsarros.	5.000
á igreja do Luzo.	10.062
á Porta de Luzo , entrada para o Bussaco	11.000

Anadia—Vale da Mó

Anadia—Moita	7.300
Moita—Vale da Mó.	4.500
Total—5.800.	

Anadia—Mogofores

Anadia—Arcos	230
------------------------	-----

Arcos a Famalicão.	1.390
Famalicão—Mala-Posta.	130
Mala-Posta—Mogofores.	720
Total—2.470 ^m .	

De Aveiro a Oliveira do Bairro e Anadia

De Aveiro (Largo Camões) aos guardas . .	390
ao passo de nível	870
de Aveiro á estrada para Vilar	2.125
de Aveiro á capela de S. Bernardo	3.100
á estrada para Oliveirinha.	3.528
á estrada para as Quintãs e Oliveirinha . .	5.803
de Aveiro á Costa do Valade	6.000
a S. Bento, estrada para a Povia do Valade e Nariz.	7.636
ao caminho para a Granja.	8.809
á estrada para Perforge	8.540
á estrada para a Povia do Valade	8.580
de Aveiro a Mamodeiro (estrada da Povia a Requeixo).	9.911
Mamodeiro, fim, caminho para Nariz . . .	10.306
á Ponte do Pano, limite dos concelhos . .	11.545
á estrada para Aguas Boas	12.290
de Aveiro á estrada para Fermentelos. . .	12.746
a Oiã, estrada de Malhapão a Fermentelos	14.631
a Silveiro, estrada para Perrães e Agueda	17.422
De Aveiro a Oliveira do Bairro estrada para a estação do Cam. de Ferro	19.668
ao sitio dos Aidos da Vila.	20.000
a Oliveira do Bairro, fim	21.000

De Oliveira do Bairro a Anadia

De Oliveira, fim, ao aqueduto do Vale do Mouro, limite dos concelhos de Oliveira e Anadia	875
---	-----

á capela de Santa Eufemia	1.796
de Oliveira a Sangalhos (Praça).	2.345
a Sá, capela da Senhora da Guia	3.852
á estrada para Avelãs de Caminha	3.918
a Sá	4.000
á estrada para Vale do Estevam e Mogofores	5.911
á ponte de Cambra	6.000
á estrada N. n.º 10	6.401
a Anadia	9.000
De Aveiro a Anadia	30.000

De Aveiro a Agueda

Aveiro (ponte da Praça) ao Cruzeiro de Esgueira (placa da U. V. P.)	2.300
á fonte de Azurva	6.457
á estrada para Taboara	6.570
Aveiro a Eixo	8.000
á igreja de Eixo	8.898
á estrada para a Oliveirinha (á direita)	8.925
Aveiro á ponte de S. João de Loure	10.150
às pedreiras de Eirol	12.000
Aveiro á Ponte da Rata (princípio).	12.411
á estrada para Almar, limite dos concelhos de Agueda e Aveiro	13.165
ao cruzeiro de Travassô	15.364
á estrada para a Fontinha	16.916
á estrada para a Mourisca	17.923
á estrada para o Casainho	20.200
ao alto de Paredes	21.000
á estrada para Paredes	21.398
Aveiro a Agueda (praça).	21.870

Agueda a Fermentelos

De Agueda á estrada para Barrô	1.909
á Piedade, estrada para Paradela	4.029
a Fermentelos	8.800

De Agueda a Castanheira

Agueda, rua Luiz de Camões, 22, a Assequins	1.200
ao Souto do Rio	2.000
a Boltiar (capela de S. Geraldo)	5.523
ao caminho para a igreja da Castanheira	9.383
(esta estrada deve continuar até Vizeu, mas não está ainda concluída).	

Da Barra de Aveiro á cidade

Do Farol ao Forte	1.265
do Forte á ponte da Cambeia	580
do Forte á Gafanha, estrada para Ilhavo	3.240
á ponte da Gafanha	4.000
aos Moinhos	5.470
do Forte ás Pirâmides	6.450
á ponte Dobadoura	7.190
do Forte á ponte da Praça	7.490
ao Largo de Camões	8.000
do Farol á Costa Nova (beira-rio)	3.940
Do Farol á ponte da Praça	8.755

De Aveiro á Costa Nova

De Aveiro, ponte da Praça, á Costa Nova	11.430
---	--------

Do Porto a Espinho, Ovar, Estarreja e Angeja

Espinho—Ovar

Do Porto ao limite dos distritos	12.500
á ponte da Anta	14.000
a Espinho	14.000
á estrada para a Feira	14.307
ao Xisto de Silvalde	17.000

á ponte de Paramos	18.132
á egreja de Esmoriz	20.568
á ponte de Corlegança	22.400
á estrada para Arada	25.667
á Praça de Ovar	32.020

Ovar—Estarreja

Do Porto á Praça de Ovar	32.020
á egreja de Valega	37.000
á egreja de Avanca	40.424
á Praça de Estarreja, capela de Santo Antonio	46.827

Estarreja—Angeja

Do Porto a Estarreja, Praça	46.827
á estrada para a Senhora do Monte	47.710
á egreja de Salreu, estrada para Albergaria	49.429
a Canelas, estrada para o apeadeiro	51.700
a Fermelã ponte da egreja	54.105
a Angeja, rua da Pereira	56.000
a Angeja, estrada para Albergaria	56.216

Do Picoto, sobre a estrada N. n.º 10, Coimbra-Porto a Esmoriz

A Monzelos, egreja	1.533
a Vila Boa de Oleiros	4.000
á estação de Esmoriz	9.620

Feira a Espinho

Feira a Espinho (Praça de Touros)	13.270
---	--------

Salreu a Albergaria-a-Velha

Da egreja de Salreu a Campinos	1.000
a Soutelo	3.552
a Albergaria-a-Nova	6.000
á estrada N. n. 10.	6.345
a Albergaria-a-Velha, (estrada para Aveiro)	12.057

Aveiro á Mealhada

(conta redonda) **30.300**

Mealhada ao Luzo e Bussaco

Mealhada (chafariz) na Estrada Nacional n.º 10 ao entroncamento para Grada.	367
á estrada para Lograsol	2.730
á estrada da Pampilhosa para Lameira de Luzo.	4.720
á estrada para a estação do Luzo	5.800
á Rua Costa Simões, no Luzo	7.120
ao Entroncamento da estrada para o Mo- numento (Bussaco)	9.975
ao alto de Sulla	9.975

De Estarreja a Oliveira de Azemeis

Estarreja a Beduido.	1.000
a Valverde de Loureiro	6.000
a Oliveira de Azemeis, estrada N. n.º 10	11.241
de Oliveira de Azemeis á Carregosa	9.269
á Farrapa	17.000

Da Torreira a Estarreja

Torreira (mar) ao Rio	1.025
ao cais da Bestida (ria)	2.825
á estrada para o Bunheiro.	4.546
á Praça de Pardelhas	5.795
ao lugar do Monte da Murtoza	7.005
á igreja de Veiros.	9.723
á Povia (casa do Morgado).	12.410
ao passo de nível	13.169
á Praça de Estarreja.	13.777

Aveiro a Sever do Vouga

(Estrada para Vizeu, terminus sobre o distrito)

De Aveiro ao Quartel	857
ao passo de nível	1.522
a Esgueira (cruzeiro, placa da U. V. P.)	2.300
á estrada para Taboira, alto da ladeira	3.172

de Aveiro a Cacia	7.133
de Aveiro á ponte de Angeja	8.047
de Aveiro á praça de Angeja	10.818
ao Sobreiro	16.000
de Aveiro a Albergaria-a-Velha (egreja . .	18.640
de Aveiro a Vale Maior	20.880
á ponte da Foz, limite dos concelhos de Albergaria e Sever.	28.343
ao caminho de Pecegueiro	33.496
de Aveiro á estrada para Sever	34.396
á estrada para as Talhadas	34.496
á estrada para Cedrim	35.936
de Aveiro ao limite dos distritos de Avei- ro e Vizen.	38.952
De Aveiro (cidade) á estação do caminho de ferro	1.202

Por escassez de tempo, foi-nos absolutamente impossível completar este trabalho sobre toda a rede das nossas estradas. Isso se fará nos anos futuros em que se hão-de rever e melhorar todos os esclarecimentos que aqui apresentamos acerca da nossa viação.

As distancias aqui indicadas são tiradas das medições officiais da Repartição de Obras Publicas e não podem ter erros superiores a 100 metros.

Pedimos contudo, a quantos se impenhem nesta obra de propaganda regionalista nos apontem durante o ano os seus reparos, para corrigirmos os nossos dados que tanta importancia teem para os ciclistas e automobilistas.

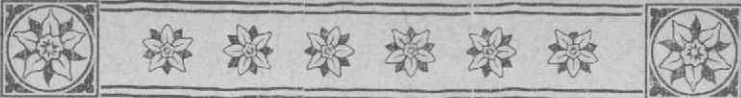
Armazem de sal e pescado

== DE ==

Francisco Ferreira da Maia

Praia das Tomazias (CANAL DE S. ROQUE)

AVEIRO



Teatro Aveirense

Cinematografo

aos domingos, terças, quintas-
feiras e sabados



Duas sessões com fitas ar-
tísticas, cómicas e naturais
fornecidas pelas casas «Vi-
tagraf», «Gaumund» e «Am-
brosio».



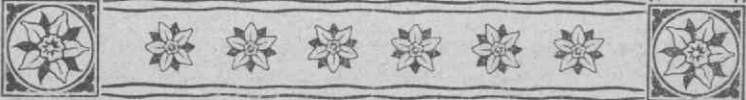
Todas as noites quatro estreias



Programas do «Chiado Terrasse»,
de Lisboa e Jardim Passos Ma-
nuel, do Porto, os melhores cine-
matografos portugueses.



A's quintas-feiras soirées da mo-
da com 50 p. c. de abatimento para
os acionistas e suas familias.



AS FLECHAS DO AMOR

(DE ANACREONTE)

Anacreonte, nasceu na Jônia, o paiz das violetas. As suas odes, respiram viço e alegria, como as flores da terra da Helada.

A sua vida foi toda consagrada aos prazeres. Rendeu culto a Baco e a Afrodite e com a sua cabeleira branca, cantou-se no meio dos risos dos festins e dos gracejos das mulheres, a alegria eterna dos amores felizes.

Cupido foi um florista e, descuidoso, nem sequer

reparou numa abelha atarefada, nervosa, vibrante, que bebia nectar no coração de uma rosa. Cupido foi picado num dêdo. Ouviu-se um grito e logo ele batendo as azas, todo lacrimoso e dolorido fugiu, voando para junto da bela Citera.

—Oh! minha Mãe! ai de mim! ai de mim, que eu morro, minha Mãe!

—Que te aconteceu, anjo dos meus amores?!

—Nem sei como explicar-te! Uma serpentesinha alada, a que os lavradores chamam abelha, morden-me num dêdo!

Venus sorriu-se.—Ah! meu filho, se o dardo da abelha te fez tanto mal, vê lá quanto devem sofrer aquelles que tu feres com as tuas flechas!

Padaria Macedo

Praça do Comercio

AVEIRO

ESTA casa tem á venda pão de primeira qualidade bem como pão espanhol, doce bijou, abiscoitado e para diabeticos. De tarde, as deliciosas padas. Mando aos domicilios a horas desejadas.

Completo sortimento de bolacha das principais fabricas da capital, massas alimenticias, arroz de diversas quaiddades, assucar, stearinas, vinhos finos, etc., etc. CAFE, especialidade da casa, a 720 e 600 réis o quilo.

Motocicletes

Bicicletes

Maquinas de costura

Maquinas de escrever

AUTOMOVEIS

GRANDE deposito de **MOTOCICLETES Wanderer**, **BICICLETES Woerner** e outras marcas, a começar em 21\$000 réis, com mala, chaves e bomba.

MAQUINAS FALANTES E DISCOS. Maquinas de costura e de escrever, da fabrica **WANDERER**. Todos os accessorios para as mesmas.

Officina de concertos e reparações rapidas e garantidas. Garage para reparações e pernoita de automoveis. Oleos e gazolina. Aluguer de Bicicletes, Motocicletes e Automoveis.

Grande deposito de calçado em todas as côres e qualidades. Alfaiataria, donde se executa toda a obra para homem, senhora e criança e os celebres rabões de Aveiro e sobretudos da moda.

Agentes dos automoveis "Charron," e "Darraq."

As **MOTOCICLETES Wanderer** foram as que tiveram o grande triunfo do circuito do Minho.

As **BICICLETES Woerner** tem sido premiadas em todas as exposições onde tem concorrido.

Podem ser procurados em todas as feiras de 15, em Santo Amaro, (R. do Calçado)

ABEL GUEDES DE PINHO & C.^a

Ovar

A Porcelana em Portugal

A Fabrica da Vista-Alegre

A fabrica da Vista Alegre, que ocupa uma extensa area, está situada no concelho de Ilhavo, num dos seus mais apraziveis logares. E' quasi uma vila, esse lugar, não só pelo seu grande agrupamento de casas, todas destinadas aos operários da fabrica, mas pelo numero dos seus habitantes.

Coisa curiosa: o concelho de Ilhavo, que ainda ha poucos anos pouca população possuia, tem hoje mais habitantes que a propria cidade de Aveiro, tal foi o movimento de progresso que nele se operou, assim como na Gafanha, que lhe está anexa.

Mas vamos á fabrica, que visitámos detidamente em todas as suas dependencias e officinas.

Para conhecimento de quem nos lêr, convem dizer que todas as materias primas gastas na fabrica da Vista Alegre são portuguezas. E' já um alivio para as condições economicas do paiz possuir uma tão grande industria, que tudo o que gasta é nosso.

Pena é que não seja mais protegida, pois tem a fazer-lhe uma enorme concorrência a industria congenere estrangeira, que hoje não apresenta melhores condições de fabrico.

Todo o kaolino com que se faz a louça de porcelana para meza, para adornos, para essas bugigangas que nos encantam e para os brinquedos de crianças, é tirado de S. Vicente das Pereiras, concelho de Ovar; o feldspato vem de Mangualde e a argila do Casal dos Ovos, proximo de Leiria.

Como se transforma o kaolino nas lindas e variadas especies de louça de porcelana

São curiosos os preparativos do kaolino, desde a sua entrada na fabrica. Não se calcula a porção de engenhos e mãos por que passa um prato. O kaolino é vasado em grandes tinas de água e peneirado, depois de um bom banho de tres a quatro dias. A parte

mais fina que sai da peneira é novamente submetida a demorado banho, passando ainda por outra peneira mais fina.

Esta massa é colocada em taboas compridas que mulheres conduzem para um vasto secadouro, onde está até endurecer, o que leva tres ou quatro dias. Depois desta operação é conduzido o kaolino para umas enormes mós movidas a vapor, que o reduzem a pó, passando a outras peneiras finissimas, depois do que é transformado em massa em uns curiosos aparelhos que o tornam maleavel para o trabalho a que se destina.

Assim preparado, é distribuido pelas inumeras oficinas e transformado em pratos, jarros, bacias, vasos, jarras para flôres, etc.

Cada especie tem os seus operarios proprios e oficinas tambem apropriadas.

Depois do kaolino em massa ter sido passado aos moldes de gesso, modelados em outra officina e convenientemente acondicionados em caixas próprias, feitas de barro, são estes levados ao forno, onde se apinham em altas linhas e recebem um calor intensissimo durante quatro dias, que é quanto dura a cozedura.

Arrefecido o forno, as enormes pilhas de caixas são dali retiradas, procedendo-se então á abertura das mesmas caixas e tirando-se delas as peças que cozerem, fazendo-se uma seleção rigorosa para a classificação das qualidades.

Toda a louça, depois de cosida, é passada pelo banho de vidro, voltando outra vez ao forno para que o esmalte pegue. Uma grande parte da louça e outros objêtos ficam apenas com este trabalho, mas a que tem de levar desenhos e ornamentos passa para a impressão, que é feita sobre as varias peças por meio de uma chapa de cobre aquecida a fogo fortissimo. Daqui vão para a officina de pintura, onde uns vinte artistas lhes dão os tons necessarios, voltando ao forno para que as tintas não desapareçam quando as vasilhas levarem qualquer liquido quente.

Só depois deste ultimo preparo é que as louças são embaladas e mandadas para todos os diversos pontos do paiz, colonias e Brazil, onde teem larguissa extração:

Os operarios da Vista Alegre convivem de uma maneira que devia ser seguida em outros centros fabris

A fabrica da Vista Alegre está prestando hoje serviços muito

apreciáveis. Em outros tempos, peça que se partisse, de um jogo de louça, não conseguia nunca substituir-se, ficando para sempre incompleto. Hoje não. Qualquer peça que falte é prontamente substituída naquela fabrica, ficando de maneira a não poder distinguir-se das peças restantes. Este serviço custa caro, porque tem de se fazer o mesmo trabalho de muitos para um só exemplar, mas é um alívio para as pessoas que tiverem incompletos os seus aparelhos.

A fabrica foi fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto, estando ainda hoje na posse da mesma familia tão conhecida em Lisboa e Porto, sendo superiormente administrada pelo sr. Teodoro Pinto Basto.

O pessoal operario e artistico computa-se em quatrocentas pessoas, entre as quaes umas sessenta mulheres. Todo o trabalho é pago de empreitada, havendo operarios que conseguem bons salarios.

O pessoal da fabrica da Vista Alegre não precisa abandonar o delicioso logar em que vive para ir em busca de distrações. Tem de tudo, ali mesmo.

Os que gostarem de passeios em barcos tem um braço da ria que passa ali e segue para Vagos e Soa, terminando no Bóco; os que se dedicarem á caça, egualmente tem muito perto extensas matas, onde ha peças em abundancia.

Alguns operarios formaram uma banda, que aos domingos delicia os seus companheiros no principal largo da Vista Alegre, e tambem não lhes falta um excelente teatro, em que varios amadores, pertencentes ao mesmo pessoal, exhibem os seus dotes dramaticos.

O pessoal da fabrica fórma uma especie de colonia, em que todos se estimam e respeitam, procurando simultaneamente entreter-se nas horas em que o trabalho os deixa livres.

Dão um excelente exemplo de vida, que podia ser seguido nos centros fabris mais numerosos, onde não ha a solidariedade tão necessaria a classes que vivem do mesmo trabalho.

A fabrica é visitada anualmente por milhares de pessoas, entre as quaes muitos estrangeiros, que louvam sinceramente os esforços empregados na produção da finissima louça, que tem adquirido tão justificada fama.

Couto Brandão.

Capela da Senhora de Penha da França

Na mesma povoação, do lado esquerdo da frente da fabrica, e formando quadrado, está a magestosa capela consagrada á Virgem de Penha da França, fundada pelo bispo de Miranda D. Manuel de Moura Manoel, ignorando-se o ano em que foi mandada edificar, parecendo, todavia, que seria já depois de ser bispo, no século 17. Tem bons azulejos no corpo principal da capela e excellentes pinturas a fresco no tecto.

O retabulo e altar da capela-mór são trabalhos primorosos em fino marmore de Italia. O trono é de talha dourada representando uma montanha. Na base uma gruta que representa o nascimento de Cristo. Na capela-mór, do lado direito, está o tumulo do bispo, em pedra. E' obra de grande valôr, devido ao cinzel de Claudio de Lã-plade. Sobre tres leões, de farta juba, assenta a urna funeraria, que encerra as cinzas do fundador. No centro da urna, levantado em alto relevo, está um escudo oval partido, com as armas dos Mouras Manoeis, tendo por timbre um chapéu episcopal. Sobre ela está a figura do bispo, meia deitada, e de vestes prelaticas, com a mão esquerda sobre o peito e a direita estendida, como que apontando para a figura do Tempo, em alto relevo, que está ao fundo sobraçando o pano mortuario que deve cobrir o sarcophago.

Em frente do mausoleu está gravada, em marmore, uma inscrição latina. E' o epitafio laudatorio do prelado, tendo a data de 1697, parecendo assim ter sido feita em sua vida.

Fronteiro a este tumulo está um outro, mais modesto, sendo obra do mesmo artista. Sobre uma urna funeraria está sentada uma figura de mulher, sustentando na mão esquerda um baixo relevo, representando uma cabeça de freira, como alusão á vida claustral que o bispo desejava que sua filha D. Theodora seguisse.

Ao lado, na parede, está uma grande lapide de marmore branco, tendo gravada uma inscripção latina, compreendendo 75 linhas.

Eis a rapidos traços os dois templos mais importantes da Vista Alegre—o templo de Deus e o templo da arte e da industria—fundados num local cujo nome lhe advem de estar recostada sobre uma colina, na margem da ria, que lhe banha os pés e em cujas cristalinas aguas se mira vaidosa, ufanando-se dos campos que em volta verdejam.

Ilhavo—Dezembro.

Manuel Ferreira da Cunha.

Automoveis

Motocicletas

Bicicletas

Relojoaria

Acessorios

Reparações



Oficina de concertos e pintura

bibRIA



Artigos da acreditada marca
MICHELIN



Pompilio Ratolla

Avenida Bento de Moura

✻ AVEIRO ✻

Officina de pintura

Modelação e moldação em gesso

= DE =

JOAQUIM FERREIRA BARRETO (O VIDINHA)

R. Domingos Carrancho, 17 e 17 A (Cinco Ruas)

✻ ✻ AVEIRO ✻ ✻

NESTA oficina executam-se todos os trabalhos de pintura com perfeição.

Pintura de taboletas para estabelecimentos, desde o mais simples ao mais complicado trabalho.

Pintura de letras e decoração sobre vidro, para o que o proprietário da oficina tem um preparado do seu invento que evita o conhecerem-se as pegadas do pincel através do vidro como vulgarmente acontece, ficando a pintura transparente como se fosse papel de seda colado. E' de um belo efeito.

Especialidade em pintura de bicicletas com tracejação tão perfeita como a que vem do estrangeiro.

Encarrega-se da pintura e estuque de casas para o que tem grande quantidade de modelos, podendo ainda fazer outros ao gosto do freguês, encarregando-se também dos desenhos.

Garante a perfeição dos seus trabalhos, a modicidade de preços e a rapida execução.

Recomenda-se a leitura da tabela de preços da pintura de **BICICLETES**, publicada no jornal "A Liberdade,,"



Crepúsculo

Os cânticos da tarde, os sálmos do Poente
Derramam pelo espaço um lânguido torpôr...
Mergulha o Sol no Oceano e a abelha diligente
Haure, no último sôrvo, o mel de flôr em flôr!...

Os campos, os vergéis suspiram vagamente
Melodías de paz disendo em seu rumôr!
E a Ria, a serpear, levada na corrente,
Endêchas vai cantando ao Mar o seu amôr!

E o Mar—êsse gigante azul, côr de safira—
Em doida fúria esmaga o dôrso contra o práia,
A' lei do Eterno querendo impôr a sua ira!...
Fenêce o horizonte... O dia já desmaia...

Todo o Universo entoa um ritmo divino!
Convida o Campanário, ao longe, á Oração...
Da alma da Cristandade, harmonioso, um hino
Se desprende inocente e espalha na Amplidão!

No bosque, a toutinegra a saltitar anciosa
Seu ninho busca já por entre mil descantes,
E Venus, lá do Olimpo, a faíscar radiosa
Ondas de luz dardeja etéreas, cintilantes!

Da avêna ecôa o som do pastor solitário
Tocando p'ra o redil as mansas ovelhinhas;
Cansado o lavrador repouisa do fadário
Indo levar, contente, o pão ás creancinhas!

E' prestes a dormir a Naturêza inteira.
Susurra a viração trasida além do sul,
E, entretanto, a Lua—a branca feiticeira—
Róla argêntea nos Ceus por sobre um veu de tul,

Beijando, carinhosa, a linda Pátria—Aveiro—
Que a Ría de cristal reflête alegre, amena,
E a sorrir a seus pés, num extasis faguêiro
Oscula a suspirar tão meiga e tão serena!...

ANDRÉ DOS REIS.



Antiga confeitaria

= DE =

MARIA DA ENCARNAÇÃO MOURÃO
(SUCESSORA)

Rua da Costeira
AVEIRO

Tem sempre á venda os finis-
simos OVOS MOLLES e MEXI-
LHÃO. Para as mesmas ha uma
larga coleção de lindas barricas
proprias para brinde, tanto em
madeira como em folha estam-
pada com lindas vistas da cida-
de. Alem destes ha um variado
sortido de dôce de ovos, pro-
prios para sobremesa, bem como
completos serviços de chá, vi-
nhos finos, cervejas, etc., etc.

Não esquecer as enguias as-
sadas á pescador.

Impressions d'un visiteur français à Aveiro et à sa Barre

— 17 novembre 1912.

— «Aveiro, la Venise portugaise!»—Ces mots, que j'avais parfois entendus, m'avaient inspiré un vif désir de voir le port lusitanien qu'on disait rappeler par certains côtés la reine de l'Adriatique, la fameuse capitale des anciens Doges, que je connais bien. J'ai satisfait enfin ma curiosité; et je m'empresse de le déclarer, j'ai été ravi—chose rare—au lieu d'être désillusionné par ma visite.

En vérité, Aveiro réunit des conditions naturelles meilleures, peut-être, que Venise. S'il lui manque le Palais Ducal, les somptueuses résidences du Grand Canal, ces chefs-d'œuvre d'architecture originale, peuplés de merveilles artistiques et de romantiques légendes, il a des canaux plus larges, aux eaux plus limpides. La brise de l'Océan est plus fraîche et plus pure que celle d'un recoin de la Méditerranée. Il règne, à Aveiro, quelque chose de vigoureux, de jeune et de sain que l'on ne rencontre pas au pont du Rialto, ni au pont des Soupirs, ni même au Lido. Ici, les rives gentiment découpées de nombreux canaux—de Mira, de San Jacintho, d'Espinheiro, da Cidade—si elles ne réfléchissent pas dans l'onde les silhouettes orgueilleuses de principales demeures, laissent du moins respirer le bien-être, la force, la joie de vivre; le sel généreux qu'on y recueille circule aussi dans le sang; au bout de la jetée qui mène à la mer, l'âme, s'épanouit et s'élève par le spectacle d'horizons majestueux et infinis.

J'ai goûté un plaisir intime à parcourir cette honnête et calme cité, voisine de verdoyantes campagnes, pittoresquement assise au bord de ses canaux qui donnent asile à de vaillantes embarcations voilières dont la fragilité apparente a osé braver les longues traversées et affronter les parages redoutés de Terre-Neuve, tombeau de tant de puissants navires, de tant de paquebots-géants, de tant de villes-flottantes qui semblaient insubmersibles! Le pêcheur aveirois, robuste et stoïque, confiant dans son bateau léger, va devant lui, loin, bien loin, jusqu'à la rencontre

de ce qu'il cherche, là-bas, malgré vents et marées; et il revient ensuite, chargé de son butin, content d'alimenter ainsi, au péril de ses jours, le florissant commerce de sa ville natale, et de pourvoir à l'existence de sa famille. Les braves gens! Voilà une noble et sympathique population, simple et tranquille, vivant par le courage et le devoir. Comment ne pas l'estimer et ne pas l'aimer?

J'ai voyagé dans bien des contrées: en France, en Angleterre, en Allemagne, en Italie, en Espagne, où m'ont appelé souvent les intérêts de ma patrie, plus encore que mes intérêts personnels. J'ai vu bien des paysages, bien des cités, bien des races, des costumes et des types divers. J'avoue sincèrement que nulle part je n'ai éprouvé plus de satisfaction qu'à Aveiro et dans sa rade si belle. Je ne me sus pas promené sur des plages plus séduisantes que celle de Costa Nova, modeste par ses villas champêtres, mais splendide par le panorama qu'on y contemple, par la poésie dont on s'y pénètre, par les colorations bleues de son ciel, reflétées dans le miroir mobile et argenté de la ria, que sillonnent les nacelles blanches dont les voiles semblent des ailes, sous les envolées et les rondes féeriques de mouettes sans nombre ayant choisi la Barre d'Aveiro comme séjour de prédilection.

Sans doute, le charme des amitiés que je suis heureux de posséder dans cette ville si hospitalière, parmi des personnes dont la distinction n'a d'égale que la modestie, peut contribuer à l'embellir à mes yeux. Mais il y a un irrésistible attrait, pour le visiteur étranger, dans l'aspect de ces lagunes, de ces vieux ponts décoratifs et de ces arcades, de ces jolies chaussées bien propres, où passent agréablement, avec une allure décidée et un pas souple, dans leurs châles multicolores et leurs élégants petits sabots, les gracieuses *Tricamas*, à la taille svelte, au visage souriant, au front candide, qui ont une juste réputation de beauté et de vertu.

Hélas! Tant d'avantages offerts par la Nature à une terre et à une population si dignes d'intérêt, sont en partie stérilisés et perdus par le manque des conditions essentielles au développement du travail, de la production, de la richesse, tant pour le sol que pour le sous-sol, pour les exploitations agricoles, que pour les entreprises industrielles et minières. Pourquoi si peu d'encouragement, d'émulation, d'initiative? On s'étonne qu'il n'y ait pas de plus complètes installations dans un si vaste port, si bien situé géographiquement, et l'un des mieux abrités qui existent. On

se demande comment on n'a pas déjà construit une ligne de tramways à voyageurs et à marchandises, joignant la gare d'Aveiro d'abord à la Ville, puis à la Barre, donnant au port une recrudescence d'activité, établissant des communications faciles et commodés entre beaucoup de villages qui n'aspirent qu'à prospérer et à grandir. Les terrains étendus, encore en friche mais fertiles, pour la plupart, de la Gafanha, paraissent solliciter la main du cultivateur. On pressent, sur ces rivages privilégiés par le climat, la prochaine éclosion d'une civilisation heureuse et brillante. De féconds capitaux feront d'Aveiro un des ports très fréquentés d'Occident—j'en émets volontiers l'augure.

Les Portugais et, en particulier, les habitants de la zone maritime d'Aveiro, ont été gâtés par les trésors que leur a prodigués leur ciel si élément, leur océan si enchanteur, leur végétation si luxuriante où toutes les essences de plantes du globe, celles du septentrion comme celles des tropiques, croissent fraternellement et fleurissent dans un harmonieux voisinage. Ces fiers riverains de l'Atlantique se sont oubliés souvent à rêver sur leurs plages; ils ont été les amants de la Mer, qui leur a rendu leur tendresse, et les a attirés à elle, les a bercés sur sa gorge ondoillante et lascive, et a porté leurs glorieuses caravelles jusque vers ses bords les plus lointains, à la découverte et la conquête de tout un monde! . . .

Certes, il est doux de dormir, au bruit caressant des flots, en évoquant de pareils souvenirs, noyés dans la magique lueur des songes d'autrefois. Mais l'heure du réveil est venue. La meilleure manière de rendre un culte aux grandeurs du passé, c'est de préparer celles de l'avenir.

A l'œuvre donc! Il passe un souffle de rénovation avec la jeune République. Et je crois être bon prophète, sous l'influence des impressions, des renseignements et des projets que m'a procurés ma visite, en prédisant un accroissement et des progrès aussi rapides que mérités à Aveiro, à son port, et à la délicieuse région qui l'entoure.

Léo Biron de Villers.

Rui da Cunha e Costa

SOLICITADOR ENCARTADO

(Representante do dr. Cunha e Costa)

ESCRITORIO—R. MANUEL FIRMINO, N.º 5—Aveiro



Confeitaria e mercearia

=DE=

Maria da Apresentação Peixinho

5, Rua da Costeira, 7—A

AVEIRO

Tem sempre a maior variedade em doces tanto secos, como finos e para sobre-mesa. OVOS MOLES, MEXILHÃO e PEIXE DE ESCABECHE.

Bolachas nacionaes e estrangeiras e todos os generos proprios de mercearia fina.



Episodio romantico

Miss Dondly

(DE URBANO RODRIGUES)

Urbano Rodrigues é um dos poucos jornalistas que fazem literatura, o seu espirito vivo e interessante, cheio de juventude e de alegria, revela-se neste episodio flagrantemente verdadeiro, levemente malicioso em que a realidade desfaz ingenuas ilusões, ao fim de uma noite passada sobre o mar na elegante cabine de um transatlantico, cheio de civilisação...

Madeira, 12.

Meu caro:

.....
A docil e fulva miss Dondly, lavada e fresca, como as mulheres da sua raça, não tinha olhos azues, e era, com o seu sangue cruzado de escocеза, como que lasciva e provocante nos movimentos e modos.

Vestida sem nenhuma pretensão, eram elegantes os fatos que usava e nada tinham dos desleixos irritantes dessas excursionistas, que se encontram sempre, com formas rigidas de macho, kodak e oculo a tiracolo, colecionadoras de insectos e muito sa-

bidadas nas leis e teorías dos srs. Archimedes e La Place. Tinha um ar de agrado e dulcedão na voz a ponto de fazer que a sua lingua não se resumisse a monosílabos de *groom*.

Trabalhara em circos e teatros, cantara coplas em cafés, fôra eximia equilibrista e arrojada domadora de leões.

Levava bilhete para o cabo, lá para um rico e velho mineiro de *Cap-Town* que a possuira cinco anos antes num circo de Liverpool, com o custo de dois cheques de mil libras a sua prima, e o presente generoso e delicado dum cavalo de corridas. Ela mesma m'o contou, naturalmente, com um riso resignado de aborrecimento para o velhote tropego e baboso que vae ser o seu senhor.

Fala muito comigo, miss Dondly. Talvez por gratidão de não a cortejar e aborrecer como todos os outros homens que vão a bordo. E' que nós entendemo-nos bem. Gostamos um do outro e de o sabermos, fazemos por não gostar. Tenho para ela delicadezas que a espantam; falo-lhe com tais temores e recatos que me acho depois *gauche*, idiota, quando caio em mim. Custa-me a crer que uma creatura complicada e original como esta, seja simplesmente uma perdida ou uma estrela de circo. E por mais que o saiba e ela m'o diga, sabendo

ou não que me tortura, por mais que lhe conheça o feitio ardente e romanesco, de irrequieções e abatimentos adoráveis,—não posso julgar-a como é, ando a iludir-me fazendo-a melhor, para lhe querer mais e não ter vergonha de mim mesmo.

Ela encontra-me novo para si e agrada-se porque não sou capaz de lhe dizer banalidades.

No alto mar . . .

O *Aragon* vai galgando milhas e nada mais se ouve que os resfolegos brutos da máquina e as pancadas ôcas, espadantes, das ondas que se desfazem no costado. Mar azul interminável, céu infinito e iluminado, tudo se confunde longe, onde a vista cança. A noite é mole, abafada, equatorial.

Nós os dois ficamos na tolda a baloiçarmo-nos em cadeiras de lona, preguiçosos, jogando de mansinho palavras cançadas, dum para o outro.

Chegamos as cadeiras para ficarmos juntos, e, com as caras mãos perto, conversamos, falamos que falamos, meio adormecidos, todos quebrados da suavidade da noite quieta . . .

Não sei nada do que lhe disse, mas lembro-me que ela me respondia e que me pareciam ca-

ricias as palavras secas da sua lingua.

Era muito tarde . . .

O céu tinha o tom duma solução pobre de anil, e enchera-se de carreiras de luzinhas tremulas que nos prendiam os olhos, emparvecidos de os encontrarmos tantas vezes. Fixei uma estrela, a mais linda, e como naquele conto delicioso do Daudet pareceu-me num momento que ela vinha descendo magestosamente para cair sobre mim e beijar-me devagarinho, roçando pelos meus lábios a cabeleira fulva e adormecendo sobre o meu hombro.

Lourenço Marques.

Querido amigo:

Tenho-te falado nas minhas cartas de miss Dondly-quasi exclusivamente, e é justo que te conte agora o mais que houve e como deixamos cada um de nós seguir o seu destino; eu com menos uma ilusão e mais um molho de cabelos louros—ela com as minhas dezoito libras na carteira e a vaidade de ter vencido mais um tolo. E' horrível!

Eu tinha-te dito ao acaso que ela, no seu aspéto de pureza deixava perceber, num extranho contraste, um traço de provocação e languidez. Devia por aí ter começado.

Aquelas noites de idílio na tolda em que vivíamos os contos

poeticos de Daudet não podiam ter um fim mais logico, mais natural, e contudo não o esperava. Miss Dondly, que eu amava com idealismos que não calcula, que respeitava com uma estupidéz que não imaginas, fez-se minha amante. Ela! Foi ela que me seduziu brutalmente, miseravelmente.

E has-de saber como. Abraçando-me e pegando a sua boca á minha, de surpresa, quando passava no corredor para a minha cabine a sonhar com ela acordado, a poetisal-a . . .

Tu sabes lá! Enleou-se a mim

como uma serpente, chamuscou-me de fúrias e tentações, e (Santo Deus!) mórdisco-me no pescoco rosnoou baixinho no seu reverso hespanhol comercial: *chiquito! me muerro, hijo mio!*

Ao outro dia, quando o sol avermelhava a vigia do *beliche*, saía ela, deixando-me nos labios um molhinho de cabelos e tomando de sobre a mesa as minhas dezoito moedas de ouro! A Miss Dondly! . . .

Urbano Rodrigues.

Ricardo Pereira Campos

Praça do Commercio

AVEIRO

Generos alimentencios de primeira qualidade. Variado sortido em artigos de mercearia e confeitaria. Depósito de conservas alimenticias, assucar, chocolate, stearina, chá e café (especialidade). Bolachas e biscoitos. Vinhos engarrafados, tanto portuguezes como estrangeiros. Cognacs, licores, genebras e cervejas. Fructas em caixas e a granel. Fantacias em chocolate e bombons. Pastilhas, drops e rebuçados. Salame, presuntos, queijos e manteiga. Objectos de novidade para brindes, e muitos outros artigos.

PREÇOS MODICOS

SERIEDADE NAS TRANSAÇÕES

MERCEARIA

CONFEITARIA

PAPELARIA

CONSERVARIA

As mais importantes culturas do paiz

—DE—

VIDEIRAS AMERICANAS

Enxertos * Barbados * Estacas

Escolha esmerpudosa * Variedades autenticas * Etiquetagem exata

BARBADOS

Apropriados para todos os terrenos :

Ferteis ou pobres, arenosos e soltos ou compactos e argilosos, sécos ou humidos, áridos ou excessivamente calcários, cretácios, planos ou de encosta, etc.

As unicas variedades hoje de reconhecida utilidade pratica são :

Ramon—*Rupestis Ganzi*, n.º 1. *Aradon*—*Rupestis Ganzi*, n.º 2. *Riparia*—*Rupestis de Millardet*, n.º 101. *Riparia*—*Rupestis de Coulere*, n.º 3:306. *Riparia*—*Rupestis de Coulere*, n.º 3:309. *Berlandiere*—*Riparia*, n.º 420-A. *Chas-sela*—*Berlandiere*, n.º 11-B. *Monardre*—*Rupestis*, n.º 1202. *Rupestis do Lot ou Monticula*. *Riparia Gloire de Montepillier*. *Riparia Grande Glabra*. *Gamay Coulere*.

ENXERTOS

Sobre pés americanos rigorosamente seleccionados com as variedades das nossas mais célebres regiões vinhateiras, para a fabricação de vinhos finos e comuns.

Variada e distinta colecção de uvas finas para mesa e fabricação de passa das mais formosas e raras, para conserva e exportação, de maturação temporã e tardia, de luxo e forte exquisto, incluindo as mais reputadas variedades nacionais e estrangeiras.

O catalogo com preços será enviado gratis a quem o requisitar a

Mario da Cunha Mota

AVELÂS DE CIMA—Anadia

ESPINHO

Espinho é uma afamada estância balnear-praia moderna, muito frequentada de nacionais e estrangeiros. Pela sua topografia e excelentes condições higienicas, Espinho conquistou renome e destaque entre as congeneres estancias do paiz. E' a contar do norte, a primeira duna apraiada numa larga e suave extensão.

Povoação nova, num recôrte gracioso e methodico de espaçosas avenidas e rasgados arruamentos, tem já o indispensavel conforto para as exigencias da vida moderna—bons hotéis, iluminação electrica, cafés elegantes, predios amplos e multiplos estabelecimentos comerciais de variados ramos de negocio. E' uma cidade pequena, com vida propria e hábitos típicos de povoação urbana.

Servido pela linha do norte da Companhia Portuguesa, Espinho está em ligação directa com o Porto, por comboios quasi de hora a hora. Esse percurso realisa-se com toda a comodidade em menos de sessenta minutos. A linha do Vale do Vouga, ainda em construção, segue daqui para Albergaria-a-Velha, devendo prolongar-se até Vizeu e tendo daquêla vila um ramal estabelecido para Aveiro. Esta parte de linha construida permite ao *turiste*, no mesmo dia, realizar um passeio agradável, de paizagem variada e com extrema facilidade de transito.

Alem disto, os arredores de Espinho, servidos por estradas regulares, proporcionam digressões e visitas interessantes. Fica-lhe perto Grijó (a seis quilometros) com o seu mosteiro historico, grandiosa obra de arte, e a Granja, a menos de cinco quilometros, que é uma aprasivel estancia de aspecto agreste e ares fidalgos de vilas ricas.

Invasões de mar destruíram por completo a parte mais antiga da povoação. Hoje, graças a um plano de defesa em laboração, o mar conserva-se a distancia respeitosa dos predios, e renasce a esperança no restabelecimento duma praia nas mais invejáveis condições.

Apesar desta contrariedade, Espinho tem ido sempre em progresso notavel. Com menos de um seculo de existencia, de pequena e humilde povoação de pescadores, tornou-se um nucleo popular, com cerca de sete mil habitantes (população fixa).

E' um concelho de pequena area, mas que goza de prosperidade economica bem reconhecida.

A industria nativa da pesca de arrasto e a de conservas de peixe e de generos alimenticios dão extraordinaria importancia á sua vida economica.

A pesca occupa uma classe numerosa de trabalhadores; a industria de conservas possui aqui um centro fabril de primeira ordem—a fabrica de Brandão, Gomes & C.^{ta} com nome consagrado em todo o mundo, graças ás peregrinas qualidades da saborosa sardinha de Espinho.

Espinho vai na aura do progresso e da civilisação. Terra por excelencia democratica tem os atrativos e os dotes naturais para, em futuro proximo, a tornar um centro de importancia superior entre as mais modernisadas vilas de Portugal e, uma aprazivel estancia de recreio e de turismo a rivalisar com as grandes praias estrangeiras.

ALFAIATARIA

= DE =

José Pinheiro & Marques

Rua de José Estevam, 28-C—AVEIRO



Nesta alfaiataria executam-se todos os trabalhos concernentes á sua arte por preços muito comodos.

Viuva Jeronimo Baptista Coelho & Filhos

R. do Gaes, 13, 13-A, 13-B

✻ AVEIRO ✻

CORRESPONDENTES DOS SEGUINTES
BANCOS, CASAS COMERCIAIS E COMPA-
NHIAS DE SEGUROS :

Banco do Minho	Braga
Banco Commercial do Porto	Porto
Crédit Franco-Portugais	»
J. M. Fernandes Guimarães & C. ^a	»
Joaquim Pinto Leite Filho, & C. ^a	»
José Augusto Dias, Filho & C. ^a	»
Banco Commercial de Lisboa.	Lisboa
Banco Nacional Ultramarino.	»
Banco Lisboa e Açores	»
Crédit Franco-Portugais	»
José Henriques Totta & C. ^a	»
C. ^a de Seguros Confiança Portuense	Porto
Companhia de Seguros Fidelidade . .	Lisboa

Deposito de farinhas de trigo,
cereais e carvão

COMISSÕES

CONSIGNAÇÕES



BATISTA MOREIRA

72-A, Rua Direita, 72-B

AVEIRO



Grande variedade de artigos de mercearia

Papelaria, miudezas, tabacaria, filatelia, artigos fotograficos, artigos para caça, papeis de forrar e vitragens, **maquinas falantes e discos**, instrumentos de corda, harmonicos, artigos de electricidade, azulejos e mosaicos.

Editor de bilhetes postais illustrados. Grande sortido dos mesmos, etc., etc.

Postais a 5 reis.

Discos a 260 reis.

biblioteca
Fabrica de Louça dos Santos Martires

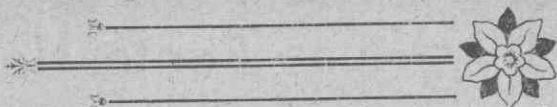
— DE —

João Alleluia & C.^a

AVEIRO



ENORME SORTIDO DE LOUÇAS DE USO COMUM, GRANDE VARIEDADE DE LOUÇAS DE FANTASIA EM DIVERSOS ESTILOS, AZULEJOS LISOS E EM ALTO RELEVO, PARA FRONTEIRAS, E COM PAISAGENS PARA ORNAMENTAÇÃO DE SALAS, ETC.



Saudades

Podesse o meu olhar num olhar seu
Matar esta saudade que me mata,
Mas, triste coração, andas em cata
Dum sonho que num sonho se volveu!

Embora exista ainda vaga, inata
A esperança dum bem que se perdeu,
E' como ter esperança só no céu
Quando vivendo a vida nos maltrata.

Que importa alimentar uma quimera
Se ela hade estiolar-se como as rosas
Aquem faltou o Sol da Primavera!...

E, se meu Sol és Tu, em te não vendo,
Sempre serão miragens enganosas
Aquelas que em saudades vou tecendo!...

SAMUEL MAIA.

Aguas Fonte Nova

— DE —

VERIM

Excelente agua de mesa. Resultados garantidos para beriga, rins, figado, estomago, etc. O seu valor é confirmado por numerosos atestados.

A' venda nas principais terras do paiz.

DEPOSITOS :
bibRIA

PORTO—R. de Santa Catarina, 32-1.^o

LISBOA— Rua da Prata, 231.

AVEIRO—Bernardo de Sousa Torres.

Calicida Franco

(O MELHOR PARA EXTRAIR OS CALOS)

Deposito em Lisboa :

229—Rua da Prata—231

O. de Azemeis

O concelho de Oliveira de Azemeis é, incontestavelmente, um dos mais ricos e mais pitorescos do distrito de Aveiro.

A vila que serve de cabeça deste concelho, é ridente, guarnecida de belos edificios e dotada de apreciaveis melhoramentos, devidos uns á generosidade de cidadãos benemeritos e outros á união e esforços dos oliveirenses.

Entre esses melhoramentos, contam-se dois, muito notaveis: — o abastecimento de agua e o parque de La Salete.

Abastecimento de agua

O abastecimento de agua potavel foi feito á custa do conde de S. Tiago de Lobão e do falecido conselheiro Boaventura Rodrigues de Sousa, aproveitando um excelente manancial, após a respectiva analyse feita pelo illustre quimico e insigne homem de sciencia, o professor da Universidade do Porto, dr. Ferreira da Silva, natural de Oliveira de Azemeis. Pela vila estão espalhados marcos fontenários, que servem tambem de bocas de incendio.

O parque de La Salete

O parque de La Salete é de rara belesa e pode considerar-se hoje um dos sitios mais pitorescos de Portugal.

Traçado sobre colinas, é cortado por inumeras ruas, separadas por arrelvados. No cimo do oiteiro fica um espaçoso lago, atravessado por uma linda ponte rustica, caindo a agua do alto de uma formosa gruta, que serve ao mesmo tempo, de miradoiro.

De toda a parte afluem constantemente pessoas anciosas de gosar os encantos do parque e de observar o admiravel panorama que dali se disfruta e que dum lado se estende até ao mar e dos outros vae até ás serras de Aronca, numa admiravel exuberancia de vegetação.

O parque foi delineado pelo saudoso director dos jardins municipais do Porto, Jeronimo Monteiro da Costa, e a sua construção,

que tem absorvido uns 12 contos de reis, deve-se á iniciativa e ar-rojo da benemerita Comissão Patriótica Oliveirense, composta de oliveirenses, amantes da sua terra e tendo á sua frente o capitalista Domingos Costa, um oliveirense de rara tenacidade, que tem dedicado a esse grande melhoramento o melhor da sua atividade, bem como Bento Carqueja que á sua terra natal, vota também entranhado amor.

Edifícios

Entre os edificios notaveis da vila de Oliveira de Azemeis destacam-se os paços do concelho, onde estão diversas repartições publicas, sendo lamentavel que aí esteja também a cadeia civil.

No atrio vê-se um interessante marco miliario da via militar romana, de Gaia a Coimbra, encontrado na freguezia de Ul,

Em frente dos paços do concelho fica um belo *square*, com pavimento de mosaico, candieiros e bancos eguaes aos das principais praças de Lisboa e Porto, tendo sido este melhoramento realisado pelo benemerito conde de S. Tiago de Lobão.

A igreja matriz é ampla e de formas elegantes, tendo sido restaurada em meados do seculo passado, por esforços do par do reino José da Costa Pinto Basto, grande amigo de Oliveira de Azemeis. No retabulo do altar-mór ha um quadro do pintor Marques de Oliveira, professor da Academia de Belas Artes do Porto, e no batisterio, um *Batismo de Cristo*, do pintor José de Brito, também professor na mesma Academia. No coro avulta um órgão, bela dadiva do capitalista Miguel Joaquim Gomes Pinto, da cidade do Porto, e numa das torres um magnifico relógio e respectivos sinos, dadiva do capitalista Antonio Alfredo Vaz Cerquinho, portuense residente em S. Paulo. Um edificio digno de visita é o Hospital da Misericórdia, fundado pelos benemeritos Antonio José da Silva Vilar e Manoel José Ferreira Alegria, que encontraram em Caetano da Costa Seabra um continuador e impulsionador da sua obra generosa. O hospital está situado em local airoso e o edificio reune apreciaveis condições higienicas, tendo uma sala de operações com bastante material cirurgico.

Para o culto dispõe a Misericórdia de belas alfaías, entre as quais uma esplendida cruz procissional de bronze, trabalho do grande escultor Teixeira Lopes e dadiva, assim como uma outra cruz procissional e duas lanternas de prata, dos benemeritos esposos, D. Tereza Gomes Pinto e Miguel Joaquim Gomes Pinto, do Porto.

Instituições de Beneficencia

O concelho de Oliveira de Azemeis é dotado com prestantes instituições de beneficencia.

Além do hospital da Misericordia, a que acima nos referimos, devemos mencionar os seguintes:

Asilo da Infancia Desvalida

Foi fundado, em 1856, por Antonio Pinto de Carvalho e sua esposa D. Rosa de Jesus Carvalho, que o dotaram convenientemente. Ultimamente foi transferido para novo e amplo edificio, construido com o concurso de grande numero de benemeritos, entre os quaes sobressaem o capitalista portuense Manoel de Miranda Castro, cuja familia continuou a favorecer o Asilo, depois da morte do prestante cidadão.

Asilo da Gandarinha

Fundado, em 1876, pelos benemeritos condes de Penha Longa, numa parte do seu solar da Gandarinha, freguezia de Couto de Cucujães; dá instrução, agasalho e alimentação, durante o dia, a grande numero de creancinhas.

Junto do Asilo ha um dispensario, onde os pobres acham assistencia medica, bi-semanalmente, medicamentos e tratamento diario.

Hospicio para advogados

Está ainda em construção na freguezia de Carregosa, um hospicio destinado a advogados que caiam em decadencia, fundado por determinação testamentaria de D. Eduarda de Sousa Vasques.

Instituto Araujo e Silva

O comerciante portuense Antero Ferreira de Araujo e Silva fundou, no predio onde esteve estabelecida a farmacia de seu pae, um instituto destinado a dar aos domingos uma refeição a pobres que recebem tambem annualmente um fato com letão.

Bombeiros Voluntarios

Tem Oliveira de Azemeis uma corporação de Bombeiros Voluntarios, com excelente material de incendios.

Iluminação Publica

A vila tem iluminação publica, tendo sido os respectivos candieiros doados pelo benemerito oliveirense, Antonio José Ferreira Alegria.

Teatros

Existe um teatro, muito aceitavel para terra de provincia, construido em 1855 e depois sucessivamente melhorado.

Por iniciativa de alguns membros da familia Alegria, está sendo construido um outro teatro, apropriado para espetaculos cinematograficos.

Santuario de Carregosa

Entre as edificações mais dignas de nota no concelho sobressae o Santuario de Carregosa, consagrado á Virgem de Lourdes e edificado pelo bispo conde de Coimbra, D. Manuel Correia de Bastos Pina e por seu irmão o D. Prior de Cedofeita, Conselheiro Antonio Maria Correia de Bastos Pina.

Alem do templo, ha grutas, fontes com abundancia de agua, um lago, etc., constituindo tudo um conjunto do mais belo effeito.

Comercio e Industria

O Concelho de Oliveira de Azemeis é muito comercial e industrial, devendo levar-lhe grande engrandecimento economico o caminho de ferro do Vale do Vouga, quando seja devidamente explorado.

O seu commercio faz-se principalmente com o Porto.

A industria é representada por fabricas de chapéus, em S. João da Madeira; pela Fabrica de Papel do Caima, de iniciativa do *Comercio do Porto*, na freguesia de Palmaz; de vidros na propria vila, no Covo e em Bustelo. A fabrica de vidros do Covo é a mais antiga de Portugal. Na freguesia de S. Tiago ha uma fabrica de cor-tumes.

Alem disto, ha numerosas industrias domesticas, entre as quais sobressae a de louça de barro, em Ossela; e a de lacticinios.

Sob o ponto de vista agricola, o concelho é rico. Para a adoção das modernas praticas agricolas, muito contribuiu a missão que

ali realison a Escola Movel Agricola fundada pelo benemerito Conde de Sucena.

Feiras

As feiras que se realisam no concelho de Oliveira de Azemeis, constituem importantes centros de negocios.

Na vila de Oliveira, S. João da Madeira, e em Cezar ha feiras todos os domingos. No dia 11 ha uma feira de gado na vila; no dia 6 ha uma feira na Almieira, freguezia de Loureiro, e a dos 18 em Cesar, e 27 em Nogueira do Cravo.

Os negociantes e industriais oliveirenses frequentam muito as feiras de Santo Amaro, a 15 e 30 de cada mez, no concelho de Estarreja, e a dos 9 no concelho de Cambra.

Festas

Ha no concelho numerosas romarias, que atraem muito povo.

A principal de todas é a da Virgem de La Saleta, junto á vila, na capela que se ergue sobranceira ao magnifico parque, a que acima se faz referencia. Gente de muito longe vae assistir a essa festa, que dura três dias e que se realisa no primeiro domingo de agosto e no sabado anterior e segunda-feira immediata.

Outra festa muito concorrida é a da Virgem de Lourdes, no santuario desta invocação, em Carregosa. A ella acodem tambem pessoas de muito longe.

População

A população do concelho é de 33.396 almas, segundo o censo de novembro de 1911. A da vila é de 3163, sendo 1696 varões e 1767 femeas.

A consideravel emigração para o Brazil contribue para que a população não aumente tanto quanto a actividade economica do concelho permite, e para que se observe notavel escassez de braços, especialmente para os trabalhos agricolas.

Passeios

Os passeios que se proporcionam a quem visita o concelho de Oliveira de Azemeis são lindissimos e variados, dispondo de boas estradas em todas as direcções.

Um passeio a Carregosa é encantador, permitindo vêr o sítio de Pedra Má e o Santuário da Virgem de Lourdes.

Ao Caima o passeio não é menos belo, ao longo do vale de Macinhata da Seixa e depois pelo monte abaixo até ao pitoresco rio, em cuja margem fica a Fabrica de Papel do Caima, instalada com os mais modernos maquinismos adotados na industria do papel.

O passeio ao Couto de Cucujães permite desfrutar panoramas esplendidos e a S. João da Madeira não é menos sedutor, facultando a visita ás fabricas de chapéus e ás mihas de arsenio lo Pintor, exploradas por uma empresa ingleza.

Tambem é lindo um passeio ao Pinheiro da Bemposta, pela estrada nacional do Porto a Lisboa. O nome de Bemposta denomi-na bem quanto é bela a posição da respectiva localidade.

Meios de transporte

Alem do caminho de ferro do Vale do Vouga, que parte de Espinho e de Aveiro, ha diligencias regulares para Estarreja e Cambrá e funciona um automovel entre Oliveira e Arouca.

Na vila de Oliveira, como em outras freguezias do concelho, ha alquilarias onde se encontram bons trens, por preços rasoaveis,

Funcionarios

Juiz:—José Bâtista Pereira Zagalo.

Delegado:—Heitor da Cunha Oliveira Martins.

Contador:—Eduardo Augusto da Fonseca.

Escrivães:—1.º Antonio José Carneiro Guimarães. 2.º Joaquim B. Pereira Gandre. 3.º Eduardo R. Cunha. 4.º Antonio de Melo. 5.º Francisco Ferreira Andrade. 6.º Manoel Antonio Barbosa.

Administrador:—Fernão de Lencastre.

Secretario:—José Lima Pires.

Amanuense:—Miguel Castro.

Secretario da Camara:—Joaquim Nunes da Silva.

VIAJAR

... É moda, agora, viajar no estrangeiro e de certo as viagens, quando precedidas duma preparação prévia, são fecundos elementos de educação.

Viajam muito os povos progressivos; porém, aqueles que mais o são, quando se resolvem a sair do seu paiz para visitar outros ceos e outros climas, já conhecem a estrutura da sua terra, a fisionomia dos seus rios e das suas montanhas, a alma das suas cidades, o espólio artístico e literario do seu paiz.

Nos, não. Ha por aí tanto português que conhece Hyd Parles e o Bois de Bonlogne, os Avenidas das Tílias e os Campos Elisios, Versailles e a Castelhana, a Plaza dela Signoria e os Corsos e nunca viu as Capelas Imperfeitas, nem o Claustro do Silencio, nem a maravilha da Janela do Capitulo, nem a série dos quadros do Gão Vasco em Vizeu; que nunca passou por esses ninhos de sonho e de sombra que se chamam Cintra e o Bom Jesus; que não subiu, para avistar «algo de nuevo» aos incomparaveis miradoiros de Santa Luzia, em Viana, ou da Arrabida; que nem sequer—nem sequer!—se perdeu por essa floresta sagrada, unica no mundo, que é o religioso Bussaco, onde o passiante extasiado julga a cada passo topar um São Francisco de Assis!

Que tristeza percorrer centenas de leguas para ir ver nascer o sol do alto do Righi ou do Pilatus quem nunca trepou ao visó do Caramulo para lá ver corar de rosa toda a rosa do incomparavel ceu portuguez; culcurrar a via de Casteleinarre a Sorrento, ou de Bayona a Biarritz quem não palmilhou ainda, deslumbrado, essas maravilhosas estradas de Aveiro á Barra, de Setubal a Oûtão de Viana aos Arcos, de Braga á Povoá de Lanhoso e de Cintra a Colares, ou sequer divagou por esse encantador tunel de Angeja—sonho de agua e de luz! Que tristeza!

Atravessar meia Europa, levado nas azas de fogo dum rapido, para navegar no Lago di Como ou no de Bomget quando temos ali á mão de remar esse aduravel lago de Fermentelos; trepar ao Puy de Dorné quando basta subir aqui ao Bico do Monte do Socorro para ver um dos panoramas mais singularmente belos que uma imaginação fumegante poderá conceber: dum lado a planicie vasta, afogada numa luz de sonho, e ao cabo dela as ondas palrantes da ria; do outro, a galopada tragica das montanhas da Beira, um marulhar ciclopico de rochedos, que são como que ondas petrificadas e cuja vizão maravilhosa só os versos do nosso grande Poeta Corrêa de Oliveira sabem exprimir:

«A um lado, ao sol, o mar, tão claro e ardente
(A nevoa é o fumo duma onda a arder);
E o mar, que tóca o ceu, parece á gente
Que se ergue mais em si, para te ver.»

Vale Maior.

Domingos Guimarães.



DENTISTA

Teofilo Reis

cirurgião-dentista diplomado pela
Universidade de Coimbra

ENCARREGA-SE DE TODOS OS SERVIÇOS
PROPRIOS DA SUA ESPECIALIDADE.

Preços modicos

Rua Direita, 34, 1.ª (antigo 58)

AVEIRO



Videiras americanas

Enxertos X Barbados X Estacas

ENVIAM-SE PREÇOS CORRENTES

João Salgado

ESTARREJA—Fermelã

Le bon vieux temps

(A antiga romaria da
Senhora da Saude
na Costa Nova.) ❀ ❀

(De Joaquim de Melo Freitas)

O dr. Mello Freitas é um espirito de extraordinaria vivacidade, de uma cultura rara, conversador de raça, escritor e orador pitoresco e elegante, de extraordinarios recursos e de singular illustração.

Ante batalhador de acesas campanhas liberaes, o seu temperamento é o de um portuguez de outros tempos, de effa tempera, verdadeira reliquia do Passado em que corre a seiva juvenil do Futuro.

Pensador *double* de sportman, entrou nas lides das arenas e escreveu nos jornais e na tribuna nos tempos em que a mocidade cravava ferros em toiros nas tardes de verão, dansando depois finalmente nas soirées e liquiando a a murro as questões das gazetas.

Foi desses, ainda, Mello Freitas. Hoje é ainda o portuguez que não cede um palmo da sua razão, nem esquece nunca coisa alguma de bom que tem a terra em que nasceu que se honra em o ter por filho e que ele ama com entranhado fervor. Mello Freitas é um artista. Eis algumas das suas impressões e das suas palavras, cheias de bizarro e colorido, expressamente escritas para esta publicação:

Os velhos vivem de saudades e a saudade é uma doce palavra da lingua portugueza e tão genuina como o vinho do Porto e alem disso com o raro privilegio de ser expressão, que não tem igual em nenhuma lingua estrangeira.

Neste ponto entra Garret, erguendo-se do pó que o envolve e em que descança, e dirá na florida eloquencia da sua poesia que a saudade é *delicioso pungir de acerbo espinho* e logo na prosa das notas do seu Camões acrescenta: «A ideia, o sentimento por este

termo representado, certo que em todos os paizes o sentem (1); mas que haja vocabulo especial para o designar, não sei de outra linguagem se não a portugêsa.

Assim de raiz indigena temos só a *Saudade*, o *fado*, Vasco da Gama, Albuquerque *terribil* Camões, Gil Vicente, Fernão Mendes Pinto, Alvares Cabral, Pedro Nunes, Garcia de Orta e Bocage—onze glorias nacionais.

Os velhos olham sempre enternecidos e embaciados para o passado. O presente afigura-se-lhes sempre inferior ao tempo decorrido e alegre da sua mocidade. E' uma falsa impressão, semelhante á que por vezes se sente no comboio, parecendo-nos que não é a carruagem que se desloca, mas sim os pinheiros e a paisagem que se movem com rapidez vertiginosa.

Infelizmente os velhos nem sequer ficam estacionarios.

Declinam e descem pela colina oposta á robustez, perseguidos pelo isolamento sucessivo, e pela tristeza avassaladora. Deixem-nos viver na graciosa ilusão, que os acalenta!

E' um daltonismo barato, que lhes faz supor negro tudo quanto agora os cerca, e cor de rosa o que se precipitou sem retorno, na vóragem do preterito.

Um velho capitão do porto, desta cidade, encarecendo a sua carreira de longos anos de stagio no Tejo, cortada de temporais no oceano indico — dizia cheio de orgulho, perante os incredulos — *Suestes, os senhores sabem lá o que são suestes?! Suestes como havia no meu tempo!!...*

Mas que destroço, que devastação não produzem os anos! Tão-manho é o estrago que uma danta já velhinha, muito encarquilhada, baça e sumida, dando a ler a Rui Couceiro da Costa (pai do actual Governador Geral da India) um madrigal galante, da boa epocha da Arcadia, sublinhava vaidosa, com um certo desvanecimento serodio: *Ai, onde se fala em Venus sou eu*, e sorria satisfeita, revelando dois dentes decrepitos, que provavelmente tinham sido do mais legitimo marfim.

Refrangendo a vista por o prisma deste amor ao ultimo quartel do seculo passado, eu vou, a traços largos, contar o que foi a romaria da Senhora da Saude na Costa Nova, e lagrimejar umas frases comovidas ácerca da rôda com quem convivi no tempo aureo (deixem passar a hyperbole, da minha mocidade.)

(1) *Sentir um sentimento é forte mas é do mestre.*

Aquele arraial foi o mais interessante, intenso, concorrido e jovial de todos os que em volta de Aveiro se realisavam.

Principiava ao sabado quando a barca de passagem despejava foguetes como o galeão Bota-fogo, na empresa de Tunis, avançando magestosa, apinhada de gente, estrugindo os ares com uma filarmónica de Ilhavo a tocar um passo-doble obrigado aos rugidos ferozes dos metais assanhados.

Na ponte era esperada pelos mordomos de barrete, camisola e facha e pelos romeiros e rapazio endiabrado da praia numa vozearia complicada de guinchos e assobios. Das varandas dos palheiros, repletos de mirones e banhistas, sob velarios claros de algodão, partiam, por vezes, foguetes, gritos e gargalhadas, numa mistura potente de desenvoltura e gaudío.

Entretanto, da Murtoza, dos lados da barra, da Gafanha, da Vagueira e de Mira vinham singrando pela ria os barcos moliceiros e saleiros, alterosos, a regorgitarem de romeiros. Nos topes das velas, e pela estaca tremulavam bandeiras, em quanto sobre as prôas dançavam magotes de rapazes e raparigas ao som do clarinetes, pifaros, tambores e harmoniums, num batuque ardente, impavido e regalado. Enchia-se a praia com aquela aluvião de visitantes e forasteiros. Cada aldeia tinha então o seu trajo característico.

Tudo isso se eclipsou, para não mais voltar! A facilidade de comunicações estabeleceram a uniformidade.

Dantes não era assim. As mulheres de Ilhavo traziam os seus capotes orlados de galões vistosos; as de Sarrazola usavam lenços amarelos garridos, corpetes vermelhos de veludilho com largos botões de prata; as varinas da Murtoza, fortes e cheias, de seios salientes, ensaiavam, com facha de cor, as saias muito pregadas, mostrando pernas roliças e excessivamente atrativas e picantes; as tricanas de Aveiro assentavam nas espaduas, com a sua elegancia tradicional, a graciosissima mantilha, donde pendia um molho luxuoso de fitas de seda preta.

Os rapazes, afnados pelo desejo de brilharem, apresentavam-se em trajos domingueiros, consoante a sua origem, com gravatas de fausto e aparatosas jaquetas, quizenas e chales-mantas de cores vivas, encostados a varapaus de lódo, de marmeleiro ou bambu, emponteirados.

Armavam-se rodas e danças em toda a riba, indo largos magotes até ao mar *patinheir*, o que significava o derrube frequente das raparigas e respectivos apalpões, na escalada e travessias das

dunas, e as ondas ao serviço de Cupido obrigarem as donzelas e matronas ainda frescalhotas, para não se enxarcarem completamente a mostrarem, aos espectadores áperta, as pernas até aos joelhos e upa...

No campo da capela, um armazem de taboado, que se empoleirava sobre estacas e colunas quadradas de adobes abriam em lei que dois reques de barracas, armadas de ripas, esteiras e lona, e ali se estabeleciam as botequineiras, os *cajezes* e as pipas obesas. Na frente estendiam-se as canastras com regueifas, pinhões, tremoços, pevides, cavacas, folares e flores de matizes variegados.

Era já, áquelas horas, uma baralha formidável de gente que se acotevelava e cruzava, numa grande feira de gente divertida. Uns vinham da capela com o *registro* estampado na copa dos chapéus; outros perseguiam as raparigas com a liberdade, que a ocasião lhes proporcionava; outros cantavam ao desafio com moçoilas rosadas e bem fornidas de carnes, que soltavam piadas da geral e feriam com atrevidos conceitos os rapazes pouco desembaraçados. A's oito da noite acendiam-se os balões nas bambolinas de verdura e as lanternas do frontespício da capela, e enchiam-se as areias declinosas e a planura de milhares de pessoas, que iam gosar o arraial em toda a sua pujança de alegria á solta e azongada.

O *Zé Pereira* alternava-se com as peças do escolhido repertório da banda, o susurro do mar proximo casava-se (tambem ele!) com a ingente voz disparatada e formidável da multidão, os devotos, os bebados e os namorados eram ás centenas, ebrios de fanatismo, de vinho e de amor.

Subiam os foguetes e as *mánicas* de papel de côr, ourinando faiscas e estalos, rodava esfusiante com entusiasmo o fogo de vistas, obrigado a bombas reais e a lumes brilhantissimos de diversos coloridos. Mas o interessante do entremez eram os foguetões de lagrimas, que iluminavam o espaço, surpreendendo montículos onde varios pais-Adões estavam ensaiando cenas paradisiacas com Evas pouco esquivas aos galanteios. Enquanto isto se desenrolava neste campo de manobras, nos toldos dos barcos batia-se o fado, choravam as violas e guitarras, e um pandemonio gentio se amontoava pelas estradas e estacadas dos palheiros que emergiam iluminados da ria, a farfalhar espuma.

Pelas tabernas petiscava-se; em algumas bateiras cosinhava-se com alarido; sob toldos de velas e esteiras espernegavam vultos cingidos e empilhados a resonarem etc., etc. Nas dependencias de

alguns lagares de sardinha dançavam dansas de roda, valsas e polcas, magotes de raparigas encantadoras, airoas e *esmeradas* de Ilhavo e Aveiro. Era do estilo os *conquistadores*, os peralta se a rapaziada fina das duas terras e da Bairrada participarem do baile e dançarem infatigavelmente, toda a noite e todo o dia, desde sabado até quinta-feira proxima. Resultavam desta aproximação democratica, amigancos e casorios, servindo Nossa Senhora da Saude de notario.

No domingo á tarde, ao toque da sineta, saía a procissão com os seus andores empenachados e opulenta de lantejolas e com os barquinhos classicos onde S. Pedro ia de arrais e os apóstolos de remadores. Claro está que havia as infalíveis girandolas crepitosas, e nos largos areentos os bonecos de fogo, caricaturais, que terminavam estoirando aos pedaços sobre o povoleo á gargalhada.

Em seguida, começava o desfile dos barcos que coalhavam a praia. Era um espectáculo imponente a *largada* de centenas de bateiras, saleiras e moliceiros, desprendendo as velas numa marcha compacta, triunfal, perdendo-se alfim e distanciando-se no horisonte, com as suas flamulas e bandeiras a trapejar ao vento. Mas se estas bordas solicitadas pela faina agricola se afastavam da Costa Nova, a alegria continuava vibrante e macabra na praia, mais desafogada mas não menos intensa e brilhante, por todos os dias até á quinta-feira da semana, com o *flirt*, os namoros e os bailaricos incessantes em que as tricaninhas esbeltas, de Ilhavo e Aveiro, eram prodigas de sorrisos, abraços e promessas.

Hoje, o arraial existe, mas *quantum mutatus ab illo!*

E aqui está como, com duas lagrimas, mais grossas do que perolas de Golconda, eu fecho este galhofeiro assunto que—parece incrível!—me ia enternecendo.

Mello Freitas.

Fotografia Miranda

ILHAVO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á fotografia com a maior nitidez e perfeição, bem como de pinturas de qualquer especie em vidros e madeiras, doura e pinta imagens, altares e caras com o mais perfeito gosto moderno.

Eduardo Osorio

22, Rua dos Mercadores, 22—B
4—A, R. Mendes Leite, 4—D

✻ AVEIRO ✻

Fazendas

Modas

Acaba de receber e expõe as ultimas novidades para a presente estação.

Tecidos em todas as qualidades para vestidos

Confecções e artigos de novidade

Sedas, guarnições, veludos, rendas, franjas e muitos
mais artigos de modas

*Sortido completo em camisaria
e gravataria*

Agente da Companhia de Seguros "A Comercial."

OVAR

Agachada na duna, ao norte da Ria que a baba, defendida dos acoites asperos das nortadas por uma cintura de pinheirais sadios, vive sua vida intensa de commercio a populosa vila de Ovar.

Sem tradições fidalgas e heroicas, sem monumentos religiosos ou profanos a namorar a lubrica curiosidade dos artistas, os seus quinze mil habitantes criam-se no culto fanatico do trabalho honrado e povoam, transformando-o com o suor do rosto e as eternas canceiras duns musculos daço inquietos, o vasto areal, regado e sadio, que o mar ha seculos lhes deixou em usufruto.

Terra sombria e plana, onde não se topa um ponto que dê, num relance, a impressão rigorosamente exacta da sua importancia notavel, a ela coube, pelos seus encantos misteriosos e ainda pela fatalidade das coisas, ser a feliz inspiradora dum livro que se ha de ler enquanto houver portuguezes, porque se não pode esquecer o nome do grande espirito que se chamou Joaquim Gomes Coelho.

São estas palavras agradecidas para a memoria do autor das Pupilas do Senhor Reitor, que não se esquecem nesta terra os retratos fieis que ele desvendou das almas bem portuguezas do João Semana e do Reitor, da Margarida e do José das Dornas e outra ccisa, mais que uma amorosa e infinda saudade, lhe não pode dar quem já lhe deu toda a delicada poesia daquelas paginas.

*

Povo nascido nas cabanas duns tristes pescadores, contemplativo, pacato e laborioso, na medula lhe vem o aventureiro

espírito dos seus maiores e a pratica feição do homem do commercio, cauteloso, providente e ladino.

Especie corrompida de *lazzaronis*, vivendo a vida sobria dos homens do mar, cheios de filhos e cheios de miseria, o pescador daqui não cultiva sériamente a sua profissão, porque tem ancestrais apetites de errar pelos pinhais e mantem o culto pitoresco do soalheiro, antes de ir tagarelar para a taberna as suas desavenças e os seus negocios. Desta classe cada vez mais minguada,—embora a industria da pesca seja exercida atualmente por seis *companhas*—é que saem os tipos mais perfeitos e mais sadios das *varinas* que Portugal conhece, que Lisboa ouve no estribilho ainso dos seus pregões e das suas cantigas e vê solidariesadas na dôr profunda que a uma affliza. Porém, derivando ha já bastantes anos para o Brazil o exodo da terra natal, que é bela e boa aos seus olhos de navegantes, de lá só voltam os homens, quando podem transformar em vivenda alegre o *patheiro* sobrio e desconfortavel, que lá tornarão mais vezes, teimosos em sacudir a fortuna, a amea-lhar umas libras para a velhice cansada. Assim, dia a dia, suor a suor, sobresalto a sobresalto, se tem feito esta vila enorme, duma área de mais de sete quilometros arruados sem que o Estado com ela dispendesse um ceutil, sem que a politica para ela abrisse generosa a saca das suas benesses, sem falar agora na Republica que, em troca do antigo edificio do hospital, mandou o terceiro batalhão de 24. Ao dr. Afonso Costa, pela extinção das ordens religiosas que, comodamente, iam já vivendo nò paiz, deve a Misericordia a casa onde está belamente instalada e que era o nomeado collegio das Irmãs Dorotheas.

*

Sabendo bem quanto a vida custa, é que a propria terra, na Bairrada, pelo Douro, por esse mundo fóra, confiando absolutamente no exorço proprio, cada vareiro, avolumados

uns tostões, põe a tenda no limiar da habitação, estende os riscados e corta o bacalhau pelas feiras e pelas aldeias e leva ás costas, pelas dobras povoadas do Marão, o cabaz pesado da sardinha do Furadouro.

Lutando para viver tem o heroismo calmo dos fortes e exgotado, numa modesta abastança—que nesta terra rarissimas são as fortunas importantes—mantem o rigoroso principio da economia ordenada.

Assim, subido um grau na hierarquia social, com umas tintas singelas de civilisação, o seu intimo modifica-se, orienta-se o seu instinto, e o *lazaroni* irraute dos pinheirais e o palrador bulhento da taberna e soalheiro, transmuda-se no homem de vontade disciplinada e calculista, que é, segundo as circumstancias, prudente e arrojado, mas sempre trabalhador e activo.

Consequentemente, o commercio e as industrias locais não podiam ser coisas minimas e, tomando largo desenvolvimento, tem a estação do caminho de ferro a render annualmente á Companhia a bagatela duns *cem contos de réis*. Pouco é, sem duvida, para quem a esta terra não concede, em troca, justas exigencias minimas de horarios, mas alguma coisa significa, em confronto com todas as terras do distrito e com muitissimas do paiz, de valioso pela iniciativa local, de importante e de notavel pelo desassombro, livre de protecções, com que se vae desenvolvendo dia a dia.

E se os acasos caprichosos da natureza dessem a este povo a valvula expansiva dum modesto porto maritimo, com o seu genio pertinaz a dirigir a levada avassalante do seu ouro, então se veria quanto pode e quanto valhe nma vontade energica. Infelizmente a praia do Furadouro não consente a pesca nos meses de inverno e a Ria, pelo mau estado da Barra, não nos presta — á parte estrumes e peixe—senão um pequeno commercio de embarcados.

Mas, apesar de tudo, da ingratidão do solo, da carencia dum porto de mar, do alheamento em que tem vivido das protecções e favores, este povo tem certo um largo futuro economico, um papel de especial destaque no distrito. Ele será, desembaraçado do fanatismo que o amordaçou, pelo seu espirito bairrista, mas empreendedor e economico, alguém com forte voz para ditar de alto a sua vontade, fazendo do torrão querico o jardim que os *turistes* busquem para, na deliciosa frescura das suas veigas, poderem ouvir como se levantam, dentro de enormes oficinas, ladainhas formidaveis ao eterno deus do Trabalho.

Assim será.

Quartel:—3.º batalhão de infantaria 24.

Fabrilas:—Conservas; a Varina, Ceramica (telha); Moagens de cereais; Iluminação electrica e tração mecanica.

Misericordia:—(hóspital para os povos do concelho).

Bombeiros Voluntarios: Associação dos Socorros Mutuos; Beneficencia Escolar; Club; Duas filarmonicas; Tres hoteis.

Medicos (7); Advogados (7) Farmacias (6); Fotografos (2); Marchantes (6); Colegios (2) um para o sexo masculino e outro para o feminino; Semanarios (3); Agencias bancarias; Companhas de pesca (6); Teatro, etc, etc.

Oleiros:—(Louça encarnada sem vidrar) 11.

Camara municipal:—Presidente, dr. Pedro Chaves; Vice presidente, Celestino de Almeida; Vogais: José de Oliveira Lopes, José da Silva Bomfacio, Fernando Artur Pereira, Manoel Dias de Carvalho, Manoel Pereira Dias (em licença).



Cambios, Comissões

— E —

Consignações

João Campos da Silva Salgueiro & Filho
AVEIRO

Correspondentes do Banco Aliança,
Banco Economia Portuguesa,
e das casas bancárias
Borges & Irmão, Guilherme G.
Correia Leite, José Nunes Coelho,
Pedro Freitas
e Francisco Matos Chaves.

Depositarios da Companhia dos
Tabacos de Portugal



Agentes da
La Union y el Fenix Español



bibRIA

**Comercio geral de Automoveis,
Motocicletes, Bicicletes e Ma-
quinas de costura**

*Representantes em Portugal das Bicycletes e Motoci-
cletes TRIUMPH, a melhor marca inglesa.*

*Oficina especial para concertos de todas as especies.
Pintura e niquelagem.*

TRINDADE & FILHOS

✻ **Rua Direita, 14—AVEIRO** ✻

BREVEMENTE :—Garage na Avenida Bento de Moura

ILHAVO

Fica esta vila situada a cinco quilometros apenas da cidade de Aveiro.

As suas tradições, muito honrosas aliás, dão-lhe um grande relevo entre as terras do distrito e os seus costumes caracterisam-na de um modo tão especial que torna inconfundível e singular o seu viver.

Comecemos pela instrução que é a alfa do Progresso e da Civilisação de todos os povos.

Ha nesta vila um grande amor pela escola sendo já bastante resumido o numero de analfabetos. A nova geração, os homens de amanhã, quasi todos sabem ler e escrever, tendo pela instrução uma paixão que nobilita.

O professorado de Ilhavo não se tem poupado a trabalhos, para dar á instrução o maior impulso, conscio de que é dela que ha de nascer o melhor do futuro da sua terra e da sua Patria

Alem de duas escolas primarias, para cada sexo, com um contingente de mais de 100 alunos cada, ha ainda as escolas particulares, em grande numero, e muitissimo frequentadas tambem.

Apresentam-se anualmente mais de 150 candidatos aos exames de 2.º grau em Aveiro, sem contar o grande numero de crianças que se encontram em collegios das diferentes cidades do paiz e que nêles obteem a instrução e a educação.

Muitissimo mais teriamos ainda a esperar da frequencia das escolas desta vila se, a par da boa vontade e penoso trabalho do professorado, tivessemos boas e mais casas de escola, melhor material didatico e maior numero de professores.

A pessima situação das casas de escola afasta ainda muitas crianças da instrução que não querem arriscar a sua saude em pocilgas sem luz e sem ar que ficam a grande distancia das suas habitações. E, contudo, de esperar, que, logo que seja remediado este mal, desapareça por completo desta vila esse cancro que tanto prejudica a sociedade portugueza o—analfabetismo.

Os liceus, as escolas normais e, sobretudo, as escolas nauticas, são tambem muito frequentadas pelos ilhavenses.

A frequencia dos ilhavenses na escola de pilotagem, está bem a caracter do povo desta vila, pois que Ilhavo é uma terra essencialmente maritima. Isto explica-se perfeitamente. A maior parte da sua população (15000 habitantes, pouco mais ou menos), dedica-se ao commercio maritimo e á navegação. E', principalmente, do mar que vivem os habitantes desta vila, acentuando-se, contudo, hoje mais do que nunca, a corrente emigratoria para o Brazil e America. Quasi não sai dos portos portuguezes, vapor algum, com destino ás terras de Santa Cruz, que não leve a seu bordo emigrantes ilhavenses, como não ha tambem, navio algum das praças de Lisboa Porto e Aveiro, que não tenha, fazendo parte da sua tripulação, alguns dos arroçados marinheiros desta vila. Ilhavo não tem a recommenda-la os sumptuosos palacios das grandes cidades, mas tem formosas vivendas, sendo quasi todas da mais acceada apparencia.

Com cerca de 4000 fogos, cada casa é um ninho onde habitam ás veses tres e mais familias, sob a direcção do velho *patriarca*, que é quasi sempre um simpatico marinheiro, de olhos nostalgicos e faces enrugadas! . . .

Os nossos arrabaldes são verdadeiramente poeticos. Para o sul estendem-se grandes campos que vão confinar com a Ermida e com a Vista Alegre, onde se realisa o mercado mensal «dos 13» junto da excelente fabrica de porcelana que emprega actualmente nos seus ateliers mais de 300 operarios, todos muito activos e alguns de raras faculdades artisticas. Esta fabrica pertence á familia Pinto Bastos sendo hoje seu principal proprietario o sr. Alberto Ferreira Pinto Bastos residente no Paço da Ermida, a um kilometro da Vista Alegre.

Para o occidente espraia-se o grande areal da Gafanha com a sua mata, e a carreira de tiro da guarnição militar de Aveiro.

A cinco kilometros daqui fica a pitoresca praia da Costa Nova onde, na epoca calmosa, vão passar alguns meses, muitos habitantes de Ilhavo, de Aveiro e de outras terras do paiz.

Nesta praia ha actualmente quatro companhas de pesca que dão trabalho a centenas de braços de muitas familias.

Ilhavo é cercado de campos muito fertéis, sendo atravessado pela estrada distrital que conduz a Vagos. A igreja, de 3 naves é ampla, sendo curiosa a capela do Senhor Jesus, padroeiro dos navegantes e que se encontra cercada de *ex-votes* e quadros maritimos.

As industrias principais são a do sal e do peixe, aumentando de ano para ano a do bacalhan.

O commercio progride tambem consideravelmente e pena é que a vila não tenha ainda uma linha ferrea á porta.

Povo trabalhador e pacato, os ilhavenses teem sido pouco atendidos quando tratam de faser valer os seus direitos.

Uma camara pobre de recursos, poucos melhoramentos tem feito e pode fazer na terra.

Atualmente, contudo, alguma coisa se está fazendo: anda em construção uma avenida ligando a rua Nova, com a rua de Alqueidão e o mercado coberto.

Ha aqui dois *Clubs* e dois jornais. Aqueles são: o *Centro Escolar Republicano*, onde são administrados alguns rudimentos de desenho a varias crianças, e o *Club dos Novos* onde os socios encontram sempre excelentes passatempos. Os jornais *Brado* e *Nauta* são independentes, simples órgãos locais que pela terra pelejam, quasi alheios á politica. Perto de Ilhavo, no Corgo Comum, ha a redacção dos *Sucessos*.

Contudo, o que em Ilhavo ha de mais afamado são as suas tricaninhas. A mulher ilhavense é o verdadeiro tipo de mulher formosa, muito simpatica, elegante e extremamente graciosa e amoravel. Calça e traja finamente e uma das mais gentis raparigas de Ilhavo, foi ha anos premiada no concurso nacional de beleza promovido pela *Ilustração Portuguesa*, do *Seculo*. Raparigas de Ilhavo! deliciosissimos tipos de gregas, já alguém lhes chamou: *As ninfas encantadas desta Ilha dos Amores!* P. S.

Alfaaiataria Miranda

Rua da Costeira—AVEIRO

Atelier de chapéus de senhora e creança

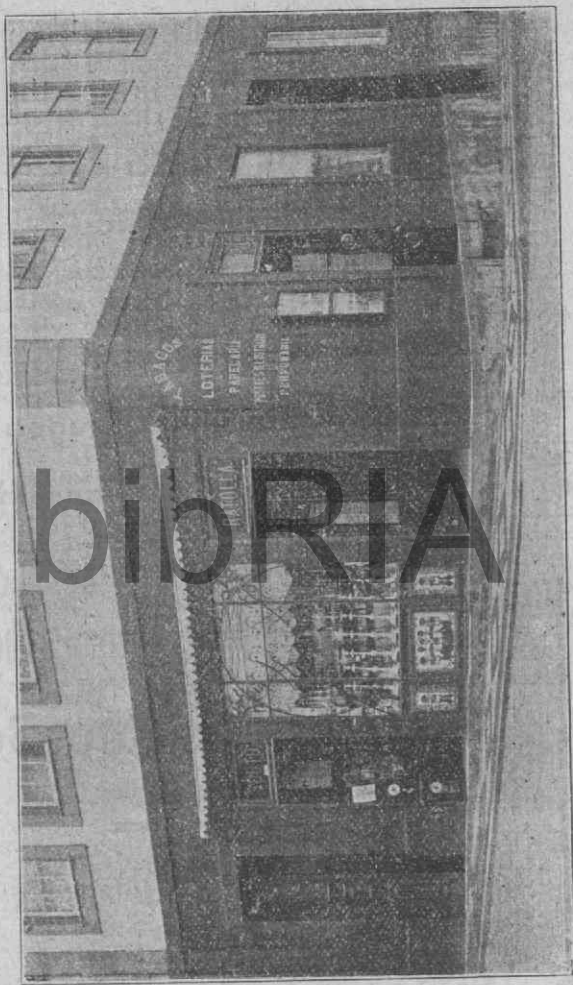
L.º ANDAL

TABACOS NACIONALES E ESTRANGEIROS
POSTAIS ILUSTRADOS

SOTTO RATO LLA

RUA DA COSTEIRA E PRAÇA LUIZ CIPRIANO
AVEIRO

Ourivesaria * Relojoaria * Perfumaria * Papeleria



bioRIA



Officina de funileiro e picheleiro

= E =

Deposito de obras de zinco

= DE =

José Marques Soares

20, Rua dos Mercadores, 20-A

AVEIRO

NESTA officina executam-se todos os trabalhos em folha, zinco e ferro zincado. Canalisções para agua e gaz. Gazometros para acetilene. Chumbam-se caixões funerarios.

Modicidade de preços



BIBRIA

Casa de empréstimos sobre penhores

= DE =

João Mendes da Costa

Fundada em 1907

R. da Revolução e Travessa do Passeio

(Em frente da Escola do sexo feminino)

AVEIRO

NESTA casa empresta-se dinheiro sobre todos os objetos que ofereçam garantia como : joias, roupa, bicicletas, etc., etc. Absoluto segredo e seriedade nas transações.

ALBERGARIA-A-VELHA

No ano de Cristo de 1117, ou seja 1155 da era de Cesar, pelo mez de novembro, passou a infanta-rainha D. Tereza, mãe de Afonso Henriques, nosso 1.º rei, uma carta de privilegio a Gonçalo Eriz, concedendo-lhe a sua vila ou quinta de *Osséloa* (hoje Assilhó), que confinava com terras de Santa Maria da Feira, onde a carta foi assinada. A vila ficava na estrada que vinha do Porto.

A carta do couto não foi concedida, a titulo de generosidade, mas com a clausula de estabelecer uma albergaria no sitio de *meigonfrio* sobre a estrada, da qual foi primeiro albergueiro Gonçalo Cristo. A illustração que publicamos do cruzeiro da albergaria indica que essa albergaria fornecia aos albergados. Parece que os terrenos de *Osséloa* eram muito agrestes, pois, entre os tributos a pagar, figuravam as mãos de cada urso que ali fosse caçado. A carta já não existe no original, mas unicamente uma copia autentica. Em 1258 (era de 1296) houve uma questão suscitada por direito da albergaria, tendo de intervir D. Egas, bispo de Coimbra. A albergaria já não existe. Nela esteve muito tempo instalada a cadeia comarcã, mas, mais tarde, foi vendida e demolida, achando-se, no seu lugar, construido o palacete do sr. João Patricio Alvares Ferreira, que se vê numa das illustrações que publicamos. Da albergaria só existe a lapide, que não é a primitiva, e foi colocada na parede interior, lado direito, do atrio da nova cadeia. A albergaria prestava utilissimo refugio aos passageiros, que se viam perseguidos pelas quadrilhas de malfeitores de *Valegrande* (hoje Valemaior) linda povoação a 3 kilometros de Albergaria, onde existe a mais importante fabrica de papel da Companhia do Prado, de que tambem publicamos uma illustração. A vila de Albergaria possui uma magnifica cadeia (unica de provin-

via.) esplendidos Paços do Concelho e uma egreja rasoavel. Nesta existe um bellissimo altar-mór de talha dourada, bastante descuidado, mas apreciavel.

A estação do Caminho de Ferro do Vale do Vouga é, certamente, a mais bem situada de toda a linha.

A vila tem lindos passeios, mas os principaes são ao Vouga, Bico do Monte e Tunel d'Angeja. Nesta freguezia existia o antigo solar dos Marquezes d'Angeja, ainda ha poucos anos demolido, do qual apresentamos de armas, que ainda hoje existem nas mãos dos herdeiros do saudoso Antonio Nunes Ferreira. E' abundante de peixe do Vouga e da pateira de Frossos; nesta costumam apparecer pimpões de varias côres, mas principalmente vermelhos, aqui muito apreciados para aquarios.

No lugar de Paus (antiga vila e séde de concelho) existem muitos fornos de telha ordinaria, mas que tem muita venda. A sua população é de 13:525 habitantes, e dista 18 kilometros de Aveiro. A vila tem só uma freguezia (Santa Cruz) e o concelho compõe-se de 8 freguezias com 3:441 fogos, segundo o *Censo da população de 1900*. E' comarca de 3.^a classe, criada pelo decreto de 20 de setembro de 1890, e instalada em 7 de outubro do mesmo ano pelo Juiz, dr. José Diniz da Fonseca. Tem mercado dominical muito abundante sendo o principal commercio do concelho—arrôz, louça de barro, madeiras, telha e milho. Ficam neste concelho as importantes minas de cobre de Palhal e Telhadela, a primeira das quais principiou a ser explorada em 1854. A capela do *Bico do Monte*, sob a invocação de Nossa Senhora do Socorro, foi mandada erguer por um grupo de devotos, em 1857, por se verem livres do flagelo da epidemia do *colera-morbus*, que dois anos antes invadiu todas as casas. A demarcação das terras da Albergaria foi feita a 5 de junho de 1628 pelo provedor Jorge d'Andrade Corrêa, com nove marcos, e, por sentença de 27 de maio de 1627, lavrada pelo celebre Tomé Pinheiro da Vei-

ga, foi colocado á entrada da vila (hoje Salgueirinho), um padrão em que se dizia que ali principiava a albergaria de D. Tereza. Dizem que esse padrão foi arrancado e está fazendo parte do cruzeiro do *Bico do Monte*!

Tem um chafariz de um belo gosto architectonico, obra do constructor albergariense José da Silva Vidal. Desta vila eram naturais os grandes liberais dr. José Henriques Ferreira, e seu irmão João Henriques Ferreira, o qual, nas lutas entre liberais e miguelistas, foi enforcado, tendo estado a sua cabeça espetada num pau em frente das suas janelas durante trez dias.

A vila é sadia, e o povo é de sua indole disposto ao bem, trabalhador e hospitaleiro, para não renegar a tradição da velha *albergaria*.

* * *

bibRIA

Livraria Universal

DE

João Vieira da Cunha

Rua Direita (Em frente á Rua de Jesus)—AVEIRO

COMPLETO sortimento de livros em todos os generos.
Litteratura, Teatro, Historia, Viagens, Sciencias, Legislação, Ensino, Religião, etc., etc. Todas as novidades litterarias e scientificas. Assinatura para todas as revistas nacionais e estrangeiras. Papelaria e objectos de escritorio. Postais illustrados, sabonetes, perfumarias, quinquilharías, bijuterias, tabacos, ladrilhos mosaicos, velas de cera e livros em branco. Tintas a agua OLSINA e MURALINE.

Execução rapida de todas as encomendas

Oficina de serralheria

— DE —

Alvaro de Albuquerque

Rua de S. Martinho

Deposito—L. do Espirito Santo

AVEIRO

ESTA oficina concertam-se e executam-se com a maxima perfeição e modicidade de preços, todos os trabalhos concernentes á arte de serralheiro, tais como: Portões, fechos, grades, camas, lavatorios, bidés de todos os tamanhos, fechaduras, fogões a lenha e a carvão, engenhos de tirar agua ao centro e ao lado do poço, etc., etc.

Todos os trabalhos são executados com a maxima perfeição e segurança.

Tambem tem em deposito, em grande quantidade e para diferentes preços, o que ha de melhor em camas, colchões, travesseiros, almofadões, lavatorios, ferros de engomar, etc., etc. Garante seriedade nas suas vendas.

Ninguém compre, pois, sem primeiro fazer uma visita a este deposito, que é no Largo Eça de Queiroz (antigo Largo do Espirito Santo).



Nocturno

De aldeia longinqua fumegam as choças,
por entre as montanhas esconde-se o sol,
recolhe-se o gado exausto de forças
roendo nos prados o cêspede mol?

Um velho encostado a um pau de sanguinho
o monte atravessa pauzado, a vergar;
vacila . . . uma pedra encontrou no caminho,
e afinal assentou-se para alento tomar.

—Ai disse, que triste!
que magua, que dó!...
e um sapo que o ouve,
responde—eró, eró!

Ao Angelus toca . . . Em noite como esta
queimou-se-me a casa fiquei sem mulher;
do gado da corte já nada me resta,
na terra a semente não ti floresceu.

Vendi para o fisco as vinhas e hortas.
O mundo precurso sosinho, a pedir,
é quando não vejo fechadas as portas
açulam-me os cães que fazem fugir.

Canta sapo, canta,
tu e eu causamos dó!...
e o sapo choroso
canta—eró, eró!

Tão sós, na miséria!... Sosinhos na terra!
tu nela um asilo encontras, eu não;
a ti não te açoitam os ventos da serra,
e eu passo a miséria da vida de um cão.

Nascestes nos montes, nos montes esperas
cantando a teu modo, o teu termo vêr;
descendo dos homens e vivo entre feras
e a morte não vejo se quero morrer.

O Angelus!... Resemos;
há Deus... e um só?!...

Ele será e o sapo
cantava—cró, cró!

A noite caindo, a lua alvacentas
nos lívidos cumes começa a brilhar;
na mata assombrosa o raio atormenta
e ouve-se ao longe do lobo o uivar.

O pobre do velho, dos anos pesado
ergueu-se da pedra e ao pau se encostou;
por entre as foneiras, rosnando marchou ...
com a vista seguindo
o pobre tão só,
o sapo indolente,
cantava—cró, cró!

CATÃO SIMÕES.



Agencia funeraria

—DE—

FRANCISCO MARIA DE CARVALHO BRANCO

10—Praça do Peixe—10-A

AVEIRO



Trata de funeraes e trasladações.
Armações funebres e de gala.
Grande deposito de coróas e bouquets de
flores artificiaes.
Ornamentações de anjos e deposito de
cera.

Chamadas a qualquer hora
Preços modicos

Anadia

É uma vistosa e pitoresca vila ao sul do distrito de Aveiro a que pertence administrativamente, sendo por tanto da provincia do Douro.

Tem estação telegrafo-postal com serviço de valores declarados, encomendas postais, cobranças de titulos, letras e vales.

A estação ferro-viaria mais proxima, por que se serve, é a de Mogofores, a tres quilometros, na linha do Norte, pela qual são ligadas as duas capitais do paiz no sentido norte-sul. Para aquella estação ha carreira de diligencias que fazem os serviços dos correios, a 100 réis por pessoa, de dia, e a 200 réis, de noute, passando por Arcos, Famalicão e Malaposta, ligando-se tambem Anadia a Mogofores pela larga avenida Miguel Bombarda que são do largo Candido dos Reis, em frente dos *Pacos do Concelho*, para o lado do poente e que cruza a dois quilometros com a estrada nacional que liga tambem aquellas duas cidades de Lisboa e Porto.

A seis leguas para o sul ha a cidade de Coimbra e á mesma distancia para o norte a cidade de Aveiro. O concelho de Anadia entre os de Mortagua, pelo leste, Agueda e Oliveira do Bairro, pelo norte, Cantanhede por oeste e Mealhada pelo sul, compreendendo as 12 freguezias de Vilarinho do Bairro com 3002 habitantes, Sangalhos com 2992, S. Lourenço com 2507, Arcos com 2079, Tamengos com 1943, Moita com 1853, Avelãs de Cima com 1638, Vila Nova com 1543, Avelãs de Caminho com 692, Mogofores com 685, Ancas com 609 e Ois do Bairro com 373 (total 19916 habitantes, no ultimo senso da população feito ha um ano). No penultimo senso, feito em 1900, tinha o concelho 17697 habitantes.

A vila de Anadia fica a pequena distancia da ribeira do Certima; o seu terreno é de grande fertilidade e os seus arredores, constituidos por searas, pinhais, olivais e vinhedos, são apraziveis e muito saudaveis.

Entre os principais vinhedos, ha a notar o pertencente á *Estação do Fomento Agrícola* onde houve ha mais de 15 anos a escola de viticultura e pomologia «Alexandre de Labra», e os particulares pertencentes ao dr. José Luciano de Castro, Justino Alegre, dr.

José Paulo Cancela (falecido) e Julio Duarte, de Anadia, dr. Adriano Cancela, José Rolo e dr. Julio Sampaio, de Arcos, dr. Francisco Furtado, de Melo, da Graciosa, Antonio Calheiros, de Ois, Albano Coutinho, de Mogofores, e Rodrigues Filipe e Antonio Augusto dos Santos, da Moita.

Em extensas varzeas abundantes de agua, entre logares vizinhos, cultivam-se belos milharais que ajudam a formar a riqueza agricola da região.

O principal comercio da vila e concelho, além dos bons vinhos e varias qualidades de cereais, legumes e farinhas, é o do azeite, aguardente, cortiças, madeiras e cal parda e fina.

Em Anadia faz-se um importante mercado semanal, aos domingos de manhã, na *Praça da Republica*, ao qual ha grande concorrência de muitos pontos do concelho e de fóra, existindo tambem outro mercado semanal na Amoreira creado pela vereação actual, ha pouco tempo, e as duas importantes feiras mensais de Vilarinho, no 3.º domingo, e a da Moita, a 25 de cada mez, sendo a 26 quando a feira mensal da Mealhada coincide no mesmo dia 25.

Tambem, ha muitos anos, a camara da primeira presidência do Barão do Cruzeiro creou uma feira mensal que se devia efectuar na propria vila, a 12 de cada mez, mas que nunca se chegou a formar, com graves prejuizos para o comercio local.

Importantes estabelecimentos de mercearia se encontram em Anadia, sendo os principais o de Albino Cordeiro, Virginia Duarte, Julio Duarte e Dias Lebre e outros tendo cada um dos dois primeiros aggregada uma boa hospedaria a que o vulgo chama hotel *Cordeiro* e hotel *Duarte*. Ha tambem duas importantes lojas de panos e de modas pertencentes a Justino Alegre e José de Almeida, duas agencias bancarias e varias de seguros e vapores, duas casas de moveis a mais importante das quais tem aggregada a muito conhecida relojoaria Santos, tres belas farmacias, além de varias outras pelo concelho, dois medicos, a importante alquilaria de José Maria de Almeida & Filhos, havendo outras no vizinho lugar de Arcos, do Vicente & Filhos.

Ha nove anos tinha o concelho apenas 15 escolas e hoje tem 30, nas quais exercem a sua importante missão 34 professores. As ultimas 9 escolas foram já creadas pelo novo regimen.

A instrução popular tem aumentado consideravelmente nos ultimos anos e o povo não é já tão fanatico como em outros tempos,

pelos sentimentos religiosos, persistindo, contudo, ainda em grande parte o amor por estes sentimentos, uma das razões porque são ainda alimentadas varias romarias que, por outro lado, são animadas tambem pelo desejo da distração com que o nosso povo muito se anima e recreia. As principais romarias deste concelho são a de Sangalhos (Senhor da Agonia), em julho, a de Avelãs de Caminho (Senhora da Saude), a 15 de Agosto, a de Agnim (Senhora do Ó), no 3.º domingo de julho, a da Cerca—Avelãs de Cima — (Senhora do Livramento), no 4.º domingo de Agosto e a de Vila Nova (Senhora das Neves), no 1.º domingo de Agosto.

* * *

Anadia é a capital da importante região vinicola da Bairrada, territorio que se estende para cima de Oliveira do Bairro e para alem da Mealhada, tendo na direcção leste-oeste quasi a mesma distancia, e os afamados vinhos de meza desta enorme região teem grande consumo em muitos pontos do paiz e larga exportação para o Brazil e Africa.

Na Fogueira ha a acreditada casa *Moraes & C.ª*, possuidora dos belos vinhos finos, licores e outras bebidas espirituosas, e em Anadia são muito dignas de nota as *Caves do Monte Crasto* com o nome de *Vinicola de Anadia Lm.*, onde se fabricam os deliciosos vinhos espumantes, tipo *Champagne*, que ha muitos anos são justamente rivalisados pelos da casa *Lucien Beinsecker*, situada em um dos melhores bairros d'esta vila.

* * *

No grande edificio chamado *Paços do Concelho* construido em 1881 estão instaladas as varias repartições publicas: Secretaria e Tesouraria de Finanças, Administração, Secretaria e mais salões da Camara, Tribunal, Cartorio e Conservatoria do registo predial, tendo ainda Anadia outros edificios publicos e particulares de muito valôr e bom gosto, como a cadeia e o belo teatro inaugurado em 1879 e ao qual teem vindo exhibir-se companhias de grande merecimento.

A vila começou a desenvolver-se na falda nascente do monte Crasto, chamado pelo historiador Pinheiro Chagas *o mirante da Bairrada* no alto do qual ha um extenso largo, e hoje tem uma extensão de mais de 2 quilometros e possue varias ruas paralelas e transversais em que se teem feito belas edificações.

O concelho tem uma enorme rede de estradas que dão facil

acêso aos seus diferentes povos e a muitas outras dos concelhos visinhos. E' sem duvida um dos mais completos em viação.

A pouco tempo de viagem de Anadia fica a importante mata do Bussaco onde, na epoca calmosa, muitos nacionais e estrangeiros buscam as sadias aragens, e dentro do concelho ficam as aguas ferreas de Vale da Mó, na freguezia da Moita, a 3 kilometros a nascente de Anadia, e que tem tido mutia concorrência dos anemicos de varias partes, e as termas da Curia, muito procuradas para as doencas artriticas, cutaneas e estimulantes dos rins, etc. e que são muito semelhantes ás conhecidas aguas de Contrexeville, na França. Estas nossas térmas ficam a 2 quilometros a sudoeste da estação de Mogofores e a menos de um quilometro do apeadeiro das *Aguas da Curia*, encontrando-se actualmente dotadas de importantes melhoramentos, que tendem a aumentar, como o rico balneario, bons hoteis, etc.

Varios jornais tem havido em Anadia: *A Bairrada*, *Correio da Bairrada*, *C. Ideal da Bairrada*, *Voz da Bairrada* e *as Verdades*, os quais pouco duraram, existindo presentemente o antigo órgão progressista, *Jornal de Anadia*, que apesar de acintosamente ter historiado a jornada da Fogueira de 29 de Agosto de 1909, é hoje uma folha de bom republicanismo, secundando a propaganda feita pelos republicanos, e a *Bairrada Livre*, órgão retintamente republicano, que está a completar dois anos de existencia, dois anos de luctas pela perfeição do ideal que o fez nascer e que consubstancia, concretisa e reúne em si as puras aspirações patrioticas dos que trabalham pelo aperfeiçoamento e libertação da sociedade.

O proprietario deste jornal tem adjunto uma boa tipografia e papelaria.

* * *

Anadia tem sido, desde largos tempos, terra de muitos titulares. Segundo os subsidios historicos que temos á mão, o 1.º visconde e 1.º conde de Anadia foi João Rodrigues de Sá e Melo, primeiro senhor donatario desta vila para a possuir em sua vida, da mesma forma que teve a Universidade de Coimbra.

O primeiro destes titules foi concedido por D. Maria 1.ª por carta de 8 de Maio de 1786, precedida do decreto de 24 de abril do mesmo ano, em atenção aos muitos serviços prestados por seu pae Aires de Sá e Melo, senhor do praso e morgado de Anadia, que lhe suplicou para seu filho as mercês que se dignasse conceder-

lhe, sendo elevado a conde em 17 de Dezembro de 1808 pelo príncipe regente D. João, depois D. João 6.º.

Foi 2.º conde de Anadia José Antonio de Sá Pereira que se doutorou em Canones aos 19 anos, seguindo depois a carreira diplomática, e veio mais tarde a suceder ao 1.º conde de Anadia, seu sobrinho, por decreto 17 de Dezembro de 1812 e carta de 23 de Fevereiro de 1813.—O 3.º conde de Anadia foi Manuel Pais de Sá do Amaral de Almeida e Vasconcelos Quifel Barbarino, que teve autorisação de usar do título por carta de 31 de Agosto de 1822 —O 4.º foi José Maria de Sá Pereira e Menezes Pais do Amaral Almeida e Vasconcelos Quifel Barbarino, filho do 3.º conde e teve o título por decreto de 31 de Outubro de 1855. Era muito estimado pelo povo pela fortuna franca como tratava com ele e tornou-se celebre pela sua vida aventureira e picaresca, falecendo muito novo, o que foi devêras sentido pelo povo que muito o chorou conforme indica o celebre *fado do conde de Anadia*—Um dos seus filhos, Manoel Pais de Sá do Amaral Pereira Menezes Quifel Barbarino, foi o 5.º conde de Anadia e faleceu ha poucos anos (1903), tendo sido o herdeiro de todas as honras e dignidades de seu pai.

Outros titulares tem havido, existindo ainda á data da lei da Republica que aboliu os títulos nobiliarchicos, o barão do Cruzeiro em Mogofores (ha pouco falecido), condessa da Foz de Arouce. . . . Famalicão, Marquês da Graciosa e viscondessa de Labra em Mogofores.

* * *

Uma particularidade extraordinaria se dá com Anadia: é que sendo uma vila muito populosa, com grande importancia comercial e tudo o mais que já no principio deste artigo dissémos, não é séde de freguezia, e, caso ainda mais engraçado, é que pertence a duas fréguezias, a Moita e Arcos, tendo sido meio ano de cada uma. Segundo os dados mais provaveis foi isto devido a não se poder passar em tempos invernosos para a Moita por causa das enchentes de um rio que vem da serra que passa entre esta vila e aquele logar, tendo de se servir neste tempo da egreja de Arcos para as suas praticas religiosas, ficando pois, a pertencer a ambas as partes.

Anadia teve foral dado em Lisboa por D. Manoel em 21 de Agosto de 1414 e o velho concelho compunha-se apenas das povoações de Anadia, Alfeloas, Vale do Azár e Fatela, a qual já não existe.

Em tempos muito remotos houve aqui o hospicio dos frades

Antoninos no lugar em que é hoje o edificio dos *Pacos do Concelho* e pertencente o senhorio desta vila desde os tempos da primeira dinastia até ao reinado de D. João 3.^o aos frades de Santa Cruz, de Coimbra, passando depois para a Universidade onde se conservou até á epoca liberal.

* * *

Ha quem afirme que o lugar onde hoje está situada a vila era em tempos muito antigos um casal sem importancia habitado por Ana Dias nome que ficou ligado a esta terra, e outros autores dizem que em 1082 já era conhecida por *Nadia*.

Muitos outros dados historicos ha ainda a respeito desta vila mas perdem-se todos na noite dos tempos.

José Nunes Cordeiro.

bibRIA

Livraria Central e Papelaria

— DE —

Bernardo de Sousa Torres
AVEIRO

*Tabacos, papelaria, perfumarias,
artigos fotograficos e carimbos.*

Vinhos finos e cervejas

**Aguas da Curia, Fonte de Moura, Vidago
e das Pedras Salgadas**

VILANCETE

Sonho d'amor, é miragem
Que me traz em p'tro engano
Quando sonho, a tua imagem !

VOLTAS

Da minha alma fiz espelho
Para nela te mirares
Mas apesar dos meus pesares
Não aceitas meu concelho ...
Se tens receio talvez
De ficares lá gravada
Quando ao espelho te vês,
A sorrir ao teu sorriso
Tambem lá não fica nada,
Pois a tua linda imagem
Onde ela se reflectir
E' sempre, sempre miragem !...

Mas se me engano neste engano,
Em que enganado me trazes,
Mira-te bem que não fazes
A' minha'alma n.º maior dano.
Já não remedeias nada
Nem curas meu desatino !...
Se ficastes lá gravada
Sem mesmo tal eu querer
Era assim o meu destino !...
Embora sejas miragem
Hei-de sempre cuidar ver
Na minha'alma a tua imagem !...

Samuel Maia.

As religiões no globo

O numero dos seus crentes

<i>Boudhistas</i> , culto de Fô, culto dos antepasados, Confuico e Lao-Tseu.	470 milhões
Catolicos, romanos.	284 »
Mahemetanos	230 »
Brahmanes (hindús)	220 »
Protestantes.	210 »
Gregos orthodoxos.	116 »
Pagãos e sem qualquer confissão religiosa . .	110 »
Israelitas	12 »

Maquinas SINGER para coser

Fabricadas unicamente

PELA

Companhia Fabril Singer

Concessionarios em Portugal

ADCOCK & C.^a

As mais
perfeitas
e as mais
solidas.



As mais
procura-
das em to-
dos os mer-
cados do mundo.

Por 500 réis semanais se adquire qualquer modelo de maquina da Companhia Fabril Singer, quer para o serviço domestico, quer para a industria.

A dinheiro grande desconto

As unicas em que se fazem toda a qualidade de trabalhos artisticos, taes como, bordados a matiz, a branco, abertos sobre tulle, mexicanos, renda inglesa, etc., etc. **Ensino gratis.**

Agentes e empregados por todo o distrito.]

Filiais em Ilhavo, Ovar, Espinho e Oliveira d'Azemeis.

Sueursal em Aveiro

14—Avenida Bento de Moura—14

(EM FRENTE AO MERCADO MANUEL FIRMINO)

A Murtoza

(Traços ligeiros)

«Ninho de pobres, a Murtoza, sem vínculos na grande historia da humanidade que radiou outros horisontes; ali, á beirinha do Oceano, cresceu muito e foi desenvolvendo as suas variadas industrias de pesca, os diferentes ramos da sua actividade por todos os cantos do paiz».

E' assim que fala o men conterraneo Lopes Pereira, nos seus pertis da *A Murtoza*, modesto livro que publiquei em 1899 a proposito da autonomia Murtoza e Bunheiro.

Ninho de pobres sim, mas hoje trasformada em elegantes edificios, produto dum persistente trabalho e de grandes sacrificios.

O povo da Murtoza, essa raça privilegiada, onde o trabalho tem por devisa a honestidade e a honradez, é sem contestação um modelo na sua classe — a classe piscatoria. Em parte alguma do nosso paiz se encontram pescadores conhecedores da sua arte, arrojados no seu trabalho, que excedam ao povo da Murtoza. Não temem os perigos do mar revoltado, não recuam nessas noites frijidiSSimas de inverno para se lançarem ao rio quasi gelado! E' que o pescador da Murtoza tem o seu alvorecer ao som do ruido do mar, e logo nos primeiros dias embalado pelas suas ondas. O seu tratar é rude, como rude é o seu trabalho, mas o seu genio, a sua indole, é pacifica, ordeira e respeitadora. No entanto, ha hoje na sua classe piscatoria homens ilustrados que vão dando a seus filhos uma educação literaria e scientifica, e assim a Murtoza já dá o seu contingente muito respeitavel para a Universidade e para as escolas superiores.

As mulheres da Murtoza, essas gregas do Oriente, como lhes chamou Pinheiro Chagas, são outras tantas auxiliares, já nos trabalhos da pesca, já dedicando-se a outros misteres, como, por exemplo, a compra e venda de galinhas, industria que exercem em grande escala em todo o distrito de Aveiro e em parte do de Coimbra. A mulher da Murtoza pertence a uma raça verdadeiramente caracteristica, forte, robusta, dotada duma rara beleza; a mulher da Murtoza, é essencialmente trabalhadora até ao sacrificio. Quantas percorrem o nosso distrito com os filhos nos braços e canastra á cabeça em procura do pão para si e sua familia?

O trabalho está representado nessa raça sublime. Aos oito anos já o procuram em toda a parte, desde Melgaço até ao Cabo de Santa Maria, e por isso nós vamos encontrar verdadeiras colonias de mortuzeiros no Porto, Vila Franca de Xira, Lisboa, Setubal, Faro, etc., etc.

A sua colonia no Brazil, muito especialmente no Pará, é importantissima tanto no commercio como na industria. E' dali que vem a maior fonte de riqueza para a Murtoza e, sem duvida, devido á grande emigração para as terras de Alem-mar é que a Murtoza se tem desenvolvido nos ultimos anos duma maneira assombrosa.

Quem visitasse a Murtosa ha trinta anos, só encontrava *ninho de pobres* sem vinculos na historia. Hoje não; ha ali magnificos edificios, embora sem arruamento, devido ao desleixo imperdoavel dos nossos municipios, a esplendida praça de Pardelhas, relativamente a mais importante em pescado de todo o paiz, tres clubs, Associação de Socorros Mutuos, empreza das lanchas a vapor, fabrica, imprensa, iluminação publica etc.

A Murtosa é uma freguezia das mais populosas do paiz. A sua população em 1890 era de 11.784 almas; hoje deve atingir a 15.000, devididas pelos seus quatro logares, Monte, Pardelhas, Ribeiro e Murtoza. Para demonstrar a sua importancia basta dizer-se que só no distrito de Aveiro ha 8 concelhos de menos valor coletavel que a Murtoza juntamente com o Bunheiro;—as duas freguezias e em 1898 pediram a sua autonomia sendo apresentado um projecto na camara dos deputados em 28 de abril desse ano pelo saudoso deputado e amigo da Murtoza dr. Barbosa de Magalhães.

Para a camara de Estarreja, a que perrence a Murtoza, paga esta anualmente perto de dois contos de reis!! Para o Estado as duas freguezias Murtoza e Bunheiro, pagaram em 1898-49.411:337 reis!!! Na industria da pesca de molho empregavam-se naquela data mil quatro centos e noventa e quatro barcos!!

Pardelhas é o centro comercial mais importante da Murtoza. Ha ali magnificos estabelecimentos como o *Leão da Moda* do sr. José Maria Cabia; de fazendas de lã, Manuel Maria Baroosa, Viuva Homem & Filho, Antonio Valente de Almeida & Filhos, Francisco Nunes, João Ferreira Baptista; de mercearia dos srs. Antonio José Barbosa, José Nunes, Antonio Valente de Almeida, Clara Valente Succesores, etc., etc.

No logar do Monte, tambem importante, ha os estabelecimentos dos srs. Francisco Maria da Silva Portugal, Antonio Maria Reis, fabrica a vapor de moagens de José Maria da Fonseca.

No logar da Murtoza, propriamente dito, ha os dos srs. Antonio Maria Cravo, José Augusto Soares, Silverio Antonio Pires.

Na Torreira empregam-se actualmente, seis companhias na industria da pesca de sardinha, sendo os seus arrais e proprietarios os srs. Francisco Rodrigues Brandão, Albino Rebelo Sebolão, Francisco Maria Tavares, João Augusto Tavares e Agostinho Lopes Bartolo & C.^{ta}. Não os bastante estes grandissimos factores para o grande desenvolvimento da Murtoza, falta-lhe a protecção dos poderes publicos para crear ali um vigoroso centro comercial que garanta o emprego de capitais, e um centro comercial, só poderá ser creado ligando a Murtoza com Estarreja por uma via ferrea, assim como a Torreira, donde saem, anualmente, centos e tantos contos de reis de pescado que aí é vendido por baixo preço, ou é destinado a adubos para as terras, visto a falta de transportes rapidos e baratos. Ha anos, em que a abundancia de sardinha é tanta, que não ha meio de transporte para o retirar da beira-mar, ficando de um dia para o outro, dando assim logar a ficar inutilisada para o consumo e perdendo-se dezenas de contos de reis que seriam aproveitados se uma linha ferrea, via reduzida, ligasse a Torreira com Estarreja.

Seria um crime que nos causaria remorso eterno, se não nos referissimos ao Hospital-Azilo—S. Lourenço de Pardelhas—única obra de caridade que existe na Murtosa e no concelho de Estarreja, doado á camara de Estarreja.

pelo grande benemerito, já falecido, Antonio José de Freitas Guimarães. Esta casa de caridade fica situada no lugar de Pardelhas. Não é um edificio modelar, nem corresponde ao fim para que foi creado, mas a intenção do seu doador era boa e a perpetuar-lhe o seu nome lá está uma lapide, simples, mas bem significativa.

Alem do edificio, foram doados perto de oitenta contos nominaes de inscrições para sustentar um certo numero de invalidos que precisem recolher-se a essa casa de caridade.

Oxalá outros lhe sigam o exemplo para assim, em breve, se poder construir, na Murtoza, um edificio que possa suprir as faltas do actual, embora esse dever pertença á camara de Estarreja, que é quem administra e recebe os rendimentos da importancia doada.

J. M. Barbosa

VAGOS

Vagos é sede de uma das boas comarcas de terceira classe. Dista 11 kilometros de Aveiro e 5 de Ilhavo.

E' povoação muito antiga, pois parece que já existia no tempo dos mouros, não havendo, porém, nada na povoação que documente a sua antiguidade nem que recorde o seu passado.

A sua posição dominando o vale do rio Boco seria bela se não tivesse sido desaproveitado o panorama pelos fundadores da povoação.

E' atravessado pela estrada de Aveiro á Figueira, que se acha em rasoavel estado de conservação entre Vagos e Aveiro mas em estado crónico de ruina entre Vagos e Mira.

A povoação tem progredido pouco, devido á sua proximidade de Ilhavo e ainda á sua posição topografica no extremo occidental do distrito.

Ha uma fabrica de lixa em Sôsa, unica no paiz e pequenas olarias em Vagos.

O concelho compõe-se de trez freguezias: Vagos com 6053 habitantes, Sôsa com 3587 e Covão do Lobo com 2314.

Esta ultima freguezia ainda hoje não tem estrada que a ponha em comunicação com a séde do concelho.

No concelho ha sete escolas do sexo masculino, trez do feminino e uma mixta.

A mil e quinhentos metros de Vagos, em sitio muito aprasiavel, realisa-se a romaria de Nossa Senhora de Vagos, na segunda-feira posterior ao Pentecostes e que é muito concorrida pelos povos de todos os concelhos limitrofes, especialmente Cantanhede.

O feriado do concelho é a 10 de outubro.

Na vila ha dois hoteis.

A 4 kilometros da vila fica a praia de banhos de Vagos que tem duas companhias de pesca.

Funcionarios publicos

Juiz:—Dr. Libertador de Azevedo.

Delegado:—Dr. Antonio Valente.

Escrivões:—1.º officio, Antonio Andrade Sampaio; 2.º, Luiz Moraes; 3.º Virgilio da Silva.

Officios:—João Duarte Gravato, Delfim Maia, Joaquim Bento Bernardo.

Conservador:—Dr. José Sobreiro.

Administrador:—Francisco Encarnação.

Secretario:—Evaristo Rocha.

Official do registo:—Dr. Marques Mano.

Secretario de finanças:—Manuel Victor.

Aspirante:—José de Pinho Cardoso.

Recebedor:—Abilio Trancoso.

Encarregado da estação telegrafo postal:—João José da Trindade.

Juiz de paz:—Antonio Vidal.

Escrivão:—Joaquim Pimentel.

Professores:—Padre Joaquim da Rocha e João Cristão.

Professoras:—D. Maria H. Rafael e D. Amara Graça.

A' LA MINUTE

(Lettre sur Aveiro)

Cher Albert

En quittant les belles plages portugaises tu m'as demandé d'écrire quelque chose sur ton joli pays—Par où donc commencerai-je ?

La région d'Aveiro est si belle, si poétique et si pittoresque et intéressante à la fois !!... Franchement, je me sens dans l'embarras du choix... Et puis, pour bien écrire, pour intéresser les lecteurs, il faut avoir de l'esprit de l'éloquence et de l'inspiration; c'est ce qui me manque, car, comment voudrais-tu que je décrive le charme de ces gaies et mignonnes *Tricanas* avec leur joyeux va-et-vient à la célèbre fontaine d'Aveiro ? Je ne trouverais pas de paroles assez fortes pour montrer l'élégance, la gentillesse et le poétique de ces jeunes filles du peuple pleines de souplesse et charmantes dans leur naturel et naïf sans gêne!

As-tu donc remarqué l'aspect d'Aveiro à la nuit tombante ? As-tu vu ces *Tricanas* lancer des oellades pleines d'amour rustique et caractéristique de la jeune fille d'Aveiro ?

Tout ceci est vraiment intéressant pour un étranger comme moi un peu rêveur et qui aime à observer, les moeurs d'une région.

Et la rivière ? Quelle joli spectacle jouit-on, lorsque nous voyons le crépuscule descendre sur Aveiro ! Le coucher du soleil de France te paraîtrait bien mesquin auprès de celui-ci. Les rayons qui disparaissent à l'horizon, ces rayons ensanglantés et mystiques qui se reflètent sur l'eau limpide du côté de S. Jacintho, sont d'un inoubliable spectacle dont jamais je ne me suis lassé...

Et en été, la Barre ? Comme ces réunions, ces soirées dansantes à l'*Assembleia* sont attrayantes ! Comme ces demoiselles si gentilles, si aimables, si captivantes, nous font transporter dans un autre Aveiro, dans un Aveiro bien différent de celui-ci ?

Et si je t'en parlais de la jolie plage *Torreira* de cette curieuse fête de S. Paio ? Si je te disais que j'ai moi même pris part aux danses de *Ora-toma* etc ... m'en croirais-tu ?

Mais cela prendrait tout un volume, cher Albert, et je crains d'avoir déjà fatigué tes lecteurs.

Merci pour la gentillesse de ta demande et je te prie de bien croire, à l'amitié sincère de ton dévoué.

Tanger, 4—X—912.

Maurice Nahon.

AGUAS DA CURIA

A 2 kilometros da estação de Mogofores acha-se o estabelecimento termal da Curia, cuja exploração data de 1911, sendo unica concessionaria a *Sociedade das Aguas da Curia* por alvará de 31 de dezembro de 1912. As aguas são sulfatadas-calcicas, as unicas analises até hoje no paiz, semelhantes ás afamadas aguas francezas de Contrexéville e Vitel. A estancia termal tem tido ha poucos anos um grande desenvolvimento, achando-se quasi completo o novo balneario, e em preparação o parque e outras dependencias do estabelecimento, tais como buvette, casa de maquinas, casa de engarrafamento, armazens etc. Situada num dos mais pitorescos sitios do cencelho de Anadia, no centro da formosa região da Bairrada, cercada de boas estradas, a Curia presta-se a atrair uma enorme concorrência de aquistas, doentes e turistes, e será dentro em poucos anos uma das mais apreciadas estações termais do

norte do paiz. Para o concelho de Anadia representa já hoje uma grande riqueza, e para a humanidade enferma, as suas aguas, altamente conceituadas no mundo medico, na cura de todas as manifestações artríticas, são um beneficio de incalculavel valor.

Ha 3 hoteis: o Grand Hotel, Hotel da Curia e o Hotel Santos — Os preços variam entre 1\$100 a 2\$000 reis por pessoa, segundo os quartos. Ha carros á chegada de todos os comboios á estação de Mogofores, que fazem o trajeto por 500 réis. O estabelecimento thermal tem serviço medico diario; ha farmacia a pequena distancia, estação telegrapho-postal, carruagens e automoveis de aluguer para os mais variados e apetecidos passeios, que se podem dar entre o almoço e o jantar, como sejam: Anadia, Luzo, Bussaco, Agueda, Fermentelos, Aveiro, Coimbra, Penacova, Cantanhede e Figueira da Foz. O estabelecimento balnear funciona de 15 de maio a 31 de outubro. Fóra deste tempo está apenas aberto para a venda da agua em garrafas e garrações expedidos para a larga clientela que as requisita diariamente.

Pharmacia Reis

A's Cinco Ruas—Aveiro

Arriamento de receitauario a qualquer hora com todo o escrupulo.

Aguas mineraes nacionaes e estrangeiras, algalias, fundas, seringas de vidro e borracha, suspensorios, bombas de tirar leite, pesarios, esponjas, etc.

Deposito da QUINARRHENINA e Xarope Creosotado phosphato de Gama Junior.

Grandes armazens de adubos

para todas as culturas

Proprietario da Marca Registrada **V R** de adubos compostos e organicos.

Cimentos **AGUIA PRETA** (marca a fogo) e **AGUIA CRUADA** (marca a verde).

Arame zincados lisos, sulfato de cobre e enxofres.

São os maiores armazens do distrito, neste genero.

Esta casa compra diretamente.

Depositos em Mamodeiro e Quintãs

Pedidos a

Virgilio Souto Ratolla

MAMODEIRO—COSTA DO VALLADE

Sever do Vouga

Quem, partindo da cidade de Aveiro (ponte dos Arcos), seguir pela Estrada Nacional no 41, após o ter percorrido 28.343 metros desta estrada, encontra a ponte da foz do *Rio Mau*; é aí que termina o concelho de Albergaria-a-Velha e principia o de Sever do Vouga. Avançando pela mesma estrada mais 6.050 metros e seguindo pela Estrada Municipal que então lhe fica á esquerda, estará na vila de Sever do Vouga, séde do concelho do mesmo nome, logo que 4.600 metros dessa estrada lhe fiquem para traz.

A esta vila, que fica a N E da cidade de Aveiro e a O N O do rio Vouga, foi dado farol novo pelo rei D. Manuel, em Lisboa, a 18 de março de 1514, sendo porem antiquissima a povoação de Sever do Vouga, pois já existia, com o actual nome, antes da fundação da monarquia portugüesa. Foi da extinta comarca de Esgueira.

Olhando o meio dia, estende-se por uma encosta entre dois vales que a seus pés um só, mais vasto, vem formar. Ao fundo alveja a egreja paroquial entre melancolicos ciprestes e pelo monte que a vista lhe interceta, não lhe deixando o sol contemplar até que mergulha no oceano, pequenos grupos de casinhas brancas emolduradas por viçosos laranjais aqui e alem se destacam da pujante vegetação que do solo por toda a parte irrompe.

Na frente, ao longe, na outra margem do poetico rio Vouga, requilinas num espesso tapete de verdura, as povoações de Paradelá e Cedrim, e mais alem, as serras graníticas das Talhadas, como que querendo ligar a terra ao firmamento.

O *Rio de Sever*, ribeira que ao norte, junta á vila, corre, faz gemer com prazer a velha roda de madeira dum engenho de moer milho, azeitona e enxofre, situada proximo á entrada.

E' pequena, mas muito linda, verdadeiramente impregnada da poesia, a vila de Sever do Vouga, quando na primavera, os montes e os vales se recamam de florinhas multicolores e as aves com o seu alegre chilrear fazem côro com o marulhar dos arroios.

O centro da vila é a *Praça* onde as suas quatro ruas convergem. E' aqui, neste largo irregular, que todos os domingos se realisa um importante mercado e onde estão situadas todas as repar-

tições publicas, os Paços Municipais, edificio muito antigo e em mau estado de conservação, e os principais estabelecimentos comerciais. E' composto o concelho de Sever do Vouga de 8 freguezias: Sever do Vouga, Silva Escura, Rocas, Couto de Esteves e Pecegueiro na margem direita do Vouga, e Paradela, Cedrim e Talhadas, na margem esquerda do mesmo rio, sendo a area das 5 primeiras de 165 kilom. e a das 3 restantes, de 68 kilom., o que somada dá para o concelho uma área de 173 kilometros quadrados.

A população do concelho é de 9.875 habitantes, sendo 4.470 do sexo masculino e 5.405 do sexo femenino.

As belezas naturais por todo ele se encontram e a paisagem, sempre variado, é admiravel. E' o vasto planalto da serra do *Avestal* de 900 metros de altitude, ao norte, entre este concelho e o de Macieira de Cambra, donde se avista, em dias claros, o Porto, Aveiro, Vizeu, o Cabo Mondego, todo o vale de Cambra etc., etc., e onde excelente agua potavel existe em extraordinaria abundancia; a imponente queda de agua da Cabreia onde o rio Mau se despenha duma altura superior a 20 metros, espumando por entre os rochedos escarpados; o vale do *Inferno*, o belo horrivel, profundissimo, causando vertigens a quem de cima o olha; os gigantes blocos de pedra das Talhadas, de formas extraordinariamente curiosas etc., etc.

São ainda neste concelho as minas de chumbo argentifero do *Braçal*, *Malhada* e *Coval da Mó*, nas freguezias de Sever do Vouga e Silva Escura, e as de cobre do *Vale do Vouga*, na freguezia das Talhadas, todas muito dignas de serem admiradas.

A fundição de chumbo, a unica existente em Portugal, e a serrelharia verdadeiramente modelar, pertencentes á Companhia das Minas do Braçal, não devem deixar de ser visitadas por quem por aqui algum tempo se demore.

Alem das industrias de extração e fundição de chumbo e extração de cobre, tem este concelho a importante industria de laticinios representada por 6 fabricas de manteiga com uma produção diaria de 250 kilg., e as de criação de gado, de madeiras, cortiça, lenha, e outras.

A riqueza deste concelho aumentará e as belezas tornar-se-ão conhecidas, decerto muito em breve, por via do caminho de ferro do Vale do Vouga que o atravessa e que o liga ao mundo do qual os obstaculos naurais que o circundam o teem mantido afastado e ignorado,

Concelho do distrito de Aveiro, da comarca de Agueda (á execução da freguezia de Silva Escura que pertence á comarca d'Albergaria-a-Velha) e do bispado de Vizeu.

Caminho de Ferro—A estação mais proxima é a da Sarnada (Vale do Vouga).

Diligencias—Diarias, entre Vizeu e Estarreja e vice-versa, atravessando este concelho, sendo o preço para Vizeu a 1.000 reis e para Estarreja a 600 reis.

Feiras e mercados—Em S. Tiago do Arestal, a 25 de cada mez, de gado bovino; nos Padrões, no segundo domingo de cada mez, e na Ponte de Pecegueiro, no quarto de cada mez, de diferentes especies, generos e objetos; mercado semanal, ao domingo, na Praça da vila.

Principal comercio do concelho—Minerais, manteiga, gado bovino, madeira, linho e laranja.

Administração do concelho—Administrador: Filinto Elisio Feio. Secretario: Alexandre José Nunes. Oficial: João Martins Monta.

Camara Municipal—Presidente: Eduardo Arvins. Secretario: Francisco de Figueiredo Lobo Martins e Silva. Tesoureiro: Antonio Lopes da Silva.

Regedoria—Regedor: Joaquim Martins Gaspar.

Juizo de Paz—Juiz: João Martins Henriques. Escrivão: Juiz de Bastos Portela. Oficial: Agostinho Soares Cortez.

Notario—Dr. Antonio Pereira Gomes.

Official do Registo Civil—Dr. Izaac Domingos Ribeiro.

Professores—Eduardo Arvins e Rosa Aurora de Almeida.

Repartição de Finanças—Secretario: José Antonio Pereira de Macedo e Vasconcelos. Aspirante: José Maria de Oliveira. Tesoureiro: Filipe de Melo.

Saude Publica—Sub-delegado: dr. Custodio Martins Henriques.

Correios e telegrafos—Chefe da estação: Generoso Sarabando da Rocha. Distribuidor: Custodia Tavares Marques. Guarda-fios: Antonio Martins.

Advogados—Dr. José Maria de Albuquerque, Antonio Pereira Gomes e Izaac Domingues Ribeiro.

Medicos—Drs. Custodio Martins Henriques e Alvaro de Almeida Amorim.

Paroco—José Maria da Silva Veiga.

Farmacia—João Martins Henriques.

Sociedade filarmónica.

Centro Republicano.

Companhia Mineira e Metalurgica do Braçal—Director: Gregorio Rola. Guarda-livros e secretario: Manuel Marques Pereira.

Fabricas de manteiga—Antonio Lopes da Silva.

Talhos—Antonio Martins Pereira e Antonio Martins de Bastos.

Negociantes e comerciantes—João Henriques Martins Pereira, Antonio Lopes & Filhos, Adriano de Bastos, João Martins da Silva, Joaquim Loureiro, José Maria Pereira da Costa, José Figueiredo, José Francisco Monteiro e Gaspar Martins de Bastos.

Freguezias

CEDRIM

Regedor—Cesar Fernandes Gomes.

Professor—João Tomaz Nunes.

Paroco—Joaquim Tavares Dias.

Negociantes—Agostinho Martins Costa e José Tavares da Silva.

COUTO DE ESTEVES

Regedor—José Justino Tavares da Fonseca.

Posto do Registo Civil—Ajudante: Armindo Tavares da Fonseca e Santos.

Professor—Armindo Tavares da Fonseca e Santos.

Paroco—Manuel Martins da Silva.

Fabrica de manteiga—Lopes & Filhos.

Comerciante—Manuel Coutinho da Alinhada.

PARADELA

Regedor—Albano da Rocha.

Paroco—João Tavares Dias.

PECEGUEIRO

Regedor—José Maria Pereira de Lima.

Correios e telegraphos—Chefe da estação: José Fernandes. Distribuidor: Silverio Henriques.

Professores—Alexandre de Vasconcelos e D. Maria Josefina Marques Graça.

Paroco—Custodio José da Fonseca Bastos.

Companhia Industrial Provinciana (alquilaria)—Director José Martins da Silva. Administrador: Antonio Martins da Silva.
Guarda-livros: Sebastião Marques da Silva.

Hotel—Joaquim Paredes.

Casa de pasto—Ana Emilia de Aranje Melo.

Sociedade Filarmonica.

Negociantes de Sal—Manoel Martins e Antonio Sapateiro.

Negociante de lenha—Custodio Sancha.

Negociantes de cortiça—Antonio Martins Pereira e Joaquim Martins Pereira.

Comerciantes—Antonio Joaquim Henriques Correa, Joaquim de Jesus, Sebastião Marques da Silva e Virgilio Dias de Miranda.

Barqueiros—Antonio Martins e João de Bastos.

ROCAS

Regedor—Manoel Tavares Coutinho.

Professor—Bernardino Pereira de Almeida.

Parocho—Manoel Antonio Pereira.

Fabricas de manteiga—Lopes & Filhos e Almira & Viana.

Comerciantes—José de Almeida Monteiro e Manoel Rodrigues dos Santos Costa.

Regedor—Antonio da Silva Pereira.

Juiz de Paz—João Antonio de Albuquerque.

Escrivão—Antonio Joaquim de Quadros Corte Real.

Oficial—Manoel Tavares da Silva.

Professor—José Joaquim Rodrigues.

Parocho—Jacinto Antonio Martins.

Fabricas de manteiga—Antonio Joaquim da Silva & Filho e Custodio Joaquim da Silva Soares Leite.

Negociantes—Alexandre Martins Pereira, Antonio Quadros.

TALHADAS

Regedor—Alipio Ferreira Duarte.

Professora—Miquelina da Piedade.

Posto do Registo Civil—Ajudante: Manoel Lopes Nogueira.

Parocho—Antonio Nunes Monteiro.

Minas do Vale do Vouga.

Director—Louis Rochet.

Guarda livros—Herculano de Bastos.

Comerciantes—Boaventura Augusta Nunes e Adelino Nogueira da Silva.

Elisio Filinto Feio.

Augusto de Castro e Silva

COM
ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

Seixal de Salreu—ESTARREJA

SUCURSAL EM CANELLAS, JUNTO A' EGREJA

Vinhos tintos e brancos, geropiga, bebidas alcoolicas, vinhos finos e azeite. Completo sortido em miudezas. Adubos, farinhas, drogas, carbonos, algodões e calçado. Ferragens, arco de ferro, rede de arame e arame farpado, panelas de ferro, ditas á ingleza e chapa de ferro. Cordas, garrações. Papelaria, chá, café. Especialidade em bacalhau, e muitos outros artigos, que vende por preços convidativos.

Sortido completo de todas as tintas, tanto em massa como em pó, vernizes e outros artigos pertencentes á arte de pintor. Vidraças e muitos outros artigos, que á expostos há venda.

Preços eguaes aos da praça de Estarreja.

bibRIA

Hotel Comercial

DE

Antonio de Sousa Sucena

AGUEDA

O HOTEL é um dos melhores da provincia e já bem conhecido, tendo bons quartos, muita limpeza, luz e ar, excelente serviço de mesa com vinho á disposição e quarto de banho. Nos baixos do Hotel tem o seu proprietário um estabelecimento com um variado sortimento de fazendas de lã e algodão nacional e estrangeiro, gravataria e mais miudezas. Especialidade em chales de merino com franjas de r. trós, recebidos directamente de Paris e maquinas de costura «Singer».

Antonia Rodrigues

A heroína aveirense

Pouca gente em Aveiro conhece a historia desta sua compatriota, verdadeira heroína do seculo XVI, e decerto no olvido ficaria, para as gerações hodiernas e vindouras, se um illustre filho desta terra e meu amigo, o sr. Marques Gomes, a não tivesse buscado nas publicações coevas e tornado conhecida pelas suas *Memorias de Aveiro*.

Ao reler os apontamentos que possuo, refe entes á destemida donzela, pasmo de tanto valor e heroísmo, e penalisa-me que, na sua patria, não se tenha honrado a memoria de tão sublimada individualidade. Quando ha pouco aí se procedeu á nova nomenclatura das ruas, tive desejos de lembrar á comissão o nome de *Antonia Rodrigues*; receoso, porém, de que a lembrança, por tão obscura procedencia, não fosse aceite, conservei-me no silencio, esperando um dia contribuir para a glorificação desse vulto historico.

Grande numero de escriptores antigos, entre os quaes Duarte Nunes de Leão, contemporaneo de *Antonia Rodrigues*, a quem conheceu, dão o nascimento da nossa heroína em 1580; porém, o sr. Villena Barbosa, occupando-se ha poucos anos do mesmo assunto, citou a data de 1560 a 1562, certamente por equívoco, pois que, tendo *Antonia* nascido nesta data, e voltando ao reino no tempo de Filipe 2.^o de Portugal, como os antigos dizem e o sr. Barbosa confirma, seria preciso ter 30 e tantos anos, o que não se apura das notas do erudito escriptor, que indica, quando muito, 20 e tantos. E nesta hypothese, a viagem de *Antonia* realisar-se-ia por 1580 e tal—quando Filipe 2.^o só tomou a corôa portugueza a 13 de setembro de 1598, data do falecimento do seu antecessor.

Sem duvidar um instante do saber do insigne escriptor, inclino-me á opinião dos antigos, cujas datas coincidem perfeitamente.

A 31 de março de 1580, sendo donatario desta então vila D. Alvaro de Lencastre, 3.^o duque de Aveiro, nasceu *Antonia Rodrigues*, filha de Simão Rodrigues Mareares e Leonor Dias, numa casa de mesquinha apparencia, aí na beira-mar. Seu pae, a quem a vida trabalhosa do mar acarretára graves e prolongadas doenças, não tendo depois meios de subsistencia, mandou a filha, aos 12 anos, para a companhia duma irmã casada que ao tempo vivia em Lisboa. *Antonia* era uma linda creança de cabelos e olhos negros, rosada, cheia de vivacidade, travessa mesmo, o que fez com que a irmã principiasse por dar-lhe maus tratos. Depois de cincoos anos passados em constante luta domestica, *Antonia* fugiu de casa, tendo antecipadamente cortado o cabelo e vestido um fato de marujo que a occultas comprara na *Feira da Ladra*, com o fim de desfarçar-se e sair do reino em busca de paragens desconhecidas. Chegada que foi á praça da Ribeira soube da proxima partida da caravela *Nossa Senhora do Socorro* que carregava trigo para a Africa; ajusta-se como grumete sob o nome de Antonio Rodrigues, e lá vai, no dia immediato, mares fora, subindo impavidamente á extrema altura dos mastros, descendo com agilidade e executando com rapidez todos os serviços inherentes ao seu logar, dando, assim, motivo á geral admiração dos tripulantes.

A caravela aportou a Mazagão. Esta praça de guerra, situada na provincia de Duquela, imperio de Marrocos, a 165 leguas de Aveiro, foi descoberta em 1502 pelo português Manuel Jorge de Melo, por nós construida e fortificada e em nosso poder até ao reinado de D. José I.^o que vergonhosamente a abandonou, depois dela ter resistido tantos anos aos fortes cercos e duros embates das hostes maritimas!

Segundo uns, *Antonia* fôra abandonado em Mazagão pelo mestre da caravela, a quem culpára, pelo roubo que este fizera no carregamento durante o trajecto; segundo outros, era Mazagão o termo da viagem, e portanto ali terminava o contrato do grumete, bem a pesar do mestre, que via no pequeno um marinheiro audaz. Como quer que fosse, *Antonia Rodrigues* ficou, e dirigindo-se destemidamente ao capitão-mór da praça, alistou-se na arma de infantaria com o nome com que embarcára.

Conservando sempre incognito o seu verdadeiro sexo, principiou por fazer serviços rudes da caserna como: cosinhar, matar cevados, etc. Pandigava e dormia com os camaradas e namorava as moças mais belas.

Pouco tempo depois do seu alistamento no exercito luzo, o seu nome tornou-se assás conhecido em toda a vila, pela destreza com que jogava as armas e intrepidez com que antecipava os cristãos nas sortidas contra os descendentes de Mahomet.

Antes de decorridos dois anos, *Antonio* foi mudado, por distincção, para a arma de cavalaria; e tão rapidamente e com tal mestria nela se desenvolveu, que poucos mezes depois ninguém, entre todos os fidalgos, montava um cavallo com tanta firmeza e elegancia.

Foi nesta arma que *Antonio Rodrigues* se tornou verdadeiramente celebre assombrando o exercito luzo e lançando o terror nas fileiras inimigas. Contam-se até verdadeiros prodigios de audacia e valor em varias correrias que «o terror dos mouros» dirigiu combatendo encarniçadamente e distinguindo-se acima de todos!

Faz-me lembrar Eurico, «o cavaleiro negro», junto ao Chryssus, brandindo freneticamente o seu poderoso *frankisk* e assolando as hostes de Tarik.

Por tudo isto que era algo sobrenatural, a nobreza de Mazagão abriu-lhe os seus salões e recebeu-o em alta consideração. Não tardaram as damas a requestal-o, a que ele correspondeu gentilmente, vendo-se, com tudo, por vezes, seriamente embaraçado com tantas e tão elevadas pretensões. Durante tres anos foi entretendo estes amores ficticios, até que um dia, receiando qualquer despecho desagradavel, abandonou a D. Beatriz de Mendonça, dama illustre, que nutria pelo mancebo profundo amor. Esta senhora apaixonou-se por tal forma do namorado que a desprezára, que seu pae, D. Diogo de Mendonça, um dos primeiros fidalgos de Mazagão, teve de pedir ao capitão-mór para que fizesse com que *Antonio* lhe despozasse a filha. Chamado este ao alcaçar à presença do governador, e não podendo, sem grande desdouro para si, anuir ao que lhe era pedido, confessou o seu verdadeiro sexo e toda a sua vida aventureira. A nova correu pela vila com a rapidez do raio, deixando os habitantes maravilhados. E, em verdade, quem podia supôr tanta destreza, valentia e heróicidade numa mulher?

Antonio Rodrigues, «a cavaleira», como depois lhe chamavam, foi muito presentecada pelas damas, que a vestiram consoante o seu sexo. Continuou gosando a consideração e o respeito da nobreza da vila, e todos os fidalgos, á porfia, desejavam possuil-a. Um destes, militar distincto do exercito cristão,

desposou-a com grandes pompas, a que assistiu a gente mais grada da fortaleza. Vieram depois a Portugal, Filipe 2.^o que a esse tempo esbulhava o nosso reino em proveito do seu, ao ser-lhe apresentada a celebre heroína, cuja fama echoava já na metropole, galardoon-a com a mercê de duzentos cruzados para ajuda da viagem, uma tença de dez mil réis anuais, em vida, e uma fanga de farinha cada mez. Anos depois *Antonia* viuviou. Voltou ao reino quando tinha perto de 35 anos, em companhia dum filho, creança ainda, a quem D. Filipe fez a mercê de nomear moço da sua real camara.

Até hoje, por mais que tenha procurado, não me foi possível saber aonde faleceu e jaz sepultada.

Eis, a simples e defeituosos traços, a historia dessa grande mulher que tão heroicamente honrou a sua patria e cujo renome quasi passa hoje despercebido aos filhos de Aveiro.

Adriano Costa.

AROUCA

A sua origem perde-se na noite dos tempos no dizer da lenda; documentos escriptos de incontestavel fé accusam a sua existencia, já como vila, em 950, 1059 e 1090.

O concelho esse, pelo menos, é quasi tão antigo como o era a monarquia portuguesa; haja vista o foral que lhe concedeu D. Afonso Henriques em 1151.

E' uberrimo o seu vale, deliciosas as suas murceias e grandioso o seu mosteiro. Neste, quasi tamanho como toda a vila reunida, cifra-se tudo que em Arouca ha digno de vêr-se.

Fundado no século X, enriquecido pelas importantes doações que lhe fez a rainha de Castela D. Mafalda, filha do nosso D. Sancho I, que o escolheu para sua residencia, e pelos dotes de muitas senhoras ricas que ali professaram facil foi a reconstrução do primitivo edificio com a largueza e solidez que ainda hoje se admiram, na segunda metade do século XVIII, conforme a traça de Manoel dos Santos Barbosa, de Jemunde.

A igreja é um bom templo, com uma linda tribuna de talha, delineada por D. Joaquim Lourença S. Ferráz da Cunha. Num dos altares laterais, lado da pistola, em sarcophago de ebano e prata, o cadaver mumificado da mesma rainha D. Mafalda, cononizada por Pio VI em 27 de julho de 1792, e, que no dizer de Herculano, parece ter merecido, mais do que suas irmãs, Tereza e Sancha o ser contada no numero dos santos. Sobre tudo, notavel é o coro. Vastissimo, fica como o de Lervão ao nível do pavimento do templo e tem quasi que mesma altura deste. Reveste-lhe as paredes dalto a baixo sumptuoso cadeirado de talha pintada e dourada, duma riqueza de ornatos que assombra.

Para admirar tambem, existem ainda ali uma apreciavel coleção de pinturas portuguezas, em taboa, de começo do século XVI; um triptico contendo esquirolas de diferentes santos, revestido externa e internamente duma capa de prata, ornamentação vegetal, e, uma cruz de prata dourada, em que, se *vera est fama* se guardam um pedaço do lenho em que Jesus Cristo foi crucificado e um dos espinhos da corôa com que lhe cingiram a fronte, tudo do século XVI.

Marques Gomes.

Officinas de Serralheiro e Slegeiro

— DE —

Carlos Migueis Picado

LARGO D'APRESENTAÇÃO

AVEIRO

*EXECUTAM-SE com a maxima perfeição, prontidão e
segurança, portões, grades, tanto em artigo como arte-
nova, lavatorios, camas, estanca-rios, motores a vento, depositos,
carros, e fazem-se todos os concertos concernentes á arte.*

*Encarrega-se de fazer fogões tanto para lenha como carvão,
e cofres á prova de fogo, etc.*

Padaria Bijou

DE

Macedo & Estevam

Avenida Bento de Moura

✻ ✻ Aveiro ✻ ✻

Pão de todas as qualidades e ta-
manhos. Manda-se aos domicilios a
horas desejadas.

Macieira de Cambra

Concelho de terceira classe, situado a nordeste da cabeça de distrito e distando desta 45 quilómetros. Pertence á comarca de Oliveira de Azemeis, ficando a sede do concelho á distancia de 15 quilómetros e o ponto mais afastado é de 50.

Município antigo, tendo o primeiro foral dado por D. Manuel I. Foi extinto por João Franco, em Novembro de 1895, sendo restaurado novamente em 1898.

Judicialmente, foi um julgado ordinario até á extinção desta magistratura; mais tarde e após a creação dos julgados municipais, constituiu um julgado, que foi extinto conjuntamente com o concelho.

E' composto de nove freguezias: Macieira, Costelões, Vila Chã, Coval, Vila Cova do Perrinho, Rôge, Cepelos, Junqueira e Arões.

O concelho é no geral montanhoso, tendo porém um vale extenso, o chamado *Vale de Cambra*, rico, com belas paisagens e duma vegetação abundante e fértil.

O lugar dos Borralhos, a primeira povoação ao entrar no concelho, presta-se admiravelmente para contemplar esse extenso vale, desde o lindo lugar da Coelhosa até ás encostas agrestes da Ceada e do Arestal e aos ultimos contrafortes da Freita no Galinheiro. O rio Caima atravessa-o preguiçoso para fugir pelos penedios do Crásto e Ossela. Por todas as encostas se vêem alegres povoações salpicadas de casas brancas e, alcandoradas lá em cima por entre altares de verdura e vinhedos, as povoações de Gestoso, Corião, Merlães, etc.

A' esquerda deslisa o rio Vignes, atravessando a freguezia de Vila Chã e Macieira, e vindo juntar-se ao Caima perto de Entre-Pontes.

Se com esta parte do concelho a natureza foi generosa até á prodigalidade, o contrario acontece com as freguezias de Junqueira e Arões, formando a maior area do concelho numna região montanhosa e pobre, em que os seus habitantes vivem ainda, e na maior parte, da industria pastoril.

A parte baixa do concelho é fertil. Produz em grande escala vinho vêrde de boa qualidade e muito procurado para exportação, milho sufficiente, em regra, para o consumo, fructos, etc. A sua principal riqueza, porém, está nas pastagens em que se sustenta enorme quantidade de vacas da raça arouqueza, que dão ao concelho o principal rendimento.

A industria de laticínios tem ali grande desenvolvimento, podendo considerar-se a primeira do paiz, no genero. Déla auferem os habitantes do concelho annualmente, alguns centos de contos de reis.

Os primeiros maquinismos aperfeiçoados para a extração da nata e fabrico da manteiga foram ali introduzidos, quasi ha uns 20 anos, pelo Visconde de Nandufe. Hoje ha fabricas importantes, sobresaíndo as de Pinho, Soares Leite & C.^a Martins & Rebêlo, Ferreira Nadaís, Abel Pinheiro, etc.

As duas primeiras têm deposito em Lisboa, respectivamente na rua de S. Domingos e Largo de Camões, tendo o deposito da segunda firma anexo o fabrico de manteiga á vista do freguêz. As fabricas do concelho têm quasi todas sucursais em Arouca. Industrialmente o concelho pouco mais oferece, sendo de notar apenas uma frabrica de papel de Francisco Pais & C.^a na margem direita do Caima, em Santa Cruz.

Estão desprezadas boas quedas de agua no rio Caima que facilmente poderiam ser aproveitadas como produtoras de energia.

O accessõ mais facil é pela linha do Vale do Vouga, deixando-a em Oliveira de Azemeis.

Daqui ha carreiras diarias de diligencias e automovel, ao preço, respetivamente, de 210 e 300 réis, seguindo a estrada de Oliveira a Arouca.

Esta é a unica via de comunicação que tem o concelho.

Ha outras estradas principiadas, dirigindo-se uma a S, Pedro do Sul e outra a Sever do Vouga.

Aquella ligaria o concelho com Vizeu e Porto.

Ambas, porém, estão muito longe dos pontos extremos do traçado, oferecendo todavia, na parte já construida, b́elas vistas.

Não ha institutos de caridade e beneficencia. O falecido Albino Silva legou todos os seus haveres para a fundação de um hospital no lugar de Burgães, mas tudo pende, em uso-fruto, na viuva do testador.

Em melhoramentos publicos tem sido quasi nula a proteção do Estado, tendo havido por parte de particulares b́oas iniciativas.

Assim é que foi reconstruida a ponte de Vigues por Abilio Pina; alargamente do adro e cimiterio de Costelões por Joaquim Tavares Bastos; donativo de dois contos de reis por José Martins, para a construção de escolas, tipo Adães Bernudes, em Costelões, e ainda agora a construção, em Macieira dum edificio para escolas pelo comendador Luiz Tavares de Almeida, em que gastou, incluindo mobílias, 14 contos de reis.

Não ha tambem edificios publicos dignos de referencia nem monumentos de arte, a não ser o cruzeiro no adro da freguezia de Rôje e o pelourinho na praça da vila.

Em conclusão: o concelho de Macieira de Cambra pela sua situação e paisagens é cheio de belezas e encantos.

De qualquer ponto se desfrutam vistas lindissimas. O rio

Caima, que o atravessa, é abundante em peixe, merecendo especial referencia a truta, que é saborosissima.

Desde há muitos anos que uma colonia de inglezes residentes no Porto, alternadamente, para ali vão, dedicando-se especialmente á pesca.

Repartições publicas e funcionarios

Camara municipal—Comissão: Tomaz Correia do Amaral, Manoel Elidio de Almeida Relvas, Manoel de Almeida Pinheiro, Manoel de Oliveira e Costa, Manoel Pereira Dias, Tomaz Antonio da Costa Coutinho, Antonio Teixeira da Silva. *Secretario*: Francisco Tavares de Pinho. *Amanuense*: Ismael de Almeida Vide. *Official*: José Joaquim de Sousa Tavares.

Administração

Administrador: Dr. Ismael de Sá Carvalho Sampaio. *Secretario*: Antonio Correia Vaz de Aguiar. *Amanuense*: Luiz Correia Vaz de Aguiar. *Official*: Manoel Soares.

Finanças

Secretario:—José Gomes Duarte Ribeiro. *Aspirante*: Domingos de Oliveira Soares de Albergaria. *Fiscal dos impostos*: Guilherme João. *Tesoureiro de finanças*: José Casimiro Martins. *Propôsto*: Antonio Augusto de Aguiar.

Registo Civil

Official provisório:—Antonio Correia Vaz de Aguiar.

Correios e telegrafos

Chefe:—Manoel Tavares da Costa. *Distribuidores*: Custodio de Almeida, José Tavares da Silva, Domingos Tavares.

Mercados

A feira dos dois, em Coelhosa, a dos nove na Gandra e bem assim a dos vinte e tres, no mesmo local. Estes mensais.

Praça aos domingos, tambem na Gandra.

Principais estabelecimentos

Manoel de Almeida Pinheiro, em Macieira; Antonio Soares Gomes, em Santa Cruz; Evangelista Tavares, em Ramilos; Viuva Justino Ribeiro, José Fernandes Coval, Joaquim Soares Ferreira Nadais, na Gandra; Tomaz Barbosa Abrantes, José Fernandes, José Martins, em Costelões.

Farmacias

De Camilo Tavares de Matos e Antonio Teixeira da Silva, na Gandra.

Alquilarias

Martinho Soares Ferreira Nadais e José Maria Soares da Rocha.

Comissão administrativa e autoridades paroquiais

Macieira

Francisco Tavares de Almeida, Bernardo Soares Coêlho, Daniel Soares Pinto, Manoel Martins, Manoel de Almeida Paiva. *Regedor efectivo*: João de Oliveira e Costa. *Substituto*: Amandio José Ferreira.

Rôge

Manoel da Silva Matos, José Soares de Almeida, Antonio Fernandes, Manoel Tavares Franco, Joaquim de Almeida. *Regedor efectivo*: Domingos Soares de Almeida. *Substituto*: Manoel de Almeida Têrca.

Costelões

Domingos Tavares Correia, Manoel Tavares de Castro, José Augusto Correia Martins, Manoel José de Oliveira, Antonio José de Sousa. *Regedor*: Antonio Tavares Correia Martins. *Substituto*: Francisco Soares Brinco.

Coval e Vila Cova de Perrinho (anexos)

Abel Adriana Pinheiro e Silva, Manoel Rodrigues Moreira, Antonio José Soares Pinheiro, Firmino Antonio Gonçalves, Francisco Luiz de Almeida. *Regedor do Caval*: Manoel José Soares Pinheiro. *Substituto*: Firmino Antonio Gonçalves. De Vila Cova de Perrinho: *Efectivo*: Custodio Ferreira Martins. *Substituto*: Manoel Soares Barbosa.

Junqueira

José Pereira Dias, José Henriques Vilarinho, Custodio Tavares Mouta, Fernando Soares da Eira, Manoel Tavares Lages. *Regedor*: João Tavares Junqueira. *Substituto*: Manoel Tavares Junqueira.

Arões

Joaquim de Oliveira Bastos, Manoel José Pereira, Albino Tavares Lomba, Custodio Fernandes de Oliveira, Custodio Gonçalves Xavier. *Regedor*: José Tavares Junqueira. *Substituto*: Custodio Gonçalves Xavier.

Vila Chã

Antonio Teixeira da Silva, Norberto Antonio Tavares de Almeida, João de Almeida Freitas, Joaquim Soares Ferreira Nadais, Manoel Soares Pinheiro Junior. *Regedor*: Antonio Soares Gomes. *Substituto*: Manoel Fernandes.

Cepelos

Manoel Tavares de Almeida, Manoel Tavares Dias, Bernardo Tavares, Joaquim Fernandes dos Santos, Manoel Tavares Correia. *Regedor*: Antonio Moreira de Paiva. *Substituto*: vago.

Distritos de paz

Macieira

Juiz: Manoel Soares Formoso. *Escrivão*: Manoel Nunes de Pinho. *Official*: Manoel Joaquim Tavares da Costa.

Cepelos

Juiz: Manoel Tavares de Sousa Júnior. *Escrivão*: Antonio José Dias de Souza. *Official*: Custodio Gomes Pereira.

Notario: Manoel Nunes de Pinho. *Sub-delegado de saúde*: Dr. Augusto Correia do Amaral, dr. Alberto Augusto Gomes de Almeida.

Postos de registo civil: Costelões, ajudante, Tomaz Tavares de Oliveira Continho. *Junqueira*: Ajudante, José Pereira Dias. *Arões*: Ajudante, Custodio José de Bastos.

* * *

bibRIA

Estabelecimento

—DE—

Fazendas de lã, sêda, algodão e chales

—DE—

Alberto da Cunha Azevedo

6 A—Rua dos Mercadores—6 B

AVEIRO

Grando sortido de GABÕES D'AVEIRO. Remettem-se amostras e tabellas de preços.

Senhora do Socorro

Numa paisagem forte e excecional,
A onde cabe bem toda a beleza
Desta terra a que chamam Portugal
E eu chamo o coração da Natureza;

Nos primeiros arrancos em que a terra
Fugindo do mar, que é pesadelo de aguas,
Torna de novo a si, e se faz Serra,
E se revolta em pinheirais e fráguas;

E no alto dum sêrro, ao mar fronteiro,
Ante a montanha seria, foi erguida
A mais linda capela que um romeiro
Póde ver, na romagem desta vida:

Póde ver a encimar o airoso monte
Que do mar para a serra se encaminha,
Como deusa pagã que fosse á fonte
E levasse á cabeça a cantarinha . . .

Senhora do Socorro: á tua roda
Que verde devoção de pinheirais !
Os pinheirais que resam, sabem toda
A fé das grandes coisas imortais;

As verdes legiões que tu dominas
De toda a altura, e que parecem,
Não arvores agrestes, pequeninas
Roseiras que ajoelham, e florecem . . .

A um lado, ao sol, o mar, tão claro e ardente
 (A nevoa é o fumo duma onda a arder);
 E o mar, que toca o céu, parece á gente
 Que se ergue mais em si, para te ver.

Doutro lado, a montanha imensa e augusta,
 A fortaleza altissima de Deus
 Nessa guerra de amor que á terra custa
 Verde sangue que sóbe e brada aos ceus.

E em toda a imensidade azul e branca
 A nevoa e a sol que dão também batalha:
 E são gritos de luz que o sol arranca,
 E desmaios da nevoa que se espalha . . .

Olhae ! olhae: O céu, a serra, o mar . . .
 Aqui não ha doenças nem fraquezas:
 Todo o remedio está somente em olhar
 Neste Hospital das almas Portuguezas.

Corrêa d'Oliveira.

Colegio Aveirense

(Fundado em 1873)

ALUNOS internos, semi-internos e externos. Educação física, moral e cívica. Ensino primário e secundário. Curso geral dos liceus, com frequência no Liceu ou só no Colegio. Ensino pratico de linguas. Curso commercial. Ginastica e musica.

Casa em excellentes condições higienicas, construida expressamente para Colegio. Boa alimentação. Vigilancia e cuidados paternais.

Castelo de Paiva

Fazer passar as belezas naturais desta linda terra diante dos olhos do *turiste*, chamar a atenção dele para tudo o que de interessante aqui existe, é a tarefa que me impoz a muita amabilidade do illustre director d'A *Liberdade*.

Eu podia muito facilmente desobrigar-me dela, dizendo apenas isto: A minha encantadora região não precisa que o seu mais modesto filho lhe faça reclame; ela é hoje sobejamente conhecida de toda a gente, desde que as famosas termas de Entre-os-Rios para aqui enviam todos os dias, em carros e automoveis, os seus felizes hospedes que fartos de cheirar aquele milagroso e desagradabilissimo gaz sulfuroso, veem retemperar o aparelho respiratorio neste ar puro e balsâmico, ao mesmo tempo que encantam os olhos por essas magnificas estradas, que coleando os alcantilados terrenos desta invejada *Suissa portuguesa*, apresentam um cinematografico desenrolar de surpreendentes paisagens, cuja beleza difficilmente é excedida pelas mais belas do mundo!

Mas eu sinto um prazer indizível sempre que tenho occasião de falar deste torrão bendito e assim, deixarei no *Almanaque da Liberdade* algumas impressões escritas de fugida, porque, bem a meu pezar, o tempo me falta por completo neste momento, em que quasi desempenho o papel de *musico de sete instrumentos*.

Das estradas, que se curvam como serpentes por essas encostas fora, já lhes disse alguma coisa e apenas acrescentarei isto—toda a gente se admira do seu estado, da sua beleza e dos seus variados encantos. Golpes de vista, ha-os soberbos por toda a parte. Citarei em todo caso dois. Um, no alto de Gração, na estrada de Sobrado de Paiva a Carreiros, donde os olhos se espraíam sobre diversos concelhos e distritos, indo repousar, cansados, sobre os telhados dos esplendidos hotéis de Entre-os-Rios, de uma côr destacante, que nos dá logo a ideia da magnifica saude *respiratoria* que por baixo delles se abriga! O outro sitio, que eu de boa vontade escolheria para habitação, se não tivesse já esta velha casa que habito, é o alto de Belomonte, na divisão da freguesia de Sobrado com a de S. Martinho.

Se esta *Suissa portuguesa* tivesse a felicidade de ser uma Suissa autentica, já ali existiria pelo menos um sumptuoso Hotel, com soberbos terraços, servido por um elevador, que tomaria os *fidalgos dos Hoteis*—como por aqui chamam aos terministas de Entre-os-Rios — saídos dos automoveis em Greire, na estrada de Entre-os-Rios a Sobrado de Paiva, e os iria colocar, descansados e maravilhados no patamar do monte. Assim quem quizer admirar aquele soberbo sitio, donde se veem terras dos distritos de Aveiro, Porto, Vizeu, Braga e Vila Real, e dos concelhos de Paiva, Arouca, Penafiel, Paredes, Amarante, Felgueiras, Marco, Gondomar, Baião, Sinfães, Mesão-Frio e Terras de Bouro, precisa de deixar a comodidade dos autos em Greire e subir uns 400 e tantos metros a pé, ou então, preferindo um caminho um pouco mais longo, mas menos inclinado, pode apear-se no Frutuário e dar um higienico passeio até ao alto, onde encontrará tristes pinheiros, em lugar das chaminés dos confortaveis hoteis, e alegres gaios em vez dos felizes *touristes*, que tantos milhares de contos podiam semear por este país fóra, se nós tivéssemos menos egoismo e mais senso comum. . .

E já que falo em locais de *longa vista* também posso, entre muitos, citar um de *vista curta*—O Pego Negro—de que já falei em 1905, no *Portugal Artístico*, magnifica revista que foi dirigida pelo meu caro Eduardo Salgueiro e que, como todas as coisas boas, pouco tempo durou. O *Pego negro* é um profundo poço, no rio Paiva, num sitio em que as margens abruptas, de alinhadas piçarras, quasi se encostam uma á outra, para se poderem amparar mutuamente sobre o escuro abismo. Tem uma lenda, da *Moirá da grade de ouro*, que me contavam em pequenito, mas que não vem para aqui, porque o tempo foge-me e o papel desaparece-me rapidamente sob os bicos da pena. Além disso o *turiste* não tem facilidade de chegar áquele local, a não ser em . . . aeroplano.

Esta bela terra não é das mais abundantes em monumentos, todavia tem alguns, de construção moderna, a que devo fazer referencia. Assim o recente edificio da Camara Municipal, é de primeira ordem e não envergonharia qualquer cidade, que o possuísse. Nele estão também instalados o Tribunal, a Conservatoria, a Secretaria e a Tesouraria de Finanças. Ao lado fica o edificio expressamente construido para a estação, de 2.^a classe, do correio e telegrafo. E' elegante e está bem á altura da sua situação. Veem-se repartições congeneres muito inferiores em diversas cidades . . .

Passemos agora em revista as pontes. A metalica de Entre-os-

Rios, por onde se faz a ligação da estação ferro-viaria de Cete com a vila de Sobrado de Paiva, em percurso de 22 kilometros. Tem 24 metros de altura e é por ela que passará, muito brevemente, a linha ferrêa de Penafiel a Sobrado de Paiva, de 23 kilometros, a qual já no proximo verão funcionará até Entre-os-Rios.

A ponte de Caninhas, de pedra, que liga este concelho com Sinfães e tem a bonita altura de 32 metros. Uma outra ponte, igualmente de pedra, no Loureiral ou Bateira, que tem só 14 metros de altura, mas que merece ser mencionada, por causa do seu arco muito abatido. Liga também Paiva com Sinfães. Estas são as mais conhecidas e mais visitadas pelos forasteiros, mas existe ainda uma outra, na freguezia de Pedorido, que tem 17 metros e meio de altura e é metalica, sobre pegões, como a de Entre-os-Rios.

Quintas dignas de uma *turistica* visita, apenas ha duas. A da Boa-Vista, que fica na vila de Sobrado de Paiva e é solar do Conde de Castelo de Paiva. Está cuidadosamente tratada pelo seu proprietario e possui um magnifico chafariz de pedra, que veio em 1897 do convento de Pombeiro, em Felgueiras. Tem 10 metros e meio de altura, caindo dele abundante agua, que dá ao jardim um soberbo aspecto de beleza e frescura.

A outra, é a quinta da Fiska, na freguezia de Bairros, solar do dr. Manuel Salema. Dista tres quartos de hora da vila de Sobrado de Paiva. A casa tem o aspecto carateristico dos velhos solares portugueses. A entrada da quinta, com as suas numerosas estatuas de pedra, forma um soberbo e raro conjunto, cuja original beleza é vivamente admirada por todos os visitantes. Infelizmente, algumas das estatuas foram mutiladas a tiro e á pedrada durante o tempo em que o seu proprietario fazia o *Cerco do Porto* e não tem sido restauradas pelo actual proprietario.

Nesta quinta ha ainda de notavel um antiquissimo e monumental tanque com tres abundantes bicas de agua, e um magestoso frontispicio com 18 metros de largura e 14 e meio de altura, tendo ao centro tres belas estatuas, duas laterais, em baixo, e quatro em cima, terminando por uma grande cruz de granito.

Os visitantes da quinta da Fiska podem ainda admirar os modernos e magnificos galinheiros, faisandarias e coelheira, assim como a colecção de aves e coelhos das raças puras mais praticas, que o autor destas linhas tem importado e cuidadosamente seleccionado, assim como algumas raças por ele obtidas á custa de eretioso e persistente trabalho.

Pelo que respeita aos costumes paivenses, eles eram uma transição entre os minhotos, sem aqueles característicos penduricalhos de ouro, e os durienses, sem aquelas casaquinhas regionais. Mas a civilização tirou-se dos seus cuidados e, subindo o Douro acima, na *armada* rebelde da laboriosa praia do Castelo, deu-se ao prazer de transformar as robustas *cachopas* e os vigorosos *môcos*. Os nossos olhos observadores já não conseguem pousar-se sobre o curto casebeque duma linda rapariga, nem sobre a redonda *jaqueta* de um espadando rapaz, trajes característicos, que deixavam à vista toda a elegância da cintura . . . A moda, que veio a ares da aldeia, transformou tudo isso, *afidalgou* tudo, e agora só vemos mocidade anémica, apertada em fatiotas incaracterísticas, que nem são da cidade, nem são da aldeia. As longas capas escuras, com que as lindas mulheres outrora se cobriam, para ir à missa, e as engraçadas jaquetas de alamares, rariíssimas vezes se veem e só em alguma velha encarquilhada, ou a agasalhar o alquebrado dorso de algum velho tropego.

Este povo, que é alegre e pacífico, gosta muito de arraiais, de procissões e de ir à missa. Poucos são os *maçônicos* que deixam de a ir ouvir aos domingos e dias santos. As principais romarias são a da Senhora dos Milagres, na vila de Sobrado, no terceiro domingo de julho; a de S. Lourenço, em Bairros, no segundo domingo de agosto; a da Senhora das Amoras, na Raiva, em 7 e 8 de setembro, e a da Santa Eufemia, em S. Pedro do Paraíso, em 15 e 16. do mesmo mez. Esta ultima é a mais importante e extraordinariamente concorrida, vindo gente de muito longe, Arouca, Azemeis, etc. A *noitada*, sobretudo, é encantadora, com os numerosísimos descantes populares, que dão uma assombrosa vivacidade ao arraial, pondo no vastíssimo recinto uma intensa nota de comunicativa alegria.

O commercio tem-se desenvolvido muito nos ultimos tempos, havendo na vila de Sobrado estabelecimentos modernos importantes, que fazem negocio. A eles veem fazer as suas *mercês* os habitantes de todo o concelho e ainda dos concelhos visinhos.

E' engraçado ver, aos domingos, os ranchos de lindas raparigas, com as suas coloridas sacas cheias de luxos comprados aos *barateiros* da vila, porque todos são barateiros, mesmo os que vendem mais caro . . .

Ha no concelho varias feiras, onde se fazem numerosas transacções, sendo todas elas muito abundantes em gado suino e princi-

palmente bovino. A de Nojões, em Real, realiza-se nos dias 11 e 26 de todos os mezes; a de S. Lourenço, em Bairros, e a de Santa Eufemia, em S. Pedro, respectivamente nas vésperas das romarias dos mesmos nomes, e a de S. Miguel, no Castelo, em Fornes, no dia 28 de setembro.

As produções desta região, que é de uma assombrosa fertilidade, são principalmente vinho, milho, frutas, azeite, centeio, bois, porcos, galinhas, ovos, lenha e carvão vegetal e mineral. Quasi não se cultiva o trigo. Os processos culturais são, com raras exceções, à *Pai Adão*.

Existe um Sindicato Agrícola, que tem trabalhado bastante, num meio inerte, mas não levou ainda de vencida a velha rotina.

Foi fundado em 1904, pelo autor destas linhas, que a ele tem dedicado uma boa parte da sua atividade.

O vinho verde de Paiva é excelente, muito procurado no mercado e podia ter uma fama mundial, se houvesse uma cooperativa agrícola, que o exportasse com o *pecado original*, porque está provado que o batismo nos vinhos não dá o resultado preconizado por Cristo.

Ha também vinhos, que fazem transição entre o verde e o maduro, como, por exemplo, o vinho da Torta, propriedade do Dr. Manuel Salema, que é excelente para as pessoas, que sofrem do estomago e que, se fosse mais conhecido, seria largamente aconselhado pelos medicos, sempre com magnificos resultados para os doentes e também para o produtor.

O milho é geralmente consumido no concelho, que produziria muitissimo mais se empregasse larga e racionalmente os adubos quimicos, que revolucionam a Agricultura, e que só agora começam a ser aqui usadas em pequena escala.

As frutas são tudo quanto ha de mais saboroso, não obstante a falta geral de conhecimento de fruticultura. A proposito, lembro-me do que disse o sabio francês, P. Viala, quando ha uns 10 anos visitou o paiz, em missão de estudo, e comeu uns soberbos pecegos da quinta da Fiska—Pecegos tão bonitos, tenho visto muitos, mas mais saborosos e perfumados ainda não encontrei.

Isto dá-nos uma ideia da riqueza que esta região e quasi todo o paiz podiam ter, se se tratasse a valer da produção racional e não menos racional exportação dos nossos saborosissimos frutos!

Mas disto ninguém se importa.

Em compensação, os expertos tratam agora de acabar de arrui-

nar para todo o sempre a economia nacional com a aquisição de um exercito *à Kaiser* e de uma *invencivel armada*, constituindo isto, que ninguém mais do que eu desejava, se *tivessemos dinheiro*, uma obra de fomento a realizar *primeiro que tudo*, segundo afirmam muitos eximios patriotas, que lá por Lisboa gastam as vês, numia ceia, quantia que chegava bem para sustentar um regular lavrador mais dum mês. Segundo alguns dos alvitres, que certa imprensa tem leviana e deshumanamente divulgado e que me tem agravamento de impostos—é simplesmente assombroso!—constituiria isso uma obra de fomento . . . para os outros.

Mas voltemos aos nossos produtos. O azeite de Paiva tem fama de ser excelente e merece-a. Se ele fosse fabricado pelos modernos processos, sem duvida que egualaria o melhor do mundo.

Matéria prima não nos falta; o que escasseia por cá é . . . dinheiro e energias persistentes.

A iniciativa fabril tem-se desenvolvido pouco nesta encantadora região. Existe a Frutuária, propriedade do Conde de Castelo de Paiva, onde se fabrica magnifica manteiga, que vai, na maior parte, regalar o paladar dos felizes alfacinhas e dos laboriosos tripeiros. E' um bom edificio, situado ao lado da estrada, junto da vila de Sobrado de Paiva.

Na freguesia de Raiva, aproveitando as aguas do rio Arda, laboram 3 fabricas de papel, que se vende quasi todo na Invicta.

Propriamente associação ha só o Sindicato Agrícola, cuja direcção actual é: *presidente*—João Salema, *vice-presidente*—P.^o José Lourenço Pereira de Matos, *tesoureiro*—Dr. Henrique Amorim, *secretario*—Antonio Mendes da Costa e *vice-secretario*—Antonio Moreira de Freitas.

Ha tambem quatro irmandades, que afinal associações são: a do Senhor Nome de Jesus, da freguezia de Bairros; a da Senhora dos Milagres, de Sobrado; a do Santissimo, da Raiva e a da Santa Eufémia, da freguezia de S. Pedro. As duas ultimas fazem todos os anos larga colheita de ofertas.

A beneficencia . . . está a nascer. Instalou-se em Outubro passado a Comissão Municipal de Assistencia Publica, assim constituída: *presidente*—João Salema, *vice-presidente*—Dr. Joaquim Moreira da Fonseca, *tesoureiro*—Dr. Henrique Amorim, *secretario*—Dr. Antonio da Silva Gouveia, *vice-secretario*—Dr. Artur Gregorio da Silva Nobre, *vogais*—Alfredo Augusto Ribeiro e Antonio Cardoso Moreira de Vasconcelos.

Ha bons anos que amargamente se faz sentir a falta de um Hospital. A Comissão Municipal de Assistencia está empregando os mais enérgicos esforços para preencher esta grande lacuna. E é precisamente isto uma das causas de mais á pressa serem estas linhas rabiscadas.

Indo este artigo especialmente condimentado para o gosto dos *touristes*, é justo que eu deixasse para o fim os hoteis, para fechar com chave . . . de chumbo. Não se morre de fome aqui; venham os *touristes* ás duzias, aos centos mesmo, que ha magnifica carne, excellente vinho e bom pão. Mas, verdade, verdade, a este respeito—e de tantas outras coisas—estamos bem longe do estrangeiro. A nossa deploravel falta de hoteis é já uma interminavel *scie*, a que eu tambem não posso agora furtar-me.

Mas tempo virá—quem sabe!—em que os homens da tal fomento nos brindarão, com um *Palace-Hotel*, igual ou superior ao de Vidago, e que ficaria a matar no meio desta pequena vila de Sobrado. Se isto se realisasse, teria em um dos maiorer alegrões da minha vida!

Castelo de Paiva, 28—11—1912.

João Salema.

ALFAIATARIA ANTHERO

= DE =

Anthero de Almeida

AVEIRO (ás cinco ruas)

**Fornecedor dos empregados dos Caminhos de Ferro
Portuguêses**

Esta casa com pessoal bem habilitado executa toda e qual-
quer obra para homem e creança.

Talhe especial para casaco de Senhora.

Especialidade em Gabões de Aveiro

PREÇOS MODICOS

Um itinerario para 110 quilometros

Meus caros amigos :

Eis-nos de volta e com as melhores impressões.

Marchando bem, ar satisfeito de quem cumpriu, belamente dispostos, não denunciando a menor fadiga, como vistes, assim regressaram aos seus quartéis nesta cidade os dois batalhões do 24, que, na tarde de 16, tinham saído para a escola de repetição.

Como a *Liberdade* noticiou, o itinerario percorrido foi de 7 dias com as etapas de Vagos e Sôsa, Mamarrosa, Anadia, Agueda, Albergaria-a-Velha, Estarreja e Aveiro, o que vem a dar, reduzindo a marchas de estrada, um pouco menos de 111 kilometros.

Para licenciados e milicianos não era de exigir mais.

Em Sôsa, Mamarrosa, Anadia, Agueda, Albergaria e Estarreja as tropas bivacaram ou acantonaram conforme as condições e recursos locais, tendo feito regularmente tanto nas marchas, como nos estacionamento, todos os exercicios de preparação, desde os da escola de recruta, a principiar no passo e manejo de arma, até aos de campo e combate, subordinados, estes, a situações definidas e concretas deduzidas de determinadas hipoteses taticas.

A concentração dos 3 batalhões do regimento fez-se em Agueda com uns 700 homens de fileira e 29 officiaes, incluindo um alferes miliciano e dois alferes medicos, tambem milicianos, dos quais, um, vindo com o 3.º batalhão de Ovar, 8 viaturas, 20 muares de tiro e 14 cavalos, sob o comando do sr. coronel do estado maior Antonio Maria de Matos Cordeiro que as-

sim satisfizes a primeira das 3 escolas de repetição que, para o efeito da sua promoção ao generalato, lhe são impostas.

O regimento teve por toda a parte o melhor acolhimento ao que, aliás, ele soube corresponder, comportando-se sempre, sem distinção de logares nem de pessoas, com toda a correção e brio.

E isso mesmo reconheceu o sr. coronel Matos Cordeiro quando em ordem regimental, na entrega do Comando do Corpo, fez publicar—*que a semana de exercicios decorrerá por tal forma serena no que respeita ao procedimento das praças, cuja correção fôr notavel, que nem uma insignificante punição havia a registar*, e, verbalmente, ao despedir-se, o repetiu ao sr. coronel Julio Feijó e a toda a corporação.

E' consolador isto

Do diário dum dos officiaes transcrevo as seguintes interessantes notas.

.....
Dia 16—Reunidos os dois batalhões do regimento que teem os seus quartéis em Aveiro, um em Sá, com cavalaria n.º 8, e o outro no edificio dos Asilos, seguimos em direção a Sôsa por Verdemilho, Arribas e Vagos. Em todas estas povoações é a tropa saudada festivamente, vindo muita gente ás estradas a ver-nos desfilar e descobrindo-se á passagem da bandeira.

Alguns viriam por causa da musica.

Entardecia ao entrarmos em Sôsa, mas ainda com luz bastante para se proceder á instalação local. Embora não excedesse a 12 kilometros esta primeira etape, certo é que saíramos d'Aveiro pelas 16 horas e tivemos ainda uma grande alta de 50 minutos, por sinal nos belos campos, proximo da Lagoa.

Em Sôsa somos recebidos com aclamações patrioticas, bandeiras, muitos foguetes, grande animação, cumprimentos de pessoas amigas.

Bivacamos junto ao cemiterio e, francamente, nem só os

que ali baixaram tem descanso. Pela minha parte, confesso-o, dormi como um abade do antigo regimen.

Dia 17—Toca á alvorada. Tudo se movimenta. Lava-se cada um conforme póde. Agua felizmente não falta. Alguns entornam-na em jacto pela cabeça. E' o banho. Segue-se a distribuição do café que está otimo, sobre tudo quente.

Domicilios eram as tendas abrigos agarradas ao chão.

Tomado o café dispersam as companhias para os exercicios.

E' bonita a paisagem. Encostas verdejando, pinhais; em baixo o braço da ria com a sua ponte de madeira, a casaria de Vagos do outro lado, lá em cima.

As companhias estabelecem-se em postos avançados para a pratica do serviço de segurança em estação,—o dorme que eu velo—dos estacionamentos em campanha.

No entretanto as cosinhas fumegam. São duas horas de exercicio. Toca ao rancho; as companhias recolhem. Almoça-se e levanta-se o bivaque.

A secção de quartéis já lá vae. Esta segunda etape em que deviamos atingir Anadia, fazendo-se uns 26 kilometros, fica reduzida aproximadamente a metade por conveniencia dos serviços de instrucção e da regularisação dos itinerarios dos batalhões com séde em Aveiro e Ovar, por forma a dar-se a concentraçao de todo o regimento em Agueda.

Ao respectivo toque, a banda de musica rompe entre aclamações do povo e a coluna segue ao seu destino.

Continuam as manifestações á passagem do Boco. Na altura de Bustos o sol requeima, começam a acastelar-se nuvens de trovoadas. Vamos ter trabusana rija.

—Vá rapazes! toca a aviar. Num estante o ceo fecha-se, que é como quem diz—vai abrir.

Dera-se um descanso para as praças encherem os cantis numa fonte que encontramos no caminho, a unica, mas de cantis cheios a deitar por fora iamos nós fazer não tardaria muito.

E assim foi: meu dito, meu feito. Relampagos, trovões, agua a potes. Em cinco minutos nem um fio enxuto. Era o ceo velho a desabar. A chuva não vinha ás gotas, caía em estilhaços.

E aqui está porque estacionamos em acantonamento cerrado, — acantonamento á cunha, visto não ser possível aguentarmo-nos no bivaque.

Não obstante, e tanto maior motivo para lhe ficarmos gratos, Mamarrosa acolheu-nos com musica e foguetes bandeiras e flores, aclamações á Patria, á Republica e ao exercito.

Viva Mamarrosa !

Dia 18. — Levantou o tempo. A roupa enxuta atabalhoadamente ao fogo ou pendurada durante a noute ao fumeiro, resolveu protestar contra tais processos. Reage ao vestir.

Fazem-se as despedidas. O regimento forma e muzica á frente, vai desfilando.

Tudo corre bem; deixamos um doente em Bustos mas já viera mal de Aveiro.

Lindas moças em alas, á entrada da povoação, e de algumas das janelas, ao passarmos em Amoreira da Gandara, nos cobrem de flores. A povoação é pequenina, pequenina e bonita como as suas desenvoltas e lindas moças. Tomaram muitas que são grandes poder imital-a. Bandeiras ao vento, foguetes ao ar.

Isto anima.

— O caminho de Malhapão. Durante a marcha executam-se alguns exercicios de segurança e reconhecimento, indo-se comer a ração fria da manhã numas terras proximo dos pinhais do Mateus, de S. Mateus do Matias. Não me lembro. Foi-se-me o nome.

Passamos em Ancas, Mogofores e Caneira sempre bem recebidos e entramos em Anadia, onde fomos acantonar na Quinta Agricola, uma construção elegante e vistosa, entre vinhas bem tratadas, com um belo panorama la do alto.

Anadia igualmente nos recebe com expansões entusiastas e muitos foguetes. Oferecem-nos frutas que são magnificas. Os srs. Vicentes, lavradores e creadores, dali, mandam-nos um presente de vinho delicioso.

Dia 19.—Vamos marchar para Agueda, um pouco mais de 16 quilometros por boas estradas e em regulares condições de tempo.

Assim a trovada não volte.

Voltou.

Começam os exercicios subordinados a termos tacticos deduzidos de determinada situação dos dois partidos, norte e sul.

Nós somos do do sul. O do norte é o inimigo.

Forças do partido norte batidas nas proximidades da Mealhada retiram ao longo da via férrea pela estrada Mealhada, Anadia, Oliveira do Bairro, Aveiro, Estarreja, Ovar.

O nosso regimento que faz parte dum destacamento mixto do partido sul, fortemente provido de cavalaria, é encarregado de perseguir o inimigo, procurando cortar-o da sua base de operações.

Logo em Aguada de Baixo temos um combate contra cavalaria, que corre bem e termina ainda melhor, porque fizemos aí o descanso de meia etape, marcado para o almoço.

Pomo-nos de novo em marcha. Agora o calor aperta a asfixiar-nos. Dos pinhais saem bafuradas de forno. Enfim já se avista Agueda. Começamos a encontrar amigos na Boralha.

Viva! viva!

Na vila é como se fosse dia de gala. Muita gente, foguetes, aclamações patrioticas. Assim aguentam-se todas as fadigas. Já tinha chegado o 3.º batalhão que saíra de Ovar, fazendo as etapes da Feira, Oliveira de Azemeis, Angeja por Albergaria-a-Nova e finalmente Agueda.

Bivacamos em campos contiguos. O dr. Eugenio Ribeiro é incançavel e tem requintes de amabilidade para com todos.

Dia 20.—São 15 quilometros de Agueda a Albergaria pela Mourisca e Lamas. Em Lamas temos o segundo combate que interessa ás duas pontes do Marnel e Vouga.

Assiste o sr. general e officiaes do quartel general da 5.^a divisão do exercito.

Depois do descanso proseguimos na marcha sobre Albergaria, onde devemos estacionar.

Chove ao entrarmos na vila, mas coisa pouca, o bastante para assentar a poeira, o que é um bem apreciavel.

O 3.^o batalhão que vinha em serviço de segurança segue a estabelecer-se em postos avançados sobre a estrada de Albergaria-a-Nova. Os restantes, que constituem o grosso da columna, ficam na povoação em acantonamento ordinario,

Boa tarefa estava guardada para a autoridade administrativa que não chega para as encomendas do aboletamento. O dr. Lemos, de Alquerubim por lá anda ainda com as sessões de quartéis. Ficamos devendo um grande abraço ao amigo dr. João Rodrigues da Cruz, se com um grande abraço se podem pagar tantas atenções.

A noite decorreu sem novidade.

Vamos marchar sobre Estarreja por Albergaria-a-Nova—Soutelo.

Nota—Com o 24 estacionou em Albergaria, bivacando na Praça, o 3.^o batalhão do 28, que cruzara com o nosso na altura de Ouca, entre Mamarrosa e Vagos.

Dia 21—Combate da Senhora do Monte.

Ha noticia do inimigo á passagem do Soutelo na estrada de Albergaria-a-Nova—Estarreja. Sabia-se a situação geral. As forças inimigas escalonadas entre S. João de Loure e Angeja continuavam detidas pela nossa cavalaria situada junto de Fermelã, e a sua guarda da rectaguarda que se estabeleceu em Esgueira, fora repelida pelo grosso do nosso destacamento. Um batalhão de infantaria com um pelotão de cavalaria

que destacou das forças que operavam do norte, tem por fim desembaraçar a estrada entre Estarreja e Angeja.

Pelo tema particular o inimigo atingiu já Estarreja, tendo as avançadas no Picoto e casaes adjacentes.

Para aproximar o seu efectivo do de guerra todo o 24 constitue um unico batalhão, e, para a situação, admite-se que dois pelotões da nossa cavalaria, que foram deslocados para Salreu, garantem as comunicações no flanco esquerdo, e que o pelotão de cavalaria, que estava em Albergaria-a-Nova, observa o flanco direito e coopera no ataque.

Decorre bem o exercicio.

A 1.^a companhia tem por objectivo o Picoto, seguindo pela estrada até Adô de Cima, onde abre o fogo. A 2.^a, dirige-se sobre a Fontinha. A 3.^a, escalonada na direita, e a 4.^a em reserva na esquerda, entram oportunamente em acção.

O posto de socorro deslocou-se do Soutelo para Campinhos. As mulheres, nas povoações, chegam a tomar o caso a valer. Susto passageiro.

O inimigo é repellido sucessivamente das avançadas do Picoto e Fontinha e por ultimo da sua posição principal no Alto da Senhora do Monte. Que lindo e vasto horisonte se gosa da qui. A vista alonga-se até ao mar.

Lá está a Murtosa.

Acompanharam o combate desde as primeiras fases, entre muitos outros que vi de relance, os srs. governador civil do distrito, dr. Melo Freitas, deputados dr. Manuel Alegre e Alberto Souto, tenente Costa Cabral, major Costa e tenente Porto de cavalaria n.º 8.

Depois do assalto, lançado com impeto e intusiasmo, aos brados da ordenança—Viva Portugal!—Atiramo-nos, finalmente, e não com menos energia e calor a um formidavel . . . almoço gentilmente presidido por senhoras das familias dalguns dos nossos camaradas. Brindemos por elas!

Descemos a encosta, transpomos o Antuã e entramos em Estarreja que nos faz uma bela recepção. Povo e tropa fraternizam no bivaque. Ha uma grande animação sugestiva por toda a parte. As aldeias em roda despovoam-se, tudo se concentra ali.

Trago de Estarreja a recordação de extremos de delicadezas e nelas associo nomes amigos de antigas e novas relações, o dr. Ruela, pae, Matos Tavares, dr. Tavares Afonso e ainda outros que hão de soar bem ao meu ouvido, como o do dr. Temudo. O digno administrador do concelho é merecedor de todos os louvores.

Despedimo-nos do 3.º batalhão que deve regressar ao seu quartel em Ovar.

Dia 22—Rompe o toque da alvorada ás 3 e meia; noite, muito de noite ainda.

Fazem-se as ultimas despedidas. O Brandão sente tentações de vir commosco.

—Coluna de marcha!

E a columna marcha. Já se perde o clarão das ultimas fogueiras do bivaque. A estrada até Salreu está medonha; a escuridão torna-a pavorosa. Em todo o caso já vinhamos acostumados. Não tinham sido melhores os 16 kilometros da etapa anterior, e de Estarreja a Aveiro são pouco mais de 20 . . . e é para casa.

A proposito do estado das estradas, o Simões diz duas coisas ásperas de censura para quem sejam; mas justas. Não as repetirei aqui porque ele as fará ouvir onde convem que se oiçam.

Cantam-se canções de guerra. O tempo vai-se passando sem se sentir. Quando menos o cuidavamos passavamos a Ferrel, logo a seguir Angeja, Cacia . . .

Que belo ia o Vouga!

O dia amanhecera com um belo sol. Temos um descanso

para o rancho frio, e, pouco depois atravessavamos Esgueira e entravamos em Aveiro.

Viva Aveiro!

O Elisio e o Mariano tinham-nos adivinhado. Lá estavam á janela a saudar-nos.

E aqui está o que foi a primeira escola de repetição do meu regimento.

Aveiro, 24—10—912.

José Peres.

Coelheira modelo

— DO —

Dr. João Salema

(Proprietario-agricultor)

CASTELO DE PAIVA

COELHOS reproductores das raças puras mais praticas, importadas directamente da França, Belgica e Inglaterra: *GIGANTES PAIVENSES, GIGANTES NORMANDOS, CARNEIROS FRANCEZES, CARNEIROS PORTUGUEZES, etc.* Ovos e reproductores de raças puras de *GALINHAS, FAISÕES, TINAMENS, PERUS, PINTADAS, PATOS ROMEN, inglezes e francezes, GANÇOS DE TOULENSE, etc.*

Cachorros da Serra da Estrela, a melhor raça nacional para guarda de propriedades.

Rui da Cunha e Costa

SOLICITADOR ENCARTADO

(Representante do dr. Cunha e Costa)

ESCRITORIO—R. MANUEL FIRMINO, N.º 5—**Aveiro**

Muzeu regional de Aveiro

Este muzeu ainda em organização, mas que um distinto critico d'arte, sr. Antonio Augusto Gonçalves, classificou já como o terceiro do paiz, está instalado no antigo convento de Jesus, fundação do seculo XV, na parte contigua á igreja e claustro, para tal fim cedida por decreto de 23 de agosto de 1911, e que dele fazem parte integrante. Aquela, conserva-se, como os dois côros e capelas interiores, com a mesma disposição de sempre. Neste, na galeria superior, está sendo colocada uma série de painéis em azulejo de figura em azul, de tapete, e polichromaticos, nas paredes até agora nuas; na inferior desde muito inteiramente azulejada, estão alinhadas deferentes predelas, encasamentos, estatuas, baixos relevos e brasões em calcário, na sua maioria bom trabalho esculptural, e que vieram de maior realce ás magnificas portadas em estylo gothico e renascença que também já ali existiam.

Estas pedras são restos de mais largas composições, e provém, em grande parte, das demolidas egrejas de S. Miguel e da Vera Cruz, do antigo palacio dos Tavares, senhores de Mira e da dízima do pescado da ria de Aveiro, convertido em paço episcopal em meados do seculo XVIII.

Entre as pedras armoriadas encontram-se os brasões das Souzas (Lafões) e os dos Aveiros. Estes, picados em virtude da sentença da Junta de Inconfidencia de 12 de janeiro de 1759, encontravam-se dêsseminados pelas diferentes ruas da cidade, demarcando as propriedades do ducado, que D. João III creou em 1547, e esta sentença extinguiu.

Tambem ali se encontra, trazida do vizinho logar de Verdemi-lho, a pedra de armas do avô paterno de Eça de Queiroz, o desembargadôr Joaquim José de Queiroz, um *vintista*, secretario da Junta do Porto em 1828, saldanhista na emigração e que apóz o triunfo do constitucionalismo em 1834, pediu e obteve carta de brasão, aristocratisando assim a sua origem plebêa.

As restantes colecções do muzeu encontram-se instaladas em diferentes salas do edificio, pela seguinte forma:

Sala A—Da escada principal tomando-se á esquerda. Figu-

ras de barro cosido, coloridas na sua maioria; vasos de jardim e outros produtos das ha muito extintas olarias de Aveiro. Um presépio, Nossa Senhora, o Menino e S. José, grande e delicioso grupo; a Virgem numa gloria de anjos, trabalho dum antigo e distinto artista aveirense, datado e assinado; a fugida para o Egito, a Virgem com o menino ao colo sobre uma mula; peças da antiga louça de Estremoz; caixilhos de chumbo de pequenas janelas, azulejos espano-árabes e nacionais, dos séculos XVI e XVII; S. João Evangelista, roupagens pintadas e douradas, estilo recoco etc, etc.

Sala B—Em frente da escada.

Altars, retabulos, ediculos, oratorios e maquinetas de talha dourada e pintada, de diferentes estilos; sacrário decorado com pequenas colunas salomonicas; credencias, plintos, misulas, castiçais de banqueta e tocheiros de madeira esculpida; grande escaparate de madeira pintada com applicações de talha antiga, contendo avultado numero de jarras e vasos para flores de forma ovoide, cilíndrica, bojuda, piriformes, e com trez e cinco articulações em forma de leque, outras peças de faianças nacional, algumas com as marcas das respectivas fabricas; estatuas em madeira de bela encarnação e pujantes roupagens pintadas, em estofó, algumas com bordaduras ornadas de pedras.

Em comunicação immediata com esta sala fica a cela de Santa Joana Princesa, convertida em capela em 1739. É toda revestida de talha dourada emoldurando diferentes pinturas representativas de factos da vida da mesma princesa, conforme a descrição que dos mesmos faz frei Luiz de Sousa.

Ao sair-se desta sala, pelo lado norte, encontra-se uma escada de pedra que conduz ao andar superior. Junto dela, nesta especie de vestibulo, onde ha um bom retabulo, um frontal e diferentes ornatos de talha, depara-se com a caixa do coche de gala do 1.º bispo de Aveiro, prelado de origem nobre, elegante e faustoso.

Sala C—Fica no pavimento a que dá accesso aquella escada. É a galeria de pintura do Museu. Uns quarenta e tantos quadros de pintura em madeira, tela e cobre. Os pintados em taboa opolentam a sala. São do grande cyclo da pintura nacional; pertencem á categoria dos chamados quadros goticos. Em alguns, é manifesta a influencia flamenga e italiana.

Doistripticos. O maior quando fechado, mostra as armas das Almeidas á direita e Noronhas á esquerda. Aberto, representa tres apóstolos S. Simão, no centro, S. Tiago, o *Menor*, S. Judas. O mais pequeno é,

uma das perolas da galeria. No compartimento central, sobre fundo tocado de ouro a Virgem coroada e com o crescente sob os pés, cercada de seis anjos de longas azas, subindo á gloria, onde a recebe em doce amplexo, o Padre Eterno. Nos encasamentos, duas figuras de santos deliciosamente pintados, vestindo um, uma rica dalmática. Fechado, representa a Anunciação; a Virgem, de pé tendo nas mãos um livro aberto recebe a visita do anjo que impunha um um sceptro, envolto numa fita em que se lê em caracteres gothicos — *Ave gratia plena*. Outra perola é o *S. João Evangelista*. A suavidade da luz, a elegancia do porte do «discipulo amado», o fundo de architectura com colunas romanas jaspeadas de vermelho e os longes de fina paisagem definem perfeitamente o tipo *Frei Carlos*.

Nossa Senhora das Neves assim chamada, quando o titulo que melhor se lhe podia aplicar era o de *Nossa Senhora do Leite*. Ocupa o retabulo de madeira pintada que se encontra ao centro da parede, lado poente. Foi vandalicamente repintada em tempos idos, graças ao seu realismo, mas o Menino esta intacto. A Virgem sentada sobre um coxim de brocado, oferece o seio ao Filho, que tem no regaço.

Quatro quadros, em caixilhos de talha dourada, dos meados seculo XVIII, pintura quinhentista a saber: *Ecce-Homo*, Senhor da cana-verde. Boa pintura, talvez de Leoni, pintor da escola venesiana. *Santa Catarina*, e a figura dum imperador. A santa em trajes de princesa do seculo XVI empunha um montante de guerra tendo ao lado a roda do seu martirio.

Nossa Senhora do Rosario. A Virgem toda concentrada no carinhoso do tenro filho, que tem em pé sobre os joelhos, dá-lhe nas pontas dos dedos um ramo de madre-silva. Esta pintura é de todas as do museu a que mais denuncia a influencia da escola italiana. *Princesa Santa Joana*; dèste quadro escreveu ha anos o distinctissimo critico de arte, sr. Joaquim de Vasconcelos.

«Essa unica obra, o retrato da princesa, vestida com todo o esplendor da cõrte, mas triunfante sobretudo pela sua ideal belesa, vale uma viagem a Aveiro. E' um encanto! Foi gravado no principio do seculo XVII, em Flandres, por Boutats habilmente, mas com pouca fidelidade, e parece não ter sido reconhecido até hoje (1895) na sua importancia capital como pintura coeva, intacta, facto que terá de ser comprovado com razões intrinsecas e tecnicas».

Da mesma epoca dos gothicos é sem duvida uma iluminura

em pergaminho, agora emulduada em modesto caixilho pintado e dourado, e que durante muitos anos esteve colada no ante rosto dum antigo livro de coro a que manifestamente não pertencia. Constitue dois quadros, ambos cercados pela mesma tarja formada por a folhas de cardo estilizadas. No primeiro Magdalena, Marta e Maria tendo cada uma delas um vaso de perfumes; no segundo Cristo resuscitado, empunhando uma cruz. Dois anjos erguem a pedra do tumulo, ao pé soldados adormecidos.

De data mais recente, isto é, já dos seculos XVII e XVIII, ha tambem alguns quadros interessantes.

Em retumbante moldura de talha dourada, sustentada por dois anjos, estilo baroque, *Cristo Morto*. Ao centro a Virgem com as mãos encalvinhadas debruça-se angustiosa sobre o cadaver, á direita S. João Evangelista segura o lençol mortalha e a corôa de espinhos, no lado fronteiro a Magdalena com os braços crusados no peito, tendo junto de si o vaso dos perfumes, contempla chorosa os pés de Jesus.

Nossa Senhora e Menino. A virgem toucada de flores contempla o Menino que, sorridente, tem deitado nos braços. Esta pintura não é das de somenos valor do Museu. *Santa Quiteria*. Com a mão direita ataga a cabeça dum podengo e na esquerda segura uma palma, simbolo do seu martirio. *Cristo deposto da cruz*. Junto da cruz a Virgem com o cadaver de Cristo no regaço, desfalecida, é amparada por uma das santas mulheres; S. João, sobre-erguendo um dos braços de Cristo, mostra á Madaglena a chaga que este tem na mão esquerda.

Mater dolorosa.— Não obstante o punhal que tem cravado no peito, simbolo do sofrimento produzido pelo espetaculo do Calvario, a Virgem mostra-se inabalavel, estatica e serena.

Fr. Miguel de S. Jeronimo.—E' o retrato dum frade carmelita morto, sobre cujo cadaver mão amiga espalhou algumas flores.

Anunciação de Nossa Senhora.—A' esquerda o archanjo S. Gabriel, á direita a Virgem de joelhos deante dum genuflexorio; na parte superior o simbolo do Espirito Santo.

Dois quadrinhos em cobre, caixilhos de madeira acharoada e molduras de tremidos, representando um, a Princeza Santa Joana, com habitos de freira dominica, tendo em baixo os escudos de Portugal e de França; e o outro Santa Barbara no meio duma orla de flores.

Numa especie de *guichet* de talha dourada, estilo baroque,

uma piuturinha interessante em cobre, S. Pedro chorando o erro de haver negado a Cristo.

Em elegante edículo, de talha, estilo renascença, um quadro em tela de algum valor, a Virgem estreitando ternamente nos braços o Filho, que lhe corresponde com igual affecto.

Numa moldura de talha dourada, um quadro pintado dos dois lados, sobre haste que, antes de 1834, era levado na procissão do Rosário que os frades dominicos aqui faziam.

São exemplares muito apreciáveis quanto ao modo de trajar nos meados do século XVIII diferentes quadros, pintura em tela, molduras achoroadas, representando a entrada da Princeza Santa Joana no convento de Jesus, e uma entrevista que a mesma princeza teve no claustro do mesmo convento com o irmão, o príncipe D. João; o casamento místico de Santa Catariua; Santo António pregando; diferentes pasagens bíblicas e santos e santas do agiologio catolico, em que figuram coches de gala, cavalheiros, príncipes e princezas trajando custosos vestidos de brocado e de sedas, recamadas de bordaduras e pedras preciosas.

Guarnecendo uma grande ostante de coro que pertenceu os frades capuchos do convento de Santo António, e espalhados por diferentes mesas, codices e livros de coro em pergaminho com letras capitais, filigranadas e coloridas, e uma ou outra iluminura, dos séculos XV a XVII, com encadernações em madeira, forradas de coiro com pregaria e fechos de bronze. Entre as encadernações occupa o primeiro logar um infolio *Oficio do tempo pascal*, cerca de 1480. O sr. Joaquim de Vasconcelos referiu-se a esta preciosidade por esta forma. «A encadernação é de primeira ordem em carneira fina toda pintada em arabescos, preto e ouro, estilo gotico florido: no centro Nossa Senhora da Conceição: no verso repete-se o mesmo arabesco, tendo no meio a Virgem simbolisada numa *Pulchra luna*, sobre nuvens, tambem pintadas a cores; a orla em ambas as capas e as costas do volume está coberta de lavor *gauffré*, em belos rendilhados. E' o especimen de encadernação *pintada* mais belo que temos visto em Portugal e seria uma raridade notavel mesmo lá fóra.»

Num pequeno gabinete contigua á sala C, encontram-se os retratos do 1.º bispo de Aveiro, D. Antonio de Sousa Freire Gammeiro e os do Pio VII e Clemente XIV pintura em tela.

Numa pequena estante envidraçada, documentos em pergaminho e em papel; autografos da Princeza Santa Joana, de D. Jor-

ge, Mestre de S. Thiago e duque de Coimbra, dos duques de Aveiro e o auto das aclamações em Aveiro de D. Antonio Prior do Crato e Filipe II de Castela, como reis de Portugal, em 1580. Photographias de homens e cousas de Aveiro e seu distrito e, a maquete da estatua de José Estevão, erecta na praça da Republica, soberbo trabalho de Simões de Almeida (1886).

Sala D.—Pelas paredes. Estão aqui dispostos, numa elegante misula de madeira entalhada, curiosos especimens da illuminaria e *grossaria* conventual, de proveniencia nacional, talvez mesmo concelhia, de Eixo, grande centro outr'ora desta industria, em latão, cobre, e estanho. Chamam a atenção dois candieiros para azeite de dimensões pouco vulgares e uma lampada de suspensão, rematada pela cruz da Ordem de Cristo, de latão, seculo XVII. Sobre uma balaustrada de pau santo os antigos padrões das medidas peso e liquidos, do concelho.

Dos padrões em bronze, 2, existe apenas a caixa e tampa, o jogo das seis peças, que continham, desapareceram pouco depois da Exposição distrital de 1882.

A forma da argola da tampa e escudos das armas reais faz-lhe fixa a epoca, mas numa das caixas ha uma inscriçãõ que diz: *O muyto alto e excellentissimo rey D. Manuel o primeiro de Portugal me mandou fazer. Ano do nascimento de N. S. J. C. 1499.*

Numa vitrine, os selos em prata e talão do 1.º e 3.º bispo de Aveiro, e o da vila e o concelho de Esgueira. Este, representa as armas daquela antiga vila, um navio envergado nadando sobre ondas azues, em torno a legenda: **S. Concili Isgariae.**

Espalhada pelas paredes, uma incipiente mas já interessante coleção de gravuras antigas, algumas assinadas, em papel pergaminho, nacionais e estrangeiras.

Ao fundo da sala uma encantadora capelinha, com o retabulo tecto e paredes inteiramente revestidas de pinturas em tela e madeira, amolduradas em talha dourada e reproduzindo scenas da vida de S. Domingos e santos, santas e outras personagens da ordem monastica, que o mesmo instituiu. Parte são productos do pincel de Antonio André que deve ter vivido no meado do seculo XVII.

No pequeno vestibulo, que dá accesso a esta sala, alem dum enorme arcaz de castanho onde se guarda a maior parte dos riquissimos paramentos que hão de occupar as vitrines parietaes e centrais da sala G, encontra-se uma apreciavel coleção de ferrolhos e fechaduras, argolas e chaves de arcaes, frentes de aldravas e fecha-

duras de portas em ferro batido, e espelhos, fechaduras e applicões decorativas de mobiliario em metal.

Sala E— Ha nesta sala tudo que em prata, oiro e pedras preciosas, contém o Museu, de ai o epiteto de *tesouro* por que é designada. Com pequenas exceções são alfaiaes do culto. Custodias imagens, cruces, castiçais, relicarios, calices, jarras, galhetas, salvas, resplendores e coroas de santos etc representam a prata trabalhada á lima, gravada a buril, einzelada e abolhada ou rebatida.

Especialisam-se, pela delicadeza do trabalho, uma custodia, e a renda de prata dourada que reveste um elegante par de galhetes de cristal do rococo, um cofre relicario rematado pelos escudos das armas de Portugal e da ordem dominicana e que encerra o rosario, uma parte do habito e a corréa de freira desta mesma ordem, que usara a Princeza Santa Joana, um relicario de prata e cristal, em que se guarda uma madeixa dos cabelos de oiro, parte, segundo é tradição, dos que cortaram a mesma princeza em 1475 por ocasião de lhe lançarem o habito de religiosa, no convento de Jesus.

Entre as joias, e pode bem dizer-se quasi todas de uso profano notabilisam-se um adreço de prata com ametistas e diamantes, formado de broche e brincos; um esplendido collar e brincos de prata, com diamantes seculo XVIII; um pequeno medallhão relicario de suspender ao pescoço, de filagrama de oiro, com duas faces e tendo em cada uma delas a cruz da Ordem de Cristo em esmalte vermelho e branco, seculo XVI; e, um rosario tambem de filagrama de oiro, com cruz e pingentes da mesma filagrama e fios de perolas, seculo XVII, etc.

Além das peças de ourivesaria, encontram-se nesta sala algumas esculturas em marfim e madeira, crucifixos muito apreciaveis, e fragmentos de talha de forte relevo, de folhagens e outros ornatos de côr negra. prova a mais da perfeição que atingiu entre nós esse grande ramo de industria nacional nos seculos XVII e XVIII e de que é testemunho perene a *sala B*.

Sala F— Neste recinto, que não é pequeno, exibem-se os moveis que pertenceram aos conventos de freiras de Sá, das Carmelitas e de Jesus.

Dali provem, com rarissimas exceções, tudo o mais que se encontra no Museu. Mas caso identico dá-se com os demais museus do paiz. Descrevendo o Nacional de Belas Artes escreve Gabriel Pereira. «Se não fossem as freiras metade das coisas preciosas que

enchem as Janelas Verdes ou muito mais de metade, tinha saído a barra ou passado a fronteira.»

Mas todo aquele mobiliário conventual não seria para desprezar num salão nobre de casa rica. Compõe-se ele de mesas com pés e travessas torneadas, de contadores e comodas de pau santo, cantoneiras e escrevaninhas de xarão, credencias, gondola e capsulas de talha dourada, cadeiras com assento e costas de couro e de veludo, lustres, estante de coro com guarnições de bronze, taboleiros e quadros axaroados, um pequeno cravo e um grande órgão, e, para nada faltar até ali ha duas peças de *marqueterie* (embutidos) e um pequenino *caille* de colunas, em pau santo, bellissimo exemplar miniatura, tipico dos leitos monumentais de nossas avós, e em que dorme um Menino Jesus.

Sala J—Com esta sala ou antes vasto salão, de 30^m X 6^m destinado aos tecidos e bordados, se completa por assim dizer o Museu. Não está ainda aberta ao publico pois falta completar as grandes vitrines, que revestem as paredes conjuntamente com retabulos de colunas salomonicas, de talha dourada, convertidos em escaparates e construir as que se hão de agrupar em torno dum grande centro retangular de carvalho e que tem em cada uma das faces altos relevos representando S. João Batista, Santa Izabel, Santa Clara e João Evangelista e outras peças de escultura decorativa. Concluidos tais trabalhos, e colocadas que sejam as riquissimas peças de indumentaria eclesiastica, que já possui o Museu e as que conta poder alcançar ainda, o grandioso recinto deve ser dum aspecto verdadeiramente deslumbrante, pois coleção igual, a não serem as dos tesouros da Sé de Coimbra e Capela de S. João Batista de Lisboa, não existe ao presente em Portugal. Compõe-se aquella sumptuosa coleção de frontais, com fundos de brocado, lhama e seda e farchas de veludo carmezim, primorosos bordados a oiro, em alto relevo, século XVI; palio, pano de estante, véu de hombros, pano de pulpito, gremial, pavilhão do sacerdote, capa de asperges, casula e dalmaticas com as respectivas estolas e manipulos, de lhama de prata, profusamente bordados a oiro, século XVIII; casula de seda branca, *moirée* bordada a oiro; capa de asperges e casula de tisso encarnado, excellentemente bordados a oiro, tendo aquella nas extremidades dos sebastos e esta, na facha central, um escudo de armas, com uma estrela de sete pontas, rematado por um chapéu episcopal bordado a prata e torçal, origem hespanhola e trofeu da guerra peninsular, pois

foi apreendido nas bagagens do exercito francez pelos soldados de caçadores n.º 10 apóz a acção de Victoria; almofada de veludo carmezim, lavrado, com quatro borlas de seda; colcha de setim cõr de laranja bordada a matiz; frontal, pano de pulpito, casula e dalmaticas com suas estolas e manipulos, de veludo vermelho bordados a retalho; frontal de brocado com farchas bordadas a seda frouxa e oiro representando aves e flores simbolicas, trabalho indo-portuguez, seculo XVI; véu de calisce e bolsa de corporais, de lhama de prata encanastrada com ramos bordados a fio de oiro, palheta, lantejoulas e perolas, seculo XVIII; pequenas colchas de setim branco bordadas a seda frouxa; casula, dalmaticas e véu de hombros de seda encarnada com ramagens de oiro; bandeira de damasco branco com as armas de Santa Joana Princeza bordadas a oiro; capa de asperges de lhama encarnada com alamares e franja dourada; bandeira de damasco encarnado, tendo dum lado as armas portuguezas e do outro as da cidade de Aveiro, bordadas a oiro em grande relevo, seculo XVII; mitra de seda branca bordada a oiro, com pedras falsas; capa de asperges, casula, dalmaticas e véu de hombros de setim branco com bordados a matiz; par de cortinas de seda branca com ramagens, tecidas a seda de diferentes cores e fio de oiro; bandeira de damasco encarnado com os escudos de armas de Portugal e de Esgueira bordados a matiz; casulas de seda branca e encarnada com grandes ramos de cores brilhantes; véu de calisce de lhama encarnada bordada a oiro; vestidos e mantos de imagens, de setim, bordados profusamente a oiro; capa de asperges, casula e dalmaticas de seda branca, tecida em ramagens de oiro; tira de veludo com um escudo rematado por uma corôa com as armas de Portugal e de Aveiro conjuntas, bordada a seda frouxa; reposteiros brazonados de pano bordados a retalho; teliz de veludo azul com larga orla tendo ao centro as armas dos duques de Aveiro, tudo bordado a seda frouxa; quatro grandes reposteiros ou panos de armar, de seda, tecidos a prata e oiro, (meado do seculo XVI) o oiro é lavrado sobre um fundo amarelo, e a prata sobre um fundo vermelho, figurando albarradas de bello desenho etc., etc.

Marques Gomes.



Empreza Tipografica Editora

DE

A Liberdade

AVEIRO

Director—**ALBERTO SOUTO**
Administrador e secr. — **RUI PA CUNHA E COSTA**

As salas da redacção e administração de **A LIBERDADE** encontram-se abertas todos os dias uteis das 10 ás 16 e das 20 ás 24 horas.

Redacção, administração e oficinas tipograficas

AVEIRO

Praça Luiz Cipriano
e Rua dos Tavares

REZ DO CHÃO E 1.º ANDAR

Trabalhos tipograficos em todos os generos. Material escolhido entre as ultimas novidades do estrangeiro. Preços execucionaes para os reclames do commercio.

"A Liberdade,, é hoje o jornal mais completo e de maior tiragem da provincia portugueza. Publica-se SEMPRE com 6 paginas. Variedades de artigos, informações e anuncios. Números de 8 paginas. Paginas com supplementos sobre assuntos do maior interesse e actualidade.

Duas vezes no mez: A SEMANA COMERCIAL E INDUSTRIAL, com largas informações sobre o commercio portuguez. Relatorios consulares, preços dos generos, movimento commercial dos paizes estrangeiros.

"A Liberdade,, vende-se em **AVEIRO** no kiosque da Praça Luiz Cipriano e Tabacaria Veneziana, aos Arcos. No Porto em todos os kiosques. Em **LISBOA** na Tabacaria Monaco, ao Rocio. Em **LONDRES** na Livraria Hispano-Americana, Charing Croass Road, 134. Em **PARIZ**, em todas as tabacarias e kiosques fornecidos pela AGENCIA DE JOURNAIS DE CORBATY FRÈRES; nos kiosques des Boulevards des Capucines, des Italiens de Montmartre, etc., etc.



Passagens para o Brazil e outros portos



**Bilhetes com pas-
sagem garantida na
agencia Valentes & Soa-
res, legalmente habi-
litados, com eseritorio
na casa Valentes, á pra-
ça de PARDELHAS —
MURTOSA.**

Preços os mais baratos



A cidade e as vilas do distrito

Classificações — População — Freguezias, etc.

AVEIRO

Antiga *Talabrica*. Cidade capital de distrito. Dista 45 kilometros do Porto e 245 da capital da Republica. Concelho de 1.^a ordem, fiscal de 1.^a classe, comarca de 1.^a; judicialmente pertence á relação do Porto. Sêde dos regimentos de infantaria 24 e cavalaria 8. Militarmente pertence a Coimbra. Capitania do Porto, departamento marítimo do Norte. Ecclesiasticamente, bispado de Coimbra.

População da cidade 10.000 habitantes. Do concelho 25.000.

Caminhos de ferro — *Linha do Norte*, estação de Aveiro. *Linha do Vale do Vouga*, estação de Aveiro.

Freguezias do concelho, 10. — Distancias da cidade Gloria e Vera-Cruz (cidade).

Aradas a 3 kilom. de Aveiro. 2864 habitantes. Cacia 7 kil. 2513 habitantes. Eirol, 7 kil. 430 habitantes. Eixo, 8 kil. 1620 habitantes. Esgueira 2 kil. 2473 habitantes. Nariz, 16 kil. 746 habitantes. Oliveirinha, 7 kil. 2131 habitantes. Requeixo, 13 kil 1994 habitantes.

AGUEDA

Antiga *Seminium*. Vila capital de concelho de 2.^a ordem, fiscal de 3.^a, comarca de 1.^a. Sêde dum batalhão de Infanteria 28, pertencente á Figueira.

Dista de Aveiro, 22 kil. Correio e telegrafo. População do concelho 25000 habitantes, da vila 3809.

Caminho de Ferro — Vale do Vouga. Estação de Agueda.

Freguezia do concelho, 19. — Distancias da vila.

Santa Eulalia (vila).

Agadão 16 kil. de Agueda. Aguada de Baixo. 7 kil. Aguada de Cima, 6 kil. Barrô, 5 kil. Belazaima, 8 kil. Castanheira do Vouga, 9 kil. Espinhel, 5 kil. Fermentelos, 10 kil. Lamas, 7 kil. Macieira

de Alcoba, 18 kil. Macinhata do Vouga, 11 kil. Ois da Ribeira, 6 kil. Prestimo, 12 kil. Recardães, 2 kil. Segadães, 4 kil. Travassô, 7 kil. Trofa, 6 kil. Valongo, 17 kilom.

ALBERGARIA-A-VELHA

Vila capital de concelho de 3.^a, fiscal de 4.^a, comarca de 3.^a Bispado do Porto. Distante 18 kilometros de Aveiro, 13.175 habitantes no concelho. Correio e telegrafo.

Caminho de Ferro—Vale do Vouga, estação de Albergaria-a-Velha.

Freguezias do concelho, 7.

S.^a Cruz (vila).

Alquerubim, Angeja, Branca, Frossos, Ribeira de Fragoas, S. João de Loure, Vale Maior.

ANADIA

Vila, capital de concelho de 2.^a, fiscal de 3.^a, comarca de 1.^a Dista 28 kilom. de Aveiro. População do concelho 17.697 habitantes. Correio e telegrafo.

Caminho de Ferro — Linha do Norte, estação de Mogofores.

Freguezias do concelho. Distancias da vila.

Ancas, a 6 kilom. de Anadia. Avelãs de Caminha, 5. Avelãs de Cima, 5. Ois do Bairro, 5. Sangalhos, 6. S. Lourenço do Bairro, 8. Tamengos, 4,5, Vila Nova de Monsarros, 5. Vilarinho de Bairro, 10.

AROUCA

Vila, capital de concelho de 2.^a, fiscal de 4.^a, comarca de 2.^a Bispado do Porto. Dista 48 kilom. de Aveiro. População do concelho 16.429 habitantes. Correio e telegrafo.

Freguezia do concelho. Distancias da vila.

S. Bartolomeu (vila).

Albergaria das Cabras, a 8 kilom. de Arouca. Alvarenga a 15. Burgo, 2. Cabreiros, 12. Canelas, 8. Chave, 10. Escariz, 18. Espinunca, 7. Fermêdo, 14. Janarde, 10. Mansores, 11. Moldes, 3. Rossas, 6. S.^a Eulalia, 2. S. Miguel de Mato, 15. Tropeço, 7,5. Urrô 7,5. Varzea, 6 kilom.

ESPINHO

Vila, capital de concelho de 2.^a, fiscal de 3.^a. Pertencente á comarca da Feira. Bispado do Porto. Dista 40 kilom. de Aveiro. 2.295 habitantes. Correio e telegrafo. Freguezia unica.

Caminho de Ferro—Linha do Norte, estação de Espinho Linha do Vale do Vouga. estações de Espinho Vouga e Espinho Praia.

ESTARREJA

Vila capital de concelho de 2.^a, fiscal de 2.^a, comarca de 1.^a. Bispado do Porto. Dista 15 kilom. de Aveiro. 32.890 habitantes no concelho. Correio e telegrafo.

Caminho de Ferro—Linha do Norte, estação de Estarreja.

Freguezias do concelho. Distancias da vila.

S. Thiago de Beduido, a 2 kilom. de Estarreja. Avanca, 6. Bunheiro, 8. Canelas, 4. Fermelã, 6. Murtosa, 7. Pardilhó, 7. Salreu, 2. Veiros, 4.

FEIRA

Vila, capital de concelho de 2.^a, fiscal de 2.^a, comarca de 1.^a. Bispado do Porto. Dista de Aveiro 32 kilom.

População no concelho, 45.097 habitantes.

Correio e telegrafo.

Caminho de Ferro—Vale do Vouga, Estação da Feira.

Freguezias do concelho. Distancia da vila.

S. Nicolau (vila).

Anta, 15 kilom. da Feira. Argoncilhe, 11. Arrifana, 4. Canelo, 13. Escapães, 3. Espargo 3. Fiães, 11. Fornos, 2. Gião, 10. Quizande, 10. Lamas, 10. Lever, 15. Lobão, 9. Louredo, 10. Lourosa, 10. Milheirós de Poiares, 7. Mosteirô, 3. Mouzelos, 11. Nogueira da Regedora, 10,5. Oleiros, 10. Paços de Brandão, 7. Paramos, 10. Pizeiros, 6. Rio Meão, 6. Romariz, 10. Safins, 2. Sanguedo, 11. S. João de Vêr, 4. S. Jorge, 7. Silvalde, 12. Souto, 4,5. Travanca, 2. Vale, 15. Vilar Maior, 12.

ILHAVO

Vila, capital de concelho de 2.^a, fiscal de 3.^a. Pertencente á

comarca de Aveiro. Bispado de Coimbra. Distancia de Aveiro, 5 kilometros 13.369 habitantes no concelho. Correio e telegrafo.

Freguezias do concelho, 2

S. Salvador (vila). Gafanha, a 2 kilometros da vila.

MEALHADA

Vila capital do concelho de 2.^a; fiscal de 3.^a, pertencente á comarca de Anadia. Distancia de Aveiro, 30 kilometros. População 11.000 habitantes no concelho. Correio e telegrafo.

Caminho de Ferro—Estação de Mealhada, linha do norte.

Freguezias do concelho 6. Distancias da vila.

S. Vicente, (vila). Barcouço, 8 da Mealhada, Casal Comba, 2. Luzo, 6. Pampilhosa do Botão, 5. Ventoza do Bairro, 4.

MACIEIRA DE CAMBRA

Vila, capital de concelho de 2.^a ordem, fiscal de 4.^a classe. Comarca de Oliveira de Azemeis. Bispado do Porto. Dista de Aveiro 40 kilom. População do concelho 12.180 habitantes. Estação telegrafo-postal de 2.^a classe.

Caminho de ferro. — Estação de Oliveira de Azemeis a 12 kilom.

Freguezias do concelho, 8. Distancias da vila.

Nossa Senhora da Natividade, vila.

Arões, a 20 kilom. de Macieira de Cambra. Castelões, a 6 kilom. Cepelos, a 7 kilom. Codal e Vila Cova de Perrinho, a 6 kilom. Junqueira, a 9 kilom. Roge, a 3 kilom. Vila Chã, a 3 kilom.

OLIVEIRA DE AZEMEIS

Vila, capital de concelho de 2.^a, fiscal de 2.^a, comarca de 1.^a. Distancia de Aveiro 30 kilometros. População do concelho 27.363 habitantes. Bispado do Porto. Correio e telegrafo.

Caminho de Ferro—Vale do Vouga, estação de Oliveira de Azemeis.

Freguezia do concelho, 20. Distancias da vila.

S. Miguel (vila). Carregosa, a 8 kilom. de Oliveira de Azemeis. Cesar, 9. Cocujães, 4. Fajões. Loureiro, 6. Macieira de Sarnes, 8.

Macinhata de Seixa, 2. Madail. Nogueira do Cravo, 6. Ossela, 6. Palmaz, 9. Pindelo, 4. Pinheiro da Bemposta, 7. S. João da Madeira, 6,5. S. Martinho de Gandra, 5. S. Tiago de Riba Ul. Travanca, 4. Ul, 3. Vila Chã, 6.

OVAR

Vila capital de concelho de 2.^a ordem, fiscal de 3.^a, comarca de 1.^a Bispado do Porto. Dista de Aveiro 24 kilom. Sede de um batalhão de infantaria 24, pertencente a Aveiro. População do concelho 28:000 habitantes. Estação telegrafo postal de 1.^a classe.

Caminho de ferro—Estação de Ovar.

Freguezias do concelho, 7. Distancias da vila.

S. Christovão, vila.

Arada, a 7 kilom. de Ovar. Cortegaça, a 10 kilom. Esmoriz, a 12 kilom. Macêda a 9 kilom. S. Vicente de Pereira a 7 kilom. Valega a 5 kilom.

OLIVEIRA DO BAIRRO

Vila, capital de concelho de 2.^a ordem, fiscal de 4.^a. Comarca de Anadia. Bispado de Coimbra. Dista de Aveiro. 26 kilom. População do concelho 8:200 habitantes. Estação telegrafo-postal de 2.^a classe.

Caminho de ferro.—Estação de Oliveira do Bairro a 1 kilom.

Freguezias do concelho, 5. Distancias da vila.

S. Miguel, vila.

Mamarrosa a 11 kilom. de Oliveira do Bairro. Oyã, a 9 kilom. de Agueda. Palhaça, a 16 kilom. de Aveiro. Troviscal, a 7 kilom. de Oliveira do Bairro.

SOBRADO DE PAIVA

Vila, capital do concelho de Castelo de Paiva. O concelho de Castelo de Paiva é de 3.^a ordem, fiscal de 3.^a e comarca de 3.^a. Bispado do Porto. Dista 60 kilom. de Aveiro e 35 kilom. do Porto. População do concelho 9693 habitantes. Estação telegrafo-postal de 2.^a classe.

Caminho de ferro.—Estação de Cette (Douro) a 22 kilom.

Freguezias do concelho 9. Distancias da vila.

Santa Maria, vila.

Bairros, a 3,5 kilom. de Sobrado de Paiva. Fornos, a 2,5 kilom. Paraizo, a 7 kilom. Redondo, a 18 kilom. Raiva, a 12 kilom. Real a 5 kilom. Sardoura. S. Martinho, a 3 kilom. Sardoura, Santa Maria a 4 kilom.

SEVER DO VOUGA

Vila, capital do concelho de 2.^a ordem, fiscal de 4.^a comarca de Agueda. Bispado de Vizen. População 1224 habitantes. Dista de Aveiro 25 kilom. Estação telegrafo-postal.

Caminho de ferro.—Estação de Estarreja a 30 kilom.

Freguezias do concelho, 8. Distancias da vila.

Nossa Senhora da Assunção, (vila).

Cedrim, a 8 kilom. de Sever do Vouga. Couto de Esteves, a 12 kilom. Paredela, a 7 kilom. Pecegueiro, a 4 kilom. Rocas do Vouga, a 5 kilom. Silva Escura a 5 kilom. Talhadas, a 14 kilom.

bib**LI**OTEC**OS**
VAGOS

Vila capital de concelho de 2.^a ordem, fiscal de 4.^a, comarca de 3.^a Bispado de Coimbra. Dista de Aveiro 10 kilom. População do concelho 10:844 habitantes. Estação telegrafo-postal de 2.^a classe.

Caminho de ferro — Estação de Quintãs a 9 kilom. e de Aveiro a 10 kilom.

Freguezias do concelho, 3. Distancias da vila.

S. Tiago, vila.

Covão do Lobo a 20 kilom. de Aveiro. Sôsa a 2 kilom. de Vagos e a 12 kilom. da estação de Aveiro.



O nosso Almanaque

A tardia resolução por nós tomada de publicarmos este Almanaque, subordinado a um tão vasto e útil ponto de vista, não nos deixa realizar por completo o plano concebido. A absoluta falta de tempo para coligirmos todos os esclarecimentos que desejávamos dar sobre o distrito, para fazermos compôr, gravar e imprimir a enorme quantidade de originais que se juntaram, obrigou-nos a retirar composição, a deixar de inserir muitos, interessantes e valiosos trabalhos da maior vantagem para o conhecimento da nossa formosíssima região e de a tudo darmos uma disposição e uma ordem mais conveniente.

A demora havida no fornecimento das fotogravuras e gravuras, a acumulação de trabalhos de tipografia etc., causaram-nos este contratempo demorando-nos a saída do volume e obrigando-nos a torná-lo muito resumido.

No ano seguinte, contudo, todas estas faltas serão compensadas, pois que o *Almanaque de A Liberdade*, subordinado á mesma orientação, se apresentará completo, perfeito e variado de forma a tornar-se imprescindível a quantos viverem ou passarem nestas magnificas terras de Portugal. Serão ampliadas todas as informações que neste ano damos, variada a colaboração literaria e artistica, coligidos muitos informes necessarios a todos e especialmente aos turistes etc., etc.

*

A Redacção de *A Liberdade* agradece todos os esclarecimentos que durante o ano lhe forem fornecidos com este fim, fotografias, noticias sobre as terras do distrito etc., etc.

Na administração de *A Liberdade*, recebem-se desde já propostas para a inserção de anuncios no *Almanaque para 1914*, que deverá ser posto á venda em novembro do corrente

ano, em que começaremos a trabalhar dentro em breve para que seja uma obra de verdadeiro merecimento.

*

A todas as pessoas que nos coadjuvaram nesta tarefa e se dignaram colaborar no nosso Almanaque, os nossos agradecimentos pelos serviços com que nos honraram.

*

A *Liberdade* julga prestar um serviço a todo o distrito de Aveiro, fazendo-lhe por esta forma a melhor das propagandas. De alguns concelhos vão notícias resumidas e do de Arouca quasi nada se diz, porque não nos chegaram a tempo as informações e fotografias que haviam os pedido. No proximo ano tudo isto será remediado e o *Almanaque de A Liberdade* tornar-se-ha, assim, uma publicação do maior interesse e da maior utilidade.

Comprar os

Discursos de José Estevam

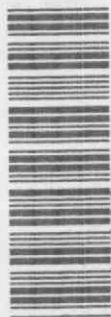
um belo volume ilustrado, de perto de 400 paginas, editado pela Livraria Lelo e Irmão, do Porto, com um prefacio do dr. Luiz de Magalhães, filho do tribuno, **é concorrer com 1:000**, é o seu preço, **para o Hospital da Misericórdia de Aveiro** a quem foi cedida a edição.

— ❖ —

À venda em todas as Livrarias

15-IX-51

bibRIA



002830



O artista e a sua obra



Eça de Queiroz
(Medalhão de Romão Junior)



O escultor Romão Junior

biblioteca



Belmira
Tricatinha de Aveiro

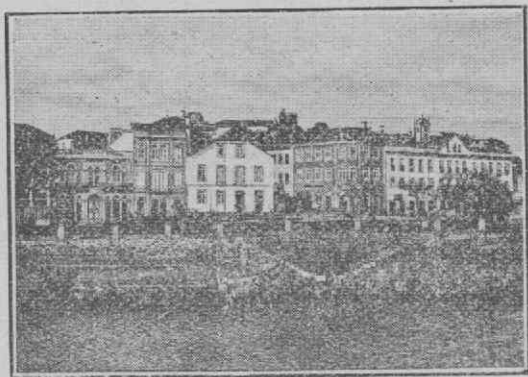


Alegoría de José de Pinho

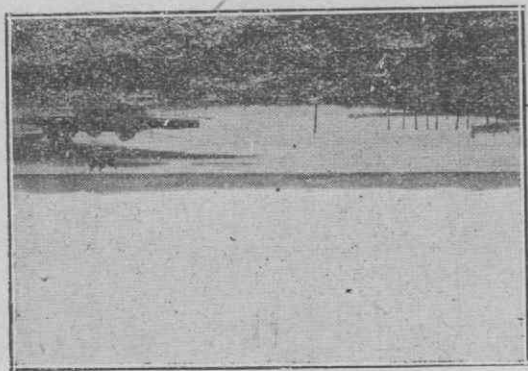


Tipo de tricana de Ilhavo

Agueda

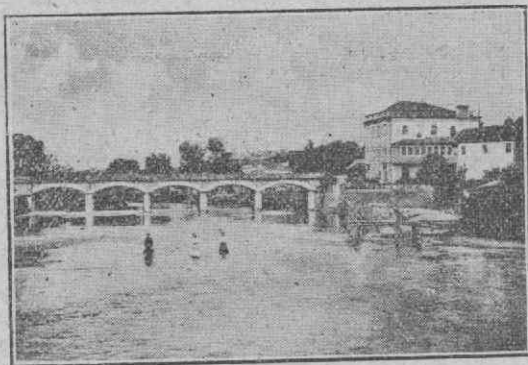


Vista da vila
bibRIA

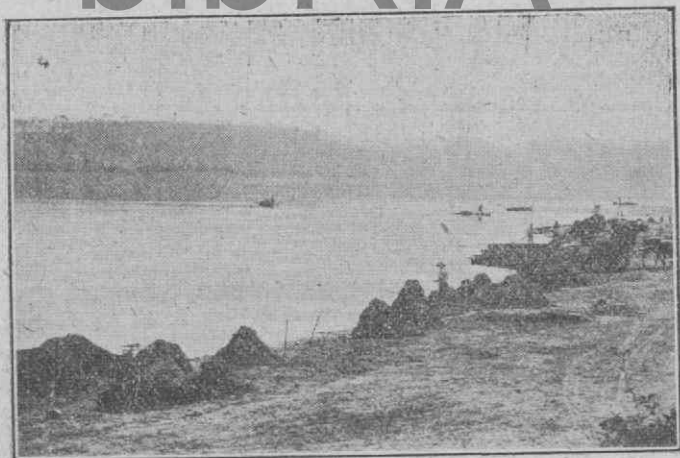


Pateira de Fermentelos

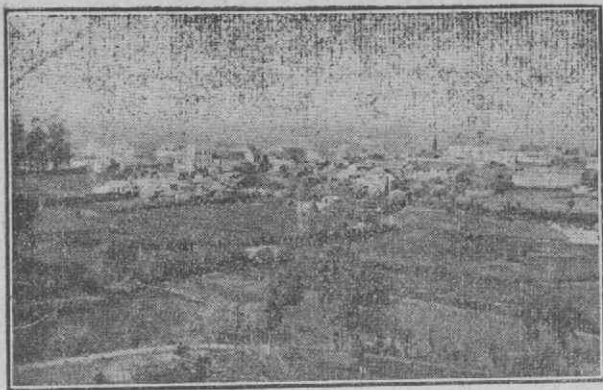
AGUEDA



A ponte
bibRIA

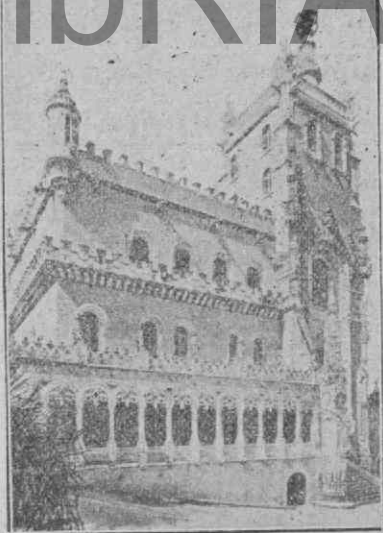


Pateira de Fermentelos



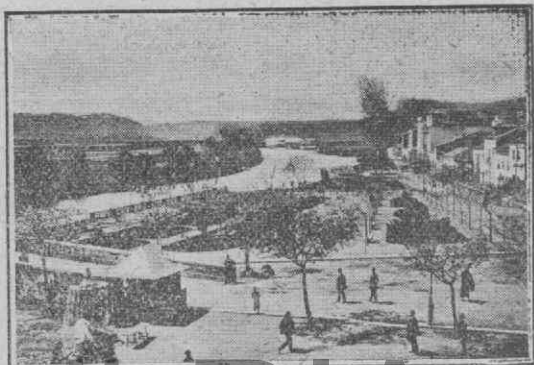
ANGEJA—*Vista geral*

bibRIA



BUSSACO—*Hotel Palace*

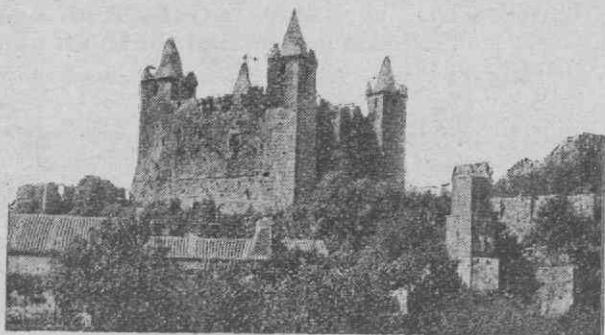
Agueda
VISTAS DA VILA



bibRIA



Vila da Feira



O Castelo

bibliotheca



Portico do solar dos condes

Agueda

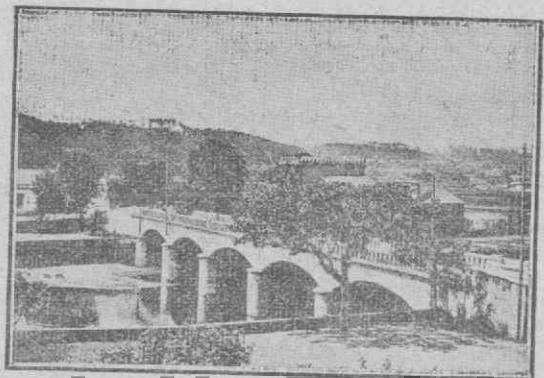


Vista geral
bibRIA



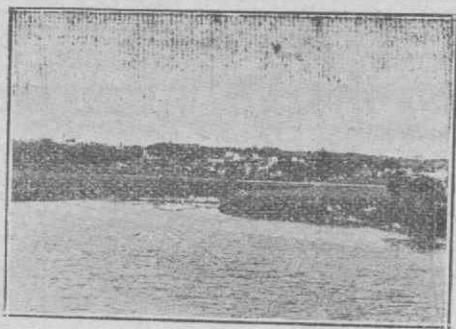
PROFESSOR ALEXANDRE VIDAL,
grande apostolo da instrução, ha pouco falecido, natural de Fermentelos

Agueda



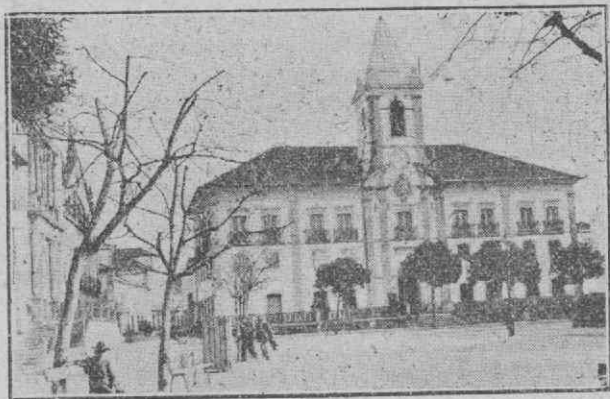
Ponte sobre o rio Agueda

bibRIA



Palavra de Fermentelos

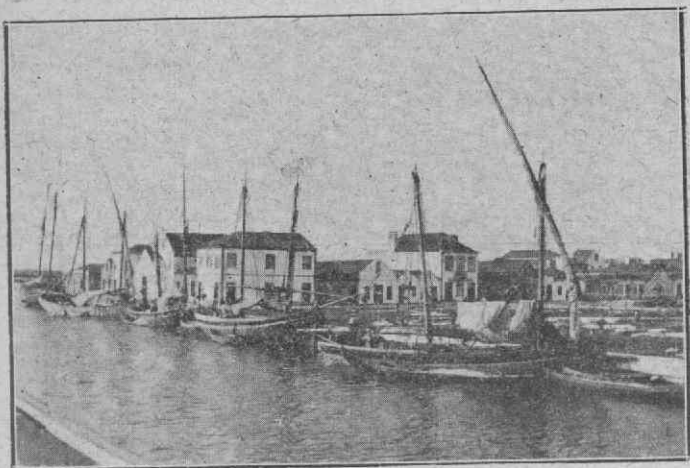
AVEIRO



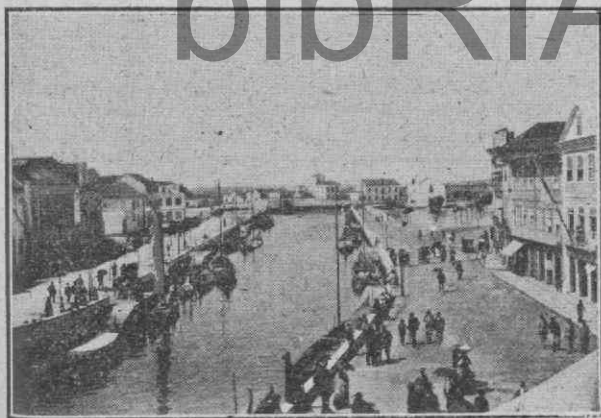
Paços do Concelho bibRIA



Uma vista da ria e da cidade



bibRIA



AVEIRO

Canal das Pirâmides.—Cidade e ria.

Agueda



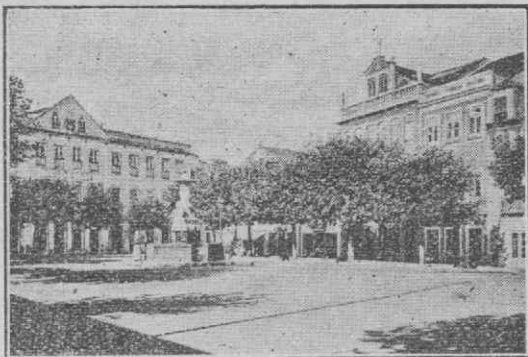
bibRIA

Varzea



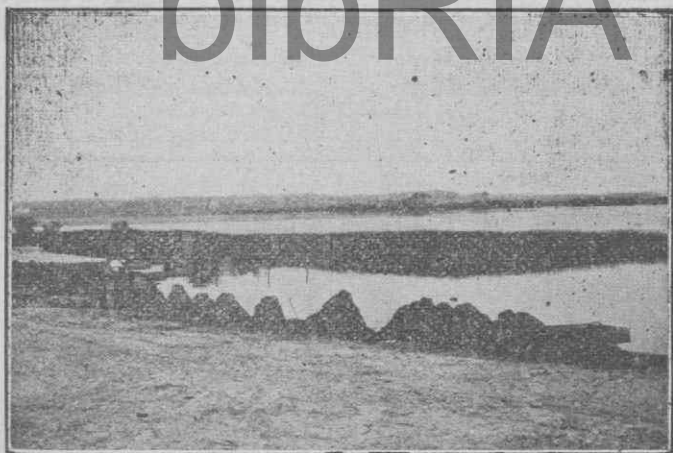
Trecho da vila

AGUEDA



A rila

bibRIA

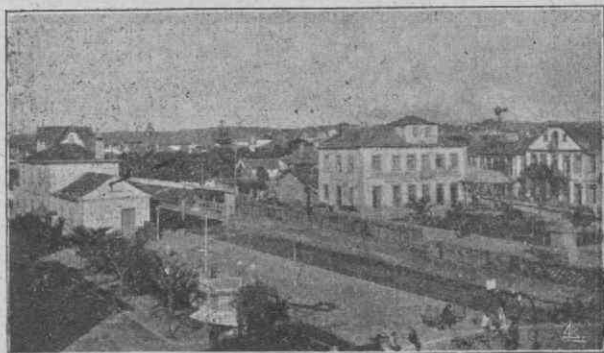


Pateira de Ferment'elos

ESPIÑHO
VISTAS DA PRAIA



bibRIA



Espinho

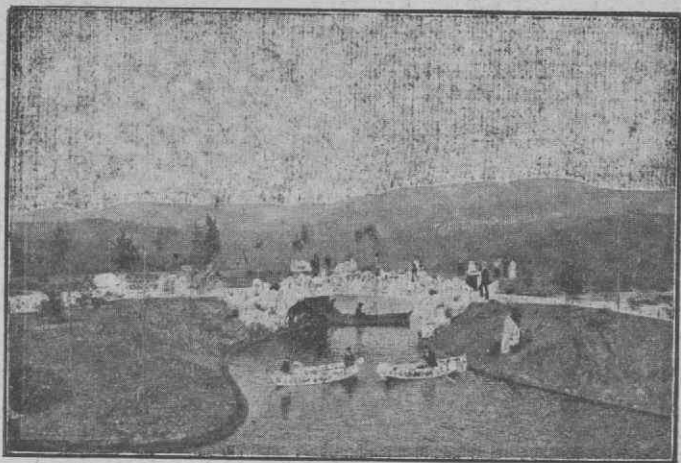


Avenida

bibRIA

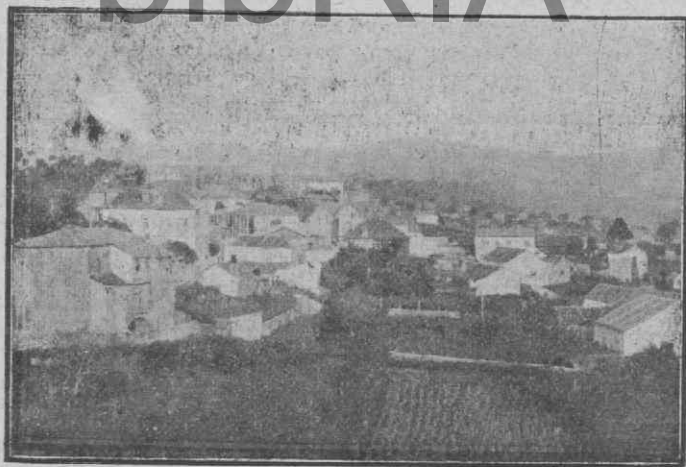


Vista da praia



Lago e parque no monte de La-Salette

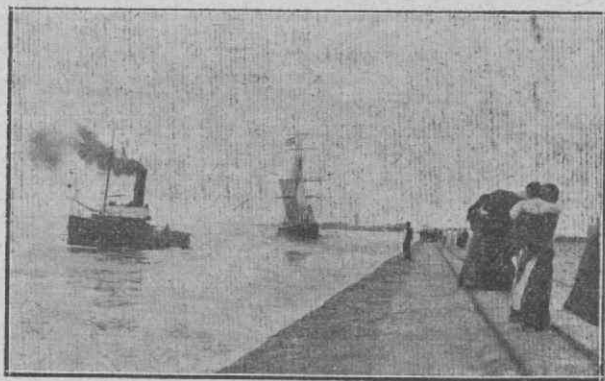
bibRIA



Vista parcial da vila



AVEIRO—Arredores, a Boa-Vista (estrada de Ilhavo)



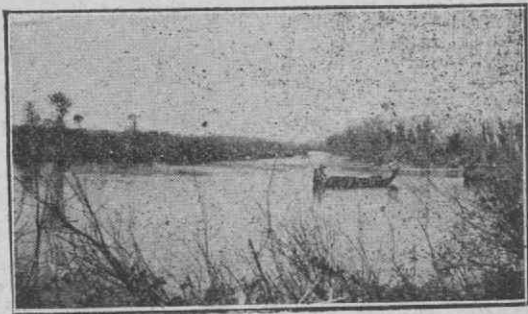
BARRA—Um reboque

TIPO DE TRICANA DE ILHA VO





Estarreja — *Ponte*
sobre o Antuã.
Na Costa — *Barcos*
do mar.
Angeja — *O Vouga.*





Barra de Aveiro — Faro

bibRIA

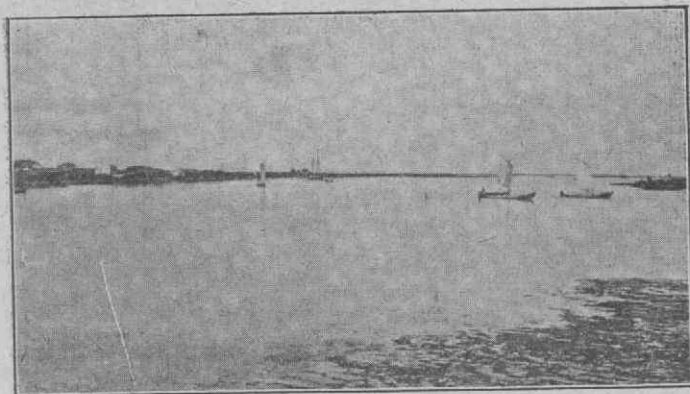


Na ria da Costa Nova



Dois lindos tipos de tricenas de Ilhavo

Ria de Aveiro



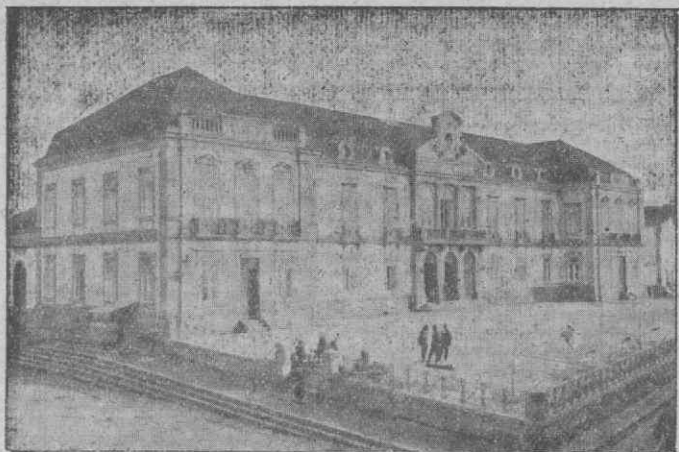
A Cala da Vila (Gafanha)

bibRIA



Barra

Ovar



Edifício dos Paços do Concelho

bibRIA



Praia do Furadouro



Anadia—Avenida

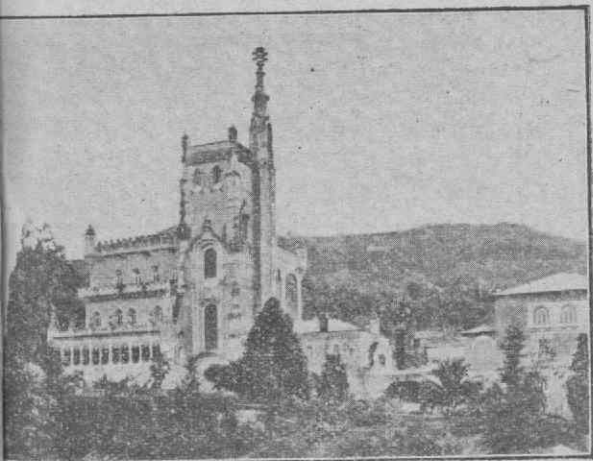


Vista da vila e do Bussaco



Vindimas da Bairrada

BUSSACO

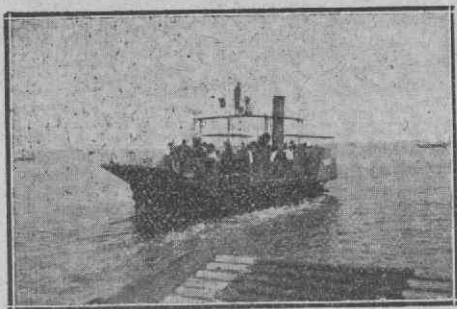


Vista do Grande Hotel e da mata

bibRIA

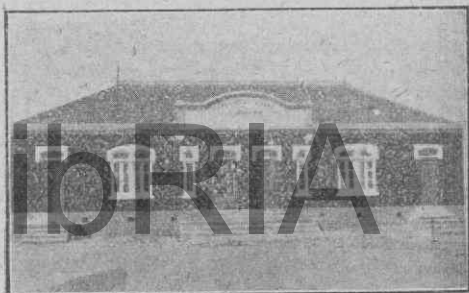


A Fonte Fria

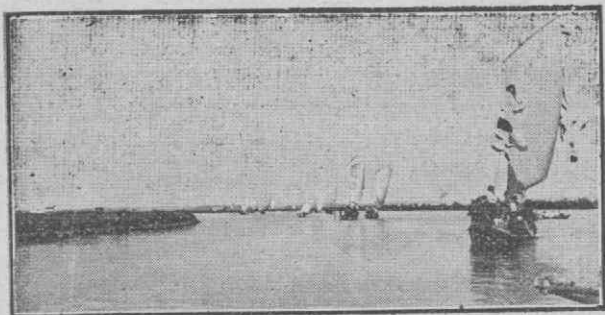


Praia da Torreira
(Estarreja)

*Lancha a vapor na
ria— Assembleia—Bar-
co para o mar.*

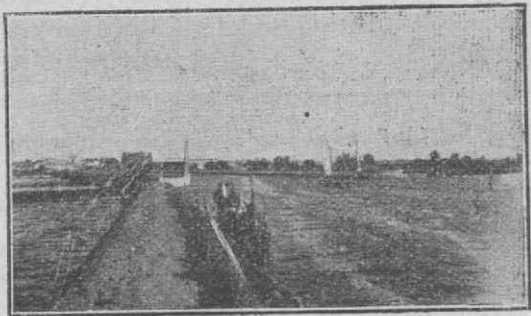


Ria de Aveiro



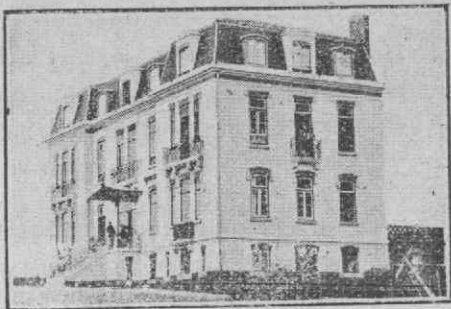
bibRIA

Barcos

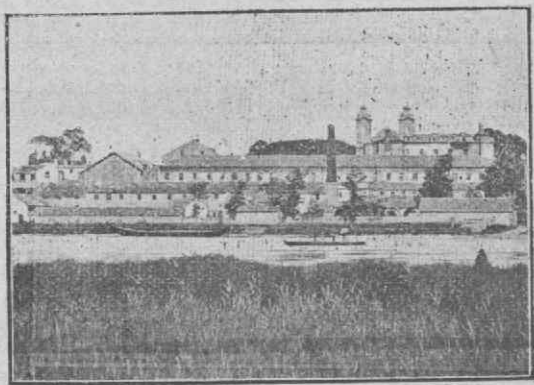


Canal das Pirâmides

Curia (Anadia)—Hotel



**Curia — Estabelecimento
termal**



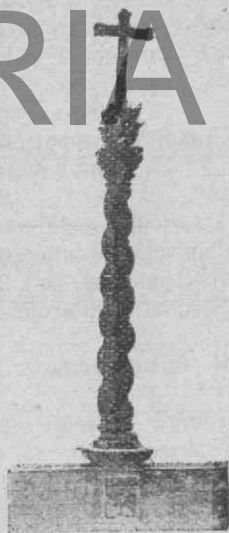
Vista-Alegre (Ilhara)—Vista da Fabrica de Porcelanas



Sever do Vouga—*Vista na vila*



Grande Cascata da Cabreira, em Silva Escura

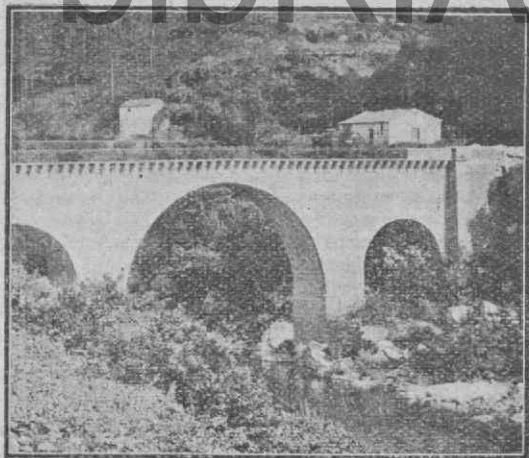


Cruzeiro

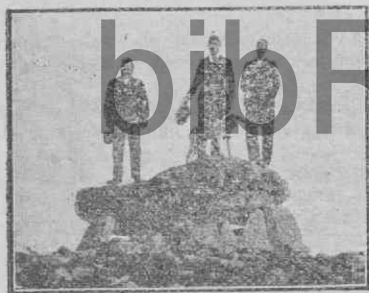


Chafariz

Sever do Vouga



Ponte de Pecegueiro sobre o Vouga



biBRIA

Albergaria-a-Velha

Lapide da albergaria da rainha D. Tereza.

Sever do Vouga
Uma anta. Os Irmãos Gemeos, pedras da Serra das Talhadas.



Macieira de Cambra



Entrada da vila

bibRIA



Roge (Cambra)— Vista sobre as serras

Macieira de Cambra



Vista da vila

Ovar

Angeja



Retábulo na igreja



O tunel, na margem do Vouga

Sobrado de Paiva



Casa antiga (do ex.^{mo} sr. dr. João Salama)

Macieira de Cambra



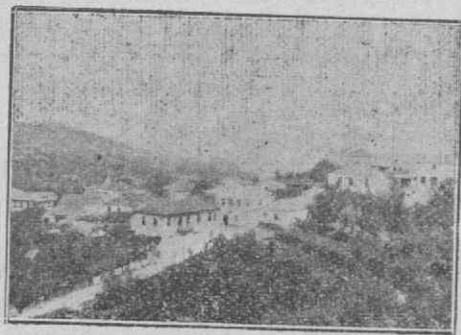
Margens da Cairna

Sobrado de Paiva



bibRIA

Solar



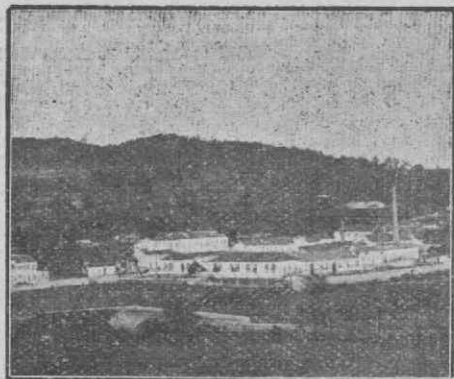
Vista parcial

Albergaria-a-Velha



Vista da vila

bibRIA



Va'e Maior — A fábrica de papel

AVEIRO



O CENTRO DA CIDADE

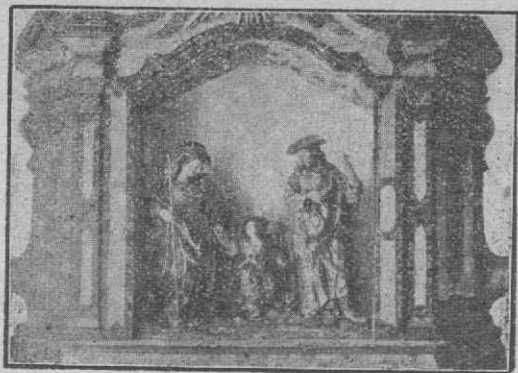
bibRIA



Muzeu—UMA SALA

Aveiro

Muzeu—Esculturas em barro de Machado de Castro.

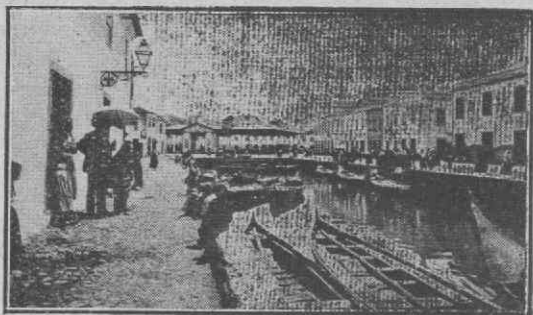


Muzeu—Claustro do Convento de Jesus

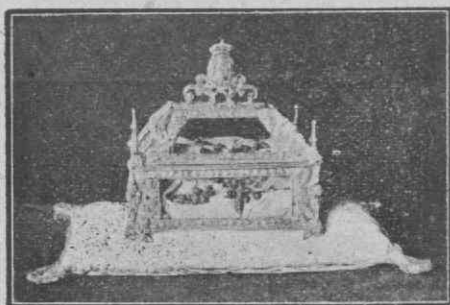


Egreja e Cruzeiro de S. Domingos

AVEIRO



Caes dos Mercanteis e Praça do Peixe
bibRIA



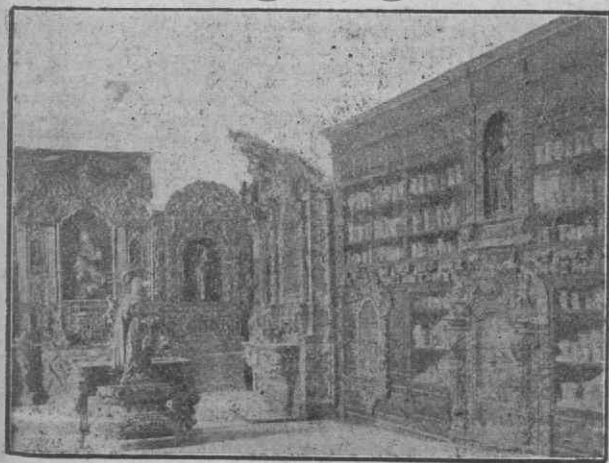
Muzeu — Relictorio de Santa Joana

Muzeu de Aveiro

SALAS



bibRIA



CARTA ITINERARIA DO DISTRITO DE AVEIRO

Edição da Empresa
d'A LIBERDADE

AVEIRO
1913

População em 1911: 336.519 h.

Concelhos e vilas do distrito

AVEIRO (cidade capital do distrito)

Agueda
Albergaria-a-Velha
Anadia
Arouca
Espinho
Estarreja
Ilhavo
Macieira de Cambra
Mealhada
Oliveira de Azemeis
Oliveira do Bairro
Ovar
Sever do Vouga
Sobrado de Paiva
Vagos
Vila da Feira

Logares que merecem ser visitados
além das vilas:

Luzo, Bussaco, Curia, Vale da Mó,
Bairrada, Pateira de Fermentelos,
Ponte da Rata, Angeja, Vista-
Alegre, Costa Nova, Barra, Se-
nhora do Monte, Torreira, Vale
Maior, Senhora do Socorro,
Braçal, Vale de Vouga, La-Sa-
lete, Coelhoosa, Roge, Mija-
rela, Castelo da Feira, Fu-
radouro, Vale do Caima,
Carregosa, Ponte do
Paiva.

Legenda

Caminho de Ferro —————
Limite do distrito *****
Estradas — Em construção ———
Caminhos —————
Rios —————
Divisões de concelhos ———

Escala
1:250.000

